

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA**

TAMIRES REGINA AGUIAR DE OLIVEIRA CESAR

**“GÊNERO, TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS E A CENTRALIDADE NA PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO”**

**PONTA GROSSA - PR
2019**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA

TAMIRES REGINA AGUIAR DE OLIVEIRA CESAR

**“GÊNERO, TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS E A CENTRALIDADE NA PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO”**

Tese de Doutorado apresentada para obtenção do
título de Doutora em Geografia, no Programa de
Pós-Graduação em Geografia da Universidade
Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Orientadora: Prof. Dra. Joseli Maria Silva

PONTA GROSSA - PR
2019

C421 Cesar, Tamires Regina Aguiar de Oliveira
Gênero, trajetórias acadêmicas e a centralidade na produção do conhecimento geográfico brasileiro / Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar. Ponta Grossa, 2019.
290 f.

Tese (Doutorado em Geografia - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Joseli Maria Silva.

1. Gênero. 2. Produção científica. 3. Epistemologia da geografia. 4. Ciência. I. Silva, Joseli Maria. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Gestão do Território: Sociedade e Natureza . III.T.

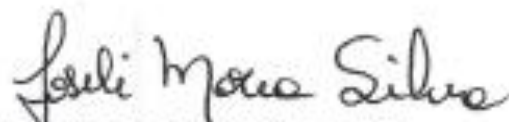
CDD: 910.01

TERMO DE APROVAÇÃO

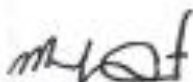
TAMIRES REGINA AGUIAR DE OLIVEIRA CESAR

"GÊNERO, TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS E A CENTRALIDADE NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO"

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no
Curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências Exatas e Naturais
da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. José Maria Silva - UEPG



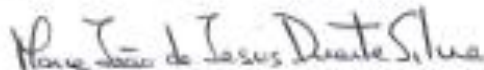
Prof. Dr. Marcio José Omat - UEPG



Prof. Dr. Maria Eduarda Pereira da Costa Ferreira
- Universidade Nova de Lisboa



Prof. Dr. Adriana Jacobson Mello - UNISECAL



Prof. Dr. Maria João de Jesus Duarte Silva -
Instituto Politécnico de Lisboa

Ponta Grossa, 01 de abril de 2019

*Dedico este trabalho à toda minha família.
Vocês me ensinaram o verdadeiro
significado e vivência das palavras e
sentimentos de renúncia, resiliência,
paciência e amor. Gratidão!*

AGRADECIMENTOS

Agradecer nem sempre é tão simples, pois requer de nós palavras que muitas vezes não conseguem expressar o que realmente queremos dizer. Foram dez anos de uma trajetória longe de casa e uma mudança de vida considerável, a qual me trouxe conhecer pessoas e lugares que eu jamais pensei que fariam parte de mim.

“Por isso, nada mais justo do que começar agradecendo aqueles que me deram o ‘pontapé’ pra vida, o meu pai e minha mãe.”. Gratidão a vocês dois que souberam como me incentivar, que tiveram paciência nas minhas ausências de casa, tiveram resiliência para as minhas mudanças interiores, mas mesmo diante a tudo isso, deixaram claro que eu sempre teria o meu porto seguro, vocês! Obrigada por me amarem tanto a ponto de me deixar tão livre, mesmo que a real vontade de vocês é que eu sempre estive por perto, fisicamente! Nunca se esqueçam de suas contribuições em minha vida, principalmente para a mulher que me tornei! Ao meu irmão Gabriel gostaria de agradecer por ser o meu ‘eu’ oposto, pois o seu jeito de ser também me ensinou muito, principalmente a paciência e respeito. Agradeço também aos ‘meus’ amados felinos e o Eros, ter um animalzinho parceiro, pode modificar uma vida.

Gratidão aos meus avós que em todo seu carinho sempre se fizeram presentes, mesmo partindo tão cedo de nossas vidas. Em resumo, obrigada a minha família (tios, primos), a tia Fabiana por ligar toda a semana, a minha prima/irmã Bianca por dividir comigo a vida do nosso pequeno Nicolas. Família, cada um de vocês com o seu ‘jeitinho’ me ajudaram em minha caminhada.

Agora, a minha gratidão vem ao meu companheiro de vida, amigo, parceiro de alma e coração. Arion, obrigada por todos os dias de riso, de abraços e mãos dadas. Obrigada pela convivência diária e por me sustentar nos dias em que eu apenas queria desistir. Meu bem, você com toda certeza foi a minha base nestes anos, pois não foram uma ou duas vezes que pensei em desistir. Sua alegria e amor, foram e são combustíveis para seguir sonhando em meio a este turbilhão assustador e ao mesmo tempo tão belo, chamado vida! Gratidão a você e sua família (que agora são a minha família também), vocês foram e são muito importantes nessa caminhada, em especial aos seus avós (Emília e Edelvito), tios (as), aos ‘dogs’ que me faziam e fazem rir nos

meus momentos de tensão. E claro, aos meus sogros Silvia e Arion, minhas cunhadas Sarah e Silari que me acolheram desde o primeiro dia em que entrei em suas vidas.

Tão importante quanto, venho agradecer uma pessoa que se tornou especial em minha vida desde 2011 e que além de mestre é uma amiga e alguém que atribuo toda minha admiração pessoal e intelectual. Agradeço a você minha orientadora, Joseli Maria Silva ou simples Jô. Obrigada por toda dedicação, amizade e apoio. Você me inspirou ao longo destes anos para ser uma mulher forte, segura e dona de mim! Trabalhar com a temática de gênero, requer além do conhecimento sobre a teoria, exige de nós um trabalho árduo em romper com barreiras que construímos desde crianças. Hoje sou mais forte, e boa parte dessa força veio de você!

Agradeço ao GETE pelos amigos (as) que trouxe para a minha vida, vocês me acolheram e me tornaram mais feliz, principalmente pelas lembranças de nossas tardes de trabalho e risos no laboratório. Em especial gostaria de deixar meu agradecimento à duas pessoas iluminadas, Marcio Ornat e Alides. Vocês sempre estenderam as mãos para me ajudar durante todos esses anos e além de ajuda profissional, foram como 'pais' com o cuidado que tiveram comigo.

Obrigada ao professor Edson Armando Silva pela dedicação de tempo, paciência para me ajudar com a metodologia utilizada na tese.

Gratidão as minhas amigas que sempre foram e são fontes para o meu ser. Agradeço especialmente a 'minha mãe' Maria. A senhora sempre esteve presente durante esses dez anos me dando amor, colo, café e abraços. Saiba que sempre serei grata por sua vida e principalmente pelo carinho que dedicamos uma à outra. Quero agradecer também a minha irmã rondonista Adelaine. Mana, você é uma pessoa muito especial e com um coração gigantesco, obrigada por todas conversas, abraços e apoio, você é muito importante na minha jornada. Juliana ou simplesmente 'Ju Przybysz' obrigada pelas manhãs de café, pelos risos, viagens, você foi muito importante nos meus anos de formação acadêmica. Agradeço a Silvia Maria e toda sua família pelo colo, ombro amigo e amor. Sil, você é um ser de luz em minha vida, nunca acharei palavras para expressar meu sentimento por vocês, apenas gratidão por tudo e por ser minha irmã de alma! Lógico que não poderia deixar de agradecer a quatro pessoas que mesmo distantes estiveram presentes: Harrieti, obrigada pelos telefonemas de todos os dias amiga, você não imagina como nossas conversas foram e são 'terapêuticas' rs, você sempre será parte fundamental de mim. Gabrielle, só você para me ouvir e ler minhas mensagens quando eu estava aflita e mesmo

assim me fazia rir no final das conversas, me fazendo parecer a pessoa mais nervosa do mundo. Obrigada Bi, você é uma ótima amiga. Sandra e Carla, a nossa amizade que iniciou no mestrado, sempre foi minha inspiração para as conquistas pessoais e profissionais, vocês duas são meus exemplos em nossa amada profissão. Obrigada amigas!

Agradeço aos professores e professoras que se disponibilizaram para as entrevistas. A vocês o meu obrigada, não apenas pelas conversas e pelas aulas que tive. Sou muito grata pelo carinho e tempo dedicado para nossas conversas e principalmente pela amizade que surgiu.

O meu sincero agradecimento aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia que foram meus professores (as) na graduação. Cada um de vocês contribuiu em minha formação de uma maneira significativa (não colocarei nomes para não correr o risco de esquecer alguém).

A minha trajetória acadêmica se iniciou há dez anos atrás, com meus 18 anos de idade. Um, estado diferente, uma cidade desconhecida e uma universidade imensa ao meu ver. Tudo era novo e assustador, só que a UEPG e seus funcionários tornaram-se a minha casa e assim quero registrar o meu profundo agradecimento à essa instituição que chamo de lar.

Finalizo os meus agradecimentos direcionando essas palavras à CAPES, obrigada por me proporcionaram a vivência em realizar um doutorado como bolsista. Este momento foi fundamental para a realização desta tese.

O objetivo não é que as mulheres tirem o poder das mãos dos homens, pois isso não mudaria nada. A questão é exatamente destruir essa noção de poder.
Simone de Beauvoir

RESUMO

A minha tese doutoral teve como questão central 'Como o gênero compõe as trajetórias acadêmicas de pessoas centrais na produção do conhecimento geográfico brasileiro?'. Para conhecer quais eram os (as) pesquisadores (as) centrais no campo científico geográfico brasileiro, e como o gênero era um elemento constituinte de suas trajetórias científicas, necessitei trabalhar com uma metodologia que fosse suficiente para analisar além dos dados quantitativos, mas principalmente os dados qualitativos. Por isto em parceria com o GETE construímos o Observatório da Produção Geográfica Brasileira, que armazenou 17.636 artigos extraídos de 90 periódicos *on-line*, classificados no triênio 2013-2015. Em um segundo momento filtrei esses dados a partir de um desvio padrão, o qual no final das análises me trouxe o número de 52 pessoas centrais na construção das narrativas da Geografia brasileira. Destes pesquisadores (as), consegui realizar 16 entrevistas (sendo 7 homens e 9 mulheres) analisadas com profundidade. A metodologia de Silva e Silva (2016) possibilitou a compreensão da inteligibilidade do fenômeno. As redes semânticas do discurso masculino ressaltam que os homens mantêm uma estrutura discursiva pouco conectada entre mundo profissional e vida familiar, construindo uma trajetória voltada para o mundo do trabalho científico, secundarizando as relações familiar. Contudo, as redes semânticas do discurso feminino evidenciam que as mulheres apresentam dificuldades na separação do universo acadêmico e familiar, mantendo desta forma, um discurso complexo ao longo de suas trajetórias que nem sempre são de harmonia e sim conflitivas. A tese apresenta que o campo científico se estrutura em relações cotidianas de poder, as quais permanecem organizadas em geometrias de poder. Essa configuração acaba por tensionar as relações dos sujeitos corporificados, e consequentemente a capacidade de influenciar o campo e suas formas de experienciar o fazer científico.

Palavras-chave: Gênero; Produção científica; Epistemologia da Geografia; Ciência

ABSTRACT

My doctorate language has as a central question how foreign-language companies as leaders in the production of Brazilian geographic knowledge? To know which were asphalt main statistics in the constituent of their scientific trajectories, to work the study was necessary to heap than the quantitative data, but mainly the qualitative data. Why the Brazilian Geography Observatory in partnership with the public built, which included 17,636 articles extracted from 90 online journals, classified in the triennium 2013-2015. In a second moment, the number of data of a routing pattern, which is not finalized, is the number of 52 centers in the construction of the narratives of the Brazilian Geography. Of these researchers, I was able to conduct 16 interviews (7 men and 9 women) being analyzed in depth. The methodology of Silva e Silva (2016) made possible an understanding of the intelligibility of the phenomenon. The semantic networks of masculine discourse emphasize that the men maintain a discursive structure little connected between the professional world and the familiar life, constructing a trajectory directed to the world of the scientific work, seconding the familiar relations. However, the semantic networks of feminine discourse show that, as women present difficulties in separating the academic and family universe, maintaining the form, a complex discourse along their trajectories that are not always harmonious, but conflicting. This study was based on power strategies, as they were organized in power geometries. This configuration ends up undergoing the changes of market and, consequently, the capacity to influence the field and its forms of experience in the scientific making

Keywords: Gender; Scientific production; Epistemology of Geography; Science

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Distribuição das categorias – análise de conteúdo	104
GRÁFICO 2 - % Produção científica geográfica brasileira entre homens e mulheres – estrato Qualis Capes.....	134
GRÁFICO 3 - Distribuição do corpo editorial de 90 periódicos on-line da Geografia brasileira	140
GRÁFICO 4 - Distribuição do corpo docente nos 60 programas de pós-graduação em Geografia	153
GRÁFICO 5 - Percentual de discentes de mestrado de 60 programas de pós-graduação em Geografia	154
GRÁFICO 6 - Percentual de discentes de doutorado de 60 programas de pós-graduação em Geografia	155
GRÁFICO 7 - Distribuição dos cargos de coordenadores (as) das 60 pós-graduação em Geografia	156

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Grupo das 52 pessoas centrais na construção do pensamento científico geográfico brasileiro e suas respectivas instituições	41
QUADRO 2 - Principais autores e obras indicadas na disciplina de epistemologia em 60 programas de pós-graduação em Geografia	107
QUADRO 3 - Índice-h utilizado que compôs a metodologia	130
QUADRO 4 - Distribuição de bolsas CNPq em todas as áreas.....	149
QUADRO 5 - Perfil dos (as) docentes entrevistados (as).....	159

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Discentes de mestrado em 60 programas de pós-graduação em Geografia .	53
FIGURA 2 - Discentes de doutorado em 60 programas de pós-graduação em Geografia	53
FIGURA 3 - Corpo docente dos 60 programas de pós-graduação em Geografia.....	53
FIGURA 4 - Produção científica entre homens e mulheres nos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5	54
FIGURA 5 - Entrevistas preparadas e transformadas em tabela (palavra/frequência)	60
FIGURA 6 - Script extraído do open refine (LibreOffice Writer)	61
FIGURA 7 - Processo de clusterização – open refine	62
FIGURA 8 - Entrevistas trabalhadas para transformação das redes	64
FIGURA 9 - Rede de palavras homens (Software Gephi)	66
FIGURA 10 - Rede de palavras mulheres (Software Gephi)	67
FIGURA 11 - Mapa mental (VUE) – categoria discursiva	71
FIGURA 12 - Utilização do RQDA – marcação das categorias nos discursos.....	73
FIGURA 13 - Comparativo das redes de palavras de homens e mulheres (palavras x categorias)	161
FIGURA 14 - Rede semântica do discurso masculino.....	163
FIGURA 15 - Laboratório de dados (intensidade a partir do grau ponderado)	164
FIGURA 16 - Comunidade discursiva das atividades acadêmicas – homens	166
FIGURA 17 - Comunidade discursiva da representação do feminino.....	176
FIGURA 18 - Rede semântica do discurso feminino	185
FIGURA 19 - Laboratório de dados (intensidade a partir do grau ponderado) – docentes mulheres.....	186
FIGURA 20 - Comunidade discursiva das atividades acadêmicas - mulheres	188
FIGURA 21 - Comunidade discursiva em torno dos filhos	200

LISTA DE SIGLAS

C&T – Ciência e Tecnologia

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNRS - *Centre National de La Recherche Scientifique*

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

GETE – Grupo de Estudos Territoriais

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LABIC - Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura

ONU – Organização das Nações Unidas

PNDU - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RQDA – *Qualitative Data Analysis*

SPM - Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres

SQL – *Structured Query Language*

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UGI - União Geográfica Internacional

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

VUE – *Visual Understanding Environment*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I – O PROCESSO INVESTIGATIVO E A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA: O MEU CONTATO COM AS PESSOAS ENTREVISTADAS	22
1.1 PESQUISAR O CAMPO DE RELAÇÕES DE PRODUÇÃO CIENTÍFICAS	24
1.2 A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE.....	51
CAPÍTULO II- GÊNERO, TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS E CENTRALIDADES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO: ‘OS INTELLECTUAIS SÃO SEMPRE OS HOMENS E AS MULHERES SÃO SEMPRE BOAS PROFESSORAS’	75
2.1 CONHECIMENTO CIENTÍFICO GEOGRÁFICO	76
2.2 GÊNERO, PESSOAS PRODUTORAS DE CONHECIMENTO E TRAJETÓRIAS DE VIDA.....	91
CAPÍTULO III- PODER E PRODUÇÃO CIENTÍFICA GENERIFICADA: EU ODEIO E ODEIO A1, PORQUE PARECE QUE É UM ENTE SAGRADO SABE?	115
3.1 PRODUÇÃO CIENTÍFICA GENERIFICADA NA GEOGRAFIA BRASILEIRA	115
3.2 AS INSTITUIÇÕES, PRODUÇÃO CIENTÍFICA, DISTRIBUIÇÃO DE PRESTÍGIO E RELAÇÕES DE PODER GENERIFICADAS	143
CAPÍTULO IV- GÊNERO, PODER E TRAJETÓRIAS DE VIDA / TRAJETÓRIAS CIENTÍFICAS: VOCÊ SEMPRE VÊ, AS ESTRELAS SÃO SEMPRE OS HOMENS, NUNCA SÃO AS MULHERES.....	158
4.1 A PERMANÊNCIA DA DUALIDADE ESPACIAL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA MASCULINA	162
4.1.1 Hegemonia do trabalho científico na trajetória de vida masculina.....	165
4.1.2 O feminino como estrutura das relações familiares no discurso masculino ..	176
4.2 A SUPERAÇÃO DA DUALIDADE ESPACIAL NA EXPERIÊNCIA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA FEMININA.....	184
4.2.1 O paradoxo das atividades acadêmicas e os tensionamentos nas trajetórias femininas.....	187
4.2.2 Os filhos e a maternidade como elementos de tensionamento da produção científica	200
4.3 PERMANÊNCIA DA HEGEMONIA MASCULINA NA TRADIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA GEOGRAFIA BRASILEIRA	206

CONSIDERAÇÕES FINAIS	220
REFERÊNCIAS.....	225
APÊNDICE A - TABELA DE AUTORES OBRAS E RESPECTIVA FREQÜÊNCIA	234
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	255
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	257
ANEXO C – 90 PERIÓDICOS <i>ON-LINE</i> PESQUISADOS – TRIÊNIO 2013-2015.....	259
ANEXO D – PRINT DOS <i>ÍNDICE-H</i> DOS (AS) PESQUISADORES (AS)	263

INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada desta tese tem por questão norteadora 'Como o gênero compõe as trajetórias acadêmicas de pessoas centrais na produção do conhecimento geográfico brasileiro?'. Este questionamento apresentado é fruto de vários pensamentos que surgiram ao longo da construção de minha trajetória acadêmica. Compreender a ciência geográfica e a posicionalidade de seus agentes construtores do conhecimento científico foi uma tarefa árdua e instigante. Como abordado por Rose (1997) esta posição do sujeito tem por objetivo os questionamentos das teorias firmadas. Isto posto, foi com satisfação que realizei esta pesquisa de doutorado, a qual teve suas indagações levantadas desde o início de minha construção enquanto pesquisadora.

Para esta tese, gostaria de esclarecer que conforme a minha compreensão de que existem inúmeras possibilidades de narrativas científicas, entendo que neste momento do meu trabalho, se torna relevante o meu posicionamento como pesquisadora, pois assim como toda (o) cientista tenho o meu lugar político e epistemicamente / socialmente situado. Assim, como abordado por Haraway (1995) nenhum saber se estabelece de forma impessoal, pois o pesquisador (a) é o principal agente de conhecimento

Neste tocante, devido a exigência de um padrão linguístico único e impessoal como possibilidade de redação científica, busco romper com essa naturalização da ideia de que o conhecimento é neutro, impessoal e que paira acima dos seres humanos. Logo, sinto a necessidade de ousar na linguagem científica, escancarar a natureza humana da ciência de seus contextos culturais de produção e não apenas reproduzir rituais naturalizados para assegurar a ideia de que a ciência é fruto de uma razão universal e que, portanto, é impessoal. Assim, com base nesses argumentos, permito-me a utilizar a primeira pessoa do singular quando for necessário deixar clara minha atuação e a terceira pessoa do plural, quando incorporo minha relação com o Grupo de Estudos Territoriais (GETE).

A construção do objeto de estudo e o processo investigativo são resultados de minha trajetória acadêmica, sendo ela sustentada na graduação, mestrado e doutorado, quando me deparei com certas assimetrias de gênero na produção do conhecimento geográfico. Me inquietava o fato de haver uma hegemonia masculina

na docência da pós-graduação e nas indicações bibliográficas dos cursos que realizei, bem como o fato da maior parte dos conceitos ser produzidos por homens.

Em conversa com minha orientadora, sendo ela a pessoa que acreditou em mim e aceitou me orientar com o intuito de responder estes questionamentos, construímos em primeiro momento o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado 'As relações de gênero como elemento da produção científica geográfica no Brasil¹'. Este trabalho desenvolvido no último ano da graduação abordou as relações de gênero existentes nas estruturas acadêmicas, que também eram refletidas nas publicações científicas. Esta investigação acadêmica ao invés de trazer as respostas para as indagações levantadas aumentou as inquietações existentes. Desta forma, surgiu a dissertação de mestrado com o título 'Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013'. Neste momento a dissertação respondeu os questionamentos sobre essa configuração acadêmica e o porquê a mesma se encontrava. Desta forma, a pesquisa evidenciou que infelizmente a ciência geográfica mesmo que com a presença feminina, ainda era um campo excessivamente masculino e hierárquico. A pesquisa ainda evidenciou que as publicações em estratos melhores classificados pelo sistema Qualis Capes eram compostos majoritariamente pelos homens, sendo eles responsáveis por 60% dessas produções científicas.

Os dados evidenciados na dissertação aumentaram nossas indagações e até mesmo aflições, pois eu enquanto mulher, pesquisadora e participante desta estrutura acadêmica, não poderia invisibilizar tal fenômeno existente no campo científico geográfico brasileiro.

Diante dos diálogos com minha orientadora, a qual sempre me ouviu atentamente e compartilhava de minhas angústias, as quais não eram só minhas e sim nossas. Nessas conversas me construí diante de suas palavras de fortalecimento, as quais sempre foram *'devemos fazer e ser diferentes e subverter as regras/normas já estabelecidas no campo científico. Não podemos invisibilizar os grupos que durante anos foram excluídos da ciência geográfica, entretanto essa luta nunca será fácil'*.

Assim, após as leituras que realizei referente a Geografia Feminista, pós-coloniais, me deparo com bell hooks (2013), que expõe que estes desconfortos que

¹ CESAR. Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **'As relações de gênero como elemento da produção científica geográfica no Brasil'**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012, 67p.

nós tínhamos não eram apenas nossos. Para a autora esse desconforto era componente das pessoas pesquisadoras que estavam em uma estrutura já estabelecida que servia para oprimir novas formas de construir a ciência. As colocações de bell hooks (2013) dialogam com Mignolo (2004), Sousa Santos, Meneses e Arriscado (2005); Lander (2005) entre outros pensadores que apresentam que a ciência nunca foi obra do acaso e muito menos neutra.

Para bell hooks (2013) a construção teórica apresenta-se a partir de nossas experiências concretas e de nossas vivências no mundo. Ainda para a autora, a teoria do 'eu' é uma forma eficiente para atingir outras pessoas e assim promover uma mudança social que não apresente a dicotomia teoria/prática.

Após a colocação de bell hooks (2013) e a compreensão de que a ciência é construída a partir das espacialidades e vivências que temos, me posiciono enquanto uma pesquisadora feminista, mulher e construtora de um pensamento científico geográfico que subverta os padrões estabelecidos pela ciência geográfica. Acredito que a ciência geográfica durante longos anos invisibilizou e ainda invisibiliza diversos fenômenos a serem estudados, desta forma não concordo com as normas estabelecidas e destaco a necessidade da abertura do campo para a construção de novos conhecimentos.

Assim, após as leituras sobre a construção da ciência, sendo esta praticada por corpos que trazem consigo suas posicionalidades a partir de suas vivências e espacialidades, torna-se claro que a construção do fazer científico não será neutro. Portanto, com o entendimento de que as pesquisas científicas são realizadas por esses (as) pesquisadores (as), desperta-se a necessidade de compreender quem são essas pessoas agentes da construção do pensamento geográfico brasileiro e como suas trajetórias científicas contribuíram para suas produções. Deixo claro que os (as) entrevistados (as) tiveram seus nomes substituídos por nomes de montanhas², a fim de manter anonimato das pessoas que colaboraram com a pesquisa, visto que a

² A escolha pelo nome de montanhas é uma alusão à ciência geográfica e as suas múltiplas configurações. Neste contexto, a associação é referente às mais diversas formas de produção do conhecimento construído por essas pessoas entrevistadas, assim como, seus impactos no campo científico geográfico brasileiro.

intenção para a compreensão do fenômeno estudado se fez a partir das redes semânticas.

A ciência, entendida como uma forma de conhecimento produzido por pessoas comuns marcadas por seu tempo e espaço, também carrega as características de uma sociedade que traz consigo uma visão masculina de mundo. Portanto, é preciso investigar como essas pessoas centrais para o conhecimento geográfico brasileiro cotidianamente constroem a Geografia e o resultado de seu esforço intelectual. Da mesma maneira se faz necessário compreender como essas pessoas construíram suas reflexões.

Torna-se de relevante compreender o que é ser 'homem' e 'mulher' nesse contexto do espaço acadêmico. A produção científica geográfica brasileira é marcada por seus elementos estruturais que estão inseridos nas práticas cotidianas dos sistemas legais e institucionais, mantendo uma hierarquização da produtividade do conhecimento intelectual.

Os dados evidenciam que há invisibilidade feminina em âmbito acadêmico, mesmo havendo uma forte participação das mulheres geógrafas tanto nas publicações científicas quanto no corpo docente das universidades, ainda essa representação é pequena ao ser comparada a masculina.

A pesquisa destaca que a naturalização da dualidade do gênero feminino e masculino é tão presente na sociedade, que também pode ser visualizada claramente na fala dos construtores do pensamento científico geográfico brasileiro, que ao falarem sobre suas trajetórias científicas, apresentam um discurso diferenciado ao fazer científico feminino e ao fazer científico masculino.

Desta forma, esta pesquisa teve por intenção evidenciar que mesmo que hajam mulheres geógrafas que integrem a construção da ciência geográfica brasileira, elas ainda não apresentam o mesmo impacto masculino no campo científico e quando se aproximam desse impacto, suas trajetórias de vida apresentam diversas renúncias que surgem em seus discursos, mesmo que essas mulheres não admitam diretamente.

A ciência geográfica ainda mantém seus traços em uma ciência masculina, mesmo com a participação de mulheres que estão contribuindo ativamente para o campo científico, elas ainda não alcançaram o mérito e visibilidade masculina. Logo, essa construção do saber científico também será refletida em suas vidas além dos muros das universidades.

Deste modo, a tese seguiu uma estrutura a partir das subquestões construídas ao longo do projeto de pesquisa, sendo elas responsáveis pelas estruturas dos capítulos. A primeira subquestão criada relaciona-se a 'Como a produção científica geográfica brasileira se constituiu em termos de gênero?'. A segunda subquestão preocupou-se em abordar 'De que forma o gênero marca a trajetória de pesquisadores centrais na produção do pensamento geográfico brasileiro?' e a última subquestão direcionou as discussões para 'Como homens e mulheres produtores do conhecimento científico geográfico brasileiro entendem suas identidades de gênero na sua trajetória intelectual?'

Para responder as questões levantadas, houve a necessidade da utilização de além de uma metodologia rigorosa e minuciosa que conseguisse abarcar todos os elementos desta pesquisa. Sendo sucinta nesta descrição, em primeiro momento utilizamos do Banco de dados do GETE³ que atualmente batizamos no GETE como sendo o Observatório da Produção Geográfica Brasileira. Este Observatório foi composto por 17.636 artigos extraídos de 90 periódicos *on-line* do triênio 2013-2015 computando nos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5. Após este momento, estes dados foram separados por gênero onde apresentaram um número de 7.022 (39,8%) artigos produzidos por mulheres e 10.614 artigos (60,2%) produzidos por homens.

Após esta sistematização, os dados coletados foram transportados para uma planilha que foi dividida entre pesquisadores homens e mulheres. O segundo momento exigiu a organização dos dados a partir do nome dessas pessoas e seus respectivos artigos, considerando apenas a primeira autoria destes trabalhos. Assim, o volume anterior reduziu consideravelmente de tamanho, visto que vários artigos se relacionavam a mesma pessoa. Após essas análises os dados apresentaram a seguinte configuração: 5.251 publicações foram realizadas por homens e 4.245 publicações por mulheres, apresentando um grupo de 9.466 pesquisadores (as).

Como comentado, para não ser generalista e sim construir o grupo que mantinha e manteve maior impacto no campo da Geografia brasileira, realizei um desvio padrão dos dados acima (9.466 pesquisadores). Com os dados do desvio padrão, houve outro afunilamento nas informações e assim obtive os seguintes dados,

³ Como visto, utilizamos do nome Banco de Dados do GETE até o ano de 2018. Para os próximos anos vimos a necessidade de alterar o nome deste repositório para Observatório da Produção Geográfica Brasileira. Assim, por este motivo, ao longo da tese não haverá mais o Banco de Dados do GETE e sim o Observatório da Produção Geográfica Brasileira.

o número de pesquisadores (as) que publicavam além do limite superior foi de 541 pessoas, sendo 333 homens e 208 mulheres.

Isto posto, realizei o índice-h destes 541 pesquisadores (as) para visualizar o impacto destes no campo científico e os dados apresentaram a necessidade de realizar um segundo desvio padrão para além de visualizar e sim compreender quem eram esses (as) pesquisadoras que não apenas ‘apareciam’ na Geografia brasileira, mas que eram expoentes nesse campo científico. Com essa ação realizada a investigação apresentou um grupo seletivo de apenas 52 pesquisadores (as) que realmente destoaram no limite superior.

Após estes dados, o próximo passo foi o contato com o grupo e a explicação de como cheguei a eles e o pedido das entrevistas. Com as entrevistas realizadas, essas possibilitaram a construção das redes semânticas que embasaram o último capítulo desta tese. Ressalto que este é um breve detalhamento de toda a metodologia utilizada, pois como havia dito anteriormente, este foi um trabalho muito minucioso e para isto, ele teve um capítulo inteiro (Capítulo I) dedicado a construção do meu fenômeno de pesquisa.

Esta pesquisa evidencia nitidamente a necessidade de discussões acerca do processo de produção científica, com a finalidade proporcionar a construção de um espaço acadêmico amparado na equidade entre homens e mulheres, oferecendo suporte para que a ciência não privilegie determinados grupos e muito menos invisibilize tantos outros.

Desta forma com o intuito de responder os questionamentos levantados, esta tese foi dividida em 4 capítulos. O primeiro capítulo foi destinado a discussão referente a construção do objeto de pesquisa, a proximidade da pesquisadora com o grupo selecionado e a metodologia utilizada para análise dos dados. O segundo capítulo foi responsável pela apresentação da estruturação do conhecimento científico e a construção científica geográfica brasileira, neste capítulo as seções abordam a dinâmica das trajetórias de vida. Assim, o terceiro capítulo apresenta uma discussão sobre a dualidade espacial na experiência da produção científica de homens e mulheres, e a estruturação da pós-graduação na Geografia brasileira. Por fim, o último capítulo da tese tem por objetivo apresentar essas trajetórias acadêmicas de homens e mulheres e a constituição de centralidades no pensamento geográfico brasileiro, onde se pode observar as ausências e os silêncios, assim como a representação de um personagem heroico masculino.

CAPÍTULO I – O PROCESSO INVESTIGATIVO E A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA: O meu contato com as pessoas entrevistadas

Este capítulo explora a construção do objeto de pesquisa que havia sido norteado pela seguinte questão central: ‘Como o gênero compõe as trajetórias acadêmicas de pessoas centrais na produção do conhecimento geográfico brasileiro?’. A questão estabelecida trazia, primeiramente, a necessidade de retomar uma trajetória investigativa em torno da alimentação do Observatório da Produção Geográfica Brasileira. Esse Observatório da Produção Geográfica Brasileira foi alimentado para esta pesquisa até o ano de 2015⁴, contando com 17.636 artigos, extraídos de 90 periódicos da Geografia brasileira. De posse de informações que possibilitavam a compreensão da distribuição das autorias femininas e masculinas, temas e a divisão da produção científica em estratos de qualificação, foi possível afirmar que há uma desigualdade de produtividade entre homens e mulheres na Geografia brasileira (SILVA, CESAR e PINTO, 2015).

A constatação da diferença de produtividade não é suficiente para compreender a estruturação da ciência pelo viés de gênero. Era preciso conhecer as histórias de vida das pessoas que constituíam uma forte produção científica e que acabavam sendo os produtores de conceitos e métodos que faziam a Geografia no Brasil. Assim, era preciso constituir um universo de pessoas representativas do campo científico que pudessem colaborar com a pesquisa. Além de detectar os autores e autoras com maior índice de produtividade, havia ainda o desafio de compreender que não basta escrever e publicar muitos artigos. É preciso que o conhecimento produzido seja base para outros estudos, seja corroborando ou negando as teorias produzidas.

Tanto publicar, como ser lido e utilizado como referência na ciência faz parte de uma complexa estrutura de relações e posições espaciais que compõem uma dinâmica que pode ser chamada de ‘geopolítica do conhecimento’ para usar os termos de Mignolo (2004). Teorias não se afirmam apenas por sua qualidade compreensiva da realidade, mas pelo poder de quem as produz e isso está relacionado com pessoas, suas histórias de vida e lugares sociais que possibilitam a inserção de teorias em determinado campo científico.

⁴ Lembrando que a alimentação dos dados do Observatório da Produção Geográfica Brasileira continua anualmente, porém para a pesquisa utilizamos até o ano de 2015.

Como explanado por Morin (2005) há uma necessidade de construirmos questionamentos sobre a complexidade da ciência. Assim como, toda ciência deve questionar a sua estrutura ideológica e o seu impacto nas relações sociais e culturais. Logo, a ciência não deve se isolar as duas condições de elaboração. Isto não é apenas ideologia social, pois há um diálogo entre o mundo empírico e dos fenômenos.

Assim, este capítulo traz a forma como se constituiu o seletivo grupo a ser pesquisado, os (as) colaboradores (as) que aceitaram fazer parte do trabalho, as subjetividades da relação entre as pessoas envolvidas nesta pesquisa, bem como instrumentos operacionais que possibilitaram construir uma narrativa própria do fazer geográfico dos(as) colaboradores.

Este capítulo tem por objetivo apresentar o meu contato com o grupo selecionado para esta pesquisa, no caso, as pessoas centrais na produção do conhecimento científico geográfico brasileiro. O fenômeno pesquisado, refere-se a um grupo de pesquisadores (as) da ciência geográfica, os (as) quais são responsáveis por muitas publicações (livros, artigos, entre outros) trabalhos científicos. O grupo em questão foi selecionado devido ao grande impacto de suas publicações no campo científico geográfico brasileiro, que consequentemente acabam influenciando os diversos outros trabalhos a serem construídos.

Desta forma, esta pesquisa traz questionamentos relacionados ao fazer científico e ao campo epistemológico consolidado. Portanto, este capítulo tem por objetivo evidenciar que os corpos que produzem esse conhecimento não são corpos neutros e trazem consigo marcas de suas trajetórias de vida que acabam por constituir o seu fazer científico.

O capítulo foi dividido em duas seções, na primeira seção a discussão apresentada é referente a descrição do meu contato com o grupo selecionado, neste momento os papéis de pesquisador (a) e pesquisado (a) foram invertidos, pois os (as) agentes produtores (as) do conhecimento desta vez não estavam pesquisando, e sim sendo o objeto pesquisado para a formação de um novo fazer científico. Logo o segundo momento foi destinado para a exposição da metodologia utilizada para a configuração das redes semânticas do estudo em questão. Nesta ocasião a seção expõe a utilização de *softwares* livres e como essas ferramentas contribuíram para análise da pesquisa. Para isto, foram utilizados os seguintes *softwares*: *LibreOffice* para a construção do Observatório da Produção Geográfica Brasileira que fundamentou esta pesquisa, o Índice-h para exploração do impacto de produção dos

(as) pesquisadores (as), *Open Refine* para o refinamento dos fragmentos textuais que teve por intuito apresentar pertinência e coerência nas falas analisadas, O *Google Refine*, para lapidação do texto, o *Gephi* para a construção das redes de palavras, e por fim, a categorização em módulos semânticos, utilizando o RQDA.

1.1 PESQUISAR O CAMPO DE RELAÇÕES DE PRODUÇÃO CIENTÍFICAS

As discussões relacionadas a realização do fazer científico vem sendo alvo de discussões há décadas, pois a ciência não é fruto do mero acaso e sim produzida a partir de seus agentes produtores de conhecimento. Diversas são as áreas que discutem e apresentam as estruturas do saber científico, só que são poucas as que compreendem a ciência enquanto um vasto campo de conhecimento a ser descoberto e explorado, sendo este controlado por estruturas hierárquicas. Essa liberdade do fazer científico é ilusória, pois por muito tempo os cientistas vêm ditando o que é ou não científico, mostrando desta maneira que o conhecimento não é neutro e muito menos desinteressado.

Ao refletir sobre a construção do saber científico, Morin (2005) argumenta que no campo das ciências humanas e especificamente na epistemologia, as novas descobertas estão moldadas em dois pensamentos, um relacionado ao cartesianismo moderno, o qual seria simplificador e outro chamado pensamento complexo. O autor aponta que o pensamento simplificador orientado pelo cartesianismo seria um pensamento reduutivo, fechado e fragmentado, apresentando-se como uma forma de barbárie relacionando ao pensar. Logo, o pensamento complexo seria aquele que possibilita o diálogo com as diversas complexidades encontradas no universo, sendo aberto ao novo e desconhecido. Indo além de seus questionamentos Morin (2005) argumenta que somente este pensamento conseguiria produzir um conhecimento pertinente aberto à novas construções, promovendo assim, uma transformação nas estruturas.

Desta forma, ao pensar em conhecimento e qual a origem do mesmo, constata-se que a comunidade científica não é um grupo 'neutro e desinteressado' que por muitas vezes ela pensa ser. Para Fourez (1995, p.93) 'as produções intelectuais dos cientistas sempre serão influenciadas pelo seu lugar social de origem'. Já para Morin (1996) a ciência além de não ser neutra é intrínseca, histórica e sociológica, e ainda, eticamente complexa.

É notório que a ciência em sua realização será carregada de estigmas que cada pesquisador (a) possua. As reflexões de Demo (1989) apresentam que a ciência terá seu resultado a partir da visão do cientista e da sua realidade. Tais argumentações levantam claramente a evidência de que é impossível pensar a construção epistemológica sem ao menos compreender que o fazer científico é realizado a partir de pessoas que vivenciam diversas espacialidades.

É necessário argumentar que a ciência não é desempenhada apenas por corpos neutros, ela é marcada pela experiência de homens e mulheres que estão neste campo vivenciando o mundo a partir de suas posicionalidades. Para Butler (2013) o gênero não é um elemento que existe em si, mas uma representação que adquire sentido nos atos repetitivos das pessoas. Em presença destes atos o gênero torna-se naturalizado e firma normas que dividem o universo 'masculino' e 'feminino', que consequentemente em sociedade será construído e reproduzido no espaço geográfico.

Por muito tempo a ciência não se dedicou a pensar que a construção do saber científico foi e é realizada a partir dos pensamentos e ações de seus (as) agentes pesquisadores (as). Segundo os pensamentos de Haraway (1995), a tradição metodológica feminista apresenta que o conhecimento sempre é situado e que nenhum saber se estabelece de forma impessoal, o pesquisador (a) é o principal construtor (a) de conhecimento dessa produção intelectual.

Assim, torna-se compreensível associar a construção da ciência a um jogo, pois segundo Bourdieu (2004), o campo científico se assemelha a um jogo que necessita ser munido de razão para vencer. Tal pensamento não se distancia nem um pouco da produção do conhecimento científico geográfico brasileiro, pois o mesmo estabelece regras e critérios para este 'jogo' científico.

A ciência geográfica não foi moldada diferentemente dos padrões estabelecidos pela ciência, ela é um campo científico em constante transformação, tanto em termos epistemológicos, temáticos e principalmente pela ação de seus agentes produtores (as) de conhecimento.

Essa construção do saber científico é relacionada a um campo de poder como argumenta Foucault (1988) e a ciência geográfica também já construiu invisibilidades e hegemonias privilegiando determinados grupos, contudo há uma necessidade de construirmos um saber aberto aos novos olhares, para que este processo não seja apenas de dar poder alguns e tirá-lo de outros. Neste tocante ao pensarmos em

hierarquia é necessário pensar em equidade, para que todas estejam juntos no mesmo caminhar.

Ao pensar que o espaço acadêmico apresenta uma configuração política, visualiza-se nas discussões de Hidalgo et al. (2003) que a organização do espaço se refere a sua utilização e o seu uso varia de acordo com a posição de cada pessoa na sociedade. Para as autoras o espaço é um produto social o qual não é neutro e suas relações são marcadas por desigualdades.

Assim, o espaço acadêmico pode ser apresentado enquanto um espaço múltiplo e composto por tantas outras espacialidades. Logo as vivências dos sujeitos (as) construtores (as) do saber serão influenciadas devido as experiências praticadas e pensadas.

Em este sentido, es um produto social y, por lo tanto, no es neutro, su configuración y utilización están marcadas por lãs desigualdades sociales y , em concreto por la variable gênero que nos ocupa ahora. Pues bien, tanto em el Diseño Curricular, como em los libros de texto, se hace um tratamiento unívoco y supuestamente neutro del espacio. No se matiza el uso y la percepción del espacio de los diferentes colectivos y personas. Además se habla, casi exclusivamente, de los espacios públicos⁵. (HIDALGO et al., 2003. p.108)

Não distanciando do pensamento das autoras acima, Cesar (2015) apresenta que o corpo docente de 55 universidades brasileiras com pós-graduação em Geografia é composto por 60% de homens e 40% de mulheres, sendo esta a configuração do espaço acadêmico geográfico brasileiro. Corroborando com a ideia apresentada, Hidalgo et al. (2003) evidenciam que o espaço tem suas definições conceituais subordinadas ao pensamento masculino e hegemônico, criando desta forma uma naturalização no que diz respeito as relações de gênero.

Diante da afirmação exposta, compreende-se o espaço acadêmico enquanto relacional, em constante transformação e organizado a partir de relações de poder que envolvem os sujeitos participantes da estrutura apresentada. Assim “não há constituição de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber

⁵ Tradução: Neste sentido, é um produto social e, portanto, não é neutro, sua configuração e utilização estão marcadas pelas desigualdades sociais e em concreto pela variável de gênero que nos preocupa agora. Pois bem, tanto em no desenho curricular, como nos livros didáticos, se faz um tratamento unívoco e supostamente neutro do espaço. Não se qualifica o uso e a percepção do espaço dos diferentes coletivos e pessoas. A demais se fala, quase exclusivamente, dos espaços públicos.

que não constitua, ao mesmo tempo, relações de poder” (FOUCAULT, 1996, p. 29-30)

Os argumentos de Foucault (1996) expõem que os espaços disciplinares são constituídos por lugares que constroem o exercício do saber/poder. Desta maneira, visualiza-se que a ciência mantém normas e cria um campo de saber direcionado a um jogo científico, e a ciência geográfica não destoa deste cenário.

As relações de poder podem ser observadas em duas situações, sendo uma na conquista material (desde infraestrutura e financeiro) e a outra, da forma mais assustadora, a forma simbólica (referente a tradição epistemológica, legitimação do campo teórico, conceitos). Portanto, este espaço acadêmico é repleto de regras estabelecidas por seus dominantes. Pensando sobre as normas definidas nesses jogos de poder, as reflexões de Bourdieu (2004) apresentam que há negociações e elas até podem existir e esses momentos serão redigidos a partir das regras específicas estabelecidas no campo.

Ao refletir sobre o espaço acadêmico e seus agentes componentes da estrutura apresentada, é necessário enfatizar que a produção intelectual acadêmica também ocorre fora dos muros das universidades. Muitos desses (as) pesquisadores (as) produzem seus trabalhos teóricos em seu espaço conceituado como ‘privado’. É necessário destacar que as vivências espaciais destas pessoas são totalmente diferenciadas, pois os homens e mulheres em suas múltiplas espacialidades, são reproduzidos de forma naturalizada tanto no espaço público, quanto no privado, as ações são as mesmas, apenas o cenário é alterado.

Neste sentindo pensando sobre a naturalização dos papéis de gênero a serem desempenhados pelos corpos feminino e masculino, Bourdieu (1989) apresenta uma discussão referente ao conceito *habitus*, o qual o autor caracteriza as disposições e ações dos indivíduos que são assimiladas ao longo do tempo em determinadas estruturas sociais. Essas ações apresentadas pelo autor podem ser visualizadas em gestos corporais, cultural e simbólico.

Relativo à conceituação de gênero Carvalho (2010) apresenta que há diversas variáveis e constantes que estão presentes em estratégias que diferem meninos e meninas. Para a autora essas ações podem ser tanto implícitas, quanto explícitas e estão presentes em vários agentes e instituições tais como: família, escola, igreja, meios de comunicação e Estado.

Não apresentar as relações de gênero que estão presentes no dia a dia tanto no espaço público, quanto no privado, seria uma ação de descuido de minha parte. Para entender como essas relações de gênero são pensadas e trabalhadas é necessário compreender o conceito de gênero que para Butler (2007, p.98) é explicado como: *“La estilización repetida del cuerpo, una sucesión de acciones repetidas – dentro de un marco regulador muy estrictor que se inmoviliza con el tempo para crear la apariencia de sustancia, de una especie natural de ser”*.

A descrição apresentada pela autora, conclui que há uma naturalização dos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres e que de certo modo legitimam os papéis socialmente construídos. Os fluxos entre os múltiplos espaços existentes acabam por permitir que as práticas vivenciadas no espaço público sejam replicadas no espaço privado e vice e versa.

Segundo os pensamentos de Rose (1993a) e Massey (2008) há uma possibilidade para a compreensão da realidade espacial sem a necessidade do surgimento de dicotomias e binômios diante dos fenômenos existentes.

As argumentações de Rose (1993a) apresentam uma demasiada crítica a dicotomia presente entre espaço público e privado. Desta forma a autora não se sentindo representada pelos conceitos em questão, cria o conceito de espaço paradoxal. O espaço paradoxal é discutido pela autora que apresenta o conceito de forma que as pessoas que vivenciam espacialidades simultâneas, podem vivenciá-las de maneira diferenciada devido aos feixes de tensionamento que podem exercer poder em relação ao outro.

Atribuindo a discussão do conceito de espaço paradoxal e a análise do grupo pesquisado para esta tese, um exemplo plausível de argumentação pode ser realizado diante da vivência das pesquisadoras mulheres e mães, as quais têm posicionalidades totalmente distintas em seus diferentes espaços vividos. O espaço privado que essas mulheres vivenciam podem trazer consigo a centralidade entre ser mãe, esposa, filha entre outros. Ao retornamos ao espaço público, no caso o espaço acadêmico, este é composto por uma notória disparidade entre a presença feminina e masculina,

⁶ Tradução: A estilização repetida do corpo, uma sucessão de ações repetidas - dentro de um marco regulatório muito restrito que é imobilizado com o tempo para criar a aparência de substância, de uma espécie natural de ser.

colocando desta maneira essas mulheres às margens da produção intelectual do conhecimento científico.

Segundo Costa (2006) há um desequilíbrio entre os universos feminino e masculino o qual faz com que as mulheres busquem estabilidade entre o trabalho e a vida privada.

A postura crítica em relação à devoção ao mundo do trabalho, ao mundo acadêmico, que exigiria dedicação integral mesmo fora do local de trabalho, revela o esboço de um outro modelo possível. A esse novo modelo tem-se denominado “feminino”, já que se trata de cultivar também a vida privada, esta, de responsabilidade das mulheres (filhos, família). (COSTA, 2006, p. 458)

Nas ponderações de Pujol, Garcia Ramon e Ortiz (2012) há uma falta de integração no espaço acadêmico que subliminarmente acabam por ocasionar em invisíveis negociações entre os membros do departamento que levam a uma exclusão e a falta de identidade entre os colaboradores. Para essas mulheres o ambiente acadêmico pode ser um espaço que lhe causam um sentimento de exclusão, isolamento intelectual e social.

Outro fator de relevância, é a dissertação de Pinto (2017) quando o autor conclui em sua pesquisa de mestrado, que homens e mulheres utilizam quase que a mesma quantidade de tempo dedicada para a universidade, o diferencial encontrado encontra-se em outra esfera vivenciada, no caso o espaço privado. As tarefas realizadas no espaço privado em sua maioria, não apresentam igualdade na divisão dos afazeres, à medida que os homens utilizam o seu tempo no espaço privado para produzir artigos científicos, e as mulheres destinam seu tempo para a casa e aos cuidados com os filhos. Assim, as análises apresentadas por Pinto (2017) refletem ao que Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008) remetem enquanto ao sentimento de culpa que essas mulheres sentem, por não conseguirem se dedicar integralmente tanto ao trabalho e à família.

Esse processo de dedicação exclusiva no espaço acadêmico acaba por prejudicar as mulheres que se fragmentam em suas atividades tanto no espaço público quanto no privado. Se forem observadas as ideias de Garcia Ramon (2011) é visível que há diferenças fundamentais entre o universo feminino e masculino, e essas diferenças trazem maiores vantagens aos homens na organização acadêmica universitária. Esse resultado da pesquisa da autora indica a hierarquização e dominância do discurso heterossexual masculino.

Essa hierarquização e dominância masculina infelizmente ainda é um reflexo presente no campo científico geográfico. Assim como Garcia Ramon (2011) apresenta a estrutura dominante nas universidades espanholas, os dados de Cesar (2015) evidenciam que o campo científico geográfico brasileiro também mantém esse 'padrão'. A autora apresenta uma explícita diferença entre a centralidade feminina e masculina, principalmente no tocante aos cargos de chefia e as produções acadêmicas nos melhores estratos classificados pela Qualis Capes (estratos A1 e A2). Segundo Cesar (2015, p. 75) 'os programas de pós-graduação em Geografia, mantêm sua estruturação em 62% dos cargos de chefia ocupados por homens e apenas 38% por mulheres'.

Desta forma, em uma análise das reflexões e dados apresentados é possível afirmar que, ocasionalmente essas mulheres são centrais em seu espaço privado, entretanto quando o assunto é o espaço público, essas mulheres acabam se tornando margem. O que é ignorado por muitos, é que essas mulheres são apenas uma e vivenciam ambas as espacialidades simultaneamente.

Assim, após a realização da dissertação de mestrado intitulada "Gênero, Poder e Produção Científica Geográfica no Brasil de 1974 a 2013", muitos foram os questionamentos levantados. A dissertação respondeu às perguntas referentes a presença feminina no campo científico geográfico brasileiro, e evidenciou que mesmo com a presente participação feminina no campo científico, as mulheres não alcançam o mérito dos homens. A dissertação trouxe um questionamento maior ainda, ao que se refere '*quem são essas pessoas que estão produzindo este conhecimento e qual o seu impacto no campo científico?*', no caso, o campo científico geográfico brasileiro. Como visto nas argumentações acima, a ciência não se faz por si, ela é realizada e praticada por pessoas/cientistas que desempenham seu conhecimento teórico e epistemológico a partir de suas vivências e espacialidades.

Diante dos dados observados é possível afirmar que tal configuração socioespacial expressa um contexto histórico-geográfico, ao que Barnett (1995) expõe enquanto crítica ao modo como a comunidade geográfica detalha e registra a sua própria história, criando desta maneira uma hegemonia científica.

Indo além nas argumentações Silva, Cesar e Pinto (2015, p.188) também apresentam em suas ideias que 'as narrativas historiográficas da ciência se perpetuam pelos currículos acadêmicos que são repetidamente populados por personagens históricos heroicos de determinados períodos e localidades'.

Essas construções do pensamento geográfico tornam-se marcantes e por vezes determinantes, direcionando o conhecimento a ser produzido. Ressalta-se que a ciência não é neutra e desta forma os corpos realizadores destes pensamentos trarão para suas publicações as discussões a partir de seu conhecimento vivido e experienciado. Vale ressaltar as críticas de Barnett (1995) e os pensamentos de Bell (2011) para pensarmos sobre as narrativas que produzem discursos e são expressados em publicações científicas.

Ao pensar a construção do pensamento geográfico e sua materialização no campo científico, torna-se claro que a vivência espacial dos corpos que realizaram essa produção, será apresentada mesmo que direta, ou indiretamente em suas produções intelectuais. Para Silva (2009a), compreender as ausências, silêncios e invisibilidades do discurso científico é poder reconhecer que estas características não são frutos do mero acaso e sim de uma determinada forma de conceber e de fazer a Geografia.

Logo compreender a produção do conhecimento científico e o fazer intelectual, pode ser compreendido por McDowell (1999), quando a autora apresenta que essa relação está ligada ao espaço e com a definição do que é 'natural' e do que é 'cultural', então é relacionada às regulamentações que influenciam quem está ocupando determinado espaço e sendo excluído por ele. Isso será refletido na estruturação do pensamento geográfico e em sua produção científica. Desta forma, torna-se necessário conhecer qual a herança histórica de nosso país ao que se refere ao estudo superior e mais ainda, a participação feminina nestes espaços acadêmicos, pois somente compreendendo o passado é possível visualizar a atual estrutura dominante.

Entende-se que a cultura acadêmica é estabelecida a partir de uma cultura dominante e pré-determinada, o espaço acadêmico pode ser visto e entendido enquanto um espaço público, e a esfera do espaço privado é componente das pessoas que constroem o espaço em questão.

Durante anos, os espaços públicos foram vivenciados apenas por corpos masculinos. Segundo Arendt (2007) com o surgimento da cidade-estado houve a fragmentação do espaço público e privado, dando aos homens um novo espaço para vivenciar. Para a autora essa nova ordem acaba por torná-lo um homem político e que vem excluir de vez a participação feminina do espaço público, que na época era utilizado para discussões políticas.

As reflexões de Przybysz (2011) apresentam que a esfera social proporciona um distanciamento entre as instituições cidade e família que neste momento não são mais vistos como um lugar de liberdade (público) e o outro lugar relacionado a privacidade (privado), neste instante ambas as esferas iriam se sobrepor. Ainda para a autora “a falta do espaço público produz o espaço privado e este consequentemente reproduz esta falta para o próprio espaço público”. (PRZYBYSZ 2011, p.25).

Essa discussão sobre espaço público e privado é necessária para a interpretação do processo cultural que estes corpos estão constituídos, pois ao mesmo tempo que estes corpos ‘apenas’ estão no espaço eles também estão sendo agentes produtores do mesmo. Esses corpos poderão ser responsáveis tanto para o enraizamento deste pensamento dicotômico, entre o público e privado, como para a subversão do mesmo.

Com os pensamentos de Arendt (2007) e Przybysz (2011) fica claro que a configuração dos espaços públicos e privados acabam por estabelecer processos culturais que refletem explicitamente nos papéis desempenhados por homens e mulheres em seus diversos espaços.

Sobre a construção destes espaços comentados acima, os pensamentos de Freyre (1983), remetem tal situação ao patriarcado, sendo este visualizado enquanto um agente empreendedor da socialização nos ambientes recém-instalados na vida colonial. Para Silva (2009a, p.33) o que define o patriarcado segundo as geógrafas feministas, é que esta estrutura pode ser lida como "um sistema de relações hierarquizadas, do qual os seres humanos são regidos por relações de poder desiguais, onde a figura masculina é soberana a feminina em diferentes aspectos da vida social". Assim, as unidades política, econômica e social estariam configuradas a representarem papéis fundamentais nas definições do perfil histórico das famílias.

Assim, ao pensar os espaços público e privado, evidencia-se que espaço público, enquanto estrutura universitária só contou com o ingresso das mulheres nas universidades a partir da segunda metade século XIX e antes disto o espaço acadêmico era apenas protagonizado por corpos masculinos. Essas informações explanadas tanto por Schienbinger (2001) e Leta (2003) denotam que a configuração deste cenário apresentado era um ‘modelo’ presente aparentemente em todo mundo.

Após compreender que a ciência é um campo composto por regras e corpos que a praticam, surgiram diversos questionamentos referentes ao fazer científico e ao grupo que vem construindo e legitimando este saber científico.

Visto que a ciência geográfica também é praticada por homens e mulheres, houve a necessidade de analisar e buscar quais eram essas pessoas que participam ativamente neste espaço acadêmico. Neste tocante é necessário levar em consideração que essas pessoas que constroem esse fazer científico intelectual, vivem tanto no espaço público quanto no privado. Visualiza-se que o trabalho e a vivência humana encontram-se conectados aos atributos temporais e cotidianos. O ser humano, no caso o agente produtor (a) do conhecimento é indivisível. Logo, a forma como se utiliza o tempo e localização, também implicará diretamente nas relações sociais que irão ser articuladas (DAVIES, 2003).

Uma das indagações desta tese se fez ao fazer científico, a produção intelectual e a trajetória acadêmica destes (as) agentes produtores (as) do conhecimento científico geográfico brasileiro e como estes (as) mantiveram um forte impacto no campo geográfico. Para Silva, Nabozny e Ornat (2010, p.41) 'o espaço geográfico é a materialização da sociedade e de que toda a existência humana é espacial é uma concepção plenamente aceita pelos cientistas da Geografia'.

Logo, a produção científica é desenvolvida por pessoas que vivem diversas espacialidades as quais seus trabalhos serão desempenhados a partir de suas condições sociais, econômicas e culturais. A produção intelectual realizada, trará direta ou indiretamente traços das espacialidades vividas, e assim as relações de gênero que serão um forte componente na produção científica.

Além de todos os aspectos referentes a vida particular de cada pesquisador (a), há também outro fator de pressão nas atividades científicas, ao que se refere a produtividade acadêmica. Logo, o gênero é uma categoria de fundamental importância para a reflexão em torno da produção docente. Para Garcia Ramon, Ortiz e Pujol (2011) homens e mulheres não vivem exclusivamente para o trabalho, embora ele se aproprie de ampla parte de sua vida cotidiana.

Segundo Pinto (2017) há tensões entre o ambiente familiar e a profissão que as mulheres escolhem, principalmente no início de suas carreiras acadêmicas. Assim, o autor apresenta que há diversas exigências para as mulheres, ao que diz respeito a produtividade e mobilidade as quais acabam por coincidir ao período fértil e ao estabelecimento de uma família.

Assimilando que os corpos que produzem a ciência estão carregados de suas diversas espacialidades e vivências, a diferença existente entre os universos

feminino e masculino, irá configurar a vida pessoal e profissional destes (as) docentes.

As reflexões de Pinto (2017) expõem que suas investigações apresentaram uma nítida desproporção na utilização do tempo para atividades de reprodução familiar, pois as mulheres mães utilizam maiores períodos de seu tempo para a realização dos afazeres domésticos e familiares, criando tensionamentos com o trabalho acadêmico, assim como, as interrupções e reconsiderações acerca da carreira acadêmica devido às questões familiares, as quais ocorrerem frequência e intensidade quando comparada aos homens.

Os pensamentos do autor acima, ainda podem ser discutidas com os dados da *European Commission* (2012) que apresentam que esse quadro vivenciado pelas mulheres se torna intensificado por constrangimentos institucionais e normas acadêmicas que estão pautadas em uma disponibilidade total para a vida acadêmica, o qual desestimula as mulheres cientistas se tornarem mães.

Atualmente no Brasil, esta situação vem sendo pensada e trabalhada visto que recentemente o CNPq inseriu em sua plataforma um campo destinado a inclusão da data de nascimento ou adoção de filhos, sendo que estas informações passarão a contar no Currículo Lattes, de forma facultativa. Entretanto, mesmo com a informação apresentada é necessário destacar a pertinência das discussões de gênero e o fazer científico e como este componente abrange diferenças significativas entre homens e mulheres. Para André (1990, p.4) as relações entre ambos “são um elemento estruturador importante da sociedade, não devendo ser entendido apenas nas vertentes da privacidade, da intimidade ou da afetividade”.

Ao refletir sobre as relações de gênero presentes no universo acadêmico, deve-se ressaltar que a ciência se estruturou a partir de uma visão masculina dominante. Durante muitos anos as mulheres não tiveram voz e muito menos o acesso ao ensino superior, e isto não remete ao não ser capaz e sim ao seguimento de regras impostas numa sociedade machista, elitizada, branca e heterossexual.

Se observarmos a ciência geográfica enquanto um campo científico, construtora de conhecimento, é possível analisá-la a partir das ideias de Bourdieu (2004) quando o autor desenvolve a noção de ‘campo’ para escapar à duas tendências de interpretação da história das ciências.

A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada. E uma das grandes questões que surgirão a propósito dos campos (ou dos subcampos) científicos será precisamente acerca do grau de autonomia que eles usufruem. Uma das diferenças relativamente simples, mas nem sempre fácil de medir, de quantificar, entre os diferentes campos científicos, isso que se chama as disciplinas, de fato, em seu grau de autonomia. A mesma coisa entre as instituições. (BOURDIEU, 2004, p.21)

As reflexões de Bourdieu (2004) explicam as tendências divididas de duas formas, uma interna, a qual imagina a história pontuando a ciência enquanto transformadora dos enunciados científicos e, a outra seria a externa, colocando a ciência enquanto submetidas aos contextos econômicos e sociais. O autor ainda destaca que se deve compreender e assimilar o conteúdo textual de uma ciência, e não apenas o contexto de sua produção. O autor defende a necessidade de observação de um universo intermediário, sendo este nomeado de campo.

Compreende-se que a estrutura científica, está presente nas universidades mantendo uma organização interna. Os campos de produção do conhecimento científico são estabelecidos por critérios tais como publicações de artigos científicos, desenvolvimento de pesquisas, sendo estes responsáveis por legitimar os discursos produzidos pelos pesquisadores (as).

Os próprios argumentos de Foucault (1996) expõem que os espaços disciplinares são constituídos por lugares que constroem o exercício do saber/poder. Desta maneira, visualiza-se que a ciência mantém normas e constrói um campo de saber voltando a um jogo científico, destaca-se que a ciência geográfica não destoa deste cenário apresentado.

Nota-se que “essa racionalidade da ciência moderna é regida por princípios, supralógicos de organização do pensamento ou paradigmas, princípios ocultos que governam nossa visão das coisas e do mundo sem que tenhamos consciência disso”. (MORIN, 2007, p.10)

As reflexões de Bourdieu (2004) apresentam que o campo científico é organizado como um jogo e o mesmo tem regras a ‘serem seguidas’. Desta forma ao compreender quem são as pessoas centrais na construção do conhecimento e o seu impacto no campo científico geográfico brasileiro, torna-se evidente como essa produção intelectual estabelece uma norma e como ela poderá moldar o tabuleiro

científico da Geografia brasileira. A produção do conhecimento intelectual e as normas existentes no campo, só existem devido a participação dos diversos 'jogadores'. Estas regras como argumenta Bourdieu (2004), distribuem prestígio e poder aos agentes e as instituições podendo proporcionar expansão ou limitação do campo.

Para responder os questionamentos levantados referentes aos praticantes da construção do pensamento científico geográfico brasileiro, torna-se de fundamental importância evidenciar que existem relações de gênero no espaço acadêmico e que estas são um dos elementos de configuração da estruturação acadêmica.

Evidenciar as relações de gênero presentes no espaço acadêmico é algo de extrema importância para mim, pois neste momento me posiciono enquanto mulher, pesquisadora e uma pessoa componente deste espaço acadêmico. Neste momento minhas argumentações estão baseadas em bell hooks (2013), quando a autora expõe que a construção teórica surge a partir de nossas experiências concretas e de nossas vivências no mundo. Para a autora a teoria do 'eu' é uma forma mais eficiente para atingir outras pessoas e desta forma, promover uma mudança social que não apresente a dicotomia teoria/prática.

Os pensamentos de bell hooks (2013) remetem que nós pesquisadores (as) podemos e deveríamos sempre nos posicionar diretamente nas pesquisas. As construções dos objetos de estudos são realizadas pela maioria de seus agentes construtores do saber, de maneira distante, a partir da dicotomia apresentada pela autora teoria/prática.

Segundo os pensamentos de Scherrer (2015) há uma relação entre o pesquisador (a) e pesquisado, pois o pesquisador (a) é o sujeito que está realizando uma investigação científica em torno de um objeto que contém a sua especificidade.

Assim, em busca de assimilar esse fazer científico e as relações presentes na estrutura acadêmica, houve a necessidade de visualizar quem são essas pessoas que estão construindo o conhecimento científico geográfico brasileiro. Neste momento torna-se crucial a aproximação com os (as) construtores (as) das discussões epistemológicas na Geografia brasileira.

É importante ressaltar que este espaço acadêmico composto por regras ostensivas, só existe pela ação de pessoas que são corporificadas e participam direta e indiretamente deste processo. Nota-se também, que durante muito tempo o fazer científico/acadêmico excluiu a ideia de que estes corpos não vivenciam apenas uma

única espacialidade e sim múltiplas espacialidades, as quais constituem essas pessoas e consequentemente intervêm na construção do seu pensamento científico.

Nas últimas décadas as atividades relacionadas à ciência, tecnologia e inovação vêm sendo fortalecidas no Brasil. Segundo Mugnaini, Jannuzzi e Quoniam (2004), o governo federal, estadual e a comunidade científica nacional dispõem de instrumentos que possibilitam as definições para as diretrizes, os investimento e a liberação de recursos na área de desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro.

Desta forma a produtividade e a qualidade da produção científica está sendo alvo de avaliações constantes realizadas pela CAPES a qual estabelece metas que influenciam na carreira acadêmica das universidades brasileiras. Um dos elementos mais importantes do processo de avaliação é a produção de artigos científicos em revistas que possuem determinada posição no *ranking* de qualidade de periódicos científicos estabelecido pela CAPES, chamado Sistema *Qualis*. Segundo as reflexões de Cruz (2012) este processo de avaliação da produção de artigos científicos tem gerado uma pressão sobre a atividade laboral de pessoas envolvidas na pesquisa, tendo como foco o aumento da produtividade docente.

Os discursos científicos podem ser detectados em diversos meios de publicações, pois as produções científicas são abundantes e estão presentes tanto em dissertações, livros, publicações em anais de eventos científicos, artigos publicados em periódicos especializados entre outros meios de divulgação. Isto posto, devido ao amplo número de publicações existentes, para esta tese, foram utilizados os discursos presentes em publicações de artigos científicos em periódicos *on-line*, mantidos por entidades geográficas.

Em primeiro momento realizou-se o recorte dos dados quantitativos, o que possibilitou as análises nos artigos científicos contidos em 90 periódicos *on-line*, que estão listados no Sistema *Qualis* CAPES da área de Geografia, classificadas segundo um ranking de qualificação, nos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5. Os periódicos selecionados tiveram por base o triênio 2013-2015 o qual possuía 102 revistas científicas avaliadas na área de ciência geográfica, porém apenas 90 revistas encontravam-se disponíveis para acesso *on-line*. Desta forma, apenas os 90 periódicos disponíveis foram utilizados para esta pesquisa, delimitando um recorte

temporal de 1974 a 2015⁷ considerando todos os estratos de qualificação criado pela CAPES, menos o denominado estrato C.

Devido ao imenso volume de dados a serem sistematizados, o mesmo demandou a organização de um Banco de Dados a partir do *software* livre o *LibreOffice*. O *software* garantiu o armazenamento das informações dos artigos científicos, e possibilitou a construção de uma série de informações como nome dos autores (as), edição, ano, temática, título, palavra-chave dos artigos, sexo, instituição e *Qualis*. Além das análises citadas, o *software* também permitiu compreender a estrutura da produção científica geográfica brasileira e quem são os agentes produtores (as) responsáveis por essas produções científicas.

Dos dados coletados e analisados nos 90 periódicos *on-line* classificados nos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5, como visto, este apresentou um total de 17.636 artigos. Observa-se que do total dos artigos levantados, apenas 7.022 (39,8%) foram produzidos por mulheres e 10.614 artigos (60,2%) produzidos por homens. Destaca-se também que em todos os estratos de classificação considerados, as disparidades de produtividade entre homens e mulheres se mantiveram semelhantes, com poucas oscilações.

Desta forma após a coleta dos 17.636 artigos, tornou-se necessário entender quantas pessoas haviam publicado diversas vezes nos periódicos mantidos por entidades geográficas no Brasil. Para este momento se fez necessário a utilização de duas planilhas no *LibreOffice Calc*, uma direcionada as publicações de homens e a outra de mulheres. Após esta organização, o próximo passo foi organizar os dados pelo nome dos pesquisadores e associar os artigos encontrados aos seus respectivos autores (lembrando que para estas análises foram considerados apenas a primeira autoria). Logo, diante da associação artigo x respectivos autores, o número reduziu para 9.466 pesquisadores, sendo 5.251 publicações realizadas por homens e 4.245 publicações por mulheres.

Neste momento, após a visualização e o cuidado nas análises para que a pesquisa não fosse tendenciosa ou plausível a diversos questionamentos referentes a seleção do grupo pesquisado, as informações apresentadas ainda não apresentavam quais eram as pessoas que impactavam diretamente no campo científico geográfico brasileiro, e desta forma se fez necessária a utilização do desvio

⁷ Este foi o recorte selecionado devido 1974 corresponder ao artigo mais antigo localizado no Observatório da Produção Geográfica Brasileira e 2015 o ano do último artigo armazenado.

padrão⁸ enquanto uma ferramenta estatística para demonstrar o grau de variação de um determinado conjunto de elementos. Segundo Lunet, Severo e Barros (2006, p.55) “o desvio padrão é uma medida de dispersão e o seu valor reflecte a variabilidade das observações em relação à média”. Desta forma, a referente dispersão apresentada pelos autores, consiste na análise de uma amostra que pode ser caracterizada pelos desvios de cada fenómeno observado em relação à média..

Com a utilização do desvio padrão aplicado aos 9.466 pesquisadores, este evidenciou quais pesquisadores sobressaíam ao desvio realizado referente a quantidade de artigos publicados nos 90 periódicos *on-line* e assim os dados apresentaram a seguinte configuração: houveram 541 pessoas acima do desvio apresentado, sendo 333 homens e 208 mulheres. A prioridade da pesquisa não era apenas visualizar a quantidade de artigos produzidos por essas pessoas, mas sim estabelecer a posicionalidade desses agentes e o impacto de suas obras na produção do conhecimento científico geográfico brasileiro.

Desta forma, foi necessário a busca de uma segunda ferramenta que servisse de complemento para analisar os dados encontrados pelo desvio padrão. Adiante, utilizou-se do uso da extensão do navegador da *internet Scholar H-Index Calculator (IH)* sendo este um coletor de informações dos pesquisadores (as) referente as suas produções intelectuais e respectivas citações. A ferramenta utilizada permitiu compreender qual é o impacto das publicações desses (as) agentes produtores (as) construtores (as) do conhecimento científico no campo da Geografia brasileira.

A utilização desta ferramenta se fez pertinente para a pesquisa, pois seu resultado possibilitou a consistência de alguns índices, e neste caso o elemento utilizado foi o *índice-h*. Esta ferramenta em questão foi apresentada pelo físico Jorge Hirsch⁹ em 2005, que utilizou do indicador para avaliar simultaneamente a produção e o impacto do trabalho de um (a) pesquisador (a) no campo científico (MARQUES, 2013).

⁸Fórmula do desvio padrão:

$$DP = \sqrt{\frac{\sum |x - \bar{x}|^2}{n}}$$

⁹ Físico Ph.D. Jorge Hirsch. Docente na University of California, San Diego. Disponível em < <https://physics.ucsd.edu/Directory/Person/69> > Acesso em 10 de julho de 2017.

Referente às publicações científicas, as reflexões de Pinto (2017, p.10) apresentam a seguinte explicação para o *índice-h*, “A contabilidade de um *índice-h* com valor 10, por exemplo, corresponde, basicamente, a ter dez publicações que foram citadas pelo menos dez vezes cada uma”. Com finalidade de assegurar a precisão das análises dos dados foram afastadas todas as publicações feitas por pesquisadores (as) homônimos e não frequente nos currículos *lattes* dos (as) pesquisadores (as) de interesse.

Logo, após a realização do desvio padrão dos 541 pesquisadores e suas respectivas publicações, aplicou-se a ferramenta *índice-h* nos 541 nomes encontrados. O objetivo destas investigações era de observar e analisar os nomes que apresentavam maior impacto no campo científico geográfico brasileiro. Assim, após as coletas dos *índices-h* novamente foi realizado um segundo desvio padrão destas informações com a intenção de filtrar os dados e obter realmente os nomes daqueles que destoavam no limite superior no campo geográfico.

Diante da análise, os dados apresentaram o seguinte comportamento, dos 333 homens que haviam sobressaído no primeiro desvio padrão realizado, com a segunda análise (a partir do *índice-h*) obtive o número de apenas 29 homens que realmente mantêm maior influência no campo científico geográfico brasileiro, logo das 208 mulheres, apenas 23 mantiveram maior impacto no campo, evidenciando desta forma um grupo de 52 pesquisadores (as) expoentes na construção do pensamento científico geográfico brasileiro.

Ressalto que as informações foram obtidas a partir de dados estatísticos e não de uma escolha particular, pois o desvio padrão realizado indicou que os nomes selecionados seriam aqueles que possuísem um *índice-h* 11 para cima referente as mulheres e o *índice-h* 14 para cima referente aos homens. Destaco que visivelmente há uma diferença no *índice-h*¹⁰ entre mulheres e homens e justifico tal colocação devido ao número de publicações encontradas no universo feminino e masculino.

Evidencio que muitos nomes de importância para a construção do saber geográfico encontravam-se na planilha construída, todavia os mesmos não enquadravam no recorte apresentado pelo desvio padrão. Demostro também que a busca da análise no *índice-h* dos (as) pesquisadores (as) ocorreu na data de 12 de

¹⁰ Índice-h = ou > 11 para mulheres e Índice-h = ou > 14 para homens

julho de 2017, os quais tenho a imagem referente as buscas realizadas¹¹ e seus respectivos índices de impacto.

Após este trabalho realizado o último passo para a aproximação com o grupo, foram os e-mails enviados em busca de um agendamento de entrevista com as pessoas do grupo selecionado, com o intuito de entrevistá-los e compreender as trajetórias de vida e acadêmica, dessas pessoas centrais na construção do pensamento científico geográfico brasileiro. A forma de tratamento das falas das pessoas que colaboraram com a pesquisa será explorada logo adiante, na segunda seção.

Após a coleta de dados e análise dos mesmos, surgiram os nomes dos (das) pesquisadores (as) centrais na produção do conhecimento científico geográfico brasileiro. Observa-se que o recorte de grupo foi analisado a partir de um universo de 9.496 pesquisadores (as), onde apenas 52 pessoas destacaram-se em relação a um significativo impacto no campo científico geográfico.

A tabela abaixo evidencia os nomes que ultrapassaram o desvio padrão em relação a produtividade e ao fator de impacto que estes têm no campo científico, considerados assim, expoentes no pensamento científico geográfico brasileiro.

QUADRO 1 - Grupo das 52 pessoas centrais na construção do pensamento científico geográfico brasileiro e suas respectivas instituições¹²

(continua)

PESQUISADOR (A)	INSTITUIÇÃO
1. Aldo Paviani	UnB
2. Amélia Luisa Damiani	USP
3. Ana Fani Alessandri Carlos	USP
4. Antonio José Teixeira Guerra	UFRJ
5. Antonio Thomaz Junior	UNESP PP ¹³
6. Ariovaldo Umbelino De Oliveira	USP
7. Arlete Moysés Rodrigues	UNICAMP
8. Armen Mamigonian	UFSC
9. Bernardo Mançano Fernandes	UNESP PP
10. Carlos A. De Figueiredo Monteiro	UNICAMP
11. Carlos Walter Porto Gonçalves	UFF

¹¹ As imagens da busca referente ao índice-h dos (as) pesquisadores (as) podem ser visualizados em Anexo D

¹² Dados coletados no dia 12 de julho de 2017

¹³ UNESP PRESIDENTE PRUDENTE

QUADRO 1 - Grupo das 52 pessoas centrais na construção do pensamento científico geográfico brasileiro e suas respectivas instituições

(continuação)

12. Denise Elias	UECE
13. Dirce Maria Antunes Suertegaray	UFRGS
14. Eduardo Marandola Junior	UNICAMP
15. Eliseu Savério Sposito	UNESP PP
16. Ester Limonad	UFF
17. Eustógio Wanderley C. Dantas	UFC
18. Fany Rachel Davidovich	IBGE
19. Francisco De Assis Mendonça	UFPR
20. Helena Copetti Callai	UNIJUI
21. Hervé Théry	USP
22. Iná Elias De Castro	UFRJ
23. João Lima Sant'anna Neto	UNESP PP
24. José William Vesentini	USP
25. Jurandyr Luciano Sanches Ross	USP
26. Lana De Souza Cavalcanti	UFG
27. Manuel Correia De Andrade	USP
28. Marcello Martinelli	USP
29. Marcelo Lopes De Souza	UFRJ
30. Marcos Aurélio Saquet	UNIOESTE FB ¹⁴
31. Margarete C. De C. T. Amorim	UNESP PP
32. Maria Encarnação Sposito	UNESP PP
33. Maria Geralda De Almeida	UFG
34. Maria Laura Silveira	USP
35. Marta Inez Medeiros Marques	USP
36. Michelle Simões Reibota	UNIFEI
37. Nídia Nacib Pontuschka	USP
38. Olga Lucia C. De. Firkowski	UFPR
39. Osmar Abílio De Carvalho Junior	UnB
40. Paulo César Da Costa Gomes	UFRJ
41. Richarde Marques Da Silva	UFPB
42. Roberto Lobato Corrêa	UFRJ
43. Rogério Haesbaert Da Costa	UFF
44. Ruy Moreira	UFF
45. Salete Kozel Teixeira	UFPR

¹⁴ UNIOESTE FRANCISCO BELTRÃO - PR

QUADRO 1 - Grupo das 52 pessoas centrais na construção do pensamento científico geográfico brasileiro e suas respectivas instituições

(conclusão)

46. Sandra Lencioni	USP
47. Wagner Costa Ribeiro	USP
48. Zeny Rosendahl	UERJ
49. Bertha K. Becker (<i>In Memoriam</i>)	UFRJ
50. Joseli Maria Silva¹⁵	UEPG
51. Milton Santos (<i>In Memoriam</i>)	USP
52. Paul Claval (<i>Estrangeiro</i>)	USP

Fonte: Observatório da Produção Geográfica Brasileira.

Nota: Organizado pela autora, 2017

Nota-se que destas 52 pessoas, duas são falecidas, uma é estrangeira e a outra é a orientadora desta tese, a qual não quis fazer parte do recorte de grupo, posicionando se enquanto antiética se fizesse parte das entrevistas, desta forma seu nome infelizmente foi retirado do recorte das pessoas entrevistadas.

Enquanto pesquisadora, mulher e construtora do conhecimento científico geográfico, não poderia invisibilizar este fato, pois a professora doutora Joseli Maria Silva¹⁶ tem uma notável relevância no campo científico geográfico brasileiro, principalmente em subverter o fazer científico referente as temáticas ‘padronizadas’ pela ciência geográfica. Desde 2011 a professora é representante do Brasil na União Geográfica Internacional (UGI) – Seção Gênero e desde 2010 é membro da Comissão de Coordenação da Rede Ibero - Latino-americana de Geografia Gênero.

Todas essas alianças desenvolvidas pela pesquisadora possibilitam que as redes dos grupos que desenvolvem pesquisas sobre gênero e sexualidades se fortaleçam. Segundo Monk (2011) o fortalecimento dos grupos de pesquisas nas universidades possibilita inovações, as quais começam a se desenvolver nas margens e não mais nos centros hegemônicos do conhecimento.

Como já havia sido destacado em Bell (2011) a construção histórico-geográfica se consolidou de forma estrutural nas instituições de ensino. Corroborando com as ideias do autor, segundo Sousa Santos, Meneses e Arriscado (2005), há uma

¹⁵ A professora é orientadora da tese e não aceitou participar do grupo entrevistado, que segundo a mesma deveria ser mantida a ética científica.

¹⁶ Currículo Lattes. Disponível em <

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4708694T6>> Acesso em 01 de setembro de 2017

necessidade da abertura epistêmica, pois somente assim conseguiriam tornar visíveis campos dos saberes que a ciência neutralizou e ocultou ao longo do tempo.

Logo esse campo dos saberes negligenciados pelo conhecimento científico geográfico brasileiro, destacando as temáticas de gênero e sexualidades, vem sendo explorados e discutidos por Joseli Maria Silva, sendo esta uma das geógrafas brasileiras que vem rompendo com as regras impostas pelo 'jogo' científico. As discussões relacionadas as temáticas nunca foram aceitas sem julgamentos pelos produtores (as) do conhecimento geográfico, e a pesquisadora em sua resistência permanece trabalhando e dando visibilidades a grupos que por décadas foram esquecidos pelo conhecimento científico no todo, e neste caso, o foco está sendo direcionando à ciência geográfica.

Segundo Cesar (2015) a produção científica geográfica brasileira realizada nos centros tradicionais avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como centros de excelência, visivelmente não são receptivos ao campo feminista, o novo conhecimento está sendo produzido em universidades 'menores' e localizadas nas margens. Assim, perante a necessidade da abertura epistêmica no campo científico e diante da luta referente as discussões feministas e de sexualidades no Brasil, a pesquisadora Joseli Maria Silva, deveria estar presente enquanto pesquisada no recorte relativo às pessoas centrais na produção do conhecimento geográfico brasileiro¹⁷. Em respeito ao posicionamento da professora em não participar da tese, seu nome recebeu apenas um breve destaque, devido a minha insistência.

Em continuidade com a pesquisa realizada e com o recorte selecionado, houve a proximidade com o grupo em questão, no caso os professores (as) centrais na construção do pensamento geográfico brasileiro.

Por conseguinte, meu contato com o grupo, em um primeiro momento causou me um certo espanto e até mesmo insegurança de como abordá-los para solicitar uma entrevista a qual teve por roteiro suas trajetórias acadêmicas e as relações de gênero

¹⁷ Contudo, neste momento deixa-se claro que há outras pesquisadoras (es) que estão trabalhando com as temáticas de gênero e sexualidades na Geografia brasileira, entretanto as mesmas não entraram no recorte de grupo (a metodologia da pesquisa deixa claro quais foram os critérios utilizados para a construção do grupo pesquisado). O nome da professora Joseli Maria Silva teve um breve destaque na tese, pois a professora não quis participar do grupo entrevistado. Todavia não achei correto invisibilizar todo trabalho que a professora vem construindo, o qual vem abrindo novos caminhos epistemológicos para Geografia brasileira. Desta forma, usei de minha autonomia para destacar a importância desta pesquisadora na construção do pensamento geográfico brasileiro, principalmente nas Geografias Feministas e *de sexualidades* no Brasil.

presentes no espaço acadêmico ao longo de sua trajetória científica.

Este primeiro contato pode ser elucidado pelas reflexões de Scherre (2015) ao que autora apresenta a seguinte colocação:

A concepção do pesquisador sobre a relação sujeito-objeto orienta a sua interação com o seu objeto de pesquisa e por consequência orienta o método de sua investigação que representa como, quando e de que forma ele interagirá, se aproximará, ou melhor, pesquisará seu objeto de estudo. (SCHERRE, 2015.p. 268)

Neste primeiro momento os papéis foram invertidos, pois os pesquisadores (as) não estavam pesquisando seus fenômenos e sim estavam sendo observados e ouvidos enquanto o fenômeno de estudo. Enquanto pesquisadora, o meu maior estranhamento foi compreender e romper com a ideia de que essas pessoas são de carne e osso e não seres intocáveis como eu pensava ser.

Essas observações foram explanadas por Scherre (2015, p.267) onde a autora apresenta que “a partir da mudança de visão sobre a relação sujeito-objeto, antes, totalmente desvinculados e separados, deu-se também a transformação gradativa dos pressupostos da ciência moderna.”

Desta forma, é claramente compreensível meu estranhamento diante dos (as) pesquisados (as), pois durante décadas o processo científico apresentou o pesquisador (a) como algo separado do objeto de estudo, tratando-os de maneira diferenciada e totalmente fragmentadas.

Ainda nas argumentações de Scherre (2015) esse processo pode ser assimilado, da seguinte maneira:

Tais mudanças de visão passaram a constituir uma relação de integração, interdependência e inseparabilidade entre sujeito e objeto. Esta relação se dá com base na Complexidade e na Transdisciplinaridade, perspectivas que seguiram abrindo caminho para o desenvolvimento do Pensamento complexo na pesquisa e na formação. Esse pensamento possui, como um de seus princípios, a reintrodução do sujeito cognoscente em todo processo que envolve construção de conhecimento. Da abertura para a religação entre sujeito e objeto e a visão complexa e transdisciplinar da ciência, do conhecimento e da formação, abrem-se também possibilidades de compreensão da formação docente como espaço de (trans)formação e de integração entre hetero, eco e autoformação (movimento tripolar de formação). (SCHERRE, 2015. p 267)

Com os pensamentos apresentados, torna-se plausível refletir que este estranhamento esteve presente, pois durante anos na vida acadêmica (graduação, mestrado e doutorado), nos foram e são apresentados livros e artigos referentes a

esses pesquisadores (as), os quais muitas vezes são abordados e apresentados enquanto pessoas incontestáveis, ao que diz respeito ao seu fazer científico teórico-metodológico. O que a academia nunca apresentou é que essas pessoas foram e são importantes para o fazer científico, são pessoas como nós e que vivem suas vidas como todos. Eles não se encontram em cúpulas inacessíveis, são pessoas / pesquisadores (as) que escolheram trilhar o campo científico/intelectual e produzem pesquisas sobre diversas temáticas.

As reflexões apresentadas remetem a um primeiro momento de angústias e ansiedade, pois neste instante da tese houve a necessidade de contato com o outro, que por vezes foi idealizado (a) por mim enquanto uma pessoa extraordinária, intocável e inacessível. Ao me deparar com o grupo tive a agradável surpresa em ser muito bem recebida por todos (as) e para minha alegria poder chamá-los de colegas e ter apoio dos mesmos.

Este sentimento de estranheza não foi apenas sentido por mim, ele também pode ser observado nos docentes que aceitaram oferecer a entrevista. Ao serem contatados para uma possível entrevista referente ao impacto de suas obras no campo científico geográfico brasileiro, muito receberam a notícia com assombro e fascínio. Neste momento os professores (as) seriam o objeto de estudo de alguma pesquisa e não teorizariam sobre algum fenômeno.

Este estranhamento sentido por ambas as partes, me traz uma compreensão referente à posicionalidade dos sujeitos. Constantemente, nós pesquisadores (as), mesmo que indiretamente, olhamos nossos objetos de estudo a partir de um certo distanciamento, nossos olhares a eles apresentam um certo limite entre o pesquisador (a) e fenômeno de estudo. Tal reflexão pode ser enrijecida pelos pensamentos de Possas (2012) quando a autora utiliza de dois conceitos para observação da situação destacada, tais como as zonas fronteiriças, as quais segundo a autora foram estabelecidas para direcionar os papéis tradicionais e normativos e o olhar fronteiriço.

Como historiadora da cultura que questiona paradigmas e categorias universalistas invisto na perspectiva de um **“olhar fronteiriço”**, atento as sutis mudanças, as modificações na vida dos sujeitos, muitas vezes imperceptíveis por viverem justamente no “lugar de fronteira”, onde as possibilidades de outros discursos são minimizadas. (POSSAS, 2012. p. 99, grifo nosso)

O estranhamento é visível sobre ser o objeto de estudo e ter os papéis científicos invertidos. Neste momento as posicionalidades dos (as) docentes teve uma

nítida inversão. Esta reflexão pode ser corroborada por Possas (2012), ao que a autora aborda sobre os encontros e desencontros entre o ‘eu’ e o ‘outro’.

Nesse sentido, tomo como recomendação partir de uma abordagem de história que a todo momento reconstrói o vivido; que procura como tarefa de ofício do historiador rever constantemente os conceitos e as categorias de análise vivenciados em outras realidades e temporalidades com ênfase nas experiências cotidianas vividas pelos indivíduos de modo a contemplar as inúmeras possibilidades de reinvenção da vida a partir dos encontros e desencontros entre o “eu” e o “outro” que permitem ultrapassar a construção dos estereótipos que afetam homens e mulheres diante de processos múltiplos de estranhamento e de reinvenção de identidades. (POSSAS, 2012. p.99. grifo nosso)

Essa proximidade com o grupo pesquisado, sendo primeiramente indireta e depois se torna direta, pode ser compreendida a partir do conceito de método etnográfico. A definição do conceito no dicionário pode ser entendida como um estudo descritivo da cultura dos povos e seus mais diversos hábitos e até mesmo em suas manifestações materiais em suas atividades. Indo além a etnografia serve para estudos que visam compreender as tradições de uma sociedade a qual é transmitida de geração para geração. O método etnográfico concentra-se em estudos referentes a grupos e a cultura humana, neste caso o qual observa-se a comunidade acadêmica como um grupo que vivencia a sua própria cultura.

Ao pensar a construção do conhecimento científico, pode-se associar que o mesmo também é ‘passado de geração para geração’, claro que ele acaba por ser alterado ao longo do tempo, principalmente porque há fenômenos que surgem e que não são comportados pelas teorias já existentes necessitando desta maneira a criação de novas teorias. Deixa-se claro que essa ‘geração’ pode ser pensada nos alunos (as) que acabam por construir pensamentos semelhantes aos seus professores (as).

No mais, o conceito do método etnográfico, sendo este estudado pelo campo da antropologia, se encaixa perfeitamente para a pesquisa em questão, pois segundo Benedict (2013, p.15) a trajetória individual de cada ser humano, sempre será adaptada conforme as normas tradicionalmente transmitidas pelo coletivo que o fará de forma geracional. Assim, a partir do momento que o indivíduo está no mundo, ele será cercado de costumes referentes ao espaço vivido que acabará por moldar as suas experiências e condutas.

Logo, o grupo de docentes pesquisados também podem ser contemplados na análise apresentada, pois segundo Fino (2008) embasado nas reflexões de Spradley (1979) a etnografia pode ser entendida enquanto uma forma de descrição de uma

cultura desde um grupo tribal ou até mesmo uma turma de colegial, pois será o trabalho realizado pelo (a) pesquisador (a) etnográfico que trará a compreensão da maneira de viver variando do grupo e cultura de cada grupo estudado.

Ainda para Fino (2008) esse contato com o grupo estudado deve ser analisado complexamente, devido à vivência de cada indivíduo que compõe esse coletivo.

Que outra maneira, que não a de sondar directamente a complexa realidade social que constitui uma turma, por exemplo, será mais adequada para compreender esses pontos de vista dos seus nativos – alunos e professores – e poder descrever e interpretar as suas práticas, localizá-las, ou não, na corrente da doxa, entender em que se afastam ou em que medida se integram na ortodoxia vigente? (FINO, 2008. p. 4)

Assim para elucidar as reflexões acima, torna-se coerente as argumentações de Mejía (2006) pois a autora alerta em seus estudos¹⁸ que não há nenhuma investigação que seja neutra. Para Mejía (2006) a etnografia reflexiva está conectada com a cultura como uma dinâmica evolutiva, contestadora e heterogênea.

Como destacado nos parágrafos acima o contato com o grupo em questão em primeiro momento apresentou certa dificuldade, a que se apresentou não pelos (as) agentes produtores (as) de conhecimento, mas por mim que necessitava romper com a ideia de que essas pessoas eram intocáveis e inacessíveis. Para esta afirmação, elucidado com as reflexões de Méjia (2006):

Estos nuevos enfoques rechazan que «emic» y «etic» sean una dicotomía conceptual. Al concebir la distinción emic/etic como un continuum, «introducido» y «forastero» se vuelven dialógicos, desestabilizados y contextuales (Skomal, 1994, p. 4). Introducido y forastero, investigador e investigado, más que oposiciones están deslizándose hacia categorías contextualizadas de distancia y proximidad¹⁹ (Behar, 1994, p. 4). (MEJÍA, 2006. p. 30)

Ao visualizar o processo de contato entre pesquisador (a) e o recorte de grupo, é possível compreender nitidamente a relação do espaço paradoxal discutido por Rose (1993a). Para a autora as pessoas que produzem o espaço ocupam diferentes posições conforme as relações de poder que nele são exercidas. Assim, nesta

¹⁸ Livro Publicado: Transgenerismos: Uma experiência transexual desde la perspectiva antropológica

¹⁹ Tradução: Essas novas abordagens rejeitam que “emic” e “etic” sejam uma dicotomia conceitual. Ao conceber a distinção emic/etic como uma continuidade “introduzido” e o “forasteiro” tornam-se dialógicos, desestabilizados e contextuais (Skomal, 1994, p. 4). Introduzido e forasteiro, pesquisador e pesquisado, mas que oposições estão deslizando entre as categorias contextualizadas de distância e proximidade.

concepção as articulações existentes trarão posicionalidade de centro e margem alternando de acordo com as relações de poder existentes.

Diante das reflexões apresentadas e discutidas, fica claro como o campo científico é regulado a partir de normas estabelecidas. O fazer científico pode ser visualizado enquanto um tabuleiro, o qual é repleto de regras a serem seguidas, para um possível êxito nas 'jogadas' realizadas. Nota-se que ao longo do tempo foi esquecido que é que a ciência não é obra do mero acaso, ela é construída e pensada por pessoas individuais que trazem consigo suas especificidades, essas que moldarão o seu pensar e prática científica. Essas pessoas, direta ou indiretamente, fazem parte desse jogo apresentado e por vezes acabam aceitando suas regras para a sua sobrevivência no campo científico.

Uma dessas regras apresentadas pelo campo científico, relaciona-se as relações de gênero presentes na estrutura acadêmica, sendo que tal relação acaba por modelar e hierarquizar a estrutura acadêmico-científica.

Há notórias diferenças entre o universo feminino/masculino e essas diferenças são identificadas tanto no espaço público, quanto no privado. A ciência ao longo do tempo negligenciou que os corpos construtores do conhecimento científico vivem concomitantemente os diversos espaços e que as relações generificadas/hierarquizadas ocorrem de forma simultânea. Portanto é obvio que o fazer científico teorizado por estes pesquisadores (as) será repleto de seus estigmas e vivências.

A ciência geográfica, assim como algumas outras ciências, construiu o seu fazer científico diante de uma visão masculina e desta forma legitimou determinadas estruturas que perduram na atualidade. Uma exemplificação para argumentação apresentada, direciona-se aos cargos de chefia, estas posições denotam relações de poder as quais são majoritariamente lideradas por corpos masculinos. Segundo Cesar (2015) há uma demasiada diferença entre homens e mulheres presentes na estrutura acadêmica, essa disparidade pode ser visualizada nitidamente na distribuição do corpo docente, nas publicações científicas, nos corpos editoriais de periódicos *on-line* e até mesmo na coordenação dos cursos de pós-graduação em Geografia.

O campo científico geográfico, assim como os outros campos de conhecimento, apresenta-se enquanto um espaço masculinizado e composto por visões hierárquicas de organização. Percebe-se que há uma visível diferença entre o universo feminino e

masculino, fato que pode ser observado a partir de uma sociedade machista e elitizada.

Essa mesma reflexão pode ser confirmada pelas ideias das autoras de Narvaz e Koller (2006), que argumentam sobre a imprescindibilidade em reconhecer as diferenças entre o universo masculino e feminino.

As universidades e os centros de pesquisa são espaços masculinizados como evidencia Silva (2009a), apontando que as mulheres geógrafas brasileiras, mesmo participando ativamente da produção científica geográfica no Brasil, ainda não alcançam o mérito da produção científica masculina.

A construção do pensamento geográfico brasileiro vem sendo praticada ao longo do tempo por homens e mulheres que se dedicam ao fazer científico e a construção do pensamento teórico epistemológico. Muitos (as) desses (as) pesquisadores (as) tiveram por espanto e regozijo em serem considerados (as) expoentes na construção epistemológica do conhecimento geográfico brasileiro. Para muitos dos pesquisadores (as) tal situação foi reconhecida como imensa satisfação, pois suas pesquisas estão sendo visibilizadas e trabalhadas pela comunidade científica. Outro fator de relevância se fez ao sobressalto dos entrevistados (as) em serem as pessoas observadas e não os observadores. As falas denotadas pelo grupo, apresentaram que durante o fazer científico esses agentes construtores (as) do conhecimento, nunca haviam refletido sobre como era estar do 'outro lado' da pesquisa acadêmica.

Como visto em Bell (2011) o corpo apresenta uma materialidade, a qual será constituída pelo discurso, assim como o espaço. Essa materialidade apresenta toda a força do discurso heteronormativo e ela pode apresentar fissuras as quais possibilitam manifestações de subversão das normas estabelecidas.

Assim, evidencia-se que os corpos praticantes da construção científica não são corpos neutros na construção do conhecimento científico, pois estas pessoas vivenciam múltiplas espacialidades e relações sociais, que direcionarão o seu fazer científico e as suas pesquisas científicas. Destaca-se que essas espacialidades vividas apresentam normas a serem seguidas, e não diferente das demais espacialidades, encontra-se o espaço acadêmico o qual é repleto de regras estabelecidas por seus dominantes.

Após a construção deste objeto de pesquisa, surgiram questões referentes a posicionalidade dos sujeitos participantes no processo de investigação e a reflexões

que acompanham a construção do fazer científico geográfico brasileiro. Em reflexão sobre a epistemologia da Geografia, denota-se que o fazer científico é construído de diversas maneiras possíveis, sendo estas compostas pelas ações e experiência de seus construtores (as), o fazer geográfico desta forma, pode corresponder entre a relação sujeito com o seu objeto e à pessoa que está investigando o grupo investigado.

Logo, após a realização do trabalho de campo o qual é sustentação para a presente pesquisa, inicia-se a construção de uma metodologia da pesquisa enquanto elemento do processo de construção do objeto de estudo. A metodologia utilizada permitiu a análise de conteúdo da narrativa do grupo entrevistado a qual passou por uma rigorosa transcrição das falas. Assim, a próxima seção deste capítulo apresentará as barreiras metodológicas encontradas e os processos para a realização das análises quantitativas e qualitativas dos dados.

1.2 A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

Após a construção da amostra do grupo referente às pessoas de maior impacto no campo científico geográfico brasileiro, o próximo passo foi a elaboração do roteiro de entrevista²⁰, o qual serviu de fio condutor das entrevistas gravadas. Destarte, essas entrevistas gravadas foram transcritas para futura análise de conteúdo e a dissolução das mesmas possibilitou a configuração de redes semânticas.

Evidencio, que como comentado previamente os nomes dos (as) docentes foram mantidos em anonimato e por este motivo criei nomenclaturas fictícias para os (as) entrevistados (as). Para nomear esses (as) docentes foram escolhidos nomes de montanhas para representá-los, e assim, desta forma eu conseguiria fazer uma menção a ciência geográfica e as suas múltiplas configurações socioespaciais. Essa referência foi construída imaginando que assim como as montanhas se formam e impactam o meio em que estão, há também diversos conhecimentos sendo produzidos e impactando a ciência geográfica.

Sobre o roteiro de perguntas construído, este teve como estrutura quatro eixos principais, onde o primeiro foi voltado para a identificação dos pesquisados (as) (Sensação de ser o fenômeno pesquisa, tempo na academia, instituição/local, ano da titulação, área de pesquisa, idade, cônjuge e filhos). O segundo momento foi

²⁰ O roteiro de entrevista encontra-se no Anexo A

direcionado para as perguntas referentes ao histórico familiar e a relação com a Geografia (ocupação dos pais, ingresso no ensino superior, escolha da Geografia, dificuldades e facilidades na trajetória de vida). O terceiro momento foi direcionado para as perguntas de formação acadêmica e atuação científica (pós-graduação, demandas profissionais, produtividade e se o seu gênero havia influenciado em suas carreiras científicas). Já a última questão apresentada aos docentes, teve como suporte uma pergunta relacionada as condições de produção científica e gênero.

Esta última questão expôs a necessidade de apresentar aos docentes alguns dados referentes a estrutura da pós-graduação brasileira e informações sobre as publicações de artigos científicos na Geografia, pois o intuito deste momento era que eles fizessem as análises referentes as figuras apresentadas. Para a elaboração destas informações efetuei um levantamento de dados direto da plataforma *on-line* Sucupira²¹, visando observar a quantidade de docentes e discentes (mestrado e doutorado) nos cursos *stricto sensu* em 60 universidades com pós-graduação em Geografia. Adiante, também realizei uma análise nos 17.636 artigos referente as publicações construídas por homens e mulheres nos cinco²² estratos utilizados na pesquisa.

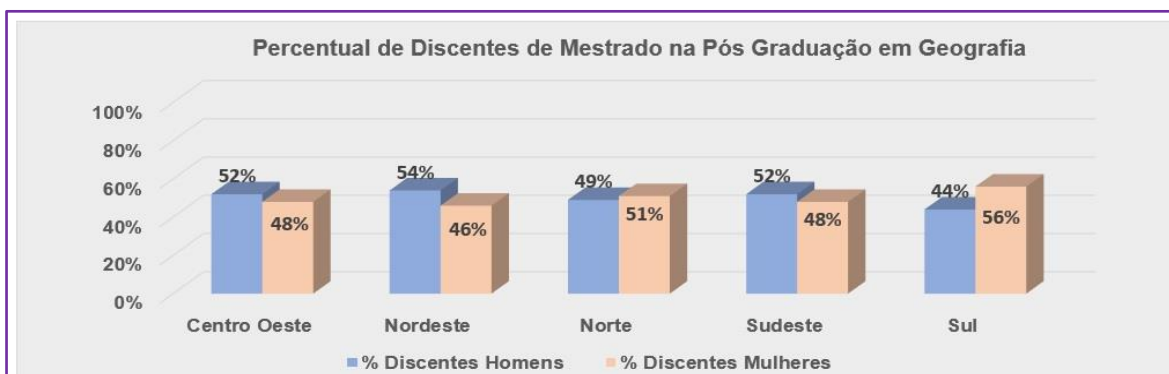
A utilização destas figuras foi pertinente no último momento da entrevista que teve como indagação a seguinte colocação: *‘Com base nos gráficos apresentados sobre gênero e pós-graduação realize uma avaliação sobre os dados apresentados’*²³. Desta forma iniciei a entrega das imagens sobre corpo discente (mestrado e doutorado) a seguir apresentei os dados do corpo docente e por último a imagem referente a produção acadêmica de homens e mulheres na Geografia brasileira. As figuras utilizadas podem ser visualizadas a seguir:

²¹ Plataforma Sucupira - Gerenciada pelo governo federal e alimentada pelos próprios programas de pós-graduação. Disponível em < <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>> Acesso em 13 de julho de 2017.

²² Estratos utilizados - A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5

²³ Os gráficos utilizados nas entrevistas encontram-se em Anexo C.

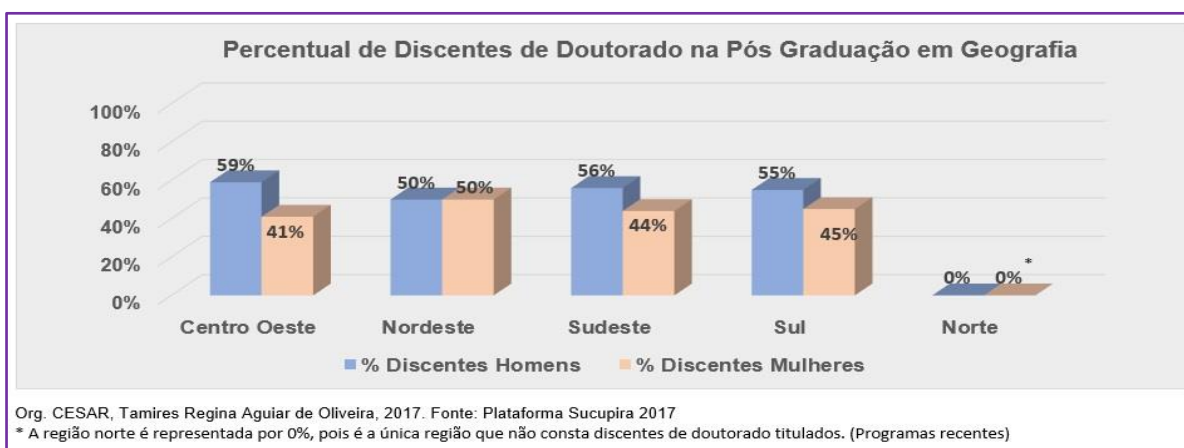
FIGURA 1 - Discentes de mestrado em 60 programas de pós-graduação em Geografia



Fonte: Plataforma Sucupira, 2017

Nota: Dados trabalhados pela autora

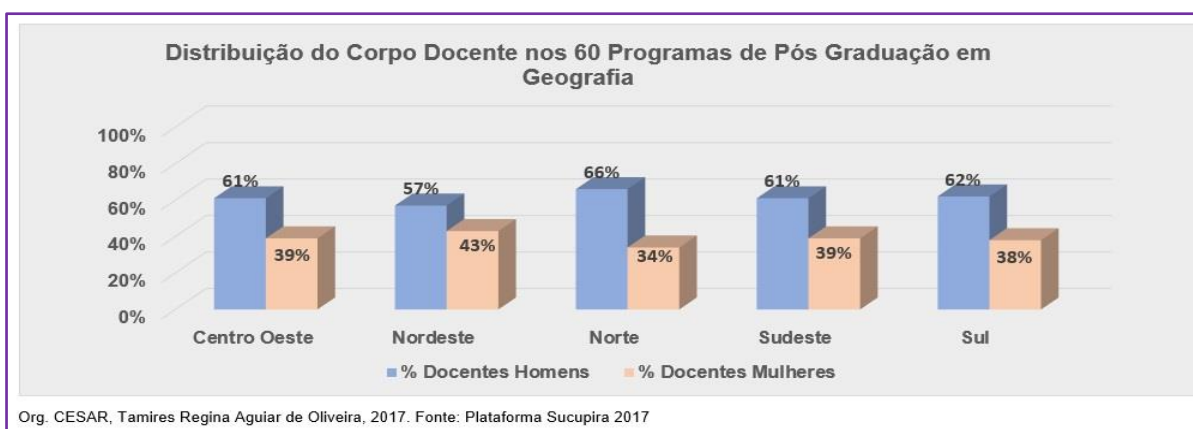
FIGURA 2 - Discentes de doutorado em 60 programas de pós-graduação em Geografia



Fonte: Plataforma Sucupira, 2017

Nota: Dados trabalhados pela autora

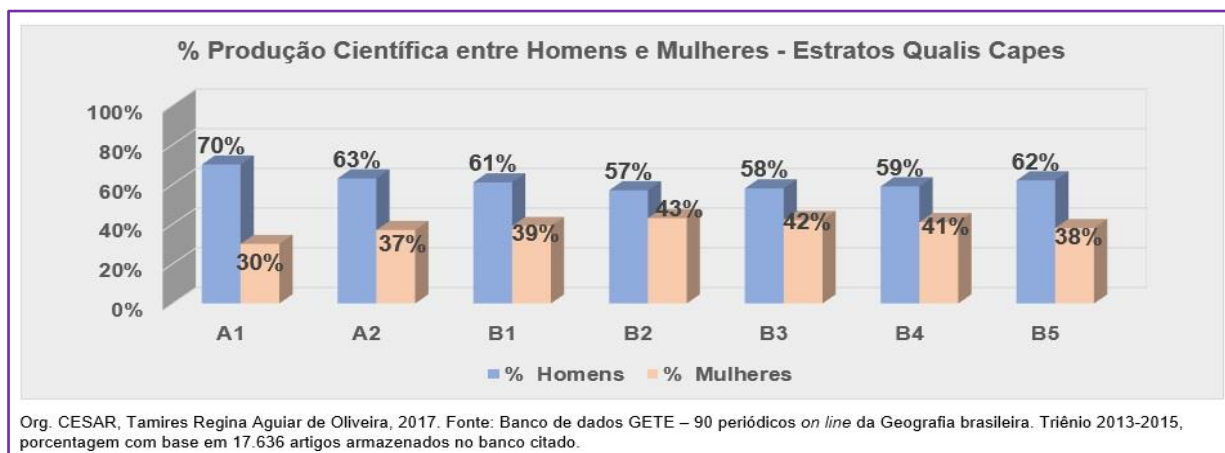
FIGURA 3 - Corpo docente dos 60 programas de pós-graduação em Geografia



Fonte: Plataforma Sucupira, 2017

Nota: Dados trabalhados pela autora

FIGURA 4 - Produção científica entre homens e mulheres nos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5



Fonte: Plataforma Sucupira, 2017

Nota: Dados trabalhados pela autora

Remeto a importância deste momento, pois ao pedir que os (as) docentes iniciassem uma avaliação sobre os dados apresentados, muitos deles (as) apresentaram diversas expressões faciais com o que viam, sendo que essas manifestações serão apresentadas no capítulo 4, quando irei discutir as redes semânticas construídas a partir dos discursos dos (as) docentes.

Segundo Medina Filho (2013) o uso das novas tecnologias de informática e comunicação, possibilitam a ampliação das possibilidades de comunicação de informação compartilhada. Desta forma, as observações do autor e o uso dos gráficos enquanto figuras/imagens nesta pesquisa, permitiram aos entrevistados (as) que eles (as) construíssem a sua própria conclusão da atual configuração na Geografia brasileira.

A utilização das imagens para uma análise qualitativa enquadra-se claramente nas discussões realizadas por Rose (2007) em seu livro '*Visual methodologies: an Introduction to the Interpretation of visual materials*'²⁴ quando a autora argumenta sobre a necessidade de nós pesquisadores (as) sociais, estarmos abertos a compreender e interpretar as imagens, pois na modernidade devemos nos atentar aos diversos meios existentes.

Em uma resenha construída a partir do livro citado, Silva (2012, p.179) expõe uma das argumentações de Rose (2007) tais como 'Os métodos empregados

²⁴ Metodologias visuais: uma introdução à interpretação de materiais visuais

dependem sempre do foco de análise do pesquisador, não havendo assim, a priori, uma posição ou modalidade melhor do que a outra na abordagem de qualquer imagem'. Assim, refletindo sobre o uso de imagens em uma pesquisa qualitativa, os pensamentos de Medina Filho (2013, p.267) denotam que 'a imagem pode fortemente nos auxiliar a conhecer as representações sociais porque nos permite ir além de seus conteúdos ativados e expressos de forma verbal'.

Desta forma, o uso de imagens, mais as análises das entrevistas e a construção das redes semânticas, permitiram uma análise completa das sobre as relações dos docentes tanto no seu meio profissional como pessoal, marcando assim os principais elementos de suas trajetórias de vida

Compreendo que a metodologia utilizada permitiu observar a pesquisa de forma global, pois todos os procedimentos utilizados importantes para as análises qualitativas das falas. Assim, se fez pertinente a utilização da análise de conteúdo, que especificamente envolve as frequências e as relações entre as palavras significativas que se apresentam nas falas dos entrevistados (as). Essa frequência e a relação com as palavras possibilitaram a definição de categorias de análises diante das mais diversas redes que se formaram destacando desta maneira, os principais discursos dos (as) entrevistados (as).

Neste momento a centralidade se faz presente nos discursos criados, pois ao considerar os diversos espaços vividos e produzidos por esses (as) docentes, a construção da linguagem é um componente que estabelecem significado e significâncias, pois estes produzem sentido ao universo em que estão.

Ao pensar a linguagem enquanto um campo que estabelece relações de poder, e até mesmo de identidade, Butler (2004) apresenta em suas reflexões que essa relação entre poder, linguagem e identidade, possui um processo que traz aos sujeitos a oportunidade de existência social para os mesmos. A autora ainda argumenta que a linguagem pode ser compreendida enquanto um dispositivo de poder, que direciona o posicionamento dos sujeitos e suas identidades, onde esse discurso elaborado também pode criar estigmas e opressões.

Desta maneira, torna-se pertinente a análise de conteúdo das entrevistas, pois o discurso de autoridade nas linguagens, também pode ser observado na construção da produção científica. Logo, para não surgir generalizações, a pesquisa requisitou da utilização de técnicas que possibilitassem a sistematização e análise de conteúdo do grupo entrevistado.

As explicações de Bardin (1977) abordam como a utilização dos instrumentos de investigação podem diminuir a intuição do pesquisador sobre o objeto de estudo, ou até mesmo uma leitura reducionista e do senso comum da realidade. A autora ainda argumenta que ao utilizar a análise de conteúdo, esta ultrapassa as dubiedades e potencializa as interpretações acerca do grupo pesquisado.

Assim, Bardin (1977) apresenta a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977. p. 42)

Os pensamentos de Bardin (1977) atribuem a análise de conteúdo uma função heurística, a qual possibilita as descobertas, tendo por função provar e averiguar das hipóteses e suas confirmações. Assim, torna-se necessário entender diferenças fundamentais entre a linguística e a análise de conteúdo. Ainda para Bardin (1997, p.44) “a linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens”.

Em busca de evidenciar as diversas realidades encontradas nas falas transcritas do grupo pesquisado, torna-se relevante o discernimento sobre a semântica das palavras. Assim, segundo Bardin (1977 p.44) ‘a semântica é o estudo do sentido das unidades linguísticas, funcionando, portanto, com o material principal da análise de conteúdo: os significados’.

Compreendendo a metodologia na qualidade de um processo significativo à construção do objeto de estudo e da sistematização dos dados da pesquisa, se fez necessário ferramentas informacionais que possibilitassem as análises das palavras descritas nas transcrições.

Essas análises deveriam apresentar intensidade das palavras e relação entre as mesmas, pois o volume de falas analisadas apresentava um universo de 16 pessoas entrevistadas (sendo 7 homens e 9 mulheres), 16 transcrições, 196 páginas e em torno de 70 mil palavras. Desta forma, diante de muitas informações, se fez pertinente o uso dos *softwares* livres destacados no início desta tese como o *LibreOffice*, *Open Refine*, *Google Refine Gephi* e *RQDA*.

Devido a participação no Grupo de Estudos Territoriais (GETE) e a busca pelo avanço científico teórico-metodológico, ao invés da utilização de métodos

convencionais de análises de conteúdo através de enunciados e evocações encontradas nas transcrições realizadas, para esta pesquisa a metodologia utilizada se fez pertinente ao uso de ferramentas computacionais de acesso livre que possibilitasse a apresentação das falas em formas de gráficos de redes.

As ferramentas comentadas estão sendo trabalhadas em diversos trabalhos produzidos pelos pesquisadores (as) do GETE, com o auxílio e coordenação do historiador Edson Armando Silva²⁵. As reflexões deste pesquisador foram pensadas juntamente com Joseli Maria Silva, dando origem ao artigo 'Ofício, Engenho e Arte: Inspiração e Técnica na Análise de Dados Qualitativos', publicado na Revista Latino-americana de Geografia e Gênero no ano de 2016.

Segundo Silva e Silva (2016) se um pesquisador (a) vai ao encontro com seu fenômeno estudado com um roteiro estabelecido, mesmo que ele/ela tome todos os cuidados necessários na pesquisa e em sua elaboração, os resultados do campo serão variáveis previstas no instrumento. Ainda para os autores:

Entrevistas abertas, histórias de vida, observações participantes podem revelar aspectos impensados da realidade. Desta maneira, a pesquisa e o pesquisador se abrem ao radicalmente novo em termos de visões de mundo ou de categorias interpretativas da realidade. Entretanto, esta perspectiva aumenta a complexidade da pesquisa e exige procedimentos operacionais mais refinados na análise e interpretação dos dados. (SILVA; SILVA, 2016, p. 133).

Assim sendo, com a metodologia destacada o GETE se preocupou em realizar bons trabalhos que empregassem o uso destas ferramentas em questão. O resultado se fez presente em diversos trabalhos publicados, tais como a tese de Juliana Przybysz (2017) 'Nem santas nem putas, apenas mulheres: Espacialidades de mulheres prostitutas de baixa renda no exercício de maternagens em Ponta Grossa-PR'; a tese de Rodrigo Rossi (2017) 'Espacialidades carcerária e a instituição de masculinidades entre homens jovens egressos em Ponta Grossa, Paraná'; a dissertação de Vagner André Moraes Pinto (2017) 'Gênero e vivência cotidiana na instituição do espaço na produção científica geográfica Paranaense'; a dissertação de João Paulo Leandro Almeida (2017) 'Na Minha Época as Meninas estavam no Comando': A Constituição de Feminilidades na Escola de Guardas Mirins 'Tenente Antônio João', na Cidade de Ponta Grossa, Paraná'; e a dissertação de Mayã Polo de

²⁵ Docente na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no departamento de História. Disponível em < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4773919U1> > Acesso em 09 de agosto de 2017.

Campos (2016) 'Mulheres vítimas de violência sexual e os significados de suas experiências corporais e espaciais: teu corpo é o espaço mais teu possível'.

Mesmo que as pesquisas busquem evidenciar a realidade dos fenômenos estudados, infelizmente os mesmos não são expressos em sua totalidade. Logo, torna-se necessário uma análise criteriosa e cuidadosa dessa aproximação pesquisador (a) / objeto de estudo e por este motivo, a metodologia utilizada para as análises dos dados deve ser realizada de maneira ponderada e fundamentada para não correr o risco de invisibilizar dados.

O uso dessas ferramentas utilizadas pelo grupo de pesquisa (GETE) se faz adequada por dois motivos principais, o primeiro é o acesso aos diversos *softwares* livres que proporcionam melhor qualidade nas análises dos trabalhos e o acesso a essa informação e sistematização dos dados de maneira gratuita e de qualidade, e o segundo motivo é pertinente a melhor compreensão dessas análises as quais apresentam tantos dados numéricos, escritos, quanto visual.

As reflexões apresentadas por Silva e Silva (2016) denotam a importância do uso de ferramentas informacionais livres, as quais possibilitam benefícios em análises qualitativas, pois para os autores elas permitem o entendimento das tendências apresentadas nos documentos trabalhados e reduzem a interferência manual do pesquisador, possibilitando desta forma um aumento na produtividade e na prática da reflexão.

Com a utilização dos *softwares* livres, estes permitem uma articulação entre os procedimentos quanti/qualitativos os quais possibilitam a ampliação na investigação de um documento ou das transcrições das entrevistas, considerando-se necessária a análise de conteúdo.

A metodologia utilizada para a tese apresenta a possibilidade de diversas análises qualitativas e uma delas é a construção de redes ou grafos. Diante dos trabalhos desenvolvidos pelos (as) pesquisadores (as) do GETE referente a metodologia de redes discursivas, Rossi (2017) apresenta a seguinte configuração:

Os Grafos são formados por 'nós', que no caso em estudo, são as palavras mais significativas dentro do corpo discursivo e, pelas 'arestas', representadas pelas frases que ligam as palavras umas às outras. A rede resulta, portanto, de uma relação binária compreendida enquanto 'aresta' e definida pela conexão entre dois 'nós' (ROSSI, 2017, p.59).

Diante da organização das redes, torna-se não apenas compreensível como também visual o entendimento das construções das falas e seus respectivos direcionamentos. Nas reflexões de Silva e Silva (2016) ao visualizar a frase como uma unidade onde ocorrem conexões, seria a forma mais coerente em analisar uma estrutura que se mantém enquanto discurso.

Após análises dos dados quantitativos e o início das investigações qualitativas, preliminarmente os dados precisaram ser preparados no *LibreOffice* (*Write* e *Calc*), com o intuito de distinguir as palavras iguais em morfologia e que tivessem significações diferenciadas.

Nas teses de Rossi (2017) e Przybysz (2017), os pesquisadores utilizaram do exercício de ‘desambiguação’ das palavras, sendo este um processo de filtro das palavras que apresentam a mesma morfologia, carregado de ambiguidades de significados, pois vale ressaltar que o grupo pesquisado pelos pesquisadores Rossi (2017) ‘espacialidade carcerária, jovens egressos’; e Przybysz (2017) ‘prostitutas’, apresentam uma fala carregada de gírias e palavras ‘próprias’.

Por conseguinte, o grupo entrevistado desta tese foi o de professores (as) universitários os quais mantiveram suas falas de forma culta com vocabulário e sem gírias, assim a utilização da desambiguação só foi utilizada para diferenciar palavras como bolsa (bolsa_estudo) doutorado sanduíche (doutorado_sanduíche).

Adiante, o próximo processo realizado foi destinado para a preparação do texto. O segundo momento das análises, se fez a partir da utilização do comando ‘localizar e substituir’ com o intuito de localizar os ‘pontos’ presentes nos documentos transcritos e substituí-los por ‘ponto e parágrafo’. Este procedimento foi realizado para que cada frase transcrita fosse situada em parágrafos distintos.

Em seguida, o trabalho e o tratamento das falas e a construção das frases seccionadas em parágrafos, o próximo passo se fez na transformação do texto em tabela o qual possuiu duas colunas, uma direcionada a identificação (número) da frase e a outra para a frase propriamente dita.

FIGURA 5 - Entrevistas preparadas e transformadas em tabela (palavra/frequência)

A	B	C	D	E	F	G
1512	1594	1594	f			
1513	1595	1595	f			
1514	1597	1597	f			
1515	1598	1598	f			
1516	1599	1599	f			
1517	1600	1600	f			
1518	1601	1601	f			
1519	1602	1602	f			
1520	1603	1603	f			
1521	1604	1604	f			
1522	1605	1605	f			
1523	1606	1606	f			
1524	1608	1608	f			
1525	1609	1609	f			
1526	1610	1610	f			
1527	abaixo	abaixo	p			
1528	abalada	abalada	p			
1529	abalado	abalado	p			
1530	abastada	abastada	p			
1531	abastado	abastado	p			

Fonte: Entrevistas realizadas em 2017.

Nota: Organizado por Cesar, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; SILVA e Edson Armando, 2018

Assim, após a utilização do *software LibreOffice*, a planilha organizada foi exportada ao *software OpenRefine*²⁶, com o intuito da preparação dos dados, os quais foram trabalhados para a elaboração de uma rede e articulação entre redes semânticas e de análises categoriais. Segundo Silva e Silva (2016) seleção da ferramenta *OpenRefine*, foi pertinente devido a função de organização e padronização dos dados em tabelas ou banco de dados, servindo assim, para categorizar os campos de uma planilha e proporcionando a eliminação das palavras que perderam o sentido ao serem observadas fora dos contextos das frases, normalmente essas palavras são artigos, preposições, conjunções, pronomes e advérbios. Essas palavras que não apresentam significância ao contexto das frases, são chamadas de *stopwords*, e foram eliminadas da tabela com base em uma listagem modelo adquirida na *web*²⁷ e completando a ação, a exclusão manual por meio do comando '*Facet >Text Facet*'.

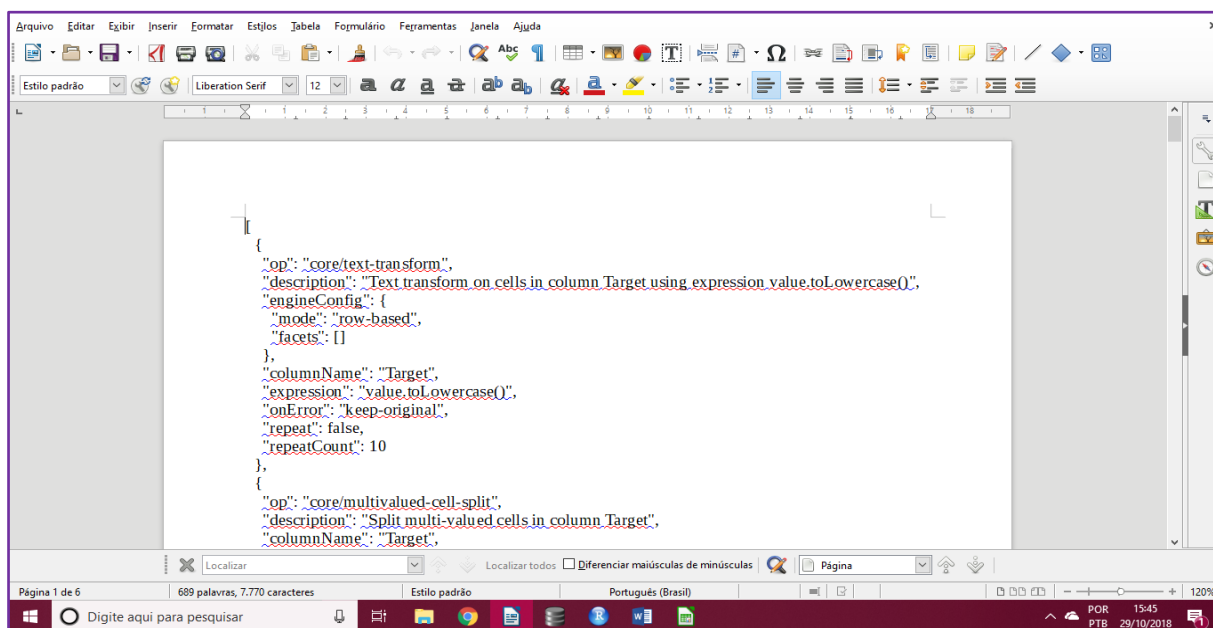
Como visto em Silva e Silva (2016), ao realizar a exclusão dessas palavras e símbolos, estes estarão arquivados em um histórico o chamado *script* (formato

²⁶ Ferramenta utilizada para organização e padronização dos dados. Tutorial - Disponível em <https://casci.umd.edu/wp-content/uploads/2013/12/OpenRefine-tutorial-v1.5.pdf>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

²⁷ Modelos de listas de *stopwords*: para este estudo foi utilizada a seguinte Lista: Disponível em <http://snowball.tartarus.org/algorithms/portuguese/stop.txt> Acesso em 09 de agosto de 2017

JavaScript Object Notation) o qual permite uma futura utilização, mesmo após a categorização das entrevistas. Segundo Przybysz (2017, p.58) ‘cada pesquisa deve ter seu próprio *script*, já que em algumas entrevistas determinadas palavras são importantes e outras não, sendo excluídas’.

FIGURA 6 - Script extraído do open refine (LibreOffice Writer)



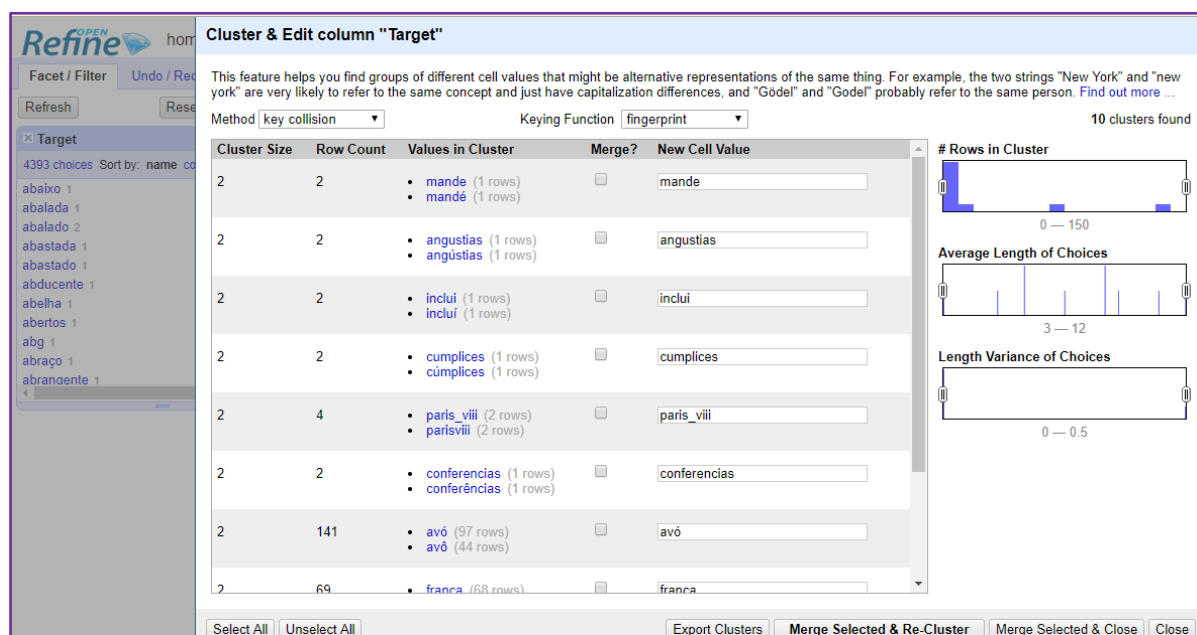
Fonte: Entrevistas realizadas em 2017.

Nota: Organizado por Cesar, Tamires Regina Aguiar de Oliveira e SILVA, Edson Armando, 2018

A ferramenta também permite a padronização dos tempos que compartilham o mesmo sentido ou radical, desta forma pode ser utilizado o processo de ‘radicalização’ (*stemming*), que segundo Silva e Silva (2016) seria o agrupamento de palavras com o mesmo radical, as quais ficariam separadas no arquivo devido aos sufixos diferenciados como o caso de ‘o’ ou ‘a’ para indicar gênero, ‘s’ indicando plural, o ‘inho’ para diminutivos e assim por diante.

Da mesma forma que as expressões que representam o mesmo grupo pesquisa, como ‘docente’ e ‘professores’ possibilitam a padronização, selecionando a utilização de ambas, e com isto, impedindo que as palavras de mesmo significado sejam reconhecidas de forma diferenciadas pelo *OpenRefine*, ou até mesmo, como ‘nós’ divergentes ao *software* utilizado para a projeção da rede. Os procedimentos padronizados e comentados puderam ser efetivados a partir de dois comandos, o ‘*Facet>Text Facet*’ e algoritmos disponíveis na opção ‘*cluster*’. Constata-se que este procedimento facilita o desenvolvimento do trabalho na padronização dos arquivos.

FIGURA 7 - Processo de clusterização – open refine



Fonte: Entrevistas realizadas em 2017.

Nota: Dados organizados pela autora

Os procedimentos executados são de uma análise complexa, detalhada e rica em detalhes, assim após a elaboração da padronização e o tratamento dos dados nos dois *softwares* livres (*LibreOffice* e *OpenRefine*) o arquivo tratado foi exportado sob o formato *.csv* (*Comma-separated Values*) para possibilitar o próximo passo da metodologia, que se destina a utilização do *software Gephi*²⁸.

O *Gephi*²⁹ é um *software* que proporciona o desenvolvimento de novas formas de visualização de diversas informações. Ele pode ser utilizado para as técnicas de representações textuais em nuvens de palavras, podendo desta forma, comportar projetos voltados para a manipulação de dados históricos, espaciais e textuais, destacando-se o uso da ferramenta baseada em grafos de redes (HUMANIDADES DIGITAIS / UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2017. s/p)

Segundo Marquez *et.al* (s/d. p. 3) o *Gephi* 'é uma plataforma *open source* para a visualização e manipulação de grafos dinâmicos e hierárquicos, incluindo todos os tipos de redes e sistemas complexos'. Ainda para os autores o *Gephi* oferece uma

²⁸ O Gephi é um software que permite o uso de técnicas de [representação textual em nuvens de palavras](https://humanidadesdigitais.org/2013/08/16/analise-e-visualizacao-de-redes-o-gephi/). Disponível em < <https://humanidadesdigitais.org/2013/08/16/analise-e-visualizacao-de-redes-o-gephi/>> Acesso em 09 de agosto de 2017.

²⁹ Acesso para download (livre). Disponível em <https://gephi.org/>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

estrutura de redes que permite a interação dos seus usuários, tendo como principal função:

Servir como método de análise de dados, elaboração de hipóteses, descoberta de padrões sociais e de comportamento e isolamento de estruturas importantes dentro de redes hierarquizadas. Também é largamente utilizado na visualização de redes de relações entre indivíduos e dos conteúdos que (re) produzem, tornando-se uma ferramenta poderosa para pesquisas de opinião e no campo da cibercultura. (MARQUEZ et.al, s/d. p.3)

O *Gephi* vem sendo utilizado nas mais diversas áreas do conhecido devido a sua potencialidade visual e organizacional. Na ciência geográfica o *software* foi utilizado pelo pesquisador Alides Baptista Chimin Junior em sua tese de doutorado (2016) intitulada ³⁰‘Empoderamento feminino: territórios da cidadania nas eleições de 2008 a 2012’; na Sociologia política com ³¹Rodrigo Rossi Horochovski et.al (2015) com o trabalho intitulado ³²‘Redes de partidos políticos tecidas por financiadores: um estudo das eleições de 2010 no Brasil’, em trabalhos sobre tecnologia como de Mathieu Bastian et.al (2009) ³³*Gephi: An Open Source Software for Exploring and Manipulating Networks*, a ferramenta também foi utilizada na área da saúde com o trabalho de Robson Lopes de Almeida et al. (2013) ³⁴‘Estudo De Rede De Projetos Da Área De Saúde Com Base Na Metodologia De Análise De Redes Sociais’, entre outros trabalhos. Destacando que um dos principais centros de publicações dessas análises de redes sociais, está concentrada no site do Grupo LABIC³⁵ (Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura).

Diante do vasto campo de estudos que utilizam e utilizaram da ferramenta *Gephi* para melhor compreensão de seus trabalhos, fica claro a importância da

³⁰ Trabalho (Defesas) Disponível <http://sites.uepg.br/ppgg/doutorado> Acesso em 05 de dezembro de 2018

³¹ HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; JUNCKES, Ivan Jairo; SILVA, Edson Armando; SILVA, Joseli Maria; CAMARGO, Neilor Fermينو. Redes de partidos políticos tecidas por financiadores: um estudo das eleições de 2010 no Brasil. **Teoria e Sociedade**, nº 23.2 - julho - dezembro de 2015.

³² Trabalho Disponível em <http://www.teoriaesociedade.fafich.ufmg.br/index.php/rt/article/view/204> Acesso em 05 de dezembro de 2018

³³ Trabalho Disponível em <https://gephi.org/publications/gephi-bastian-feb09.pdf> Acesso em 05 de dezembro de 2018

³⁴ Trabalho Disponível Em:

<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/2443/ESTUDO%20DE%20REDE%20DE%20PROJETOS.pdf?sequence=1> Acesso em 05 de dezembro de 2018

³⁵ O Labic, pertence ao Departamento de Comunicação Social, associado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação (UFES), tem por objetivo a realização experimental de produtos digitais e a promoção de pesquisas e atividades de extensão relacionados ao impacto da cultura digital nos processos e práticas de comunicação contemporânea. Disponível em <http://www.labic.net/> Acesso em 09 de agosto de 2017.

utilização de novas ferramentas que proporcionem uma base metodológica adequada à cada pesquisa.

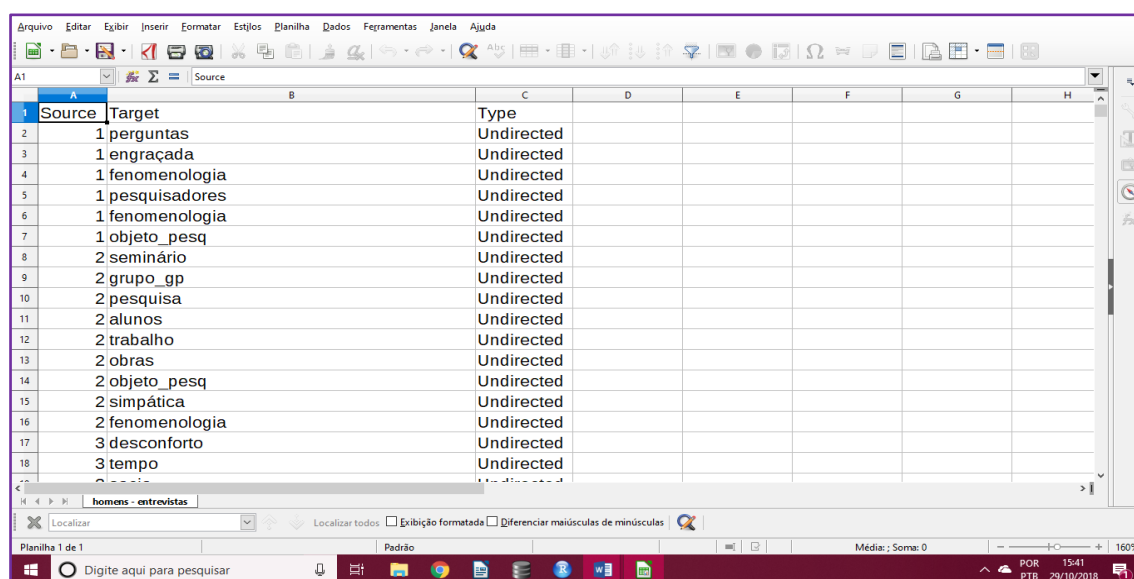
Desta forma, perante a utilização da ferramenta *Gephi* que utiliza de conexões (nós) para a confecção das redes fica possível destacar que:

A análise de rede toma a realidade a partir de suas relações, e a partir delas podemos calcular centralidades, densidade, estruturação em comunidades, etc. Ao tomar o discurso considerando a relação entre as palavras, a análise de redes poderá revelar as tendências de sentido produzidas em um conjunto discursivo. (SILVA; SILVA, 2016. p. 140).

Após compreender a utilização das redes e a sua importância para conexão e apresentação dos dados nas mais diversas análises como centralidade, densidade e direções, o *Gephi* foi o *software* escolhido, pois ele permite as investigações necessárias para a presente tese. Com o *Gephi* torna-se possível apresentar as redes estabelecidas entre as palavras e até mesmo a identificação das tendências de sentido encontrados nas falas dos entrevistados (as).

Para a construção de uma rede no *Gephi* o primeiro passo destina-se a importação da planilha, a qual foi resultado do tratamento dos dados no *OpenRefine*. Como visto em Silva e Silva (2016) a importação desta planilha para tabela de arestas, requer e exige a nomenclatura das colunas de acordo com o padrão do *Gephi*.

FIGURA 8 - Entrevistas trabalhadas para transformação das redes



Source	Target	Type
1	perguntas	Undirected
1	engraçada	Undirected
1	fenomenologia	Undirected
1	pesquisadores	Undirected
1	fenomenologia	Undirected
1	objeto_pesq	Undirected
2	seminário	Undirected
2	grupo_gp	Undirected
2	pesquisa	Undirected
2	alunos	Undirected
2	trabalho	Undirected
2	obras	Undirected
2	objeto_pesq	Undirected
2	simpática	Undirected
2	fenomenologia	Undirected
3	desconforto	Undirected
3	tempo	Undirected

Fonte: Entrevistas realizadas em 2017.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

Deste modo, a primeira coluna de identificação das frases teve por nomenclatura ‘*Source*’, já a coluna que contém as palavras foi renomeada como ‘*Target*’, e a última coluna chamada de ‘*Type*’ a qual teve suas células preenchidas com o valor ‘*Undirected*’, sendo este um fator importante pois determina o tipo de relação que há entre os nós da rede. Um fator de relevância se faz pertinente à importação da tabela de arestas, pois segundo Silva e Silva (2016, p.140) ‘outro passo é deixar ligada a opção “criar os nós automaticamente”, possibilitando ao *software* extrair os nós com base na relação entre as arestas’. Este procedimento apresentado gera automaticamente uma tabela de nós. Ressalta-se que para obter uma rede que se conecte através de palavras e frases, é necessário que haja informação sobre o tipo de nó correspondente e a sua função dentro da rede.

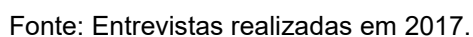
Os procedimentos teorizados por Silva e Silva (2016) apresentam que após as aplicações realizadas, a tabela de ‘nós’ que foi gerada automaticamente exportada e manipulada, terá a adição da coluna ‘Natureza’ a qual é preenchida com valores ‘F’ para identificar as frases e o indicador ‘P’ para identificar palavras.

Ainda, segundo os autores, após importar a tabela de ‘nós’, um detalhe importante deve ser pensado que é manter desativada a opção ‘forçar os nós a serem criados como novos’, pois esta função permite que o *software* preencha os campos faltantes sem criar nós novos, mantendo desta forma uma consistência entre a tabela de ‘nós’ e a tabela de ‘arestas’ que foi importada.

Nota-se que esses procedimentos gerarão uma rede a partir da relação entre frases e palavras.

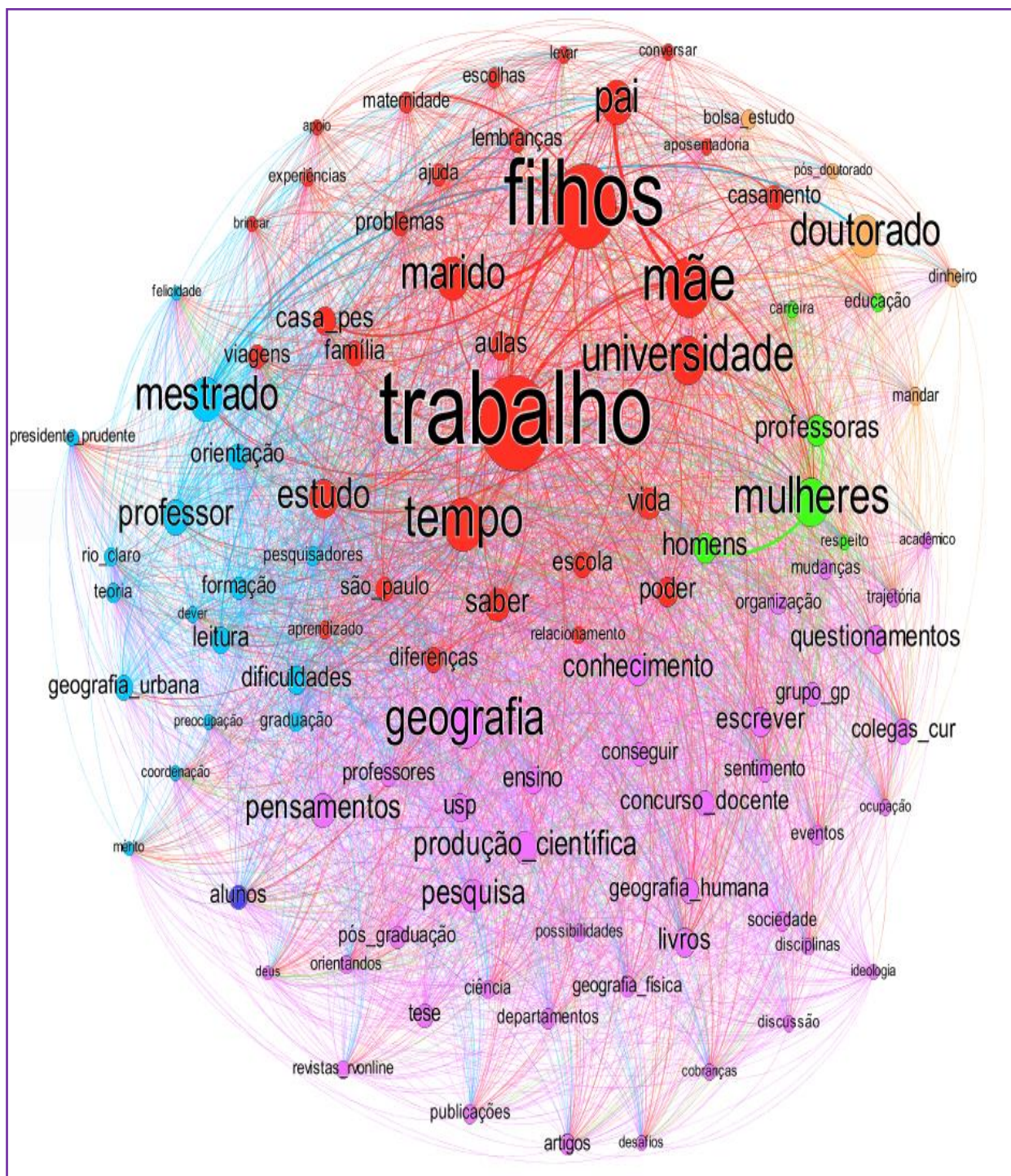
Esta rede ainda não nos traz muitas informações, apenas marca quais palavras significativas foram usadas numa determinada frase e em quais outras elas foram também utilizadas. Isto acontece porque os nós que representam as frases ‘poluem’ o grafo e ocultam a topologia que uma rede de palavras poderia revelar. ((SILVA; SILVA, 2016, p.141).

Desta forma com a objetividade de representar graficamente os sentidos, Silva e Silva (2016) propõem a utilização de procedimentos de análises qualitativas, a partir das redes com o uso do *software* Gephi. Por este motivo para a construção da tese, elegi a construção de uma rede monopartida (*one mode*) com base na relação Palavra-Palavra. A rede construída pode ser observada na Figura abaixo.



Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

FIGURA 10 - Rede de palavras mulheres (Software Gephi)



Fonte: Entrevistas realizadas em 2017.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

Neste momento utilizo das reflexões de Rossi (2017) que apresenta ‘a utilização do *plugin* para essa finalidade consiste em ‘carregar os atributos’ das tabelas de ‘nós’ e ‘arestas’, que irão demarcar o tipo de atributo ‘Natureza’ em suas

matrizes, sendo estas respectivas a ordem 'P-F, F-P, ativando desta forma as opções para remover os 'nós' e 'arestas'.

Como visto, após a construção das redes a partir de seus 'nós' e 'arestas', é possível visualizar o volume de dados e palavras que configuram esse segmento. Nota-se que a visibilidade dos grafos é destacada em palavras que concentram o maior polo de frequência e intensidade em relação às demais.

Estes grafos apresentados permitem a visualização da rede geral das palavras, e desta forma é possível identificar a frequência dessas palavras dentro de um conjunto discursivo. Devido ao volumoso número de palavras, os primeiros grafos criados apresentam um cenário desordenado que exige um trabalho minucioso para a lapidação do trabalho, com a intenção de evidenciar os principais polos ou palavras de centralidade e as relações mais importantes entre essas palavras, as quais demandam um exercício de categorização.

Entende-se que as dimensões dos círculos que representam os nós da rede, são dependentes do tipo de cálculo matemático que os algoritmos estatísticos do software *Gephi* oferecerá. Ao utilizar o grau ponderado, considera-se a repetição de ligações entre palavras, as quais concedem um critério consistente entre a importância de determinadas palavras na rede e ao conjunto discursivo (ROSSI, 2017, p. 69).

Por conseguinte, com a intenção de manter a pesquisa em uma linha de análise coerente e fiel a análise dos dados para a pesquisa, buscou-se aplicações de técnicas e ferramentas que mostrassem melhor adequação ao objeto de estudo pesquisado. Visto que a metodologia desta pesquisa utilizou de entrevistas gravadas para análise de conteúdo das falas do grupo entrevistado, as reflexões de Bardin (1997) elucidam claramente tal procedimento, pois o autor apresenta procedimentos que tratam e manipulam dados e informações, como o mesmo conduz ao processo de categorização e investigação.

Neste momento da pesquisa, compreende-se a etapa de categorização como o momento em que o (a) pesquisadora (a) assume 'seu papel' de mediador (a) ao que diz respeito a atribuição de sentidos aos diferentes fragmentos textuais e discursivos, rompendo desta forma com as regras científicas pré-determinadas.

Devido ao contato direto com a transcrição das falas e os procedimentos realizados para a categorização das mesmas, enquanto pesquisadora começo a refletir sobre a posicionalidade de nós pesquisadores (as) e a importância e impacto

de nossos discursos proferidos. Como visto em Butler (2004) há uma relação entre poder, linguagem e identidade e isto traz aos sujeitos a oportunidade de existência social para os mesmos. Assim ao pensar posicionalidade discursiva, penso que a linguagem pode ser lida enquanto um dispositivo de poder, a qual direcionará o posicionamento dos sujeitos. Estas reflexões também evidenciam o que questiono nesta tese, a construção do saber científico e a falsa neutralidade discursada. Posiciono-me enquanto uma pesquisadora mulher, feminista que se encontra em constante movimento no espaço acadêmico, o qual entendo e vivencio como um espaço masculinizado e carregado de preconceitos, os quais visivelmente são praticados pelos 'corpos e discursos' hierárquicos.

Neste sentido, este trabalho investigativo destacou a relevância das palavras centrais, com o intuito de entender as relações semânticas produzidas nas falas dos (as) entrevistados (as), os quais deram origem a categorias de análises. Ao pensar a definição de posicionalidade, Rose (1997) apresenta o conceito enquanto indissociável da flexibilidade, a qual pode ser entendida como um ato desenvolvido pela (a) pesquisador (a) que tem por objetivo tensionar ou não as teorias utilizadas para interpretações dos objetos de estudo diante das informações oferecidas pelos fenômenos investigados. Tal argumentação foi levantada com a intenção de esclarecer o porquê da metodologia utilizada e comprovar a seriedade do trabalho metodológico desenvolvido e os diversos procedimentos realizados para obter as análises apresentadas nesta tese.

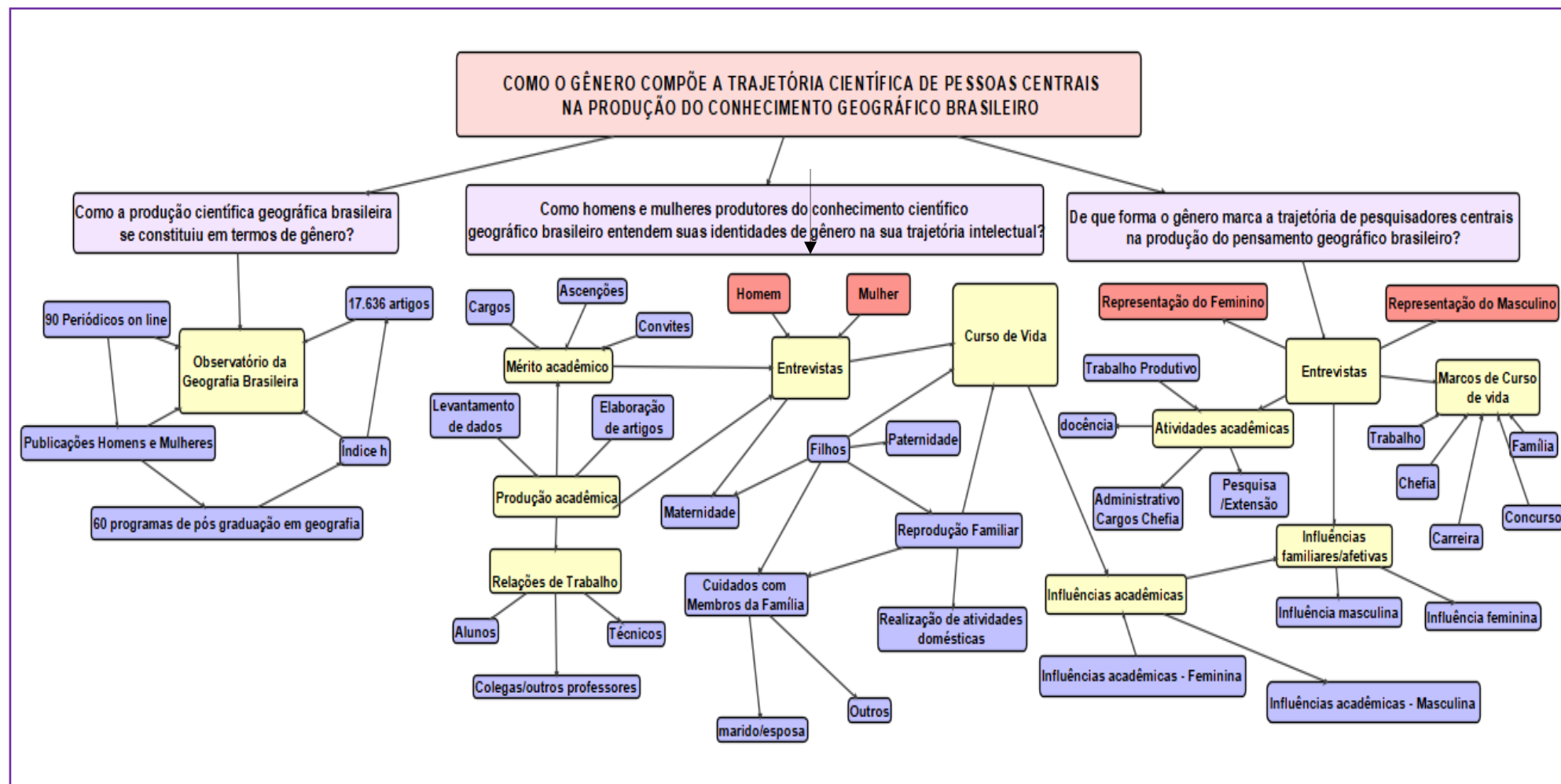
Assim, após a compreensão do potencial que a metodologia utilizada oferece para análise qualitativa dos dados, como a frequência das palavras mais utilizadas em uma mesma frase, a análise das centralidades nos discursos dos (as) docentes entrevistados (as) e a construção dos 'nós' e 'arestas' que permitiram tal análise, torna-se pertinente a próxima fase desta metodologia, a qual relaciona-se a produção de um mapa mental.

A construção do mapa mental se originou a partir do programa *Visual Understanding Environment* (VUE). O programa é uma ferramenta que teve seu desenvolvimento na Universidade Tufts em *Medford/Somerville, Massachusetts* com o intuito de criar mapas conceituais que possibilitassem a organização de projetos e ideias.³⁶ Com a utilização do VUE realizou-se a construção do mapa mental apoiado

³⁶ *Visual Understanding Environment* (VUE): Disponível em <http://vue.tufts.edu/> Acesso em 01 de setembro de 2017

pelas redes semânticas possibilitou uma incorporação na análise de frequência discursiva.

FIGURA 11 - Mapa mental (VUE) – categoria discursiva



Fonte: Entrevistas realizadas em 2017.

Nota: Organizado pela autora em 2018

Após construir um mapa mental com o *Visual Understanding Environment* (VUE), a partir das palavras mais utilizadas nos discursos e conceitos centrais enunciado pelo grupo entrevistado, a próxima ferramenta utilizada para auxiliar no processo de agrupamento das palavras em unidades compreendidas a partir dessas categorias de análises, foi o *software* pertencente ao pacote estatístico 'R', chamado RQDA³⁷ (*R package for Qualitative Data Analysis*), que segundo Silva e Silva (2016) é uma ferramenta livre com a principal função exigida pela análise de dados qualitativos, ela funciona nos principais sistemas operacionais, tais como (*Windows, Linux e MacOSX*) e também apresenta uma interface simples e intuitiva. Para os autores o mais interessante deste *software* é que esta plataforma tem uma estrutura aberta e assim armazena dados em um banco de dados nomeado *SQLITE*³⁸.

Segundo Silva e Silva (2016, p.145) o uso do *SQLITE* permite ao pesquisador (a) trabalhar com os comandos oferecidos pela interface gráfica ou fazer cruzamentos mais sofisticados usando a linguagem de programação em banco de dados chamada *SQL*. Após os procedimentos realizados os autores ainda apresentam como realizar uma categorização no RQDA, que se baseia na extração dos dados com um comando *SQL* simples o qual exporta os dados para análise e visualização no *Gephi*.

Para a construção do projeto e a importação dos arquivos é necessário criar os códigos (ou categorias), para isto é necessário selecionar o intervalo desejado e clicar na categoria a qual deseja atribuir ao texto e clicar no comando '*Mark*'. Destaca-se que a utilização de *software* facilita o trabalho de reanálise dos dados analisados, principalmente no momento que o conhecimento do documento exige aprofundamento.

Assim, após o uso da ferramenta e com a tabela de categorias adquiridas mediante ao *SQLITE*, o próximo passo foi a construção de uma rede com o *Gephi* que permitiu representar graficamente as categorias de maior

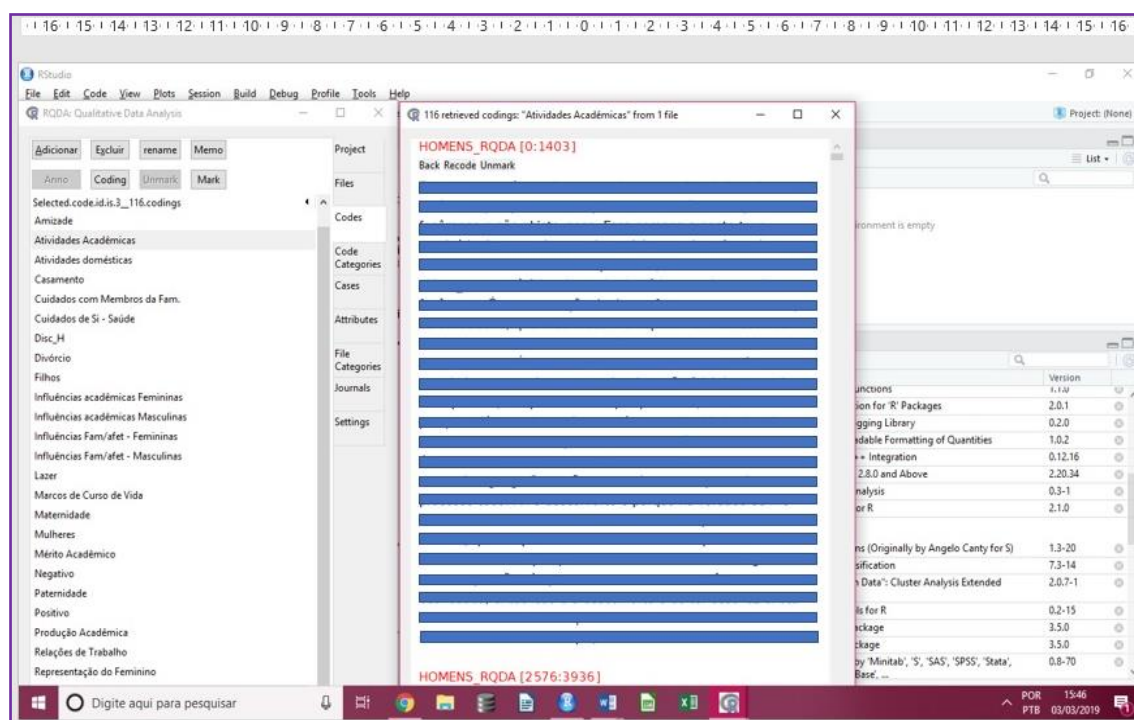
³⁷ Pacote do aplicativo R para Análise de Dados Qualitativos RQDA Disponível em <http://analisequalitativarqda.weebly.com/> Acesso em 01 de setembro de 2017

³⁸ *SQLITE CONSORTIUM*. *SQLite* [s.l.]: Open Source Community, 2014. Disponível em <http://www.sqlite.org/index.html>. Acesso em 01 de setembro de 2017.

significância no texto e em concordância com o processo de categorização realizado por meio do RQDA.

Ao usufruir da construção das redes de categorias, estas proporcionam respostas à questões como ‘*Quais palavras são mais utilizadas quando selecionadas com uma ou outra categoria?*’, ‘*Quais são os assuntos mais recorrentes no discurso dos entrevistados (as)?*’, ‘*Quais palavras são centrais aos pesquisados (as) referente ao seu gênero?*’.

FIGURA 12 - Utilização do RQDA – marcação das categorias nos discursos³⁹



Fonte: Print de tela do RQDA

Nota: Organizado pela autora

Acima a imagem refere-se ao uso do RQDA e a marcação das categorias nos discursos de homens (o mesmo trabalho foi realizado no discurso feminino). O procedimento realizado ocorre devido a seleção das unidades do texto, as quais são observadas como categorias de análise encontradas na construção do mapa mental. Este processo permitiu filtrar as redes semânticas, fragmentando a análise de redes conforme a importância de uma categoria, a qual oferecesse melhor compreensão ao fenômeno da pesquisa.

³⁹ O discurso encontra-se com tarja para preservar a fala do docente que cedeu a entrevista.

Em seguida a visualização das metodologias utilizadas e as fases de execuções das mesmas, acredita-se que essa construção metodológica devido às suas diversas potencialidades de análises é capaz de fundamentar a análise qualitativa desta tese, visto que os usos de ferramentas computacionais permitem um melhor trato nos dados a partir de construções estatísticas. Desta forma esta metodologia possibilita evidenciar a realidade dos fenômenos pesquisados, dando destaques a aspectos da realidade que por vezes em uma análise menos detalhista, acabam sendo invisibilizados. Outro elemento que merece destaque é o fato de que a construção das redes semânticas e as redes de categorias, possibilitam uma nova análise e visão sobre a complexidade do fenômeno estudado.

A metodologia destacada será visualizada e analisada pontualmente nos próximos capítulos. Ressalta-se que a análise dos dados tanto quantitativos como os qualitativos, exigiu uma investigação meticulosa, pois além das discussões metodológicas apresentadas e discutidas, há um debate diante da construção epistemológica e a forma como os discursos dos (as) docentes estão conectados tanto ao espaço acadêmico, familiar e pessoal. Neste momento a análise da construção da trajetória científica destas pessoas responsáveis pela construção do conhecimento científico geográfico brasileiro, apresentam diversas informações, tanto a uma análise espacial entre um corpo produtor de um conhecimento científico, quanto as relações sociais existentes no espaço acadêmico, e em destaque para esta tese as relações de gênero, sendo esta uma relação configurante do espaço acadêmico/científico e até mesmo das relações hierárquicas de poder.

CAPÍTULO II- GÊNERO, TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS E CENTRALIDADES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO: ‘os intelectuais são sempre os homens e as mulheres são sempre boas professoras’

Ao refletir sobre a construção do fazer científico, compreende-se que a ciência é construída a partir da realidade humana, a qual traz as marcas de seus pesquisadores, a partir de uma construção histórico-social. Diversas são as áreas que discutem e apresentam as estruturas do saber científico e são poucas as que compreendem a ciência enquanto um vasto campo de conhecimento à ser descoberto e explorado, sendo este controlado por estruturas hierárquicas. Essa liberdade do fazer científico é ilusória, pois por muito tempo a ciência produzida por cientistas, vem ditando o que é ou não científico, mostrando desta maneira que o conhecimento não é neutro e muito menos desinteressado. Assim, diante de tal argumentação este capítulo tem por objetivo discutir os conceitos que sustentam esta investigação.

A ciência neste momento é interpretada como um campo de poder e hegemonia, assemelhando-se a um ‘jogo’ o qual é composto por regras preestabelecidas. Tal colocação situa a construção do conhecimento científico enquanto um campo que historicamente vem privilegiando determinados conhecimentos e invisibilizando tantos outros fenômenos. O que deve ser realmente ponderado é que a construção da ciência vem sendo realizada desde sua origem principalmente por pesquisadores, homens e brancos e desta forma invisibiliza as produções de grupos minoritários tais como pesquisadores (as) negros (as) e pesquisadoras mulheres. Essas relações de poder podem ser consideradas não oposicionais, e sim construídas a partir dos feixes de tensionamentos, os quais serão evidenciados neste capítulo.

O campo científico é um espaço composto por relações de poder, neste tocante, utilizo das reflexões referentes às geometrias de poder apresentadas por Massey (2000) a qual apresenta as estruturas de poder enquanto fonte de hierarquizações na sociedade. Não distante deste pensamento a construção do pensamento científico também é realizada por uma sociedade, no caso a acadêmica. Mesmo nesta comunidade que aparentemente reflete um amplo conhecimento intelectual, esta apresenta um forte poder hierárquico ao que diz respeito as relações de gênero, entre outras situações.

O espaço acadêmico mesmo que com a ativa participação feminina, sendo ela em salas de aulas, pesquisas e publicações científicas, ainda mantém uma grave desvantagem e invisibilização dessas mulheres na produção do conhecimento científico. Assim, este espaço deve ser lembrando enquanto um campo de construção de relações sociais.

Desta forma, este capítulo tem por intenção expor a configuração das estruturas dominantes e apresentar a trajetória de vida dessas pessoas construtoras do saber científico. Assim, a primeira seção explana sobre a construção da ciência e como a mesma vindo sendo desenvolvida hierarquicamente ao longo do tempo impondo quais conhecimentos serão válidos ou não. Para o próximo momento, a segunda seção disserta sobre a trajetória de vida dos pesquisadores que corroboram para a construção do pensamento científico, lembrando que a ciência, por vezes, reproduzirá suas angústias, sonhos e desafios.

2.1 CONHECIMENTO CIENTÍFICO GEOGRÁFICO

A ciência, enquanto uma forma de compreensão do mundo foi praticada hegemonicamente suplantando outras formas de conhecimento como o senso comum e a visão teológica. As reflexões de Jacob (1988) remetem que a ciência no mundo ocidental disputava os espaços político, social e econômico e até mesmo o conhecimento religioso. Mesmo sem a ruptura da conjectura em busca da verdade a ciência passou a ser entendida enquanto um sinônimo de saber e poder, facilitando desta forma as articulações proveitosas da classe burguesa, a qual visava uma economia capitalista.

Nesta configuração, o conhecimento científico foi considerado suscetível a universalizar o pensamento humano e até mesmo considerado capaz de promover o desenvolvimento econômico. A evolução do conhecimento sob a perspectiva da ciência moderna teve seu início em torno do século XVI e estendeu-se até o século XIX. Nisso, a construção do pensamento científico encontra-se presente na atualidade, desempenhando um papel importante na organização da sociedade contemporânea.

A ciência moderna foi um conhecimento difundido na Europa e que conquistou outros espaços do globo. Durante os anos essa ciência conquistou

privilégios onde poderia classificar o que era ou não científico, indo muito mais além, chegando a classificar o que seria conhecimento válido.

A ciência dominou pela força, não através de argumentos (isso é especialmente verdadeiro no que se refere às primeiras colônias, onde a ciência e a religião do amor fraternal foram introduzidas como algo natural, sem consulta aos habitantes e sem lhes ouvir argumentos). (FEYERABEND, 1977, p. 450)

Segundo Sousa Santos, Meneses e Arriscado (2005), o desenvolvimento da ciência não seguiu uma ordem simples, lógica, linear e evolutiva. Este processo se apresentou enquanto uma oportunidade de conquista de poder e legitimidade social, apresentando um resultado de complexas relações econômicas e políticas. As reflexões dos autores ainda apresentam que a ciência é fruto das ações humanas e repleta de interesses e subjetividades, apesar de criar uma falsa objetividade e neutralidade na construção do conhecimento.

Ao refletir sobre a objetividade e neutralidade na construção do conhecimento vem sendo questionado por diversos outros pesquisadores, como Morin (1996) o qual argumenta que a objetividade seria o primeiro elemento da verdade, pois somente desta forma ser validadas as teorias científicas, considerando ao mesmo tempo o último produto de um consenso sociocultural e histórico de uma sociedade e da comunidade científica.

Assim, este resultado propiciou a ideia de que compreender a produção do conhecimento implica considerar as vivências dos sujeitos produtores do conhecimento a fim de trazer elementos compreensivos dessa disparidade.

A reflexão explanada também pode ser compreendida em Fourez (1995), quando o autor apresenta seus pensamentos partindo do pressuposto de que a produção científica é um conhecimento profundamente vinculado a uma determinada cultura, e assim, conseqüentemente será decorrente de uma maneira específica de observar/ver/compreender o mundo.

Para tomar consciência da importância dessa cultura científica partilhada, basta tentar ler uma obra 'científica' do século XVI: logo se estará persuadido de que é necessária uma cultura comum para que a universalidade do discurso científico seja operacional. E, aliás, basta aprender uma ciência (ou seja, aculturar-se, familiarizar-se com essa abordagem do mundo) para poder compreender as práticas dessa disciplina em todas as partes do mundo. Mas, se se convive o tempo suficiente com os nativos de determinada cultura, acaba-se compreendendo também a sua visão de mundo (FOUREZ, 1995, p. 161).

Ao refletir sobre a produção científica e sua construção a partir de sua base cultural, Mignolo (2004) busca a atenção para a 'íntima' relação entre a ciência moderna e processo de colonização eurocêntrico, pois segundo o autor, este processo foi prejudicial aos povos colonizados. O autor ainda enfatiza que a universalidade científica e os tipos de conhecimento não correspondentes ao paradigma imposto, foram considerados inválidos e arcaicos ao pensamento desejado.

Assim, após as reflexões explanadas, é plausível argumentar que notoriamente, a comunidade científica não é um grupo 'neutro e desinteressado' que, por muitas vezes aparenta ser, principalmente ao refletirmos sobre o contexto histórico da construção do pensamento científico. Diante de tal afirmação, os pensamentos de Fourez (1995, p.93) destacam que 'a produção intelectual dos cientistas sempre será influenciada pelo seu lugar social de origem'. Ao ponderar sobre que a neutralidade científica, os pensamentos de Fourez (1995) podem ser enrijecidos com as argumentações de Morin (1996), pois o autor também apresenta uma discussão sobre a produção do conhecimento científico, visto que a ciência além de não ser neutra é intrínseca, histórica e sociológica, ainda, eticamente complexa.

A construção do pensamento científico também é mencionada por Demo (1989), pois o autor explana que a maneira de construir a ciência, será resultado de como o pesquisador (a) concebe sua realidade. O autor ainda apresenta que o fazer científico é composto pelos critérios internos e externos. Os critérios internos necessariamente teriam por base a coerência, consistência, originalidade e objetivação. Já o critério externo teria como fundamentação a intersubjetividade, para Demo (1989) este último parâmetro pode ser considerado enquanto um critério que oferece um discurso de autoridade.

Independente da hegemonia e influência da ciência moderna, não se pode dizer que em tempos anteriores à idade moderna, não houvesse outras formas de produção do conhecimento científico. Evidencia-se que houve outras formas de conhecer o mundo que é específica de um determinado tempo. Além disso, é importante argumentar que não há uma linearidade evolutiva das formas de pensar o progresso, pois há contradições e tensões em diferentes direções.

A reflexão acerca da construção histórico-cultural também pode ser pensada na construção do mundo globalizado o qual é composto por diversas multiplicidades e heterogeneidade. Acerca deste pensamento Massey (2008) faz uma crítica ao mundo globalizado.

{...} a imaginação da globalização como uma sequência histórica não reconhece a coexistência simultânea de outras histórias com características que sejam distintas (o que não implica estarem desconectadas) e futuros que, potencialmente, também possam sê-lo. (MASSEY, 2008, p. 31).

A ciência, constituiu-se como um conhecimento que se difundiu a partir da Europa e conquistou outros espaços do globo. Os construtores da 'ciência moderna', conquistaram privilégios e se apoderavam em classificar o que era ou não científico, indo muito mais além, classificavam o que seria ou não conhecimento válido. As reflexões de Feyerabend (1977) explanam que a ciência (praticada por um determinado grupo de pessoas) nunca dominou por argumentos e sim utilizou da força e isso pode ser visto principalmente ao que se refere às primeiras colônias, onde essas tiveram introduzidas em si, como algo natural a ciência e a religião do amor fraternal. Tal inclusão ocorreu sem a consulta aos habitantes e sem a escuta de seus argumentos.

Em um processo crescente de legitimação social, essa ciência realizada pela obra humana, teve predisposição em ocultar a contribuição da controvérsia ou de erros para a produção do conhecimento científico.

Conforme apresenta Mignolo (2004) a racionalidade científica ocidental, legitimou uma postura de totalitarismo epistêmico, auto afirmando-se enquanto uma única possibilidade para produzir conhecimentos válidos sobre a realidade. O repúdio e a negação de outras formas de racionalidades foram, e ainda são, estratégias de legitimação deste tipo específico de saber estabelecido, onde

histórica e geograficamente se fortaleceram a partir de privilégios de sexo e de raça.

A afirmação de Mignolo (2004) pode ser corroborada com as reflexões de Fourez (1995), quando o autor afirma que a objetividade pode ser compreendida como não absoluta, porém relativa a uma cultura sendo do mesmo modo necessário visualizar que além do objeto há também uma estrutura organizada do mundo ao qual os 'objetos' pertencem. Ainda nas reflexões de Fourez (1995) diante das reflexões de Berger e Luckmann (1978), isto poderia ser chamado de 'a construção social da realidade'. Desta maneira, haveria a compreensão da organização do universo a uma determinada cultura.

Os esclarecimentos de Mignolo (2004) apresentam que para a existência de uma socialização do conhecimento e um rompimento com o totalitarismo epistêmico, é necessário suplantar o paradigma da modernidade-colonialidade. Esse pensamento é discutido pelo autor, em forma de crítica a hegemonia ocidental do conhecimento científico e a necessidade de um seguimento de pensando. Para o autor, seguir estes preceitos estabelecidos contribuiria para um suporte de afirmação e defesa da ideia de modernidade.

Este posicionamento levantado também é alvo de crítica de outros pensadores como Feyerabend (1997), pois o autor questiona a ciência 'fiel' a um método inflexível, pois o autor defende um conhecimento epistemológico centrado na liberdade. O autor defende o princípio de que todo conhecimento é válido, mesmo diante do vasto relativismo sugerido, o cientista está 'apto a escolher conscientemente a tarefa que lhe pareça mais atraente, em vez de deixar-se dominar por ela'. (FEYERABEND, 1977, p. 465).

Somente após esse processo de endurecimento será ele chamado a pronunciar-se em face das questões racionalismo- irracionalismo, ciência- mito, ciência-religião e outras questões semelhantes. A decisão que tome em prol da ciência — admitindo que a tome — será muito mais 'racional' do que é, hoje, qualquer decisão em favor da ciência (FEYERABEND, 1977, p. 465).

Perante as reflexões sobre a construção do saber científico, também são visualizadas as explanações de Morin (2005), para o autor a ciência apresenta aspectos negativos e positivos, pois mesmo com os inúmeros benefícios para a sociedade, decorrentes dos avanços tecnológicos e elucidativos atrelados ao desenvolvimento do conhecimento científico, se faz necessária uma atividade de

autorreflexão sobre o modo como as práticas científicas são realizadas e questionando-se sobre suas estruturas ideológicas e seu enraizamento sociocultural.

Logo, ao refletir o modo de construção das práticas científicas Sousa Santos, Meneses e Arriscado (2005) esclarecem que os 'libertadores' ou 'emancipatórios' acabavam por limitar a compreensão de mundo, apenas para uma visão ocidental. Para os autores, este processo direciona ao entendimento que os povos conquistados tiveram seus conhecimentos reduzidos à irracionalidade, ou superstições, quando não sujeitos aos processos de evangelização e aculturação. Os grupos sociais foram destruídos e subalternizados devido ao fato de que os conhecimentos produzidos por outros grupos sociais que não fosse o homem branco, europeu, eram desconsiderados.

As explanações de Morin (2005) denotam que no campo das ciências humanas e especificamente na epistemologia, as novas descobertas estão moldadas em dois pensamentos, um relacionado ao cartesianismo moderno, o qual seria simplificador e outro chamado pensamento complexo. O autor ainda aponta que o pensamento simplificador orientado pelo cartesianismo seria um pensamento redutivo, fechado e fragmentado, apresentando-se como uma forma de barbárie relacionando ao pensar. O pensamento complexo seria aquele que possibilita o diálogo com as diversas complexidades encontradas no universo, sendo aberto ao novo e desconhecido. Indo além de seus questionamentos Morin (2005) argumenta que somente este pensamento conseguiria produzir um conhecimento pertinente aberto a novas construções, promovendo assim, uma transformação nas estruturas.

Neste momento a hegemonia científica começa a se configurar claramente, principalmente ao que diz respeito ao modelo científico hegemônico que no caso, foram as ciências exatas e biológicas, pois o foco de análise e domínio era a natureza, possibilitando os processos objetivos e quantificáveis. Os pensamentos de Lander (2005) justificam a seguinte colocação.

Nos debates políticos e em diversos campos das ciências sociais, têm sido notórias as dificuldades para formular alternativas teóricas e políticas à primazia total do mercado, cuja defesa mais coerente foi formulada pelo neoliberalismo. Essas dificuldades se devem, em larga medida, ao fato de que o neoliberalismo é debatido e combatido como uma teoria econômica, quando na realidade deve ser compreendido como o discurso hegemônico de um modelo civilizatório, isto é, como uma extraordinária síntese dos pressupostos e dos valores básicos da sociedade liberal moderna no que diz respeito ao ser humano, à riqueza, à natureza, à história, ao progresso, ao conhecimento e à boa vida. (LANDER, 2005, p.21)

Torna-se insustentável às ciências sociais manterem suas descrições e interpretações do mundo em funções teóricas, de categorias e metodologias que eram direcionados para atender as sociedades modelo do Norte. O modelo seguido não era coerente, devido à grande parte das sociedades não apresentam as características dos países considerados centrais, pois cada sociedade era única tendo uma dinâmica e histórias distintas. A história dessas comunidades, as quais tiveram seus conhecimentos construídos a partir das ideias impostas por seus colonizadores, os tornou periferias para esses países considerados centrais.

Os pensamentos de Sousa Santos, Meneses e Arriscado (2005) esclarecem que a frente do conflito instaurado, o saber científico, em frente aos seus pesquisadores, apresentou a necessidade de reconhecer a existência dos outros saberes praticados. Neste instante inicia-se uma luta contra o monoculturalismo autoritário que negava a existência de distintas culturas, impossibilitando um diálogo construtivo entre as diferentes culturais e coletivos sociais. Um fator relevante neste contexto, foi a participação das mulheres que constroem importantes críticas em torno da ciência moderna já que, como excluídas da história científica, elas produziram uma forma de ver o conhecimento dissonante do pensamento hegemônico. O conhecimento permite visões diversas sobre a ciência, contemplando assim, diferentes ângulos de visões do cientista, do leigo, do colonizador e do colonizado.

Nota-se que na segunda metade do século XX, surgiram vários processos sociais e econômicos, os quais serviram de contribuição para transformação das ideias de que havia um modelo social e econômico a ser seguido. As crises econômicas e políticas mundiais acabaram por desestabilizar o pensamento de progresso linear crescente, e a perspectiva de pluralidade passa a ser

reivindicada. As discussões sobre as legitimidades dos diferentes saberes e as comparações interculturais foram importantes bases para as críticas feministas e dos estudos pós-coloniais.

As ideias de Mignolo (2004) podem ser afirmadas quando o autor aponta que devido aos protestos contra os privilégios epistêmicos de gênero e raça efetivados por mulheres, negras e homossexuais, novas reflexões foram desenvolvidas diante das consequências históricas e éticas do mundo colonizado e da produção científica. Paradoxalmente, a mesma sociedade que se vê amparada pelo movimento feminista do qual, em seus ideais busca a igualdade de gênero e visibilidade aos grupos excluídos do saber científico, também promove certo tipo de repúdio ao mesmo. A resistência social à identidade com o movimento feminista estava relacionada à criação de representações sociais dominantes de grupos hegemônicos que não admitiam o avanço das conquistas feministas. (SORJ, 2005).

A configuração do conhecimento científico exige uma nova abertura epistêmica, em linearidade com este pensamento Sousa Santos, Meneses e Arriscado (2005) explanam que somente com uma ruptura ao conhecimento estabelecido, surgiriam possibilidades de tornar visíveis campos dos saberes que a ciência neutralizou e ocultou ao longo do tempo. Para os autores os saberes considerados impróprios para o conhecimento científico, foram os pensamentos considerados locais, tradicionais alternativos ou periféricos.

A construção eurocêntrica colocava-se enquanto organizadora da totalidade, do tempo e do espaço para toda humanidade. Diante de sua experiência, assim colocavam suas especificidades histórico-cultural como o único padrão a ser seguido, tornando-se uma referência de superioridade e universalidade. A ciência é um campo de poder que hierarquiza pessoas e distribui prestígio e demérito àqueles que produzem as teorias e conceitos, como também hierarquiza os sujeitos que são os 'estudados' pelo discurso científico (LANDER, 2005).

O discurso científico teve durante longos anos como protagonistas centrais da produção científica os homens. Entretanto, depois dos questionamentos e críticas feministas, a admissão feminina nas Academias científicas, este processo causou repercussão na desestabilização da visão masculina sobre a produção científica. Este contexto histórico, assim como os

protagonistas do cenário pronunciado, foram alvos de críticas devido à invisibilidade que causaram ao longo do tempo.

Foi devido a uma visão hegemônica masculina e branca, a qual permitiu que as mulheres e as pessoas que não se enquadrassem a esse estereótipo do branco europeu, fossem invisibilizados na produção do conhecimento científico. Assim, destaca-se que as mulheres integraram as universidades a partir da segunda metade século XIX.

Os pensamentos descritos por Leta (2003) embasadas nas reflexões de Schienbinger (2001), apresentam o livro construído por H.J Mozan⁴⁰ em 1913 intitulado por '*Women in Science*'. Para a autora este livro seria considerado um dos primeiros incentivadores para a participação feminina no meio científico. Neste tocante, as mulheres timidamente começam a participar no meio acadêmico, rompendo minuciosamente com os papéis de gênero definidos ao longo da história.

Assim, ponderando que o fazer científico não é obra do acaso e que o mesmo é realizado e desempenhado por corpos masculinos e femininos, torna-se importante apresentar os pensamentos de Butler (2013) quando a autora apresenta o gênero não apenas como um elemento que existe em si, mas como uma representação que adquire sentido nos atos repetitivos das pessoas, criando uma falsa noção de estabilidade e coerência entre sexo, gênero e desejo. Diante destes atos repetidos, as relações de gênero são naturalizadas e seguem normas, as quais dividem os universos 'masculino' e 'feminino', logo a sociedade por vez acaba por realizar e reproduzir o espaço geográfico segundo as normas preestabelecidas

Ao analisar essa fragmentação dos universos masculinos e femininos, torna-se claro que a produção do conhecimento (principalmente na área das ciências humanas) sendo este influenciado pelos seus pesquisadores (as) terão pesquisas realizadas e fundamentadas a partir de vivências específicas.

Segundo a colocação de Rago (1998) o processo histórico relacionado à construção do fazer científico revela que a ciência foi construída por grupos pré-determinados, os quais utilizaram desta para configurarem sua centralidade e relações de poder na sociedade. Ao longo do tempo o fazer científico passa a

⁴⁰ Pseudônimo para John Augustine Zahm

ser criado em instituições de 'ensino', sendo que estes espaços também se mantêm masculinizados e hierárquicos. Como visto a participação feminina nessas instituições ocorre apenas na segunda metade do século XIX.

Não diferente do contexto histórico sobre a participação feminina, o Brasil também mostra seu atraso referente a discussão apresentada. Os primeiros contatos femininos com as universidades brasileiras surgem a partir de 1970, concomitantemente com as ideias feministas que reivindicavam seu lugar na história.

As explanações de Rago (1998) apresentam que a atuação feminina começou a ganhar visibilidade, os corredores das universidades antes masculinizados, abrem caminhos para a presença feminina, o universo acadêmico, começa a ter 'novas cores'. Logo, a autora ainda destaca que apenas a presença feminina nos corredores acadêmicos não resultaria na solução do problema, pois a desigualdade de gênero é muito presente nas diferentes áreas do saber.

No campo da produção científica, a participação das mulheres ocorreu de forma tensa e repleta de conflitos. As mulheres, em ambas as posições, tanto como produtoras de conhecimento, como alvo de compreensão pelo discurso científico, ocuparam posições inferiores aos dos homens. Com o trabalho desenvolvido nesta tese, especificamente sobre a ciência geográfica, é importante ressaltar que essa ciência também manteve seus critérios moldados a partir de uma construção hierarquizada, a qual infelizmente pode ser visualizada até nos dias de hoje, mantendo a sua 'tradição'⁴¹ epistemológica.

Ao pensar a construção do pensamento científico e a realização do mesmo, é indissociável refletir que tal colocação se remete ao modelo eurocêntrico da construção de ciência, sendo este fortalecido com o crescimento econômico e construído a partir de forte traço patriarcal.

As discussões de Filgueiras (2009), embasadas nas reflexões de Therborn (2000), a família patriarcal estaria ligada inseparavelmente a figura do pai, sendo este o personagem central e de autoridade, que mesmo com o advento da modernidade não desapareceu por completo.

⁴¹ Denota-se que neste momento o significado de tradição associado a ciência geográfica, se faz pertinente ao que diz respeito à construção do saber científico e as temáticas desenvolvidas pelos geógrafos (as).

A construção do fazer científico é resultado de uma determinada sociedade e nesse sentido, o rompimento da fronteira masculina pelas mulheres no fazer científico não é uma tarefa fácil.

A colocação acima pode ser enrijecida com fatos apresentados por Leta (2003) quando a autora expõe que a participação feminina era permitida nas atividades científicas com poucas exceções e essa participação dependia da posicionalidade familiar que elas ocupavam como, ser esposa ou filha de algum homem 'da ciência', nesta situação elas poderiam se dedicar ao cuidado das coleções, limpar as vidrarias, ilustrar e/ou traduzir os experimentos e textos. Isso pode ser exemplificado com o caso da francesa Marie Salomea Skłodowska Curie, que era considerada assistente de seu esposo Pierre Curie.

Algumas mulheres foram destaques na produção científica, e romperam com a padronização estabelecida pela ciência, muitas dessas mulheres tiveram destaques devido a suas valiosas contribuições, como é o caso de alguns nomes aqui mencionados: (a própria) Marie Salomea Skłodowska Curie⁴² (1903 e 1911), Grazia Deledda⁴³ (1926), Irene Joliot-Curie⁴⁴ (1935), Barbara McIntock⁴⁵ (1983), Rita Levi-Montalcini⁴⁶ (1986), Maria Mayer⁴⁷ (1963), Rachel Carson⁴⁸ (1962). No Brasil também se registra notáveis nomes femininos que deram impulso na ciência como Bertha Maria Júlia Lutz⁴⁹ (1918), Victória Rossetti⁵⁰ (1947), Neusa

⁴² Cientista francesa que teve destaque em suas pesquisas sobre radioatividade e a descoberta dos elementos químicos rádio e polônio.

⁴³ Cientista italiana que ganhou o prêmio em literatura com seu trabalho abordando como tratar os problemas humanos.

⁴⁴ Filha de Marie Salomea Skłodowska Curie e Pierre Curie, foi uma química francesa que descobriu a existência do nêutron e da radioatividade artificial.

⁴⁵ Foi uma médica norte-americana que desenvolveu seu trabalho abordando as pesquisas relacionadas ao genoma humano.

⁴⁶ Neurologista italiana que ganhou o Nobel de Fisiologia/Medicina

⁴⁷ Física norte-americana que recebeu o Nobel por suas pesquisas sobre a estrutura do átomo

⁴⁸ Cientista biólogo que publicou estudos importantes sobre o uso dos pesticidas

⁴⁹ Licenciou-se em *Sciences* na universidade da Sorbonne tornou-se. Defensora incansável dos direitos da mulher no Brasil. Suas ideias começaram a ser divulgadas para a sociedade brasileira com a publicação de um artigo em resposta a um colunista de um jornal carioca, segundo o qual os progressos femininos nos Estados Unidos da América e na Inglaterra não exerciam grande influência na vida das mulheres brasileiras

⁵⁰ Engenheira agrônoma dedicou-se a pesquisa das doenças dos citros. Em 1947, incentivou a pesquisa sobre a adoção de um porta-enxerto tolerante ou resistente às duas doenças.

Amato⁵¹ (1946), Nise da Silveira⁵² (1946), entre outras⁵³. Destaca-se que mesmo com os importantes feitos construídos por essas mulheres cientistas, o reconhecimento de seus trabalhos, até mesmo de seus nomes, ainda foi ou é pouco conhecido pela sociedade.

Diante das informações apresentadas as reflexões de Löwy (2000) elucidam claramente a afirmação referente a posicionalidade masculina no fazer científico.

Entretanto não devemos esquecer que a ciência é um empreendimento de caráter cumulativo e que seu passado – do qual as mulheres foram excluídas – continua pesando sobre seu presente. Além disso, e apesar da feminização recente do mundo científico, os “grandes cientistas”, aqueles que são percebidos como porta-vozes autorizados da ciência (prêmios Nobel, membros da Academia de Ciências, diretores de instituições prestigiosas ou de laboratórios de elite) são ainda geralmente do sexo masculino. (LÖWY, 2000 p. 24)

Perante a estrutura apresentada compreende-se que a sociedade ocidental foi moldada a partir de ideias patriarcais não excluindo a ciência desta construção, favorecendo a legitimação deste processo. Segundo Löwy (2000, p.25), ‘a questão da possibilidade – ou impossibilidade – da “ciência no feminino” é geralmente discutida de uma maneira abstrata, sem referências ao contexto histórico e social. A autora ainda argumenta sobre a divisão dos papéis de gênero e como este processo dualiza a sociedade entre masculino/feminino.

Essa dualidade comentada, também foi alvo de reflexões por Massey (1995) em seu trabalho intitulado *‘Masculinity, dualisms and high technology’*⁵⁴, neste trabalho Massey (1995) argumenta sobre o dualismo existente, que segundo a autora esse pensamento binário e hierarquizado é interiorizado na vida cotidiana das pessoas, trazendo consequências nas estruturações de práticas de relações sociais, refletindo assim, nas relações espaciais.

Após as discussões apresentadas ao que diz respeito ao contexto histórico e a presença feminina em espaços científicos, evidencia-se que a

⁵¹ Cientista pioneira nos estudos de física no Brasil, e foi responsável pela manutenção do Laboratório de Emulsões Nucleares do CBPF e pela colaboração Brasil-Japão, no Rio de Janeiro

⁵² Pioneira na pesquisa sobre o tratamento da doença mental através da arte-terapia foi reconhecido internacionalmente

⁵³ Pioneiras na ciência no Brasil. Cnpq. Disponível em < <http://www.cnpq.br/web/guest/pioneiras-da-ciencia-do-brasil> > Acesso dia 01 de setembro de 2017

⁵⁴ Tradução do título: "Masculinidade, dualismos e alta tecnologia"

ausência feminina na formação universitária está relacionada a divisão dos papéis de gênero que lhes eram impostos pela sociedade da época. Segundo Lopes, Souza e Sombrio (2004), o papel feminino designado à mulher sempre foi relacionado a maternidade, ao casamento e donas de casa.

Desta forma, as reflexões de McDowell (1999), expõem que essa relação está ligada ao espaço e com a definição do que é 'natural' e do que é 'cultural', assim é relacionada às regulamentações que influenciam quem está ocupando determinado espaço e sendo excluído por ele.

Durante anos, os espaços públicos foram vivenciados apenas por corpos masculinos e como visto em Arendt (2007) a fragmentação do espaço público e privado proporcionou aos homens um espaço para vivenciar sua vida política e ao mesmo tempo delimitou a participação feminina desta ação.

Constata-se que as configurações passadas ainda refletem claramente o processo de hierarquia existente tanto no espaço público quanto no privado. Ao pensar sobre a construção da sociedade é notório que a configuração dos espaços públicos e privados se mantiveram a partir de uma 'lógica' patriarcal.

Posteriormente seguindo os pensamentos das autoras apresentadas Massey (1995); McDowell (1999); Löwn (2000); Arendt (2007) é possível argumentar que a configuração dos espaços públicos e privados acabam por estabelecer processos culturais que refletem explicitamente nos papéis desempenhados por homens e mulheres em seus diversos espaços. As construções dos papéis de gênero são fortemente presentes nas mais diversas espacialidades, e não destoando deste cenário a academia é um desses espaços que exprimi claramente a hierarquização e posicionalidade dos papéis a serem desempenhados.

Com base nas discussões apresentadas, os pensamentos de Lopes, Souza e Sombrio (2004) demonstram que o espaço acadêmico denota uma mudança ao modelo masculino apenas no final do século XIX e início XX, quando as mulheres começam a destacar-se no campo científico. Ainda para Mestre (2004) embora o contexto histórico estivesse sob influência das ideias feministas ainda havia muitas mulheres que estavam ligadas aos pensamentos patriarcais.

Mesmo com a resistência encontrada durante um longo período histórico, durante o século XIX começam a surgir as primeiras conquistas para a participação feminina no espaço acadêmico. Um dos primeiros marcos da

história feminina foi a criação de colégios para mulheres onde elas conseguiriam expandir seus conhecimentos e a vontade do saber.

A mudança nesse quadro inicia-se somente após a segunda metade no século XX, quando a necessidade crescente de recursos humanos para atividades estratégicas, como a ciência, o movimento de liberação feminina e a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres permitiram a elas o acesso, cada vez maior, à educação científica e às carreiras, tradicionalmente ocupadas por homens. (LETA, 2003, p.271)

A participação feminina no espaço acadêmico não chamava a atenção necessária para que houvesse equidade entre os gêneros. Segundo as informações apresentadas por Lopes, Souza e Sombrio (2004) os movimentos sociais, os cursos universitários e nem mesmo as pesquisas acadêmicas, conseguiram acompanhar de forma ampla e sistemática a discussão da temática.

Para as autoras, o interesse pelo tema dos estudos de gênero/feminismo era pouco visível, e essa situação apenas colaborou para manter o falso mito da ciência, onde a mesma conserva-se exclusivamente masculina. O campo científico não está imune às pressões e movimentos sociais. Neste momento, o movimento feminista foi um dos principais tensionadores da ciência e na reivindicação das mulheres ao direito à educação e formação universitária, possibilitando a formação de mulheres cientistas.

Os pensamentos de Lopes (1998) apresentam que:

A partir da década de 1980, os primeiros estudos sexuais, que depois se refeririam a gênero, rapidamente evoluíram, nos Estados Unidos, da procura e da constatação da ausência das mulheres nas ciências e da busca de suas causas, para as discussões das consequências científicas dessa subrepresentação histórica. E indo além, para o questionamento da neutralidade de gênero dos próprios critérios que definem o que é científico. (LOPES, 1998, p. 349)

Após as colocações acima é possível visualizar que a participação feminina nas universidades, juntamente na ciência começam a ganhar certa notoriedade neste momento. As reflexões de Louro (1997) evidenciam que essas transformações sociais possibilitaram, não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, porém a sua presente participação como docente.

Logo diante das reflexões acima, é possível compreender o espaço acadêmico enquanto um campo científico. Para Bourdieu (2004), esse campo

científico se assemelha a um jogo que necessita ser munido de razão para vencer. Tal pensamento não se distancia nem um pouco da produção do conhecimento científico geográfico brasileiro, pois o mesmo estabelece regras e critérios para este 'jogo' científico.

A ciência geográfica não foi moldada diferentemente dos padrões estabelecidos pela ciência, ela é um campo científico em constante transformação, tanto em termos epistemológicos, temáticos e principalmente pela ação de seus agentes produtores (as) de conhecimento.

Essa construção do saber científico é relacionada a um campo de poder como argumenta Foucault (1988) e a ciência geográfica se configura desta maneira construindo invisibilidades e hegemonias privilegiando alguns grupos, tendo como principal característica sexo e raça. Para Silva (2009a), a ciência geográfica por vezes negou e invisibilizar a existência da diversidade dos saberes que compõem as sociedades nas mais diversas espacialidades.

Conforme os pensamentos apresentados, evidencia-se que a construção do fazer científico estruturou-se a partir de pensamentos hierarquizados. A hierarquia epistêmica discutida tanto por Mignolo (2004); Sousa Santos, Meneses e Arriscado (2005) e Lander (2005) destaca que por muito tempo a ciência afirmou-se enquanto única possibilidade plausível de se produzir conhecimentos válidos sobre a realidade. Essa categorização existente também contribuiu para a existência ao repúdio e a negação de outras formas de racionalidades, as quais foram, e ainda são estratégias de legitimação deste tipo específico de saber estabelecido e histórica e geograficamente a partir de privilégios de sexo e de raça.

Salienta-se que os corpos praticantes da construção científica não são corpos neutros na produção do conhecimento científico, pois estes corpos vivenciam múltiplas espacialidades e relações sociais, as quais direcionarão o seu fazer científico e as suas pesquisas científicas. Destaca-se que essas espacialidades vividas apresentam normas a serem seguidas, e não diferente das demais espacialidades, encontra-se o espaço acadêmico o qual é repleto de regras determinadas por seus dominantes.

O campo científico geográfico brasileiro também pode ser considerado um campo repleto por marcas dessa estrutura apresentada. A produção científica geográfica brasileira é construída a partir de seus agentes e será realizada

conforme a posicionalidade dos mesmos. Neste momento as reflexões evidenciadas referem-se à construção epistemológica da Geografia brasileira. Não distante das discussões apresentadas, as relações de gênero são um dos fortes componentes que estruturam esse campo científico, desta forma a próxima seção deste capítulo será destinada a apresentação da construção do conhecimento científico geográfico brasileiro e as relações de gênero presentes na trajetória de vida dos pesquisadores (as) da ciência geográfica.

2.2 GÊNERO, PESSOAS PRODUTORAS DE CONHECIMENTO E TRAJETÓRIAS DE VIDA

Ao construir uma reflexão acerca do fazer científico, é possível visualizar e compreender a ciência enquanto um campo de poder o qual legitima e invisibiliza determinados grupos que não correspondem à 'lógica' científica. Perante as discussões dissertadas, torna-se clara argumentação de que a ciência geográfica também é um campo de poder, o qual constrói invisibilidades e hegemonias privilegiando alguns grupos, tendo como principal característica sexo e raça.

Estas características apresentadas promovem e promoveram excessivos empecilhos aos grupos minoritários, para que estes conseguissem expressar suas espacialidades e que os (as) geógrafos (as) formulassem questões e pesquisas que pudessem oferecer visibilidade a esses grupos que foram (e são) invisibilizados pela ciência geográfica. Os grupos citados podem ser destacados como as mulheres, crianças, pessoas negras, e todas as outras pessoas que não se enquadram na norma heterossexual dominante, estavam excluídas desta produção do saber.

Nada distante da argumentação acima, a ciência geográfica brasileira também se baseou em uma ciência construída a partir de pensamentos hegemônicos e hierárquicos não se mostrando aberta às novas discussões. Segundo Silva (2009a):

Ao conhecer esta versão da história de nossa ciência, nós geógrafas (os) brasileiras (os), não podemos deixar de questionar a impermeabilidade da Geografia brasileira a esse movimento político-científico e, acima de tudo, aguçar nosso senso crítico para compreender que os princípios que organizam as produções discursivas da ciência hegemônica são os mesmos que produzem os silêncios e ausências. (SILVA, 2009a, p. 27)

Torna-se irônica tal situação, pois a ciência geográfica sempre foi visualizada enquanto uma ciência que estava ‘aberta’ aos diversos outros conhecimentos, sendo ela ligada às realidades sociais. Todavia, ela se apresentou ao longo dos tempos como uma ciência excludente a determinados grupos. A afirmação construída se faz pertinente devido a invisibilidade de abordagens de temas considerados periféricos, como visto em Silva (2009a).

Neste tocante e seguindo as reflexões acima, as relações de gênero podem ser consideradas um dos temas invisibilizados nas discussões realizadas pela ciência geográfica, a qual mantém exclusivos estudos relacionados as temáticas de gênero e sexualidades.

Em compreensão de que a ciência geográfica é reflexo passado da construção científica, está também pode ser considerada reflexo da sociedade no todo. Para André (1990) em relato publicado em seu artigo *‘Women and Geography Study Group of Institute of British Geographers’*⁵⁵ em 1984, a autora explana a seguinte reflexão:

Se não conhecermos os papéis a serem desempenhados por cada um dos gêneros no estudo da sociedade, não se pode apresentar uma análise razoável das espacialidades e comportamento das mulheres e dos homens, nem das instituições que se alimentam destes comportamentos como também os influenciam. (ANDRÉ, 1990, p.335).

Ao pensar ciência e a produção do conhecimento científico, o primeiro pensamento que temos refere-se ao espaço acadêmico ou/e universitário. Com base nas leituras que sustentam esta tese, é óbvio como este espaço ainda é repleto de preconceitos e hierarquizações.

O espaço acadêmico pode ser entendido enquanto relacional, em constante transformação e organizado a partir de relações de poder que envolvem os sujeitos participantes da estrutura apresentada. Desta forma, “não há constituição de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não constitua, ao mesmo tempo, relações de poder” (FOUCAULT, 1996, p. 29-30)

Os pensamentos de Silva (2009a, p.27) de forma clara e direta explicam que “A Geografia, assim como outras ciências, é um saber que se desenvolve atrelado aos contextos histórico-geográficos e aos recursos de interpretações

⁵⁵ Tradução: Mulheres e Grupo de Estudo de Geografia do Instituto de Geógrafos Bristish

disponíveis, como as técnicas e as teorias”. As angústias da autora já haviam sido alvo de reflexões de outras pesquisadoras que criticavam a ciência geográfica e o sistema hierárquico predominante que a ciência estava incluída.

Como visto em Narvaz e Koller (2006), as discussões de gênero começam a surgir na ciência geográfica a partir da década de 1960, com o início da segunda onda do movimento feminista que tinha por objetivo dar ênfases aos grupos invisibilizados pelas ciências. Dentre vários movimentos existentes na década de 1960, o movimento feminista foi importante para inspirar geógrafas a iniciarem um movimento nos anos 1970, e assim reivindicar a construção da igualdade entre homens e mulheres.

Ainda nos pensamentos das autoras o feminismo pode ser compreendido como uma filosofia que reconheceria as diferenças das experiências entre o universo masculino e feminino, expondo a necessidade de que pessoas diferentes sejam tratadas não como iguais, e sim equivalentes. As feministas norte-americanas reivindicavam a igualdade entre gêneros, em paralelo a este acontecimento as francesas apontavam a necessidade da valorização das diferenças entre homens e mulheres, especificamente as experiências femininas.

As autoras apresentam que o movimento feminista foi construído em três fases, sendo elas: a primeira geração (ou a chamada primeira onda do feminismo), representa um movimento liberal de luta feminina pela igualdade dos direitos civis, políticos e educativos, os quais eram destinados apenas aos homens. Concomitantemente, estruturou-se na Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha, o movimento sufragista que foi de fundamental importância nessa fase do surgimento do movimento feminista. O objetivo do movimento feminista (nesta época) representava a luta contra a discriminação das mulheres e a garantia dos direitos civis, como o direito ao voto, o que era permitido apenas aos homens, mantendo uma postura patriarcal.

Em continuidade, a segunda fase do feminismo (ou segunda geração / segunda onda) teve sua efervescência nas décadas de 1960 e 1970, em destaque nos Estados Unidos e na França. As feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à

especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada. As propostas feministas que caracterizam determinadas posições, por enfatizarem a igualdade, são conhecidas como “o feminismo da igualdade”, enquanto as que destacam as diferenças e a alteridade são conhecidas como “o feminismo da diferença”. (NARVAZ ; KOLLER, 2006)

Como visto a década de 60 foi marcada por questionamentos que reivindicavam as discussões de gênero e neste contexto apresentado as geógrafas feministas inspiram-se e iniciam um movimento nos anos 1970, reivindicando a construção da igualdade entre homens e mulheres.

Este pensamento em primeiro momento foi abordada pelas geógrafas inglesas e norte-americanas, onde estas contextualizavam as novas discussões referentes ao tema de gênero, com o objetivo de construir uma igualdade entre homens e mulheres no âmbito da disciplina. Os questionamentos realizados por essas mulheres desafiavam as filosofias, conceitos e metodologias que permeavam a hegemonia de uma Geografia masculina.

Ao refletir sobre a construção do movimento feminista o qual luta por direitos e equidade entre os gêneros, Fraisse⁵⁶ (1995) apresenta a seguinte colocação:

A liberdade não pode ser confundida com a igualdade, no par filosófico identidade-diferença a igualdade pode tomar o lugar da identidade diante da diferença. Faltava acrescentar agora que a liberdade se superpõe eventualmente a diferença, pois é em virtude da diferença das mulheres que a liberdade das mulheres é negada ou contestada. (FRAISSE, 1995, p. 168)

Diante do pensamento da autora, segundo Narvaz e Koller (2006, p.649) ‘introduz-se, assim, a noção de equidade e paridade no debate igualdade-diferença dentro dos movimentos feministas’.

Após as construções teóricas discutidas pelo movimento feminista, em 1980, a crítica pós-modernista da ciência ocidental desperta um paradigma que causa incerteza no campo da construção do conhecimento.

Neste momento as feministas francesas se viam influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista que estava em voga na França, esses

⁵⁶ Disponível em:

<https://media.proquest.com/media/hms/PFT/1/hgz83?s=1Hc1ol1eOeMNar27bCV4J%2BcFLwg%3D>
Acesso em 18 de dezembro de 2018.

pensamentos eram teorizados principalmente por Michel Foucault e Jacques Derrida. Para Narvaz e Koller (2006) os problemas enfatizados pelos autores eram referentes a questão da diferença, da subjetividade e da singularidade das experiências, idealizando que as subjetividades têm sua construção a partir dos discursos e encontram-se em um campo que em sua maioria é dialógico e intersubjetivo.

O contexto histórico apresentado remete a construção do movimento feminista e suas respectivas ondas. Torna-se interessante destacar que década de 80 esse movimento também foi questionado. Desta vez os questionamentos levantados foram realizados por mulheres negras de países do terceiro mundo, que segundo Silva (2009b) alegavam sentirem-se prejudicadas enquanto representatividade na Geografia Feminista, pois o contexto em que a ciência geográfica se configurava era feito de um olhar de branco/heterossexual.

Diante das críticas apresentadas, abriu-se um caminho para um desenvolvimento epistemológico no campo da Geografia Feminista, onde o movimento feminista deveria repensar as invisibilidades ainda presentes como as questões que envolvem raça, etnia e sexualidade.

Mesmo após todos os questionamentos levantados pelo movimento feminista, as mulheres ainda permanecem com menor visibilidade em diversos campos sendo eles sociais ou profissionais. Neste tocante é nítido a importância das discussões feministas diante da luta referente a equidade.

Há estudos referentes a presença feminina no campo acadêmico e científico e esses estudos também estão acontecendo na ciência geográfica. Sobre as temáticas que envolvem o conceito de gênero estas manifestam-se de maneira 'tímida', ou melhor dizer, ainda estão sendo barradas pelos cientistas que não concordam com a temática em questão. Para comprovar essa invisibilidade feminina nos estudos geográficos as reflexões de McDowell e Peake (1990), apresentam que por mais de uma década (entre o período de 1980) de esforços das geógrafas feministas, os postos mais altos das hierarquizações de poder ainda eram ocupados por homens. Indo um pouco mais além, as reflexões apontadas pelas autoras, ainda constava que mesmo com o ingresso das mulheres nos cursos de Geografia, a representação feminina ainda era menor quando se dizia respeito aos cargos de alto grau acadêmico.

Não diferente das preposições acima, os pensamentos de Cesar (2015) remetem que na Geografia brasileira os cargos de chefia são organizados majoritariamente por homens, assim como a configuração do corpo docente nos 55 programas com pós-graduação em Geografia.

Ao pensar o processo de invisibilidade feminina em âmbito acadêmico, Monk e Hanson (1982) publicaram o famoso artigo '*On not excluding half of the human in human geogaphy*', onde as pesquisadoras dizem 'Não excluam metade da Geografia Humana na Geografia Humana'. A preocupação das pesquisadoras demonstra à distinção entre homens e mulheres nas Academias universitárias e como esta falta de atenção em torno do tema é explícita ou implícita no campo da Geografia humana.

As discussões sobre as relações de gênero e o espaço acadêmico, também são preocupações levantadas por, Garcia Ramon, Ortiz e Pujol (2011) quando as autoras apresentam as condições de produção científica das mulheres docentes nas universidades da Espanha. As autoras ainda argumentam que há diferenças fundamentais entre o universo feminino e masculino que traz maiores vantagens aos homens na organização acadêmica universitária, já que as mulheres desempenham dupla jornada de trabalho, considerando suas funções como mães e donas de casa. Esse resultado da pesquisa da autora indica a hierarquização e dominância do discurso heterossexual masculino.

Essas colocações pontuadas pelas autoras também serão refletidas nas produções científicas realizadas por essas mulheres que participam deste mundo acadêmico. As ideias apresentadas por Garcia Ramon, Ortiz e Pujol (2011) remetem que:

A baixa produtividade das mulheres no campo acadêmico tem sido explicada pelas dificuldades em conciliar a vida profissional e familiar e pelo pouco acesso a redes de informacionais e contatos pessoas que facilitam as publicações. Pesquisas realizadas por Garcia Ramon et al. (1992) e Ramiro (2005) apontam a importância do papel da mulher quando levada em consideração sua produção. Entretanto eles também nos lembram que a baixa proporção de funcionárias, no caso dos departamentos de Geografia das universidades, constituiu também uma explicação em si para o baixo número de publicações. (GARCIA RAMON; ORTIZ; PUJOL. 2011, p.46)

Perante a configuração apresentada pelas autoras, mais as abordagens destacadas por Rose (1993a), McDowell (1999) e Silva (2009), tais reflexões evidenciam que há dualidades oposicionais presentes na construção do pensamento científico, e isto acaba por estruturar o universo feminino e masculino. As reflexões de Rose (1993a) e de McDowell (1999) apresentam uma crítica às práticas geográficas, pois estas vem alimentando a estrutura dual comentada, de maneira hierárquica, privilegiando as características masculinas em detrimento das femininas.

A presente reflexão foi alvo das angústias contidas por McDowell (1994), que diante de seus pensamentos realizou uma entrevista com Susan Hanson, na época presidente da *Association of American Geographers* (1991-1992), neste momento a entrevistada apresenta as dificuldades encontradas pelas mulheres que exercem funções que demandam conciliar as atividades profissionais e a vida familiar.

As frases de Hanson para a entrevista feita por McDowell (1994) destacam que as mulheres que adquirem maior sucesso profissional, em sua maioria estão solteiras ou divorciadas, a docente também evidencia que aquelas que são casadas e constituem família apresentam um nível de exigência maior do que os homens, refletindo desta maneira em suas ações profissionais.

Os pensamentos de Hanson também expõem que as mulheres necessitam de estratégias para serem respeitadas, privando-se de suas características identitárias femininas, pois somente desta forma são respeitadas em âmbito acadêmico e científico. Para McDowell (1994, p.27)⁵⁷

⁵⁸I've really noticed gender segregation at conferences and I don't think it is because women don't want to spend time with men. It seems to me as if men don't know how to approach the successful women and engage with them as colleagues; that they don't seem to know how to deal with us. What do you think? Have you made the same observation?

⁵⁷ A Pergunta de Linda McDowell refere-se a segregação de gênero nas conferências e o desconforto dos homens em não saber lidar com o contexto que apresentava mulheres bem-sucedidas, Linda McDowell pergunta a Hanson o que ela achava disso?

⁵⁸ Tradução: Eu realmente notei a segregação de gênero nas conferências e não acho que seja porque as mulheres não querem passar mais tempo com os homens. Parece-me que os homens não sabem como abordar as mulheres bem-sucedidas e se envolver com elas como colegas; parecem que eles não sabem como lidar conosco. O que você acha? Você fez a mesma observação?

A resposta de Susan Hanson apresenta os seguintes pensamentos:

⁵⁹It is clear from talking to some of my colleagues that they are most comfortable dealing with women who 'act like a man' or at least don't expect to be treated differently from a man. And when a woman does expect to be treated differently from a man, it's very confusing for male colleagues. They don't quite know what to make of it or how to respond (Entrevista realizada com Susan Hanson, por Linda McDowell (MCDOWELL, 1994, p.27)

Após a argumentativa de Hanson, McDowell (1994) continua seus questionamentos e neste momento ela questiona 'In the ways⁶⁰? De que maneira isto acontece? Tal abordagem refere-se ao contexto apresentado, visto que Hanson aponta que os homens se sentem incomodados ao deparar-se com mulheres 'agem como um homem' ou, pelo menos, não esperam ser tratadas de maneira diferente de um homem. A resposta de Hanson, apresenta o seguinte pensamento:

⁶¹First of all men are not at all self-conscious about this issue because they have no idea of what it is like not to have role models. They just have them all over the place. Their whole world is infused with a zillion other people who define almost every imaginable possibility for becoming. For a woman, or for any other minority to whom possibilities have historically been denied, I think it is a very real issue. Probably the central issue. You are creating your identity as a professional geographer. (Resposta de Hanson, a entrevista concedida a McDowell, 1994, p. 27)

Muitas mulheres que se encontram em espaços acadêmicos acabam por naturalizar essa prática e muito menos observam que estão reproduzindo atitudes machistas para conseguirem um lugar de posição na estrutura acadêmica. Essas ações comentadas se apresentam de forma involuntária para muitas docentes e elas reproduzem em seus discursos.

⁵⁹ Tradução: Fica claro, ao conversar com alguns de meus colegas, que eles se sentem mais à vontade lidando com mulheres que "agem como um homem" ou, pelo menos, não esperam ser tratadas diferentemente de um homem. E quando uma mulher espera ser tratada de maneira diferente de um homem, é muito confuso para os colegas do sexo masculino. Eles não sabem exatamente o que fazer ou como responder (Entrevista realizada com Susan Hanson, por Linda McDowell)

⁶⁰ Tradução: De que maneira?

⁶¹ Tradução: Em primeiro lugar, os homens não são tão conscientes desta questão porque não têm a ideia de como é não ter modelos. Eles os têm em todo o lugar. Seu mundo inteiro é infundido com um zilhão de outras pessoas que definem quase todas as possibilidades imagináveis de se tornarem. Para uma mulher, ou para qualquer outra minoria a quem as possibilidades têm sido historicamente negada, acho que é um problema muito real. Provavelmente a questão central. Você está criando sua identidade como geógrafo profissional.

Considerando que a ciência não é obra do acaso e que a mesma é realizada e desempenhada por corpos masculinos e femininos, torna-se importante apresentar os pensamentos de Butler (2013) quando a autora apresenta o gênero não apenas como um elemento que existe em si, mas como uma representação que adquire sentido nos atos repetitivos das pessoas, criando uma falsa noção de estabilidade e coerência entre sexo, gênero e desejo. Diante destes atos repetidos, as relações de gênero são naturalizadas e seguem normas, as quais dividem os universos 'masculino' e 'feminino', logo a sociedade por vez acaba por realizar e reproduzir o espaço geográfico segundo as normas preestabelecidas.

Logo, a produção científica, sendo esta produzida por sujeitos corporificados que compõem as mais diversas estruturas sociais, é admissível compreender o gênero enquanto performático, utilizado em práticas repetitivas que estabelecem o discurso da verdade, o qual faz parte das vidas dos sujeitos corporificados, pois estes corpos são exigidos socialmente a desempenharem seus 'papéis' a partir de suas formas anatômicas.

Analisando esta fragmentação dos universos masculinos e femininos, torna-se claro que a produção do conhecimento científico, sendo este influenciado pelos seus pesquisadores (as), trarão para sua produção científica além de suas vivências espaciais como também suas características como sexo, gênero e cor da pele. Pensando neste contexto de tensionamento de diferentes posicionamentos epistemológicos, as abordagens de gênero possibilitam a abertura para os questionamentos referentes aos corpos produtores deste saber científico.

Diante das reflexões acerca de posicionalidade e das diferenças entre os corpos que constroem as produções intelectuais, as relações de gênero não devem ser invisibilizadas dessa produção do conhecimento científico, pois tanto os corpos masculinos quanto os femininos vivenciam os múltiplos espaços de maneiras diferenciadas. Massey (2008) evidencia que estas articulações humanas são estabelecidas a partir da coexistência / simultaneidade espacial de múltiplos interesses e trajetórias pessoais.

Ao pensar sobre estes múltiplos espaços apresentados, Massey (2008) compreende o espaço como um feixe de relações que está em permanente processo de transformação, sendo uma esfera de possibilidades como proposto,

quer dizer, este espaço é considerado um fazer contínuo que se constrói conforme as práticas e realizações nas espacialidades. Tais pensamentos são confirmados por Silva (2009a) que apresenta o espaço da produção científica, no caso a produção científica geográfica brasileira, como um espaço de característica masculina e branca.

Para compreender a existência e produções científicas desses corpos que vivenciam as mais diversas espacialidades, é importante compreender suas trajetórias de vida, para que assim seja possível visualizar a construção do conhecimento científico geográfico brasileiro desempenhado por esses pesquisadores (as).

Interpreta-se que a ciência é produzida por corpos que trazem suas experiências para as suas produções e por vezes acabam por impactar o campo científico. Assim evidenciar os corpos que constroem essa trajetória científica no campo científico geográfico, pode ser visto como um desafio a uma tradição epistemológica moderna que separou de forma contundente o ser humano e os objetos considerados exteriores ao ser.

Ao pensar a produção do conhecimento científico, não se pode descartar que essa produção é pensada e desempenhada por uma pessoa que além de contribuir com sua produção intelectual teorizada, é também praticante de suas posições. Segundo Nóvoa (2000) o ensinar de cada um está diretamente ligado ao que somos como pessoa e como exerceremos o ensino, assim a nossa maneira de ensinar desvenda nossa maneira de ser. Para o autor é impossível fragmentar o eu e o ser profissional. Perante os pensamentos apresentados há também as reflexões de Cavaco (1999) que diz que a construção da identidade de cada profissional está conectada com a identidade pessoal e com os diversos contextos e laços de interações entre outros profissionais e a socialização entre as pessoas.

Ressalta-se que o espaço acadêmico é repleto de regras estabelecidas por seus dominantes. As reflexões de Bourdieu (2004) apresentam que o campo apresenta negociações e elas até podem existir, só que estes momentos serão redigidos a partir das regras específicas estabelecidas no campo. Assim, ao pensar as relações desenvolvidas por sujeitos corporificados, mais as normas estabelecidas no campo científico, é evidente que as práticas docentes que fogem das normas preestabelecidas serão de certa forma hostilizadas.

Ao pensar a trajetória de vida dos sujeitos produtores do conhecimento, torna-se válido refletir sobre os contextos e vivências dessas pessoas, pois é comum o esquecimento de quem, como e por que essa produção intelectual foi pensada e produzida. Para Bell (2011) as narrativas produzem discursos próprios e são expressas através das publicações em artigos científicos, livros e até mesmo na sala de aula.

Na visão de Carlindo (2008) devemos pensar o sujeito professor a partir de sua origem social, valores, crenças, formação familiar e de grupo. A autora vai além em seus pensamentos, apresentando que os sujeitos a partir de suas particularidades terão diferenciadas trajetórias.

A trajetória escolar e acadêmica, a influência de antigos mestres, as condições geográficas e econômicas, o capital cultural adquirido ao longo de toda a trajetória de vida e as experiências vivenciadas fora do ambiente escolar são referências significativas para a compreensão em torno do processo constitutivo da identidade e da profissionalidade docente". (CARLINDO, 2008, p. 10870)

Nota-se pelas reflexões de Carlindo (2008) que o trabalho docente pode ser considerado uma prática social complexa, pois não se encontra em moldes estabelecidos e ele é elaborado e reelaborado diante da trajetória pessoal e profissional de cada indivíduo. Logo, as diferentes trajetórias dos sujeitos pesquisadores (as) será moldada a partir de seus corpos e posicionalidade, sendo esta de margem ou centro. Segundo Massey (2000) as experiências são definidas por diversos elementos e a raça e gênero são um deles, sendo assim componentes de importantes análises.

Há diferenças fundamentais entre o universo feminino e masculino e para Garcia Ramon, Ortiz e Pujol (2011) distinções trazem maiores vantagens aos homens na organização acadêmica universitária, já que as mulheres desempenham dupla jornada de trabalho, considerando suas funções como mães e donas de casa.

As reflexões de Garcia Ramon, Ortiz e Pujol (2011) sobre as distintas nuances entre os universos feminino e masculino nas universidades espanholas, também pode ser observada na realidade das universidades brasileiras, visto que o 'ser' mulher e os papéis desempenhados por estas tem uma certa similaridade nos países do ocidente.

Embasada nesses pensamentos, é necessário entender que a produção acadêmica é um dos elementos que compõe a vida dos pesquisadores (as). Assim, a produtividade e qualidade da produção científica tem sido alvo de discussões e avaliações realizadas pelo governo brasileiro por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior⁶² a qual vem atingindo diretamente na estrutura acadêmica das universidades brasileiras. As exigências deste órgão têm por foco a atuação docente e seus diversos trabalhos acadêmicos, sendo eles a produção científica intelectual, coordenação de grupos de pesquisa entre outros.

O fazer científico é fruto de trabalho que envolve horas de dedicação e dispêndio de energia como qualquer outro tipo de atividade e esse pensar depende das condições e do contexto social, cultural e econômico das pessoas que atuam no ramo dessa atividade. Nesse sentido, o trabalho docente, afetado com as transformações impostas pelas políticas de desenvolvimento do ensino superior e de pesquisa, tem diferentes resultados entre as pessoas que desempenham tal trabalho. Destaca-se que mulheres e homens possuem diferentes papéis sociais a serem desempenhados na sociedade. Apesar da presença feminina nas universidades e as mesmas constituírem considerável parte da força de trabalho científico e tecnológico, ainda há uma desigualdade entre as realidades masculina e feminina.

Os pensamentos de Silva et al. (2009) remetem que a Geografia brasileira, teve seu avanço ao que diz respeito a concepção entre a relação entre a 'pessoa que age' e o espaço e ainda conta com uma estrutura curricular, sujeitos agentes e atores genéricos ou universais.

A produção científica da Geografia, no Brasil, tem sido realizada majoritariamente nos programas de pós-graduação distribuídos pelo território brasileiro em diferentes temporalidades. A prática científica é regulada pelas delimitações que se estabelecem no campo geográfico em termos de construção de objeto de estudo, metodologias e conceitos. Em geral, essa discussão se faz nos cursos de pós-graduação por meio da disciplina que trata da epistemologia da Geografia. É nessa disciplina, em geral obrigatória, em que se estabelece a

⁶² Plataforma Sucupira. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/> Acesso em 27 de setembro de 2017.

legitimação de teorias e que se constrói a narrativa da história científica do campo geográfico.

Diante ao argumento acima e com o propósito de evidenciar e comprovar a colocação apresentada, foi realizado um levantamento de dados nas ementas dos 60 programas de pós-graduação em Geografia. A investigação realizada nestes documentos viabilizou a construção da análise de conteúdo, a qual permitiu observar os discursos contidos nas ementas destes programas, como também analisar as referências 'básicas' abordadas na disciplina de epistemologia, sendo essa responsável pela compreensão da origem, estrutura e até mesmo validade do conhecimento científico.

Ressalta-se que a ementa selecionada para essa análise foi a de epistemologia⁶³, devido ao impacto desta disciplina no campo científico geográfico. O conteúdo das ementas foi analisado a partir da proposta de Bardin (1977) que propõe análise de conteúdo, com esta metodologia foi possível visualizar e analisar as frequências encontradas e até mesmo interpretar o foco dos estudos destinados à epistemologia da Geografia brasileira.

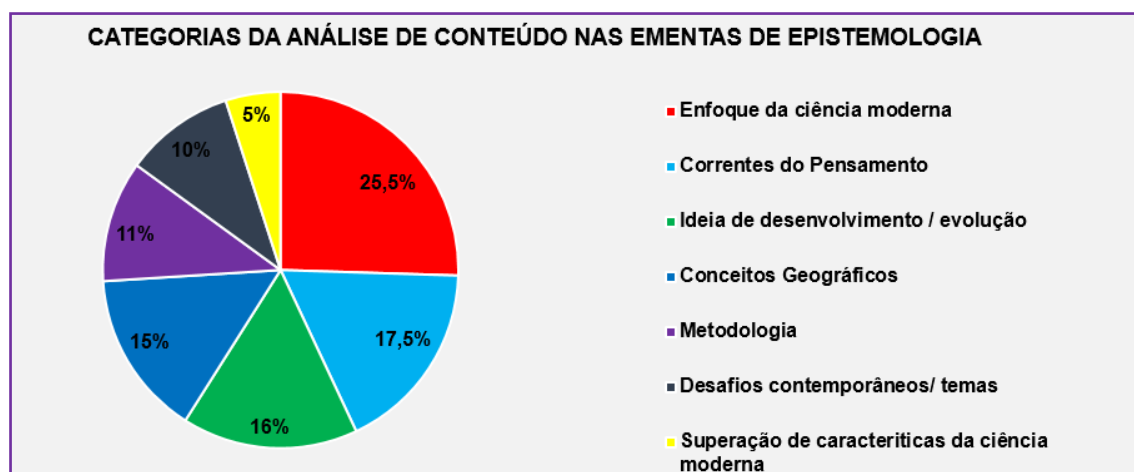
Assim, as proposições do conteúdo destes documentos foram classificadas em categoria de análises discursivas e neste tocante, foram identificadas 7 categorias que estruturaram a totalidade das ementas de epistemologia nos programas de pós-graduação em Geografia. Destacou-se as seguintes categorias: Enfoque na ciência moderna; Correntes do pensamento geográfico; Ideia de desenvolvimento / evolução; Metodologia; Desafios contemporâneos e temas; Superação de características da ciência moderna.

⁶³ A disciplina selecionada foi a de Epistemologia, todavia algumas das ementas analisadas não eram tituladas desta forma, os nomes das disciplinas variavam para: Epistemologia e Geografia; Teoria e Método em Geografia; Teoria e Metodologia da Ciência Geográfica; Formação do Pensamento Geográfico; Epistemologia da Geografia; Epistemologia e produção do conhecimento geográfico; Espaço contemporâneo e teoria geográfica; Bases epistemológicas da Geografia; Estudos Avançados Em Epistemologia E Metodologia Da Geografia; Fundamentos Teóricos E Conceituais Da Geografia; Fundamentos Teóricos E Metodológicos Em Geografia; Evolução Do Pensamento Geográfico; Epistemologia Da Geografia E Novas Tendências; Epistemologia e História Do Pensamento Geográfico; Metodologia Científica Em Geografia; Teoria, Met. Pens. Geog; Filosofia E Epistemologia Da Geografia; Filosofia Da Ciência (Geografia E Filosofia Da Ciência); Bases Teóricas, Metodológicas E Conceituais Da Pesquisa Em Geografia; Modernidade, Natureza e a Construção Da Geografia Científica; Elementos De Epistemologia Da Geografia; Fundamentos Teóricos Conceituais Da Ciência Geográfica; Epistemologia Da Geografia Contemporânea;

As categorias criadas foram construídas a partir de um critério que oferecesse clareza para as análises. O ‘enfoque na ciência moderna’ foi uma categoria discursiva criada para agrupar a interpretação dos conteúdos que expressavam ideias de dicotomia, oposição, neutralidade, essência de ciência geográfica, oposição entre conhecimento do senso comum e conhecimento científico. Já a categoria ‘correntes do pensamento geográfico’ reuniu a interpretação dos conteúdos que evidenciaram a classificação das diferentes escolas de pensamento. Assim, a categoria “Ideia de desenvolvimento / evolução, reuniu a interpretação dos conteúdos que representam uma linearidade de proposições científicas que sucedem umas às outras dando a ideia de caminho em direção ao aperfeiçoamento da ciência em desvendar a verdade. A esfera “metodologia” é uma categoria que reúne os conteúdos relativos à operacionalização de uma pesquisa geográfica. A penúltima categoria “Desafios contemporâneos-temas” evidencia a preocupação da ciência em lidar com fenômenos atuais e novos⁶⁴. E por fim, a categoria relacionada a ‘Superação das características da ciência moderna’ foi construída para reunir os conteúdos que representam a desconstrução da ideia de ciência moderna.

Em frente as colocações apresentadas o gráfico a seguir possibilita melhor compreensão e visualização da estrutura destacada:

GRÁFICO 1 - Distribuição das categorias – análise de conteúdo



Fonte: Plataforma Sucupira – 60 ementas correspondentes aos programas de Pós-graduação em Geografia.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Joseli Maria Silva, 2017

⁶⁴ Tradução: Inovadores (espanhol)

Nota-se claramente que a análise de conteúdo permitiu evidenciar quais são os pensamentos centrais encontrados e discutidos nas ementas, as ausências e silêncios de uma forma ‘discreta’ também ‘se apresentam’. Nas interpretações realizadas é possível mencionar as invisibilidades construídas, tais como, os contextos de produção dos conceitos, a posicionalidade dos sujeitos construtores do conhecimento científico, as epistemologias feministas e etnoraciais, a ausência da discussão do poder permeando a constituição dos conceitos, assim como, a invisibilidade e inexistência de autores latinos na construção do saber científico geográfico brasileiro que mantém suas discussões pautadas em uma visão internacional.

A construção e reflexão da análise de conteúdo de uma das principais disciplinas responsáveis pela construção do pensamento geográfico brasileiro, permitiu o entendimento de que os discursos são construídos de diversas formas, sendo eles nas falas e através das escritas. É a partir deste pensamento que Foucault (1996) ressalta a seguinte explanação:

O discurso tem força criadora, produtiva, o discurso possibilita que as ideologias se materializem, torna-se perigoso na medida em que serve a interesses, consolida estratificações sociais, pode ser usado para marginalizar, discriminar. Discurso, nessa perspectiva significa poder. O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo. (FOUCAULT, 1996, p. 10-11)

Assimila-se se que os discursos apresentam a possibilidade de criação, de fortalecimento de ideologias, como também é direcionado à interesses específicos e nessa configuração, o discurso pode ser entendido como poder. Elucidando essa argumentação Foucault (1996) disserta que:

{...} é o discurso ele próprio que se situa no centro da especulação, mas este logo na verdade, não é se não um discurso já pronunciado, ou antes, são as coisas mesmas ou os acontecimentos que se tornam insensivelmente discurso, manifestando o segredo de sua própria essência. O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de consequências de si. (FOUCAULT, 1996, p. 48-49)

Corroborando com os pensamentos de Foucault (1996), as reflexões de Bell (2011) expõem que a forma como se constrói as narrativas históricas do campo disciplinar, possibilitam a construção de um pensamento que se apresenta como caráter de verdade, e é nesse processo que algumas teorias e autores se tornam expoentes e outros invisibilizados.

Diante das colocações levantadas pelos autores acima, juntamente com os questionamentos referente a centralidade dos autores presentes nas ementas de epistemologia da Geografia, realizou-se também, uma análise nas referências utilizadas nesta disciplina. Os dados apresentaram a seguinte configuração: das 60 ementas analisadas, estas proporcionaram o número de 1804 referências utilizadas. Das referências indicadas como 'alicerces' para a construção do pensamento científico geográfico brasileiro, os dados retratam que 90,3% destas obras utilizadas são masculinas e apenas 9,70% obras femininas.

Os dados evidenciam nitidamente a desproporção entre homens e mulheres no campo científico geográfico brasileiro. Indo além, lamentavelmente essa configuração permite afirmar que a ciência geográfica brasileira é uma ciência branca, masculina e pautada em discursos hegemônicos.

Considera-se que a construção da ciência geográfica (assim como os outros saberes científicos) é relacionada aos seus agentes construtores do saber. Como visto, a ciência não é obra do mero acaso e sim construída e legitimada por pessoas que compõem o campo científico e que conseqüentemente criam o seu próprio discurso. Não distante deste pensamento, a ciência não é neutra e muito menos apresenta um discurso imparcial. Desta forma, os pensamentos de Orlandi (2001) elucidam tal afirmação:

O sujeito, por sua vez, ao dizer, se significa e significa o próprio mundo. Nessa perspectiva é que consideramos que a linguagem é uma prática. Não no sentido de realizar atos, mas, porque pratica sentido, ação simbólica que intervém no real. Prática, enfim, a significação do mundo. O sentido é história e o sujeito se faz (se significa) na historicidade em que está inscrito. (ORLANDI, 2001, p. 44)

Para evidenciar os nomes de maior destaque e quais as obras que estão sendo contempladas na disciplina de epistemologia em Geografia, realizou-se uma análise estatística nestes dados. Em um primeiro momento, as 1804

referências passaram por um agrupamento conforme os seus respectivos autores (as) e assim, posteriormente passaram por uma análise referente ao desvio padrão dos mesmos. O cenário apresentado configurou-se desta forma, das 1804 referências abordadas, a frequência destas, foi equivalente ao número de 594 autores. Após a construção do desvio padrão os dados apresentaram-se claramente estratificados em três níveis⁶⁵, o primeiro composto por um grupo de apenas 30 autores (as) (5,05%), o segundo formado pelo número de 86 autores (as) (14,48%) e o último grupo correspondente à 478 autores (as) (80,41%) do universo total.

A intenção desta investigação concentrava-se em evidenciar quais os nomes mais utilizados na disciplina de epistemologia da Geografia. Assim, concentrei-me nas análises dos 30 (5,05%) dos nomes e em suas obras mais discutidas. A tabela a seguir apresenta os autores (as) e obras mais indicadas, a organização da tabela está relacionada ao número da frequência que esses autores foram recomendados nas ementas investigadas.

QUADRO 2 - Principais autores e obras indicadas na disciplina de epistemologia em 60 programas de pós-graduação em Geografia

(continua)

AUTORES	PRINCIPAIS OBRAS INDICADAS
Milton Santos	A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. Por uma Geografia nova Espaço e método
Ruy Moreira	O Pensamento Geográfico Brasileiro. As matrizes Clássicas Originárias Para Onde Vai o Pensamento Geográfico? Por uma Epistemologia Crítica. O pensamento geográfico brasileiro. Vol. 2 - As matrizes da renovação.
David Harvey	Condição Pós-Moderna A Produção Capitalista do Espaço Espaço de Esperança

⁶⁵ Os níveis em questão estão destacados no Apêndice A

QUADRO 2 - Principais autores e obras indicadas na disciplina de epistemologia em 60 programas de pós-graduação em Geografia

(continuação)

Paul Claval	Epistemologia da Geografia Evolución de la Geografía Humana História da Geografia
Antônio Carlos Robert de Moraes	A gênese da Geografia moderna. Geografia: Pequena História Crítica. Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil.
Paulo Cesar da Costa Gomes	Geografia e Modernidade. O Espaço da Modernidade. Um lugar para a Geografia: contra o simples o banal e o doutrinário.
Horácio Capel	Filosofía y ciencia en la geografía contemporânea
Iná Elias de Castro	Geografia: Conceitos e Temas. Explorações geográficas: percursos no fim do século.
Roberto Lobato Corrêa	Trajetórias Geográficas. Paisagem, Tempo e Cultura. Região e organização espacial.
Manoel Correia Andrade	Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. Élisée Reclus. Uma Geografia para o Século XXI.
Antonio Christofolletti	Perspectivas da Geografia. Análise de Sistemas em Geografia.
Edward W. SOJA	Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria crítica
Yves Lacoste	A Geografia? Isso serve, em primeiro lugar pra fazer a guerra
Francisco de Assis Mendonça	Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Geografia Física: ciência Humana?

QUADRO 2 - Principais autores e obras indicadas na disciplina de epistemologia em 60 programas de pós-graduação em Geografia

(continuação)

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro	A Geografia no Brasil (1934-1977). Avaliação e Tendências. Instituto de Geografia. Clima e excepcionalismo: conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico.
Eliseu Savério Sposito	Geografia e Filosofia. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico.
Rogério Haesbaert	O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste. Regional Global: Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea.
Edgar Morin	Ciência com Consciência O método I: a natureza da natureza
José Borzacchiello da Silva	O Cotidiano na Metrópole?
Henri Lefebvre	Lógica formal / lógica dialético
Oswaldo Bueno Amorim Filho	A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais.
Richard Hartshorne	Propósitos e natureza da Geografia
Massimo Quaini	A Construção da Geografia Humana Marxismo e Geografia
Sandra Lencioni	Região e Geografia.
Doreen Massey	Pelo espaço: uma nova política da espacialidade Um Sentido Global de Lugar
Immanuel Kant	Géographie Crítica da Razão Pura Critique of the power of judgment
Yi Fu Tuan	Espaço e lugar: a perspectiva da experiência Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente

QUADRO 2 - Principais autores e obras indicadas na disciplina de epistemologia em 60 programas de pós-graduação em Geografia

(conclusão)

Claude Raffestin	Por uma Geografia do poder
Ana Fani Alessandri Carlos	A Cidade
Antonio Carlos Vitte	Contribuições à história e à epistemologia da Geografia.

Fonte: Plataforma Sucupira, 2017.

Nota: Organizado pela autora,

Como visto, o QUADRO 2 possibilita evidenciar quais são os 30 autores (as) com maior impacto no campo da Epistemologia da Geografia brasileira. As investigações levantadas ressaltam dois importantes aspectos a serem refletidos, o primeiro condiz ao percentual de obras internacionais contidas nas referências da epistemologia da Geografia, e o outro referente ao número de mulheres que compõem as referências indicadas. Dos 30 (5,05%) nomes⁶⁶, analisados e trabalhados na disciplina de epistemologia em Geografia, 17 são nomes de geógrafos (as) brasileiros (as) correspondendo à 56,67% das obras trabalhadas, porém há 13 nomes que são de autores internacionais, condizendo à 43,33% das obras indicadas. Já o outro aspecto mencionado é que destes 30 nomes, apenas 4 são de mulheres e uma delas internacional, como Doreen Massey e as outras professoras são Iná Elias de Castro, Ana Fani Alessandri Carlos e Sandra Lencioni.

Tal análise permite a afirmação do quanto a Geografia brasileira ainda mantém suas discussões baseadas em leituras internacionais e masculinas. É importante destacar que não estou criticando as leituras indicadas ou muito menos dizendo que estas não deveriam ser lidas, apenas ressalto que cada obra construída foi pensada e publicada a partir de seus contextos histórico-sociológico. Assim, penso que a Geografia brasileira também é construída a partir de seus fenômenos específicos, assim como, o seu contexto histórico. Neste caso, acredito que é necessário trabalharmos com obras estrangeiras, porém dialogando com as nacionais, não dando ênfase apenas à uma linha de pensamento.

⁶⁶ Todos os nomes recomendados nas disciplinas 'Epistemologia da Geografia' podem ser visualizados no Apêndice A

Esta configuração apresentada de certa forma é complexa, visto que também, enquanto pesquisadora construí boa parte do meu pensamento a partir da ciência moderna. Visualizo enquanto pesquisadora a necessidade de rompermos com esse nosso pensamento colonizado. Pensamento este, que é transmitido em uma disciplina que deveria auxiliar como suporte para novos caminhos teóricos e epistemológicos, infelizmente é naturalizado e trabalhado em um processo cíclico.

A discussão entorno do mundo colonizado, sendo este produzido e vivido pelo colonizador e colonizado é explanada por Frantz Fanon⁶⁷. As colocações do autor abordavam a relação imperialista e do colonialismo entre Europa e África. Para Fanon (1968) a estrutura de dominação colonial era realizada pela contínua inferiorização do colonizado.

Não diferente de uma sociedade colonizada a sociedade científica geográfica brasileira também é uma comunidade de pensamentos colonizados. Mesmo que com uma clara e ativa participação de geógrafos (as) brasileiros (as), o número de obras internacionais indicadas (em uma disciplina base da ciência geográfica) ainda é muito extenso, visto que estamos trabalhando com a epistemologia da Geografia brasileira.

Como abordado anteriormente, esta discussão é paradoxal considerando que ao tentar explicitar as discussões sobre discursos posicionados utilizo de uma autora internacional, Massey (2002) em seu conceito de 'Geometrias do Poder'.

A autora argumenta que essa geometria deveria ser analisada a partir do tempo – espaço, pois segundo a autora os diferentes grupos sociais e os diferentes sujeitos irão se posicionar de maneiras diferenciadas dependendo dos fluxos e interconexões. Este elemento pode ser visualizado como uma relação de poder que controla os fluxos e movimentos.

⁶⁷ Frantz Omar Fanon foi um [psiquiatra](#), [filósofo](#). Fanon se envolveu na luta pela independência da Argélia. O autor também desenvolveu trabalhos relacionados aos temas da descolonização e da psicopatologia da colonização. Disponível em <https://www.geledes.org.br/20-de-julho-de-1925-nascia-frantz-fanon/> Acesso em 03 de outubro de 2017

Diferentes grupos sociais têm relacionamentos distintos com essa mobilidade diferenciada, algumas pessoas responsabilizam-se mais por ela do que por outras; algumas dão início aos fluxos e movimentos, outras não; algumas ficam mais em sua extremidade receptora do que outras; algumas são efetivamente aprisionadas por ela. (MASSEY, 2000. p. 179)

As discussões apresentadas evidenciam que o espaço acadêmico ainda é alicerçado e moldado por elementos de poder, que configuram as relações existentes. Para Massey (2000) esses elementos também são constituídos pelas relações de raça e gênero.

Toda reflexão apresentada tem por intuito oferecer uma linearidade nos pensamentos, pois com uma estrutura dominante e hierárquica é óbvio que está acabará por interferir diretamente na trajetória de vida de seus agentes construtores do pensamento científico.

Assim, é impossível desassociar a convivência no espaço acadêmico, o sujeito que age em seu espaço público e privado e as suas teorizações acerca de diversos fenômenos. Tal colocação corresponderá à sua trajetória de vida, que segundo Born (2001) a pesquisa referente a trajetória de vida representa um debate sobre a estrutura social e a ação individual. Ainda para a autora muitos autores trabalham o conceito enquanto uma relação entre mudança social, biografias e até mesmo uma adequação aos novos contextos sociais e culturais.

O trabalho e a vivência humana encontram-se conectados aos atributos temporais e cotidianos. O ser humano, no caso o sujeito construtor (a) do saber científico, é indivisível e participa ativamente desse processo. Além de todos os aspectos referentes a vida particular de cada pesquisador (a), há também outro fator de pressão nas atividades científicas, que se refere a produtividade acadêmica que interfere diretamente na vida cotidiana destes agentes científicos.

A necessidade da utilização do conceito da trajetória de vida se fez pertinente para esta pesquisa, pois foi e é impossível, pensar a construção da ciência geográfica sem ao menos compreender quem são as pessoas que contribuíram para expandir este campo científico, e até mesmo o porquê de construir determinadas pesquisadas referentes a fenômenos específicos.

Para deixar claro os pensamentos acima, as reflexões de Born (2001) definem o conceito como:

A trajetória de vida pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa. Normalmente é determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida. O curso de uma vida adquire sua estrutura pela localização dessas existências ao longo de uma vida. O curso de uma vida adquire estrutura pela localização desses acontecimentos e pelos estágios do tempo biográfico. (BORN, 2001, p. 243)

Com as argumentações levantadas pela autora acima, mais a definição de que a pesquisa científica é carregada pelas ‘marcas’ dos corpos que a constrói, é possível unir neste momento, as reflexões de Bourdieu (1989) que apresenta o conceito de habitus, sendo este uma ferramenta de interpretação da realidade, o qual busca dissolver as barreiras entre o indivíduo e a sociedade.

Ao pensarmos o conceito de habitus discutido por Bourdieu e a configuração científica, torna-se totalmente elucidador os pensamentos do autor referente ao habitus científico que para o autor representa a seguinte descrição:

O habitus científico é uma regra feita homem ou, melhor, um *modus operandi* científico que funciona em estado prático segundo as normas da ciência sem ter estas normas na sua origem: é esta espécie de sentido do jogo científico que faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de tematizar o que havia que fazer, e menos ainda a regra que permite gerar a conduta adequada. (BOURDIEU, 1989, p. 23)

Diante das reflexões apresentadas por Bourdieu (1989) alusivo ao conceito de habitus científico, também é possível relacionar nesta discussão o conceito de ‘campo científico’ ao que Bourdieu (2004) apresenta um jogo que apresenta regras preestabelecidas e que necessita de ‘razão’ para vencer. As discussões explanadas, permitem uma reflexão acerca de ciência, trajetória de vida e a construção das produções científicas segundo seus agentes pesquisadores (as). Logo, este pensamento deve ser realizado a partir de uma análise perante os três conceitos apresentados, pois estes caminham juntos e coexistem simultaneamente.

Considerando o conceito de habitus apresentado por Bourdieu (1989) torna-se convincente de que a sociedade se estrutura a partir de ‘normas’ estabelecidas a partir de seus contextos sociais e culturais. Neste tocante também é possível discutir a naturalização dos papéis de gênero que constituem as práticas femininas e masculinas.

As práticas determinadas aos corpos conforme o seu gênero, são reguladas tanto no espaço público como no privado, desta forma a estrutura acadêmica, considerada enquanto um espaço público também direcionará (de forma direta ou indireta) os papéis de gênero a serem desempenhados pelos (as) seus pesquisadores (as).

Desta maneira, compreender a estrutura científica, as relações sociais e a trajetória de vida dessas pessoas construtoras do saber científico geográfico brasileiro, permite com que haja uma nova abertura no campo epistemológico e até mesmo uma compreensão do 'campo científico' e as relações sociais que nele se configuram.

O saber científico nunca apresentará uma neutralidade, seus pesquisadores destacarão em seus trabalhos as suas angústias, seus pensamentos e também a sua construção histórico-cultural que vem carregada de toda a sua trajetória de vida e que consequentemente também configurará a sua trajetória científica.

Pensando sobre estas pessoas e as suas produções científicas no campo científico geográfico brasileiro é que os próximos capítulos desta tese trarão discussões referentes a ciência geográfica e a trajetória científica de seus agentes produtores de conhecimento.

CAPÍTULO III- PODER E PRODUÇÃO CIENTÍFICA GENERIFICADA: Eu odeio e odeio A1, porque parece que é um ente sagrado sabe?

Este capítulo tem por finalidade discutir a constituição da produção científica da Geografia brasileira de forma generificada. Isto se deve pelo fato de conceber a ciência como um campo de forças em que as pessoas, produtoras do conhecimento, estão posicionadas em diferentes localizações de vantagens e desvantagens. São aqui consideradas alguns elementos que fazem parte dos processos avaliativos do Sistema Qualis-CAPES que incide sobre a distribuição de prestígio acadêmico entre docentes e instituições. Tais elementos são a produção de artigos e a posição dos periódicos científicos, a notas das instituições produtoras de ciência, bem como organização dos cargos administrativos e de ensino e pesquisa. A consideração desta organização generificada permite criar uma estrutura em que as trajetórias de vida, tanto a constituem, como são permeadas por ela, podendo tanto corroborar as relações generificadas, como também subvertê-las.

3.1 PRODUÇÃO CIENTÍFICA GENERIFICADA NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Compreender o espaço e as diversas relações que nele se formam, é um desafio quando unimos essa relação espaço x gênero. Para Massey (2000, p. 179) 'a compreensão de tempo-espaço precisa da diferenciação social'. Ainda para a autora, isto não seria apenas uma questão moral ou até mesmo política que envolveria processos de desigualdade, mesmo que isso fosse suficiente para menção, isso é uma questão conceitual.

Assim, com base nos pensamentos em que a ciência por muito tempo contribuiu (direta ou indiretamente) para essa diferenciação social, ela também possibilitou a invisibilização de grupos e até mesmo vetou a participação de determinadas pessoas na construção do conhecimento. Logo, nós mulheres podemos dizer que fizemos parte desse grupo vetado para a construção do pensamento científico ou em outras palavras, fomos colocadas em segundo plano ao que diz respeito em criar um conhecimento científico válido e reconhecido. Vale ressaltar que muitas mulheres fizeram e fazem muito ao avanço científico há muito tempo, mesmo que para isso tenham dito diversas lutas, certas dificuldades pessoais, ou até mesmo um reconhecimento tardio.

Verifica-se que o Brasil nos últimos anos⁶⁸, apresentou um relativo crescimento econômico, entretanto este crescimento demonstrou que haviam estruturas desiguais de gênero e raça. Assim houve importantes avanços na tentativa de conceder uma equidade social, como por exemplo, a formação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres⁶⁹ (SPM) criada em 2003 com o objetivo de proporcionar a igualdade entre homens e mulheres combatendo o preconceito e discriminações provindas de heranças de uma sociedade patriarcal e excludente.

Com os trabalhos desenvolvidos pela SPM, atualmente o país ocupa a 85ª posição ao que diz respeito ao ranking de desenvolvimento humano e desigualdade de gênero fornecido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD⁷⁰).

O PNUD tornou-se um dos órgãos de maior importância, pois foi o responsável por definir a igualdade de gênero enquanto um dos seus objetivos de desenvolvimento. Em dados apresentados pelo ONU MULHERES⁷¹ (2006) o PNUD em 2010 criou a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres, o qual visa apoiar e incentivar órgãos intergovernamentais e seus Estados-membros com o desenvolvimento e ações políticas, técnicas e financeiras para a questão levantada.

Já na esfera científica, há o programa “Para Mulheres na Ciência”⁷², promovido pela L’Oréal Brasil, pois segundo a empresa ‘a ciência é a chave para solucionar os enormes desafios do mundo atual e mudá-lo para melhor’, desta forma desde 2006, em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a Academia Brasileira de Ciência, foi criado o programa em questão. Este programa pode ser visto enquanto uma ação desconstrutora dos padrões estabelecidos pela ciência brasileira. O Programa libera anualmente premiações com bolsas-auxílio para o desenvolvimento de pesquisas realizadas por jovens pesquisadoras nas

⁶⁸ Anos 2000 e como visto na informação especificamente a partir de 2003.

⁶⁹ SPM. Disponível em <http://www.spm.gov.br/>. Acesso em 09 de julho de 2017.

⁷⁰ PNUD. Disponível em <http://www.br.undp.org/>. Acesso em 09 de julho de 2017.

⁷¹ ONU, Mulheres. Disponível em <<http://www.onumulheres.org.br/brasil/visao-geral/>> Acesso em 09 de julho de 2017.

⁷² PARA MULHERES NA CIÊNCIA. Disponível em <<http://www.paramulheresnaciencia.com.br/>>. Acesso em 09 de julho de 2017.

mais distintas áreas do conhecimento, e até o momento já tiveram contempladas 68 cientistas mulheres com futuro promissor. (PARA MULHERES NA CIÊNCIA, 2016).

Outras pesquisas foram desenvolvidas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP⁷³) as quais apresentam que as discussões referentes a presença feminina nos espaços acadêmicos devem ser veementes discutidas, pois em diversos estudos realizados referente a temática citada, as mulheres são minorias ou não alcançam o prestígio dos homens.

Dos estudos realizados em diferentes países e em diversas áreas de conhecimentos, apresentam que a presença feminina em termos de publicações sempre é menor ou se encontram em estratos menos qualificados. Tal argumentação pode ser sustentada pela análise de Marques (2012) o qual demonstra em algumas pesquisas dados justificáveis para essa afirmação. Segundo o autor a pesquisadora Hildrun Kretschmer⁷⁴, docente na Universidade de Humboldt em Berlim, analisou o impacto da produtividade científica referente ao sexo masculino e feminino em instituições ligadas à área médica. Seus resultados apresentaram que o grupo mais produtivo eram os homens com relevante número de produções.

Outro trabalho apresentado por Marques (2012) expõe uma análises e leituras referentes a um grupo de 852 pesquisadores de dois campos de saberes da Holanda, a psicologia e economia. O autor apresenta em suas reflexões, a seguinte configuração:

Na geração mais jovem há equilíbrio entre os gêneros na média de publicações (1,7 para homens e 1,5 para mulheres) e no impacto, medido em citações de artigos – no estrato dos 10% do grupo com maior número de citações há um pouco mais de mulheres do que de homens. Já no grupo de pesquisadores de carreira consolidada os homens publicam quase três vezes mais do que as mulheres, ainda que a diferença em número de citações seja muito pequena. (MARQUES, 2012. p. 30)

Diante da discussão apresentada torna-se elucidador as reflexões de Zatz (2001) ao destacar que mesmo com a ativa participação feminina na Europa e

⁷³ FAPESP. Disponível em <http://www.fapesp.br/> Acesso em 09 de julho de 2017

⁷⁴ Disponível em <http://prabook.com/web/person-view.html?profileId=578397> Acesso em 09 de julho de 2017

Estados Unidos, países considerados abertos à pesquisa “independente” das relações de gênero, as mulheres ainda são minoritárias na ciência. As análises de Zatz (2001) apresentam que a França tem representatividade feminina 32% no Conselho Nacional de Pesquisa (CNRS), já nos Estados Unidos o número de mulheres chega a 30%, levando em consideração que este número se altera dependendo das temáticas desenvolvidas. Se pensarmos nas ciências exatas, como na matemática este número cai para 10%, e ao observar a psicologia, sendo esta uma ciência considerada da área de humanas, o número de mulheres é correspondente a 48%. Em relação aos cargos de chefia Zatz (2001, p.11) apresenta a seguinte afirmação ‘de acordo com uma pesquisa recente (*Nature*, dezembro de 2000), na Itália, os homens têm três vezes mais chances de atingir posições de chefia. E dentre aquelas que são líderes de pesquisa cerca de 40% não têm filhos’.

Para Lopes (2003) as conquistas femininas nas universidades brasileiras são recentes, pois há pouco mais de uma década a participação feminina no sistema de Ciência e Tecnologia (C&T) do país, oscilava por volta dos 30%. A autora ainda argumenta que:

Confirmando e aprofundando aspectos dessa tendência, em uma análise geral da participação das mulheres doutoras nas atividades de pesquisa, os dados indicam, em proporções aproximadas, que entre aqueles que se titularam no país até 1965, para cada 6,3 homens, havia uma mulher titulada; de 1976 a 1980, para cada três homens, uma mulher se doutorava; de 1986 a 1990 a proporção era uma mulher para 1,8 homens e de 1996 a 2000 chega a quase uma para um.⁷⁵ (LOPES, 2003, s/p)

As discussões apresentadas na atualidade já são feitas há longas décadas pelas lutas feministas que buscam a igualdade de gênero. Segundo Leta (2003) essas lutas dispuseram de reforços de órgãos internacionais tais como a UNESCO que desde a década de 1990 vem desenvolvendo estudos e pesquisas que tem por intuito discutir e propor ações que incluam as mulheres nas atividades ligadas a Ciência e Tecnologia (C&T).

A atuação feminina começa a ganhar visibilidade, e os corredores das universidades antes compostos apenas por corpos masculinos, começam a “abrir” caminhos para a presença feminina. Logo, os pensamento de Rago (1998)

⁷⁵ Disponível em: < <http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/13.shtml>>. Acesso em 10 de julho de 2017.

apresentam que o problema não havia sido resolvido, pois a desigualdade de gênero ainda era muito presente em diferentes áreas do saber.

Corroborando com os pensamentos de Rago (1998), os estudos de Marques (2012) apresentam que no Brasil as mulheres rapidamente vêm ampliando seu espaço na carreira científica, só que mesmo com o avanço notável não havia (e há) uma equidade, principalmente aos cargos de chefia.

Dados do Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) mostram que, em 2010, as mulheres já eram maioria entre estudantes de doutorado no Brasil, com 55,7% do total (em 2000 eram 49,1%). Em número de pesquisadores, respondem exatamente pela metade do contingente brasileiro. Mas, no rol dos líderes dos grupos de pesquisa, ainda são minoria. Elas são 45% do total de líderes, ante 39% no ano 2000. Um estudo feito pela FAPESP no ano passado também evidencia esse avanço no estado de São Paulo. Em 2010, a Fundação recebeu 19.678 solicitações de apoio de pesquisadores – 42% de mulheres. (MARQUES, 2012, p.30)

Segundo Lopes e Costa (2005), a ausência feminina apontada na ciência pode ser observada devido a predominância de uma ideologia que sustenta a objetividade, a neutralidade, racionalidade da ciência e a existência de poucas mulheres que se 'expõem' para dissertar sobre a relação de gênero e ciência. O pensamento da autora também pode ser visualizado no raciocínio de Demo (1989), onde o autor aponta uma ideologia servindo como postura dominante.

A própria realidade social é ideológica, porque é produto histórico no contexto da unidade de contrários, em parte feita por atores políticos, que não poderiam - mesmo que o quisessem - ser neutros. Não existe história neutra como não existe ator social neutro. É possível controlar a ideologia, mas não suprimi-la. (DEMO, 1989, p. 19)

Para Silva et al. (2009) a Geografia brasileira apesar do seu avanço no sentido de tornar importante a concepção entre a relação entre o 'ser que age' e o espaço, ainda conta com uma estrutura curricular, sujeitos, agentes e atores genéricos ou universais. Não distante dos pensamentos mencionados, há também as reflexões de Demo (1989) o qual apresenta suas ideias relacionadas à sociedade, para o autor:

{...} a sociedade produz cristalizações dominantes, que coíbem cada indivíduo de ter um mundo totalmente próprio de ideias e posturas. Assim, não existe relativismo, mas relatividade histórica, o que é um fenômeno que pervade também as ciências sociais, enquanto são fenômeno social como qualquer outro. (DEMO, 1989, p. 22)

Diante deste vasto campo referente a produção científica, torna-se importante destacar que a produção científica geográfica brasileira, não é diferente dos outros campos de saber. As construções de determinadas temáticas terão maior ou menor visibilidade no campo científico dependendo da tradição que vem sendo seguida. Logo, é possível afirmar que o universo científico sempre foi considerado um espaço em que apenas homens fossem capazes de organizar, produzir e até mesmo visibilizar ou invisibilizar determinadas discussões.

Os pensamentos de Shienbinger (2001) intensificam as considerações comentadas, e ainda proporcionam reflexões acerca de como os espaços público e privado foram delimitados e acabaram por interferir na produção científica, tecnológica e até mesmo profissionalizando dos (as) pesquisadores (as). Neste momento, o acesso à educação torna-se ainda mais difícil para as mulheres e estas são condicionadas aos afazeres domésticos, como cuidar da casa, filhos e marido.

Este processo citado, trouxe a configuração social dos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres. Logo, a ciência constitui-se enquanto legítima, aderindo para si a legitimidade de ditar além dos conhecimentos, como também os estereótipos, as peculiaridades do ser racional, independente, objetivo e competitivo aos homens e as características como à dependência emoção, irracionalidade e até mesmo a subjetividade foi ligada às mulheres.

As reflexões de Soares (2001) evidenciam que os papéis de gênero são marcados principalmente por dois fenômenos sociais, o machismo e o marianismo, sendo o último um complemento ao machismo. Para a autora o marianismo seria um comportamento social que acaba por glorificar a maternidade como o principal papel social da mulher, direcionando a mesma a estar disposta a sacrifícios na defesa da integridade da família. A complementação do machismo juntamente com o marianismo, estimula por vez às divisões dos papéis sociais, ao quais caberão aos homens às funções públicas e financeiras, servindo para as mulheres apenas as atividades privadas.

A afirmação acima pode ser ratificada pela pesquisa de D'Amorim (1997), onde a autora explana de forma simples e direta a construção do papel feminino, diante da visão social do que é 'ser mulher'.

A percepção do papel feminino foi investigada através da pergunta "Em sua opinião, o que é a mulher?". As respostas foram classificadas num contínuo, que ia do tradicional ao moderno (Goldberg, Batista, Arruda, Barreto e Menezes, 1975). Entre as respostas tradicionais apareceram "doçura, meiguice, destinada a agradar, consolar, educar, rainha do lar", e outras, acentuando o seu papel doméstico. Entre as modernas, surgiram respostas afirmando a igualdade de direitos entre homem e mulher, e indicando uma maior consciência da histórica do papel feminino. (D'AMORIN, 1997. p. 124)

Da mesma forma que a autora expõe os estereótipos criados, esperados e compreendidos enquanto o 'ser mulher', ela também traz em sua pesquisa a visão social do entendimento sobre o que é 'ser homem' e as quais as características que os cercam.

Em sua revisão da literatura a autora constatou que o estereótipo masculino favorável apresenta, em geral, características de competência, destreza e vigor e o desfavorável de teimosia, imprudência, egoísmo e ganância. O estereótipo feminino favorável inclui a graça, a habilidade social e o apoio emocional fornecido, e o desfavorável salienta a vaidade, a futilidade e o descontrole emocional. (D'AMORIN, 1997. p. 125)

É interessante observarmos que as ideias atuais que permeia a visão social, assim como a compreensão do papel feminino e masculino, é praticamente a mesma pensada por Rousseau em 1762. Uma das obras mais conhecidas do autor chama-se 'Emilio ou da Educação'⁷⁶, neste livro Rousseau descreve dois 'personagens' Emilio que seria a representatividade do masculino e Sofia, a simbologia do feminino.

Para Rodrigues (2007) Emilio é a representatividade da formação moral de uma pessoa considerada ideal para sociedade, este é responsável para a distinção do bem e do mal, o aprimoramento da razão a qual levaria à uma consciência moral inata. Em contraposição à Emilio, há sua futura esposa Sofia, sendo esta destinada a uma educação não de autonomia e liberdade, porém uma de caráter instrumental, que aprisiona.

Os pensamentos filosóficos aprofundados na antiguidade, estão presentes na sociedade até os dias de hoje. Também podemos observar um período que marcou e estruturou boa parte da sociedade, se configurando

⁷⁶ Livro *Émile ou de l'Éducation*, obra publicada com a primeira versão em 1762.

enquanto um movimento cultural que marcou os séculos XVII a XVIII, o chamado Iluminismo. Em uma breve explicação, esse movimento ocorreu na Europa e tinha por princípios desde a valorização da razão, o estímulo do questionamento, crítica ao absolutismo e a igreja católica. Não distante, este foi um movimento que deu visibilidade a ciência e suas ideias se espalharam pelo mundo moldando os pensamentos sociais e políticos principalmente no ocidente. Para Rodrigues (2007, p.25) 'A episteme iluminista resume-se na busca da autonomia (intelectual e moral) e na liberdade do homem dotado de razão tanto no plano individual quanto no plano coletivo'.

Lembrando que o movimento iluminista é considerado lendário, pois estes pensadores foram associados à razão (luz), a qual iria iluminar um século que durante muito tempo foi visto como escuridão (ignorância). Logo, a tão famosa frase lema do movimento em questão, 'Igualdade, Liberdade e Fraternidade', pensada por Locke, Voltaire, Montesquieu, Diderot e o próprio Rousseau, não foi destinada à todas pessoas e grupos sociais. Segundo Rodrigues (2007) após suas leituras sobre o trabalho de Carole Pateman, tornou-se claro que o Iluminismo nunca mais seria visto da mesma forma como estudado há muito tempo. O autor ressalta que muitos estudos feministas⁷⁷ acabam por demonstrar que o lema 'Igualdade, Liberdade e Fraternidade' não era para todos, ele se restringia à um grupo 'seleto' como homens brancos e aristocratas. Assim é possível refletir que o século das luzes, clareou os caminhos e deu visibilidade apenas para os grupos e pessoas que gostaria de 'iluminar' e não para todos (as).

O entendimento de Rodrigues (2007) remete a seguinte argumentação, a compreensão política a respeito do iluminismo pode ser vista e observada por outro ângulo a partir do conhecimento dos estudos de Carole Pateman, pois a autora divulga a ideia de que o patriarcado fraterno é instituído em um contrato sexual. Assim, para Pateman (1993):

⁷⁷ O autor Alexnaldo Teixeira Rodrigues (2007) expõe que estes estudos estão sendo realizados na área de teoria política, pelos seguintes autores: Carole Pateman (2003), Ane Phillips (1996), Marie Dietz (1999), Iris Marion Young (1996) e Chantal Mouffe (1999). O autor ressalta que essas autoras têm posto em questão as mentiras e denunciado que a diferença sexual é implícita nos clássicos filosóficos e contemporâneos.

A importância da fraternidade como um vínculo masculino é ilustrada (apesar de não admitida) por Wilson Carey McWilliams. Este considera que para se compreender a fraternidade é preciso investigar as sociedades nas quais o parentesco tenha sido a relação mais importante. Tradicionalmente, ele argumenta, a autoridade materna e a paterna em diferenciadas: a mãe “aparece universalmente associada com calor, afeição e prazer sensorial (...) a autoridade paterna representa o ‘abstrato em contraposição ao imediato’ e deriva ‘do que está fora ou transcende’ a comunidade. (PATEMAN, 1993. p. 123)

Nota-se que os papéis e as características de cada gênero são muito bem determinados na sociedade ocidental. Como visto, muitos dos atos praticados atualmente, foram pensados e até mesmo estruturados no século XVII. Não distante dessa realidade apresentada, a ciência também colabora em reforçar esses estigmas que além de sociais, se tornam científicos.

Como observado por Rose (1993), McDowell (1999) e Silva (2009a), o universo científico se configura a partir de dualidades oposicionais que são claramente presentes no pensamento científico, o qual também organizou o universo feminino e masculino. Como apresentado por Shienbinger (2001) há uma mudança ocorrendo, pois, o feminismo trouxe modificações notáveis ao que cabe ao campo das ciências.

Quem, apenas uma década atrás, poderia prever que o cientista-chefe da NASA seria uma mulher, ou que o Secretário da Força Aérea seria uma professora ou engenheira? Quem esperaria ver Science, a principal revista científica do país, debatendo se existe um "estilo feminino" na ciência, ou Marie Curie, outrora recusada pela prestigiosa Académie des Sciences Parisiense, exumada e sepultada no Panthéon, o local de repouso de heróis como Voltaire, Rousseau e Victor Hugo? (SHIENBINGER, 2001, p.19)

Outro fator relevante são as informações propostas por Shienbinger⁷⁸ (2001) onde a autora apresenta que as mulheres só ingressaram em carreiras modernas na ciência nas décadas de 1870 e 1880 a partir do movimento das mulheres que tiveram por intenção, impulsionar o acesso feminino aos espaços universitários.

Mesmo com os avanços femininos em diversos campos das ciências, nota-se que nas chamadas ‘*Hard Science*’ ou nossa conhecida ciências exatas,

⁷⁸ Disponível em < <https://docplayer.com.br/10429642-O-feminismo-mudou-a-ciencia.html>> Acesso em 18 de dezembro 2018

a participação feminina pode ser encontrada em uma escala muito reduzida referente aos outros campos científicos.

Em específico na ciência geográfica, a chamada Geografia física é apresentada por Madge e Bee (1999) enquanto uma ciência que mantém essa desproporção, logo, se comparada com as engenharias a Geografia física ainda poderia ser vista como favorável perto destas outras ciências. No entanto, as autoras ainda destacam que a maioria das geógrafas físicas, encontram-se em áreas inferiores ao que diz a hierarquia acadêmica, e estas profissionais são empregadas nas novas universidades e não nas universidades há mais tempo consolidadas.

Segundo DumaynePeaty e Wellens (1998) abordados por Madge e Bee (1999) apontam em suas pesquisas que os departamentos de Geografia física britânico, quase não conta com a participação feminina e alguns destes departamentos nem ao menos contam com o corpo docente composto com mulheres.

As afirmações anteriores podem ser corroboradas com o trabalho das pesquisadoras Vasconcellos e Brisolla (2009) o qual as autoras referenciam a expressiva presença de professores homens nos espaços acadêmicos e principalmente nos cargos de direção. Além do mais, as autoras ainda argumentam que a composição tanto do corpo docente, quanto discente é majoritariamente composto por homens.

Para Vasconcellos e Brisolla (2009, p. 222) 'nas áreas de ciências exatas e engenharias há uma forte predominância de estudantes do sexo masculino (73,6% e 76,2% respectivamente).' Ainda para fortalecer as argumentações acima, é importante destacar que diversos trabalhos estão sendo desenvolvidos para demonstrar o quanto as ciências exatas são masculinizadas e o porquê desta configuração acadêmica.

Outro trabalho que aborda essa temática, é a dissertação de mestrado de Martins Suarez (2016) onde a pesquisadora apresenta exatamente essa posição hierárquica entre os sexos. A autora ainda aborda uma discussão pautada na construção social da mulher e os conflitos em atuar em espaços masculinizados, os quais são representados na esfera pública.

Não apenas apontando essas distinções nos mais diversos espaços acadêmicos, há também estudos realizados com o intuito de compreender essa

diferenciação entre os corpos feminino e masculino na ciência. Desta forma, a temática destacada do mesmo modo foi pesquisada por Soares (2001), onde a autora apresenta duas perspectivas diferentes como meio explicativo das causas e representatividade da desproporcionalidade das mulheres na ciência e tecnologia.

Uma delas atribue o problema a diferenças biológicas, cognitivas ou de socialização entre os dois sexos. Os argumentos mais comuns em favor desta hipótese são que mulheres não possuem controle emocional para suportar as pressões frequentes em cargos de comando, que mulheres não tomam decisões objetivas e são socialmente educadas para serem “protegidas” e desta forma não adquirem a “agressividade” necessária para competir. Uma segunda perspectiva propõe que os padrões institucionais determinam as escolhas individuais, que por sua vez mantem e reforçam ciclicamente estes mesmos padrões. Em outras palavras, a estrutura das organizações não propicia o sucesso profissional do sexo feminino. Sob este ponto-de-vista, a questão de mulheres em C&T é o resultado de estruturas institucionais inapropriadas e não da inaptidão feminina para as áreas de C&T. (SOARES, 2001, p. 282)

As análises realizadas por Soares (2001) demonstram que durante os primeiros anos escolares, até o ensino médio, a afeição ou habilidade para o estudo da matemática não se moldam a partir do sexo. A autora salienta que no final do ensino médio, é nítido observar que há um crescente na capacidade de aprendizado em matemática, assim como ciências entre os dois grupos, meninos e meninas. Isto posto, a autora evidencia que:

Indivíduos do sexo masculino apresentam um melhor desempenho em matemática e áreas afins quando comparados ao sexo feminino. No entanto, estudos realizados em escolas norte-americanas mostram que estudantes de segundo grau com uma mesma história de disciplinas cursadas durante o período, não apresentam diferenças na aptidão para matemática ou ciências relacionadas à diferença de sexo. Uma melhor compreensão destes fatos aparentemente contraditórios é dada pelo número de disciplinas em matemática cursadas durante os anos de colegial. Este é um critério aplicado em escolas norte-americanas para estimar a permanência de indivíduos em áreas de C&T após o ingresso em cursos universitários. Ao concluir o período correspondente ao colegial, indivíduos do sexo masculino cursaram substancialmente mais disciplinas em matemática e ciência que indivíduos do sexo feminino. Com um preparo mais aprofundado em matemática e ciências, estudantes do sexo masculino estarão conseqüentemente mais aptos, e mais motivados para o ingresso em cursos universitários de C&T. (SOARES, 2001. p.282)

Percebe-se no trabalho da autora, como as ciências moldam suas áreas conforme os gêneros. Este processo ocorre de forma indireta com forte poder estruturante, moldando os padrões científicos desempenhados. As reflexões de Soares (2001) em discussão com Leslie et al. (1998) indicam que a representação desproporcional de corpos femininos nas áreas de ciência e tecnologia, é um resultado primordial do desinteresse em disciplinas como ciências e matemática durante a adolescência, pois é justamente neste momento que as bases do conhecimento formal está sendo fundamentada e não, da inaptidão feminina para as ciências exatas.

Fatores diversos e complexos são determinantes para este desinteresse. Adolescentes do sexo feminino apresentam uma menor expectativa de sucesso profissional em áreas de C&T, e posteriormente como profissionais na área são menos autoconfiantes que as demais profissionais do sexo feminino em outras atividades. É interessante notar que adolescentes, especialmente do sexo masculino, mas também do sexo feminino, consideram que homens possuem uma capacidade superior de aprendizagem e percepção de ciências e matemática comparada às mulheres. Em outras palavras, garotos superestimam a própria habilidade enquanto garotas subestimam sua habilidade. Até as primeiras décadas do século passado, um mesmo padrão comportamental foi observado na área esportiva, tradicionalmente considerada como domínio masculino, e onde mulheres estiveram presentes em número reduzido. Obviamente, esta situação não é mais verdadeira na presente época. Contudo, matemática e ciências continuam sendo considerados como domínios masculino. (SOARES, 2001. p.282)

Essa inaptidão feminina para áreas de exatas é observada e discutida por Shienbinger (2001) embasada nas ideias de Rossiter (1982) que apresenta dois conceitos fundantes com a finalidade de compreender as estatísticas sobre as mulheres na ciência e as desvantagens que estas sofrem:

O primeiro ela denominou segregação hierárquica, o conhecido fenômeno pelo qual, conforme se sobe a escada do poder e prestígio, cada vez menos rostos femininos são vistos. Esta noção é talvez mais útil do que a do teto de vidro - a barreira supostamente invisível que impede as mulheres de atingirem o topo porque a noção de disparidades hierárquicas chama a atenção para as múltiplas etapas das quais as mulheres são excluídas ao tentarem subir escadas acadêmicas ou industriais. As mulheres atualmente conseguem 54 por cento de todas as colocações de grau nos Estados Unidos (a paridade foi alcançada em 1982) e 50 por cento daquelas em ciência. As mulheres começam a ser excluídas no nível de pós-graduação em que conseguem 40 por cento de todos os doutorados (31 por cento em ciência e engenharia). Outra exclusão ocorre no nível do ensino universitário: em 1995, 11 por cento dos professores integrais em todos os campos da ciência e engenharia, eram mulheres. (SHIENBINGER, 2001, p.16)

Neste momento acredito que seja necessário dizer o quanto as discussões sobre as relações de gênero devem ser consideradas para conseguirmos assim, pensar numa equidade entre os universos feminino e masculinos que são vivenciados de maneiras tão distintas.

Mesmo com a dualidade oposicional presente nos universos feminino e masculino, é importante destacar que muitas mulheres não visualizam que sua dupla/tripla jornada de trabalho acadêmico, possa ser considerada como algo sexista. Este posicionamento é fortemente potencializado quando o assunto é debatido no espaço acadêmico, pois muitas mulheres tendem a afirmar que neste meio não existe diferenciação de gênero.

Essas ponderações encontradas podem ser discutidas diante do olhar de Yurkiewicz (2012) onde autora define tal situação a partir de três pontos, tais como: o primeiro é associado à questão de que ambos (cientistas homens e mulheres) são preconceituosos ao que diz respeito os assuntos de gênero. O segundo ponto é justificado pelas ações sexistas onde essas práticas são realizadas de forma indireta. Já o terceiro momento é voltada para a necessidade de romper com os preconceitos implícitos, tendo como primeiro passo a sensibilização.

É possível refletir juntamente com Shienbinger (2001) quando a autora aponta que as ideias de Rossier (1982) expõem um pensamento sobre uma 'segregação territorial' ou até mesmo o processo de agrupamento feminino em disciplinas científicas. Com base nas reflexões das autoras já citadas na tese, é aceitável dizer que o espaço acadêmico mantém viva suas estruturas passadas e baseia-se, mesmo que indiretamente, na continuidade de um pensamento hierárquico e masculino. Logo, o espaço masculinizado não é marcado apenas pela presença destes corpos e sim por suas ações e posicionamentos.

Assim, os pensamentos de Bourdieu (1989) sobre o conceito de *habitus*, permitem uma reflexão sobre a naturalização dos papéis de gênero, assim como, as ações a serem desempenhadas por cada um desses personagens. Por conseguinte, essas representações serão visualizadas nas mais diversas estruturas sociais, tanto quanto, nos gestos corporais, cultural e simbólico.

Isto posto, ao discutir posicionalidades e a participação feminina no espaço acadêmico, é possível refletir as ponderações de Soares (2001) ao que

remete a presença e participação dos corpos femininos especialmente nas áreas de exatas e a atuação nos cargos de chefia nos mais diversos cursos, independente das ciências *softs* ou *hards*. Esta colocação pode ser ilustrada com os seguintes argumentos:

Em países como o Brasil, onde a educação familiar assim como o ensino de primeiro e segundo graus são majoritariamente delegados às mulheres, os benefícios advindos da maior participação feminina em C&T são explícitos. Sob o aspecto econômico, a baixa proporção de mulheres em áreas científicas significa o desperdício de recursos humanos altamente qualificados que podem contribuir com soluções cientificamente criativas bem como diferentes pontos-de-vista. Em um contexto de globalização econômica e políticas nacionais de incentivo à crescente competitividade por novos mercados, este pode ser um fator limitante para o desenvolvimento científico e consequentemente para a produção de riquezas em uma nação visto que, desde a Revolução Industrial, descobertas científicas e tecnológicas historicamente vem sendo a mais importante ferramenta no acúmulo de bens pelos chamados países desenvolvidos. Sob o aspecto puramente científico, profissionais femininas contribuem para uma maior diversidade de abordagens e soluções para um dado problema. Uma maior representação feminina em C&T indubitavelmente enriquecerá o ambiente acadêmico através de novos talentos, valores e motivações. (SOARES, 2001, p.283)

A citação apresentada nos leva aos pensamentos de Bourdieu (2005) sobre a dominação simbólica, a qual impulsiona as normas e o conservadorismo, que por vezes ao tentar se opor contra a dominação existente, acaba por assumir ações como as dos seus determinantes.

Assim, diante das abordagens referentes a vivências dos corpos masculino e feminino nas instituições acadêmicas, particularmente na ciência geográfica, algumas considerações podem ser e devem ser levantadas, como o caso das discrepâncias entre os gêneros que é muito maior nas '*Hard Sciences*'.

A territorialidade também define a vida para as mulheres na academia. Todos nós sabemos que as mulheres tendem mais a ensinar e pesquisar em humanidades e ciência sociais do que em ciências naturais e engenharia. (Existem exceções; em 1994, por exemplo, as mulheres obtiveram 41 por cento dos doutorados em biologia, mas apenas 37 por cento em história). Disparidades territoriais são encontradas no interior das ciências: nas décadas de 1920 e 1930, os três grandes campos científicos para os homens era química, ciências médicas e engenharia, enquanto para as mulheres erma botânica, zoologia e psicologia – campos com menos prestígio e dinheiro. Hoje, as mulheres estão concentradas nas que são conhecidas como *soft*: as ciências da vida e do comportamento e as ciências sociais, em que os salários relativamente baixos, independente do sexo. (...) Poucas mulheres são encontradas nas ciências *hard* ou físicas, cujo prestígio

e pagamento são altos. Isto pode explicar porque apenas 9 por cento dos físicos nos EUA são mulheres: até o fim da Guerra Fria a física era tida como campo mais prestigioso na ciência americana. (SHIENBINGER, 2001, p.78)

Observa-se que a ciência geográfica, considerada como uma ciência humana (*soft*), também conta com um viés nas ciências exatas (*hard*). Assim, esta ciência é ainda muito masculinizada, e suas divisões de gênero estão presentes nos mais complexos âmbitos. Sobre isso, há diversos olhares sobre as divisões entre as ciências humana/física na Geografia e eles ocorrem tanto pelo lado feminino, quanto masculino.

Os olhares de Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008) ilustram a colocação apresentada, pois segundo as autoras no passado a ciência geográfica era vista como uma ciência masculina, pois ela era compreendida apenas como um campo para a exploração de novos territórios, geologia e direcionada a atividades que exigiam faculdades físicas masculinas

Isto posto, compreendo que essa visão apresentada pelas autoras vem sendo compensada e vale destacar que a entrada das mulheres nos espaços acadêmicos tem produzido uma série de tensionamentos nos mais diversos ângulos, desde as condições de trabalho, até mesmo os pressupostos científicos e a linguagem que permeia a ciência

O campo científico é também um espaço social, e como afirma Corrêa (2000), é a sociedade que cria o espaço geográfico. Sendo assim, o campo científico é reflexo e condição das relações sociais de produção. Uma sociedade marcada pelos privilégios de gênero, tem um campo de produção científica que deve manter essa desigualdade.

Saliento novamente, que não estou criando esta tese com a intenção de criar um ambiente hostil entre homens e mulheres, todavia é de minha responsabilidade não invisibilizar, e sim dar ‘voz’ aos dados de minha pesquisa que vêm revelando ao longo de 8 anos⁷⁹ de trabalho, que mesmo com uma ativa participação feminina (docência, publicações, palestras, etc.), as mulheres ainda

⁷⁹ CESAR. Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **‘As relações de gênero como elemento da produção científica geográfica no Brasil’**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012, 67p. / CESAR. Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **‘Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013’**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2015, 138p.

não contam com a visibilidade que os homens tem e infelizmente é nítida a discrepância existente em nossa ciência geográfica.

Comprovo tal colocação a partir de alguns dados que embasaram este argumento, como a tabela que precisei construir como parte da metodologia para distinguir quais eram as pessoas mais produtivas e com maior grau de impacto (*índice h*) no campo da ciência geográfica.⁸⁰

QUADRO 3 - Índice-h utilizado que compôs a metodologia

(continua)

Nomes	Índice h⁸¹
1-MILTON SANTOS (Falecido)	>50
2-PAUL CLAVAL (Estrangeiro)	>50
3-BERTHA K. BECKER (Falecida)	38
4-ROBERTO LOBATO CORREA	38
5-BERNARDO MANÇANO FERNANDES	32
6-ROGÉRIO HAESBAERT DA COSTA	29
7-ANA FANI ALESSANDRI CARLOS	29
8-MARIA ENCARNÇÃO BELTRÃO SPOSITO	28
9-RUY MOREIRA	28
10-FRANCISCO MENDONÇA	28
11-CARLOS WALTER PORTO GONÇALVES	28
12-MARIA LAURA SILVEIRA	24
13-MANUEL CORREIA DE ANDRADE	24
14-ARIOVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA	23
15-WAGNER COSTA RIBEIRO	21
16-MARCELO LOPES DE SOUZA	20
17-JURANDYR LUCIANO SANCHES ROSS	20
18-ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA GUERRA	19
19-DENISE ELIAS	19
20-ZENY ROSENDAHL	19
21-HELENA COPETTI CALLAI	19
22-CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO	19
23-SANDRA LENCIONI	18
24-HERVÉ THÉRY	18
25-MARCOS AURELIO SAQUET	18
26-INÁ ELIAS DE CASTRO	18
27-DIRCE MARIA ANTUNES SUERTEGARAY	17

⁸⁰ Lembrando que o capítulo de metodologia explica passo a passo como cheguei nos nomes entrevistados.

⁸¹ Dados coletados no dia 12 de julho de 2017.

QUADRO 3 - Índice-h utilizado que compôs a metodologia utilizada

(conclusão)

28-EDUARDO MARANDOLA JÚNIOR	17
29-ARLETE MOYSÉS RODRIGUES	17
30-MARCELLO MARTINELLI	17
31-ELISEU SAVÉRIO SPOSITO	17
32-ANTONIO THOMAZ JÚNIOR	16
33-JOSÉ WILLIAM VESENTINI	16
34-RICHARDE MARQUES DA SILVA	16
35-MARTA INEZ MEDEIROS MARQUES	16
36-JOSELI MARIA SILVA	16
37-OSMAR ABÍLIO DE CARVALHO JÚNIOR	15
38-PAULO CÉSAR DA COSTA GOMES	15
39-AMÉLIA LUISA DAMIANI	15
40-EUSTÓGIO WANDERLEY CORREIA DANTAS	15
41-MARIA GERALDA DE ALMEIDA	15
42-JOÃO LIMA SANT'ANNA NETO	14
43-ALDO PAVIANI	14
44-ARMEN MAMIGONIAN	14
45-LANA DE SOUZA CAVALCANTI	13
46-NÍDIA NACIB PONTUSCHKA	13
47-FANY RACHEL DAVIDOVICH	12
48-ESTER LIMONAD	11
49-OLGA LÚCIA CASTREGHINI DE FREITAS FIRKOWSKI	11
50-MICHELLE SIMÕES REBOITA	11
51-MARGARETE CRISTIANE DE COSTA TRINDADE AMORIM	11
52-SALETE KOZEL TEIXEIRA	11

Fonte: *internet Scholar H-Index Calculator (IH)*. Acesso em 12 de julho de 2017

Nota: Organizado pela autora

O QUADRO 3 aponta que das 52 pessoas com maior influência no campo científico geográfico brasileiro, 29 são homens (sendo 56%) e 23 são mulheres (44%). Além dessa informação é importante ressaltar que a única mulher que consegue alcançar um *índice h* superior à 30 é Bertha Becker. A próxima posição feminina no *ranking* de influência no campo científico aparecerá apenas na sexta posição com a professora Ana Fani Alessandri Carlos, que se comparado a posicionalidade masculina surge com uma diferença significativa. Neste momento quero dizer que as mulheres estão participando e sendo influenciadoras na Geografia brasileira e mesmo com essa participação ativa, a

visibilidade dada à essas pesquisadoras, ainda é irrisória perto de tantas produções que estas vem produzindo e levando ao público.

Mesmo diante desta disparidade encontrada no espaço acadêmico, é possível observar e destacar a presença de algumas mulheres que se diferenciam neste fazer científico, e conseguem posicionar-se enquanto centralidade na construção deste fazer científico. Para que este reconhecimento seja conquistado, torna-se necessário apresentar que a falta de equidade nestes universos acaba por exigir um esforço muito maior das mulheres, visto que estas foram estigmatizadas há anos sobre ser profissional e a responsável pelo lar. Assim, posso afirmar os dados acima com os pensamentos de que a produção científica não ocorre ao acaso, ela é construída por sujeitos corporificados, os quais seguem uma estrutura social estabelecida. Logo, segundo Butler (2013) o gênero performático não como um elemento que existe em si, ele deve ser entendido pela repetição de atos, gestos e signos, os quais acabam por reforçar os papéis desempenhados na construção dos corpos feminino e masculino.

Não diferente do posicionamento dos corpos nos mais diversos espaços físicos, estes serão refletidos nas produções acadêmicas e no campo científico. A colocação anterior pode ser evidenciada na dissertação de Pinto (2017) quando o autor explora a posição de trabalho dos (as) pesquisadores (as) casados (as) que desenvolvem as mesmas funções profissionais de docentes em universidades. O autor ainda conseguiu visualizar em suas entrevistas que mesmo que a atividade de docência seja semelhante na academia, as atividades que denotam participação familiar são diferenciadas.

Mesmo que o grupo de homens tenha sob sua convivência crianças e as demandas enquanto pesquisador sejam as mesmas em que as mulheres pesquisadoras são submetidas, as conexões categorias apresentam um quadro de harmonia e menor conflito do que a rede apresentada pelas mulheres. (PINTO, 2017, p. 94)

O autor ainda aponta que as conexões mais intensas por ele visualizada se fazem presentes na organização do espaço acadêmico, constituído pela igualdade entre os gêneros. O reconhecimento da existência das 'relações de poder', não estão ligadas as hierarquias de gênero, mas aos aspectos considerados normais da vida acadêmica como disputas de vaidades, financeiras e de prestígio intelectual (PINTO, 2017, p. 94). Portanto, é possível

pensar que há uma 'herança masculina' no espaço acadêmico vem carregada de um fortalecimento histórico ao longo do tempo. Essa naturalização das hierarquias dos corpos, masculino e feminino é discutida há um longo tempo e apresenta sutis mudanças deste perfil.

Da pesquisa realizada por Pinto (2017) e os dados que obtive para esta tese, ambos remetem a masculinização no espaço acadêmico e o processo corroborativo que mantém uma estrutura de poder, posicionamentos e discursos válidos que são marcados diretamente pelas relações de gênero.

Sabemos que o trabalho docente sempre exige tempo, dedicação e aprimoramento, pois ele não termina em uma aula, palestra ou até mesmo as atividades em laboratório. Para essas atividades serem realizadas, elas denotam de muita pesquisa e estudo. Muitos docentes, homens e mulheres, levam o trabalho para sua casa, seja ele em uma revisão de projeto, pareceres, correções de dissertações, tese ou até mesmo a escrita de seu próprio artigo que deve ser enviado para publicação.

Para essas situações, segundo Para Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008) surgem a ideia de sacrifício, a qual está muito presente nos das mulheres de diferentes gerações, principalmente para mulheres que se encontram com filhos pequenos.

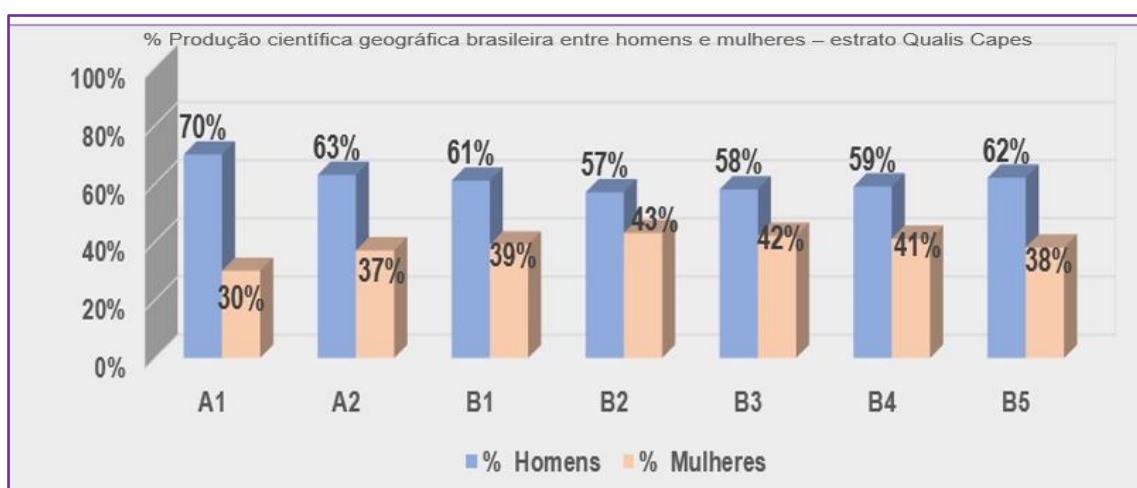
Para hacer frente a estos "sacrificios", el aprovechamiento del tiempo se convierte en una obsesión, siendo el sentimiento de culpabilidad por no ser capaz de absorber la totalidad del trabajo y no atender bien a los hijos/as (los padres y madres) los sentimientos que expresan más frecuentemente las mujeres que han tenido o tienen hijos/as pequeños. En nuestra sociedad y debido a los papeles tradicionales de género asignados al sexo masculino y femenino se observa que buena parte de los hombres consideran "normal" dedicarse en cuerpo y alma al trabajo remunerado y puntualmente o en menor intensidad "ayudan" a las tareas reproductivas, a la vez que las mujeres que trabajan fuera del hogar asumen como "natural" su responsabilización de las tareas domésticas y familiares.⁸² (PUJOL; ORTIZ; GARCIA RAMON, 2007/2008, p. 147)

⁸² Tradução: Para lidar com esses "sacrifícios", o uso de o tempo se torna uma obsessão, sendo a sensação de culpa por não ser capaz de absorver todo o trabalho e não atender bem às crianças (pais e mães) os sentimentos que mais freqüentemente expressam mulheres que tiveram ou tiveram filhos pequeno. Em nossa sociedade e devido aos papéis tradicionais de gênero atribuído ao sexo masculino e feminino é observado que boa parte dos homens consideram "normal" dedicar-se de corpo e alma ao trabalho remunerado e pontualmente ou em menor grau "ajudar" as tarefas reprodutivas, bem como mulheres que trabalham fora de casa, assumir como "natural" a sua responsabilidade pelas tarefas domésticas e parentes.

Ao longo do tempo estão crescendo as pesquisas sobre o papel feminino na sociedade e possibilitando assim, questionamentos sobre os papéis desempenhados pelas mulheres. Como visto em Bourdieu (1989) em seu conceito de *habitus*, as características e ações dos indivíduos, remetem a legitimação das estruturas sociais. Ou também, diferenças de gênero implicam desigualdade. Relações de gênero (polares, assimétricas, hierárquicas) são relações de poder. Como construção social e educacional, gênero é uma estrutura de dominação simbólica, assim como classe e raça. (CARVALHO, 2010, p. 233)

Assim, após refletir sobre a dupla jornada de trabalho, a necessidade de conciliação entre família e trabalho, torna-se possível dizer o quanto essa relação desigual implicará diretamente na produtividade dos artigos científicos de docentes mulheres, neste caso específico, mulheres na ciência geográfica. Esse posicionamento se faz pertinente, visto que em uma busca realizada no Observatório da Produção Geográfica Brasileira, este que também serviu como base metodológica para a construção desta tese, surgiram dados que mostravam a discrepância na produção feminina e masculino. Os resultados construídos apresentaram a seguinte configuração, diante de 17.636 artigos de 90 periódicos da Geografia brasileira, classificados nos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5, com base no triênio 2013-2015.

GRÁFICO 2 - % Produção científica geográfica brasileira entre homens e mulheres – estrato Qualis Capes



Fonte: Observatório da Produção Geográfica Brasileira – 90 periódicos *on-line* da Geografia Brasileira. Triênio 2013-2015, porcentagem com base em 17.636 artigos armazenados no banco citado.

Nota: Organizado pela autora

Demonstro que a fragmentação construída e validada em nossa sociedade dicotômica, também é encontrada e reafirmada em nossa comunidade científica. Durante todo o desenvolvimento da tese existiram discussões que apresentaram o quanto a ciência se forma e molda a partir de seus cientistas, assim como, como esses (as) pesquisadores (as) a construíram diante de suas vivências e ideologias. Assim, não distante deste argumento, é plausível afirmar que essa construção social e científica, foi responsável por estabelecer a posicionalidade, hierarquias e até mesmo as ações que seriam desempenhadas por cada um dos corpos. Estes pensamentos podem ser corroborados pela reflexão de Wilshire (1997)

Os dualismos hierárquicos — com seu privilégio em relação à Mente (isto é, masculinidade) e seus preconceitos contra o corpo e a matéria (isto é, feminidade) — estão na base da epistemologia ocidental e do pensamento moral. Esses preconceitos tornaram-se o núcleo de nossas tradições filosóficas e científicas, não podendo ser eliminados facilmente por, ao menos, duas poderosas razões. Primeiro, as imagens positivas e negativas que acompanham nossas palavras e conceitos de masculino e feminino, são fortes e acumularam milênios de uso. São parte integrante das histórias sagradas que aprendemos na infância, das histórias profanas, das fábulas; são parte e grande parcela de brincadeiras comuns; as imagens associadas tornaram-se uma parte de nossa maneira de pensar. Segundo, julgamentos de valor sexistas são inerentes às próprias palavras que usamos. A tradição precisa finalmente ser vista como é: intrinsecamente unilateral e parcial. (WILSHIRE, 1997, p. 104)

Nada distante da abordagem de Wilshire (1997) há também os pensamentos de Fraisse (1995) que vem de encontro com a discussão apresentada. Segundo Fraisse (1995, p.166) ‘a diferença dos sexos induziria inevitavelmente a ideia de hierarquia’.

Essa dualidade apresentada e até mesmo este processo hierárquico que se encontra presente nas falas das autoras, será nitidamente refletida e notável na produção científica. Recorda-se que este processo em questão além de apresentar as relações de poder existentes ciência, também demonstra delimitação aos papéis de gênero, os quais são elementos de importância a serem considerados e compreendidos.

A compreensão comentada, se faz devido aos conflitos existentes entre os (as) pesquisadores (as) na academia, assim como a concorrência em busca de uma legitimidade científica, que afeta diretamente as suas vidas. Tal

afirmação pode ser complementada com a discussão do conceito de campo discutido por Bourdieu (1989) onde o autor apresenta a definição deste conceito, a partir do entendimento que este campo seria um espaço social, o qual vem acompanhado e delimitado por uma lógica aparentemente autônoma, que sustenta simbolicamente e até mesmo institucionalmente os outros espaços sociais existentes.

Isto posto, é possível refletir sobre os pensamentos de Bourdieu (1989) sobre o conceito de campo e sua construção social, a qual delimitará os papéis de gênero desempenhados em sociedade, tanto no espaço público e consequentemente no espaço privado. Igualmente, a partir desta colocação, é notável relembrar os pensamentos de Shienbinger (2001) onde a autora argumenta que o gênero pode ser compreendido como uma denotação multidimensional e mutável do que é ser homem ou mulher, com base em seu ambiente social. Ainda para autora essa situação será constantemente renegociada, perante as divisões culturais e de classe.

Diante dos argumentos apresentados acima, se torna notório dizer que essas divisões estarão presentes e por vezes subentendidas nos diversos espaços, sendo um deles o espaço acadêmico e mais especificamente o espaço da produção científica, como foi observado no gráfico anterior (% Produção Científica Geográfica Brasileira entre Homens e Mulheres – Estrato Qualis Capes) que destacou o percentual de publicações científicas, neste caso específico da ciência geográfica, apresentando uma expressiva desproporcionalidade ao que se refere ao número de artigos publicados por homens e mulheres. Deve-se ressaltar um fator de notável diferença que se relaciona às publicações de homens e mulheres, e os estratos de melhor classificação como A1, A2 e B1, onde os homens são em grande maioria os responsáveis por estes artigos.

Esta observação sobre produtividade realizada pontualmente na ciência geográfica, também já foi diagnosticada em outras áreas como física, química, biologia e ciências sociais. A pesquisa realizada foi desenvolvida pelas pesquisadoras Velho e León trouxeram juntamente com essas análises um conceito intitulado como 'efeito do teto de vidro'. Segundo as autoras este conceito pode ser definido como:

Tais tendências, para o caso dos países avançados, são explicadas na literatura como “efeito do teto de vidro”, **significando que mesmo as mulheres bastante qualificadas são bloqueadas na sua ascensão profissional por práticas discriminatórias, conflitos família-trabalho** que as impedem de produzir tanto quanto os homens, e por traços de comportamento adquiridos durante o processo de socialização, que seriam “desfavoráveis” ao sucesso profissional, tais como falta de agressividade, de ambição, etc. (VELHO; LEÓN, 1998, p. 331, grifo nosso)

Após a leitura realizada, mais a construção do gráfico de produtividade científica e também as redes semânticas, não posso considerar senso comum ou até mesmo achismo, o fato de que há uma nítida distinção presente nos universos femininos e masculinos e que mesmo que estes estejam sendo analisados em um espaço considerado igualitário (visto que para adentrar no espaço acadêmico tanto homens, quanto mulher passam pelo mesmo processo avaliativo) este espaço ainda não consegue manter uma equidade efetiva, pois além do espaço público (universidade) existe também o espaço privado (casa/família) que claramente exige muito mais das mulheres do que dos homens e que diretamente afetará na produtividade acadêmica.

Consequentemente esse processo citado acarretará em diversos posicionamentos que manterão esta estrutura vigente, não diferente disto, além das publicações em menor escala, também haverá os cargos de chefia e administrativos que serão ocupados majoritariamente por homens. Essa situação para Velho e León (1998) tem a ver com as estruturas de poder interno, as quais direcionam o prestígio nas decisões relativas à vida política acadêmica.

Ressalto que não estou colocando as mulheres em posição de vítimas ou como ‘desconhecidas’ no mundo científico, porque seria uma hipocrisia de minha parte, visto o número de mulheres que despontaram em minha pesquisa como expoentes no pensamento geográfico brasileiro, entretanto, estou ressaltando que essas mulheres, assim como tantas outras pesquisadoras, mereciam e merecem maior visibilidade no espaço científico, pois infelizmente, por muitas vezes direta ou indiretamente tem suas vozes caladas ou negligenciadas, devido a estrutura hierárquica existente.

Saliento a importância deste destaque ao trabalho feminino, pois como visto a partir das entrevistas e redes semânticas, essas mulheres conseguiram adentrar no universo científico através de esforços, os quais exigiram muito de

si e também, por vezes, a necessidade da ajuda de uma terceira pessoa, em muitos casos suas mães ou empregadas, principalmente para as pesquisadoras que tinham filhos pequenos na época. Essa colocação pode ser perfeitamente complementada com a pesquisa de Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008, p. 147) “En estos casos, la ayuda familiar, especialmente las abuelas (la llamada “solidaridad intergeneracional femenina”⁸³

Para Deem (2003) citada por Para Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008, p.147) as trajetórias acadêmicas de homens e mulheres na academia, remetem que as relações de gênero claramente lesionam as carreiras, expectativas e até mesmo contribuem para discriminações. As autoras ainda argumentam que durante a pesquisa de Deem (2003), foram localizadas situações em que muitas das mulheres sentiam-se responsáveis pelos seus lares e deram um tempo de sua profissão devido às situações sexistas ao que envolvia ascensões no trabalho.

É nítido como as renúncias femininas e masculinas ao que diz respeito ao universo científico e também familiar são diferenciadas, visto no trabalho de Para Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008, p.147) que *‘Los hombres confesaban que la paternidad no la veían como problemática y que seguramente si hubiesen sido mujeres les hubiese costado más alcanzar sus categorías académicas actuales’⁸⁴.*

Com as colocações das autoras acima é possível compreender como há exigências e renúncias direcionadas aos dois grupos, mesmo que esta situação não seja uma regra, vem acompanhando parte do público feminino.

Outro fator importante de evidenciar é que por vezes além das exigências e renúncias praticadas por essas mulheres, elas também encontraram uma forma de manter-se presentes no meio acadêmico a partir da adaptação aos moldes masculinos e nem sempre essa adaptação é notada.

⁸³Tradução: Nestes casos, a ajuda da família, especialmente das avós (a chamada "solidariedade intergeracional feminina")

⁸⁴ Tradução: Os homens confessaram que não viam problemas com a paternidade e que, certamente, se fossem mulheres, teria sido mais difícil alcançar suas atuais categorias acadêmicas.

Por outro lado, nas áreas em que têm presença muito fraca, as mulheres necessitam se adaptar aos modelos “masculinos” vigentes que, tradicionalmente, pressupõem maior valorização da competição via publicação. Nestes casos, elas emulam o comportamento do homem, admitem as dificuldades de compatibilizar trabalho e família, mas negam-se a aceitar os conflitos entre ambos como justificativa para um desempenho “inferior” ao dos homens. (VELHO; LEÓN 1998, p. 341)

Esse ‘modelo masculino’ citado, também é pensado por Costa (2006), onde a autora apresenta que o ‘paradigma masculino’ seria direcionado ao sucesso acadêmico, o compromisso integral ao trabalho científico e as relações academicamente voltadas para as competições entre seus pares.

Entretanto, algumas mulheres tentam equilibrar as esferas do trabalho e da vida privada. A postura crítica em relação à devoção ao mundo do trabalho, ao mundo acadêmico, que exigiria dedicação integral mesmo fora do local de trabalho, revela o esboço de um outro modelo possível. A esse novo modelo tem-se denominado “feminino”, já que se trata de cultivar também a vida privada, esta, de responsabilidade das mulheres (filhos, família) COSTA, 2006, p. 457)

Desta forma, diante das discussões realizadas, nota-se a necessidade de nós mulheres rompermos com esses padrões pré-estabelecidos que muitas vezes seguimos mesmo que indiretamente interferem continuamente em nossa trajetória. Mesmo com a certeza de construirmos a ciência, ainda temos muita luta pela frente, em busca de equiparar as produções científicas. Como visto em Costa (2006), Silva (2009a), Cesar (2015), entre outras pesquisadoras, contamos com uma atuante participação feminina nos espaços acadêmicos, todavia ainda somos em menor número em publicações e até mesmo presentes em corpos editoriais.

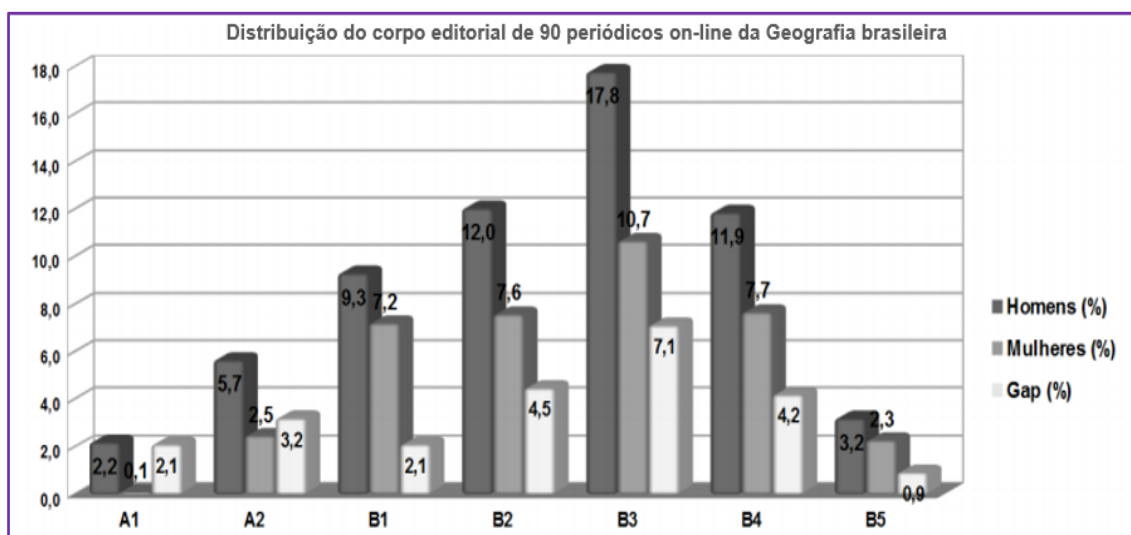
Diante da discussão sobre posicionamentos, centralidades e discursos, se encontra a necessidade de pautar as reflexões além das publicações dos artigos científicos, como também nos corpos editoriais destes periódicos, visto que sendo estes são um dos mais importantes meios de divulgação das pesquisas realizadas pela comunidade científica acadêmica.

Devido ao avanço tecnológico, a comunicação e o acesso à informação proporcionaram a expansão do conhecimento aos mais diversos lugares, de maneira rápida e eficiente. Isto pode ser compreendido como um novo estágio, espaço e tempo pós-moderno. “É a aceitação geral de que algo desse tipo está acontecendo é marcada pelo uso quase obrigatório, na literatura, de termos e

expressões tais como “aceleração”, “aldeia global”, “superação de barreiras espaciais”, “ruptura dos horizontes”, e assim por diante. (MASSEY, 2000, p. 177).

Logo, nota-se a importância do corpo editorial, pois estes pesquisadores (as) que compõe este grupo em questão, não são apenas responsáveis pelo aval da publicação do artigo ou não, indiretamente estes avaliadores (as) também se tornam responsáveis pelo alcance destas publicações nos mais diversos espaços. Sendo assim, o gráfico a seguir expõe de que forma o corpo editorial de 90 periódicos *on-line* da Geografia brasileira está distribuído e qual o seu arranjo, conforme o gráfico construído na dissertação de Cesar (2015).

GRÁFICO 3 - Distribuição do corpo editorial de 90 periódicos *on-line* da Geografia brasileira⁸⁵



Fonte: 90 Periódicos *on-line* da Geografia Brasileira – triênio 2013-2015.

Nota: Organizado pela autora, 2014

Os dados acima foram explanados com a intenção de demonstrar que a presença feminina nas atividades acadêmicas vai além da docência, publicações e atividades realizadas no espaço acadêmico. É importante evidenciar que novamente, mesmo em outra atividade, a presença feminina ainda é inferior a masculina.

⁸⁵ GAP significa diferença. Para a sociologia gap serve para descrever uma lacuna ou disparidade entre elementos de uma classe social mais elevada em relação aos elementos de uma classe social mais desfavorecida. Disponível em: < <http://www.significados.com.br/gap/> > Acesso em 10 de abril de 2015

Como destacado acima, os 90 conselhos editoriais investigados possuem uma hegemonia masculina, mesmo sendo compostos por um número considerável de mulheres para às avaliações dos artigos científicos produzidos na área da ciência geográfica. Indagações surgem ao observar os gráficos, pois tanto no GRÁFICO 3, quanto no GRÁFICO 4 (a seguir) a participação feminina é presente, porém mínima. Isto pode ser destacado por Rose (1993a), quando a autora apresenta que o conhecimento científico geográfico se encontra masculinizado, e isso ocorre tanto nas escolhas metodológicas, quanto em debates científicos, publicações e eventos.

Embora o campo da ciência geográfica brasileira contenha uma significativa participação feminina como aponta Silva (2009a), as mulheres ainda não alcançaram o prestígio masculino nas publicações de artigos e nos cargos de poder. A afirmativa da autora pode ser observada nitidamente no Gráfico acima, visto que o estrato A1, sendo este o melhor estrato da Qualis Capes, que a participação feminina é praticamente nula. Salienta-se o *gap* de 7,1% encontrado no estrato B3, sendo este composto preponderantemente por homens. Mesmo com a presença feminina nos conselhos editoriais dos periódicos *on-line* da Geografia brasileira, infelizmente em todos os estratos as mulheres ainda são minoria.

Isto posto, é possível afirmar que a ciência não é neutra e desinteressada, da mesma forma que os cargos de poder irão se organizar, direta ou indiretamente a configuração dos postos de chefia, assim como serão responsáveis por suplantar um empoderamento e estruturação dos comitês científicos. Assim, a ciência pode ser vista como um 'jogo' de poder e interesses, pois diante da estrutura apresentada, há o envolvimento de diversas estâncias acadêmicas como docência, cargos de chefia, coordenações de periódicos entre outras atividades, que irão refletir na produção intelectual do conhecimento científico geográfico.

Um conjunto majoritariamente masculino e hierárquico poderá alterar o que Demo (1989) explana enquanto critérios internos e externos para a ciência. O critério interno seria baseado em coerência, consistência, originalidade e objetivação. Já o critério externo teria como fundamentação a intersubjetividade, um discurso de autoridade

Assim, a ciência geográfica se constrói enquanto uma ciência realizada a

partir de sujeitos hegemônicos, mantendo o que chama Mignolo (2004) uma racionalidade científica ocidental adotada de uma postura de totalitarismo epistêmico. Assim após a compreensão da atual estrutura acadêmica, a próxima seção apresentará qual o reflexo dessa estrutura nas produções científicas geográficas a partir dos periódicos *on-line*.

Interessante observar como todas as instâncias que abrangem a estrutura acadêmica estão totalmente conectadas e articuladas. Até este momento faço esta reflexão a partir dos dados que apresentei para a tese referentes ao índice h, produtividade de artigos científicos, composição do corpo editorial e até mesmo a composição das obras e autores (as) indicados (as) na disciplina de Epistemologia da Geografia (discutidas nas 60 pós-graduação em Geografia). Retomo as análises anteriores para afirmar que as referências 'bases' indicadas para a construção do pensamento científico geográfico brasileiro estão direcionadas em 90,3% em obras masculinas e apenas 9,70% em obras femininas. Os dados apresentados retratam claramente que há uma considerável desproporção entre homens e mulheres no campo científico geográfico brasileiro.

Desta forma, após observar os dados acima, é possível afirmar o quanto o discurso masculino tem o poder de manifestar-se enquanto uma oratória dominante e aceitável. Como visto em Foucault (1996), os discursos possibilitam a criação e o fortalecimento de ideologias e também direciona seus interesses específicos, e assim o autor apresenta que este discurso pode ser interpretado como poder.

Os pensamentos expostos por Pinto (2017) ainda apontam que:

(...) As 'relações de poder' e a 'tradição masculina' a que se refere o discurso dos homens, mais uma vez evidencia a ausência de reflexão em torno de sua masculinidade e suas ações cotidianas. A observação dos cargos de mando nas universidades serem ocupados por homens é considerada como um acaso, ou ainda como sendo um resquício da época em que a universidade era apenas um espaço masculinizado, o que, na compreensão deles, já não é mais assim. (PINTO, 2017, p. 98)

Isto posto, é possível compreender os pensamentos de Monk (2011) ao que a autora apresenta que na contemporaneidade é muito comum a aceitação de uma Geografia 'situada', a qual não considera apenas o lugar enquanto uma temática para compreensão de mundo. Este processo se apresenta como uma fonte moldante dos pesquisadores (as) não apenas em nossa área de trabalho,

e sim em nossas vidas particulares, desde as identidades, prioridades e o modo de conhecimento de mundo.

Diante das redes destacadas, constata-se claramente a existência de uma fragmentação no discurso masculino entre a vida acadêmica e a vida pessoal/familiar, tendo por maior destaque e foco a vivência na academia. Ressalto que não estou dizendo que os docentes homens pensam apenas em sua vida acadêmica e deixam de lado sua vida pessoal/familiar. Pelas análises nas redes de discurso, digo que os homens, neste caso da ciência geográfica, acabam por dedicar maior parte do seu tempo para academia. Esta dedicação ao trabalho realizada pelos homens, advém de um longo processo histórico o qual acabou por configurar os papéis de gênero desenvolvido por homens e mulheres, sendo os homens direcionados ao trabalho e as mulheres para a família/lar. Verifica-se que essas raízes históricas acabaram por modelar não apenas a sociedade, mas o fazer científico, assim como, as todas as estruturas institucionais existentes, desde universidade, escola, famílias e religião.

Portanto, diante da necessidade de apontarmos a invisibilidade feminina no ambiente acadêmico, tanto no que diz respeito a produtividade como configuração estrutural neste espaço, destaco a necessidade de compreender o conceito de 'efeito teto de vidro', pois tais situações acabam por direcionar direta e indiretamente a nossa carreira. Isto posto, posteriormente as próximas discussões serão relacionadas à distribuição de privilégios e relações de poder generificada.

3.2 AS INSTITUIÇÕES, PRODUÇÃO CIENTÍFICA, DISTRIBUIÇÃO DE PRESTÍGIO E RELAÇÕES DE PODER GENERIFICADAS

Como visto nas seções anteriores o espaço acadêmico é ainda um espaço masculinizado. Mesmo diante desta disparidade encontrada no espaço acadêmico, é possível observar e destacar a presença de algumas mulheres que se diferenciam neste fazer científico, e conseguem posicionar-se enquanto centralidade na construção desta construção científica. Para que este reconhecimento seja conquistado, torna-se necessário apresentar que a falta de equidade nestes universos acaba por exigir um esforço muito maior das

mulheres, visto que estas foram estigmatizadas há anos sobre ser profissional e a responsável pelo lar.

Compreende-se que por muito tempo as mulheres foram vistas a partir de papéis limitadores e destinados aos afazeres domésticos. Segundo Bruschini e Lombardi (2000) a sociedade destinou à responsabilidade feminina para à família e aos encargos do lar. Em continuação da leitura do artigo das autoras, elas ainda apresentam como essa configuração social/cultural determinou a processo de entrada das mulheres no mercado de trabalho e a sua permanência no mesmo.

Outras pesquisas também já foram realizadas sobre a temática de mulheres e trabalho, por isto apresento as discussões de Olinto (2011) onde a autora apresenta o seguinte posicionamento:

Sem descartar a importância do enfoque econômico, muitos estudos dão destaque e buscam levantar informações sobre a dimensão sociocultural que está na base das diferenças de gênero. Focalizam esses estudos em crenças, valores e atitudes socialmente estabelecidos, que formam estereótipos sobre as habilidades diferenciadas entre homens e mulheres e influenciam as escolhas que as mulheres fazem cedo em sua existência, estabelecendo barreiras que limitam suas chances de vida. Dois tipos de mecanismos são geralmente identificados para descrever as barreiras enfrentadas pelas mulheres: a segregação horizontal e a segregação vertical. (OLINTO, 2011, p. 69)

Como vistos, diversos espaços acabam por segmentar a participação feminina e masculina. Ainda para a autora, este processo ocorre pela segregação horizontal e vertical. A segregação horizontal seria as escolhas que as mulheres são levadas a fazer, seguindo caminhos diferentes daqueles trilhado pelos homens e isso irá refletir na atuação familiar e escolar, onde as meninas acabam sendo direcionadas ao pensamento que não são aptas as atividades de exercícios físicos, assim como ações de estratégias de vida. Segundo Olinto (2011, p. 69) “a segregação horizontal inclui mecanismos que fazem com que as escolhas de carreiras sejam marcadamente segmentadas por gênero”.

Já a segregação vertical apresentada pela autora, refere-se a um mecanismo social, que pode ser sutil e até mesmo invisível e que tem a força de fazer com que as mulheres estejam em posições subordinadas, e até mesmo não consigam progredir em suas carreiras profissionais. Os pensamentos de

Olinto (2011, p.69) mostram que: ‘Estudos que abordam a segregação vertical têm se valido de termos como ‘teto de vidro’, indicando os processos que se desenvolvem no ambiente de trabalho que favorecem a ascensão profissional dos homens’.

Nada distante destas informações, as discussões de Martins Suarez, Pereira e Fiuza (2016) retratam exatamente estes pensamentos como pode ser visto nas falas da autora.

Em alguns locais de trabalhos, entretanto, a distinção entre carreias “direcionadas” para homens e carreiras “direcionadas” para mulheres são mais evidentes. A sociedade reproduz a ideia de que algumas funções são masculinizadas e outras feminilizadas. Na universidade, foco deste estudo, os cursos de ciências exatas são compreendidos como masculinizados e esta forma de entender a ciência ainda vem sendo reproduzida. (MARTINS SUAREZ; PEREIRA; FIUZA, 2016, p. 3749)

As informações absorvidas nestas discussões esclarecem abertamente o resultado das estruturas sociais e deixam explícitas como estas imposições foram determinantes e hierárquicas, ao que diz respeito aos papéis sociais construídos e que devem ser reproduzidos. Essas colocações foram cruciais para construir e legitimar os corpos dominantes neste processo cultural.

Assim, é eloquente afirmar, que o suporte social arquitetado, também estará presente nas estruturas científicas e poderá ser observado principalmente na construção do fazer científico, visto que compreendemos que a ciência não é obra do mero acaso e sim produto de vivências e experiências humanas, logo, a ciência nunca foi e nunca será neutra.

Para muitos, essa colocação pode ser entendida como nada problemática, porém se compreendermos que o posicionamento científico direta e/ou indiretamente acaba por direcionar o que é válido ou não, temos um problema grave que deve ser pontuado, ao que se refere as teorias que há muito tempo já foram validadas como verdadeiras e única forma de ser/existir. Neste caso, o fazer científico (produzido em sua maioria por homens) tende a não querer abrir novas discussões e espaços para uma nova abordagem de pensamento, como é o caso dos papéis de gênero que há muito tempo foram impostos e referenciados na sociedade e que notoriamente necessitam de uma mudança significativa em busca da equidade de gênero, visto que a sociedade também mudou socio-culturalmente.

Os pensamentos de Pinto (2017, p.22) refletem claramente a posição acima, visto que ‘a legitimação de uma dada produção científica é resultado de discussões intensas entre sujeitos com distintas possibilidades de ação e de credibilidade em produzir o efeito almejado no âmbito acadêmico’.

É interessante lembrar que ‘efeito almejado’ citado por Pinto (2017) também pode ser associado ao mérito, ao sucesso. Este é outro momento em que se é possível entender o ‘poder’ da legitimação de um campo profissional e social. Para tal afirmação é necessário recordarmos o início do processo de educação no Brasil, visto que a história apresenta o início deste momento sendo exercido pelos padres jesuítas. Logo, essa era uma profissão caracterizada pela figura do homem, o qual, segundo Araújo e Cunha (2013) era um exemplo para as condutas das crianças e a formação de caráter.

Como pode ser observado, os padrões atribuídos aos homens e as mulheres vem sendo determinados há muito tempo, como pôde ser lido nos parágrafos acima sobre as discussões de Rousseau sobre Emílio e Sofia. Nota-se novamente, que o contexto em que Rousseau escreveu sobre Emílio e Sofia é representado pelo século XVIII, o considerado século das luzes.

Mesmo com o passar de tantos anos a sociedade ainda se mantém estereotipada em padrões e ações a serem desenvolvidos pelos corpos a partir do seu sexo biológico. Por este motivo não há estranheza ao pensar que os homens representavam e ainda representam os padrões normativos a serem seguidos e aceitos socialmente.

Com esta colocação, o posicionamento de Araújo e Cunha (2013) apresentam que:

No entanto, sabe-se que a sociedade sempre esteve e está em constante transformação e a escola, enquanto instituição social, acompanha esse processo e conseqüentemente as relações que se estabelecem no seu interior também se modificam. Louro (1997) ainda nos lembra que na segunda metade do século XX, durante a intensificação do processo de urbanização, o aumento da demanda voltada para educação fez com que um novo estatuto de escola se institísse, bem como aumentasse a entrada de mulheres nas salas de aula tanto como alunas quanto professoras. Neste contexto, o magistério passou a ser permitido e indicado para mulheres. (ARAÚJO; CUNHA, 2013, n. 11248)

Diante das discussões sobre os papéis de gênero que foram construídos e reproduzidos, evidencia-se conduta da sociedade burguesa do século XIX. Segundo Gomes da Silva (2000) o conteúdo explorado pela Revolução Francesa como os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade e logo adiante o acontecimento da Revolução Industrial, por conseguintes guerras mundiais, estas foram responsáveis pelo desarranjo do papel masculino do homem burguês, o qual buscava se reconstruir, e juntamente com este processo, buscava consolidar sua virilidade e a masculinidade hegemônica.

Isto posto, torna-se argumentativo como a representação do ideal masculino se constituiu ao longo do tempo, não apenas seu trabalho físico, mas principalmente na área intelectual. O homem torna-se a referência de intelecto avançado e o provedor de boas ideias e ações. Para Vianna (2001/2002, p. 93) ‘Os significados femininos e masculinos definem as relações entre professores/as e alunos/as no espaço escolar e no sindicato da categoria docente’. Ainda para autora, essa é uma forma de construção social que se baseia nas diferenças, relações de poder e a própria divisão sexual no trabalho determinando quais são as profissões femininas e masculinas

O esquema binário que situa o masculino e o feminino como categorias excludentes estende-se para definições do que é ser homem e do que é ser mulher, professor e professora em nossa sociedade. Essa dicotomia cristaliza concepções do que devem constituir atribuições masculinas e femininas e dificulta a percepção de outras maneiras de estabelecer as relações sociais. O cuidado, por exemplo, é visto como uma característica essencialmente feminina – para alguns uma responsabilidade natural, para outros, fruto da socialização das mulheres. Muitas atividades profissionais associadas ao cuidado são consideradas femininas, como a enfermagem, o tomar conta de crianças pequenas, a educação infantil, etc. O ato de cuidar, fundamental na relação com a criança, deve ser entendido como uma atividade que envolve compromisso moral. Criam-se, assim, vários estereótipos sobre homens e mulheres: agressivos, militaristas, racionais, para eles; dóceis, relacionais, afetivas, para elas. Em decorrência, funções como alimentação, maternidade, preservação, educação e cuidado com os outros ficam mais identificadas com os corpos e as mentes femininas, ganhando, assim, um lugar inferior na sociedade, quando comparadas às funções tidas como masculinas. (VIANNA, 2001/2002, p. 93)

Não diferente dos pensamentos de Vianna (2001/2002) as reflexões de D’Amorim (1997), relatam em sua pesquisa a dicotomia entre esses universos feminino e masculino, os quais podem ser observados a seguir:

A **mulher** foi definida segundo quatro dimensões; **a casa, o marido, os filhos e o corpo**; a execução das tarefas domésticas é a característica mais atribuída, independente do sexo e da idade. Mesmo o trabalho fora de **casa** é visto como uma extensão das tarefas diárias, já que, este trabalho é o de doméstica. As dimensões de **marido e filhos** revelam a submissão, devida ao cônjuge, e a responsabilidade pela procriação e cuidado com os filhos. A dimensão **corpo**, na qual predominam as respostas dos homens jovens, envolve os aspectos eróticos da nudez feminina. Aos **homens** foram atribuídos estereótipos ligados a três dimensões: **trabalho, poder e liberdade**, compreendendo a obrigação de sustentar a família, sua autoridade no lar, e a possibilidade de fazer o que quiser, inclusive abandonar a mulher e os filhos. (D'AMORIM, 1997, p. 125, grifo nosso)

Esse processo binário observado nas colocações das autoras foi discutido por Araújo e Cunha (2013), onde as autoras apresentam em sua pesquisa que a profissão docente foi associada à prática assistencialista, na qual, as mulheres assumiriam um papel de mães-educadoras.

Diante das observações dos padrões socioculturais, assim como os pensamentos expostos pelas autoras acima, torna-se coerente abordar o seguinte posicionamento. Na configuração dos papéis sociais de homens e mulheres, as mulheres foram vistas como pessoas prontas, ensinadas e direcionadas para os cuidados, tanto para a parte doméstica, como em ramo profissional, como a educação básica que por muito tempo também foi associada à educação do cuidado.

O ensino superior, este ensino que forma outros profissionais e até mesmo traz consigo um certo grau de reconhecimento, é ocupado majoritariamente por docentes homens. É válido ressaltar que o papel masculino, foi construído na sociedade, onde os homens sempre foram personagens centrais, racionais e plausíveis de legitimação.

Digo isso, pois com as análises dos dados sobre a composição docente nas 60 pós-graduação na ciência geográfica, os resultados apontaram que 61,4% do corpo docente é composto por homens e 38,6% de mulheres. Para reforçar a colocação apresentada, os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP⁸⁶) expõe que:

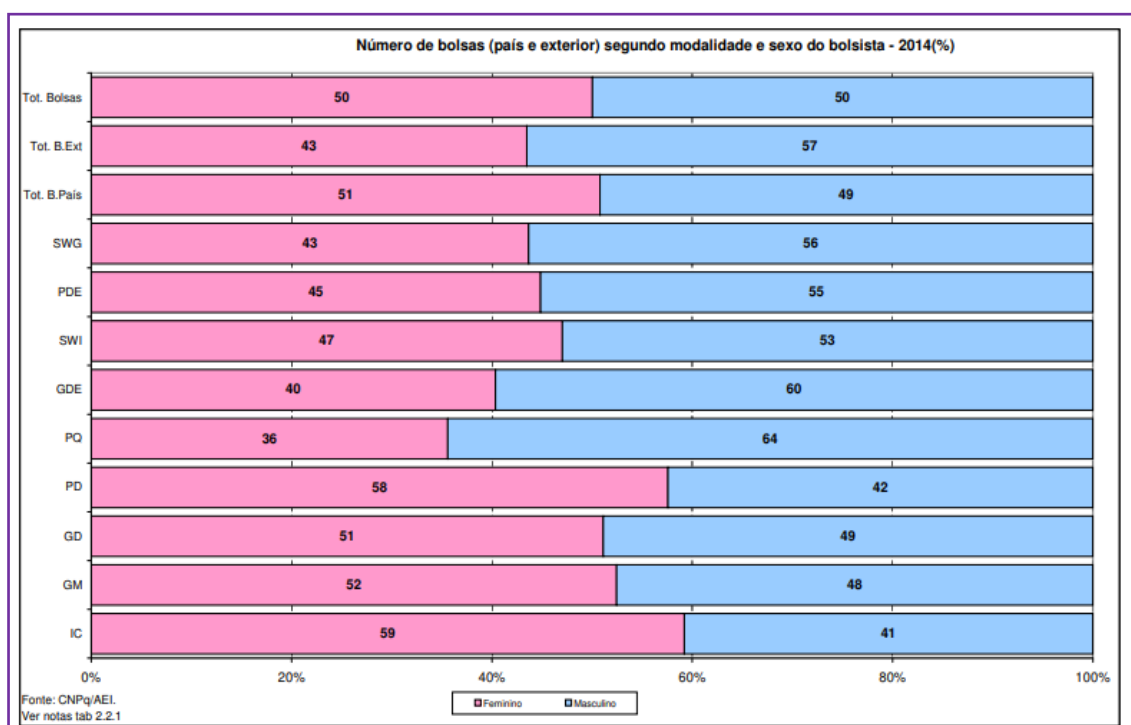
⁸⁶Disponível em:

<http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206> Acesso em 20 de dezembro de 2018.

Dados do Censo da Educação Superior de 2016, última edição do levantamento, revelam que as mulheres representam 57,2% dos estudantes matriculados em cursos de graduação. No Censo da Educação Superior de 2006, as mulheres representavam 56,4% das matrículas em cursos de graduação. Já na docência, os homens são maioria. Dos 384.094 docentes da Educação Superior em exercício, 45,5% são mulheres. (INEP, 2018)

Torna-se relevante destacar, que com os dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), juntamente com os dados explorados para esta tese, estes me instigaram para buscar outras informações, e por isso realizei uma pesquisa sobre a distribuição de bolsas pelo CNPq, em todas as áreas acadêmicas existentes, e o quadro a seguir reflete a seguinte configuração.

QUADRO 4 - Distribuição de bolsas CNPq em todas as áreas⁸⁷



Fonte: CNPq, 2018. Legenda: **SWG**: Doutorado Sanduíche / **PDE**: Pós-Doutorado no Exterior / **SWI**: Doutorado-Sanduíche Empresarial / **GDE**: Doutorado no Exterior / **PQ**: Produtividade em Pesquisa / **PD**: Pós-Doutorado / **GD**: Doutorado / **GM**: Mestrado / **IC**: Iniciação Científica

⁸⁷ Lembrando que o quadro em questão corresponde a todas as áreas do conhecimento científico e não apenas à Geografia. A pesquisa realizada no site está marcada como bolsas de 2014, pois são as bolsas mais recentes divulgadas pelo CNPQ. Disponível em < <http://memoria.cnpq.br/documents/10157/28e1ffdc-048d-4d83-8243-ee87cf1edf34>> Acesso em 20 de dezembro de 2018.

O quadro do CNPq sobre a distribuição das bolsas de pesquisa nacionais e internacionais apresenta claramente a discussão apresentada logo acima. É nítido perceber que durante o processo de graduação, mestrado, doutorado e até mesmo pós-doutorado o número de mulheres com o recebimento de bolsas de iniciação é superior do que os homens. Um dado relevante é que esse número cai consideravelmente quando essas bolsas são para Doutorado Sanduíche, Pós-Doutorado no Exterior, Doutorado Sanduíche Empresarial, Doutorado no Exterior, assim como, Bolsa Produtividade.

Mesmo que nas últimas décadas tenha havido um aumento no número de mulheres matriculadas em instituições de ensino superior, ainda não há a igualdade esperada para a permanência dessas mulheres ao longo dos anos na academia. Para Velho e León (1998)

Primeiramente, apesar do aumento verificado na proporção de mulheres na pós-graduação em vários países, tendências à estagnação – em patamares bastante inferiores aos esperados 50% – já têm sido registradas em alguns deles, que exibem queda dramática na taxa de crescimento desta variável. Em segundo lugar, o número crescente de matrículas de mulheres na pós-graduação não foi acompanhado por um aumento proporcional no número de títulos obtidos por elas, dado que a taxa de evasão de mulheres da pós-graduação é significativamente maior que a dos homens. (VELHO; LEÓN, 1998, p. 312)

Os dados apresentados acima carecem de muita atenção, pois todas essas bolsas envolvem a ida para outro país. Um fator explorado por diversas autoras relaciona-se as divisões do ser mulher, mãe, profissional. Muitos estudos, até mesmo já comentados na tese, acabam por explorar este contexto feminino, pois se relacionarmos de forma genérica, os anos de graduação, mestrado, doutorado e pós doutorado dos (as) estudantes, este é o período em que estamos nos estabilizando na vida pessoal e profissional, é neste momento e idade que estamos formando família e até mesmo nos preparando para a maternidade. Este é um ponto bem marcante na vida e até mesmo corpo feminino. Uma gestação só é realizada pela mãe, a qual tem como responsabilidade não ‘apenas’ da gravidez, como da amamentação e os meses iniciais da criança. Para Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008)

Una verdadera conciliación entre vida laboral y familiar debería dar por supuesto que las consecuencias de la maternidad y la paternidad, son las mismas para hombres y mujeres. Pero si la conciliación se plantea solamente en términos de facilitar los permisos (que mayoritariamente solicitan las mujeres) y de fomentar el trabajo a tiempo parcial (al que acceden mayoritariamente también las mujeres), se está perpetuando la desigualdad. (PUJOL; ORTIZ; GARCIA RAMON, 2007/2008, p. 145)⁸⁸

Logo, este processo de desigualdade que é observado por Velho e León (1998); Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008); entre outras autoras, será refletido no trabalho acadêmico, em específico nas publicações que estas mulheres irão produzir. É significativo dizer que o processo de conciliação entre família e trabalho não dita a qualidade de seus trabalhos, contudo, colabora para uma significativa disparidade entre o universo feminino e masculino, principalmente quando pensando entre o universo materno e paterno.

Segundo os pensamentos de Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008, p. 146) *'La flexibilidad horaria no sólo es considerada ventajosa para las mujeres con hijos/as pequeños sino también por las que han tenido que hacerse cargo de familiares dependientes, especialmente padres y madres mayores'*⁸⁹.

Ainda para as autoras, toda essa dedicação feminina acaba por acarretar em uma dedicação que exige muito mais de si. As investigações de Para Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008) indicam que as mulheres que se desdobram em suas diversas jornadas de trabalho, sentem a necessidade de recuperar as horas destinadas a outros afazeres que não fossem da vida acadêmica.

Ésta reconoce tener un cierto sentimiento de malestar cuando después de cenar su marido –que trabaja como técnico en una empresa privada- lee el periódico tranquilamente, mientras ella tiene que continuar trabajando, ya sea terminando de preparar unas clases, acabando de escribir un artículo o planificando una reunión⁹⁰(PUJOL; ORTIZ; GARCIA RAMON, 2007/2008, p. 146)

⁸⁸ Tradução: Uma verdadeira conciliação entre trabalho e vida familiar deve assumir que as consequências da maternidade e paternidade são as mesmas para homens e mulheres. Mas se a conciliação é proposta apenas em termos de facilitar as permissões (que são em grande parte solicitadas pelas mulheres) e incentivar o trabalho em tempo parcial (que também é acessado principalmente pelas mulheres), a desigualdade é perpetuada.

⁸⁹ Tradução: A flexibilidade do tempo não é apenas considerada vantajosa para mulheres com filhos pequenos, mas também para aqueles que tiveram que cuidar de dependentes, especialmente pais e mães mais velhos.

⁹⁰ Tradução: Ela admite ter um certo desconforto quando, depois do jantar, o marido que trabalha como técnico em uma empresa privada, lê o jornal calmamente, enquanto ela precisa continuar trabalhando, seja preparando algumas aulas, terminando de escrever um artigo ou planejando uma reunião.

Dito isto, é possível retornar ao QUADRO 4, e reparar que a bolsa produtividade em pesquisa é representada pelos homens em 64%. Sabe-se que essa bolsa em questão, é destinada ao pesquisador (a) que obtém mérito acadêmico devido as suas produções científicas. Ou seja, segundo o CNPq⁹¹, essa bolsa tem por objetivo reconhecer o trabalho dos (as) pesquisadores (as) e incentivar o aumento da produção científica, tecnológica e de inovação de qualidade. Perante as diversas distinções entre o ‘ser homem’ e ‘ser mulher’ no espaço acadêmico, nota-se nitidamente que esta diferença afeta diretamente na produtividade científica das mulheres docentes, não sendo impossível, porém muito mais difícil, elas alcançarem o mesmo mérito dos docentes homens.

As reflexões apontadas acima também são discutidas por Velho e León (1998) onde as autoras demonstram que existem diversas teorias que tentam explicar o porquê as mulheres, mesmo após romper as barreiras estabelecidas à carreira acadêmica, não conseguem avançar na mesma proporção que os homens.

Diversos são os fatores que permeiam a participação feminina no espaço acadêmico e consequentemente direcionam a inserção no campo científico. Saliento que ao observar a teoria conjuntamente com o campo empírico realizado, é possível argumentar que ‘exclusivamente o fato do ser mãe’ e profissional requer além de tempo e atenção, como também uma disposição que exige um esforço a mais em tudo que se faz.

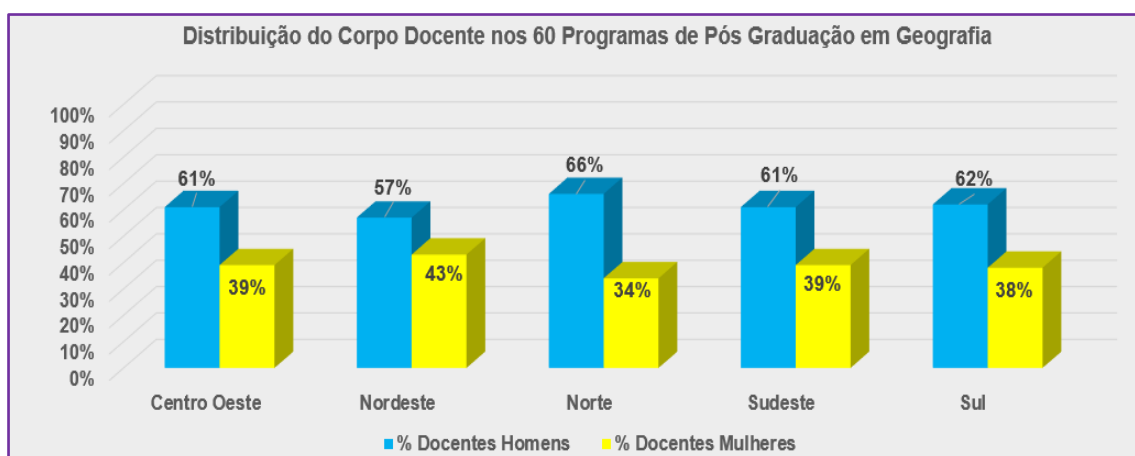
Medir o impacto da maternidade sobre o engajamento da mulher, no entanto, não é uma tarefa fácil. A endogeneidade presente na relação filhos-engajamento não permite comparar o comportamento no mercado de trabalho de uma mulher que tenha filhos com o de outra que não tenha filhos. Além da simultaneidade entre os dois eventos (ter filhos e trabalhar), mulheres diferentes podem ter preferências distintas com relação a filhos e trabalho. Assim, existem mulheres que preferem ter filhos a trabalhar, da mesma forma que, existem mulheres que preferem trabalhar a ter filhos. A comparação entre estes grupos implicaria numa relação negativa entre a fecundidade e a oferta de trabalho, mesmo sem qualquer efeito causal de filhos sobre o engajamento. (PAZZELO; FERNANDES, 2004, p. 3)

⁹¹ Disponível em < <https://plataforma9.com/financiamento/inscricoes-abertas-para-as-bolsas-de-produtividade-em-pesquisa-pq-do-cnpq.htm> > Acesso em 20 de dezembro de 2018.

Visto os pensamentos de Pazello e Fernandes (2004) e após refletir sobre as considerações já citadas nos parágrafos anteriores, é possível afirmar que não apenas o mercado de trabalho formal e informal é masculinizado, e sim que o espaço científico também mantém o mesmo padrão hierárquico. Não diferente dessas configurações expostas, a ciência geográfica sustenta essa estrutura.

Mantenho este argumento, pois com a intenção de compreender de que forma a Geografia brasileira está configurada, realizei um levantamento de dados na Plataforma Sucupira da CAPES (ano de 2014 e 2017) coletando informações referentes à composição do corpo docente e discente das 60 universidades brasileiras com pós-graduação em Geografia. Estes dados serviram de base para a construção dos gráficos utilizados no roteiro de entrevista desta tese, e apresentaram que o percentual do corpo docente masculino destoava completamente comparado ao corpo docente feminino. Uma nota importante a destacar é que esse levantamento de dados também já havia sido realizado em minha dissertação de mestrado no ano de 2014, onde o corpo docente da época tinha sua formação correspondente à 60% de homens e 40% por mulheres. Logo, este levantamento atual no ano de 2017, apresenta que em um período de 3 anos, houve um aumento de 1,4% da presença masculina campo docente da Geografia brasileira, sendo este corresponde por 61,4% dos professores homens e 38,6% de mulheres.

GRÁFICO 4 - Distribuição do corpo docente nos 60 programas de pós-graduação em Geografia



Fonte: Plataforma Sucupira, 2017.

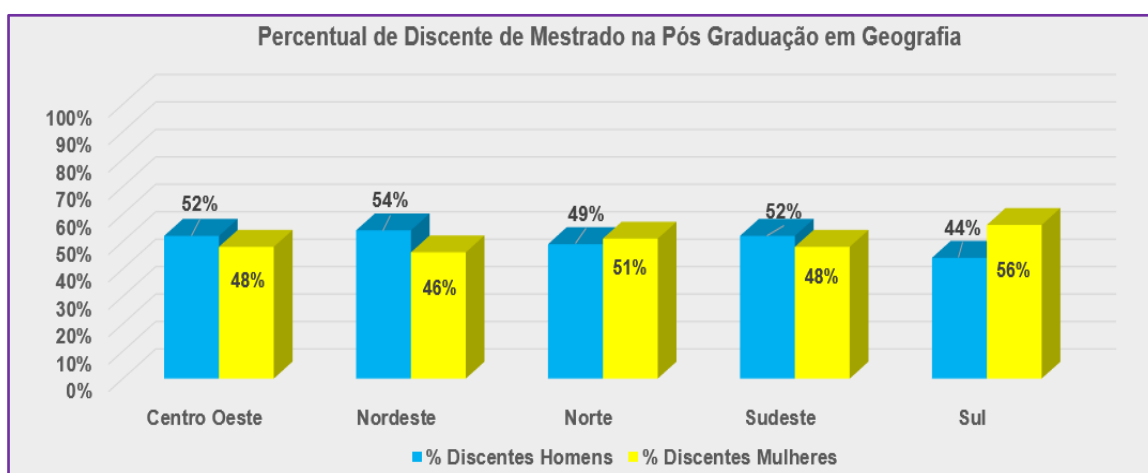
Nota: Organizado pela autora

Para permanecer em uma linearidade de pensamento, também realizei um levantamento de dados com o corpo discente (mestrado e doutorado) das 60 pós-graduação em Geografia. Nas pesquisas para a dissertação no ano de 2014 o nível do mestrado era composto por 51% de homens e 49% de mulheres. Já no doutorado este número era apresentado por 55% dos homens e 45% mulheres. Com as informações coletadas no ano de 2017, os resultados organizavam-se da seguinte maneira, o nível de mestrado foi composto pela média de 50% de homens e 50% de mulheres.

Destaco que praticamente não há diferenças quanto ao universo feminino e masculino na pós-graduação referente ao nível de mestrado, pois como pode-se observar no Gráfico acima, as diferenças são mínimas, chegando a apontar que na região Nordeste encontra-se maior concentração do corpo discente feminino em nível de mestrado.

Os dados observados podem ser complementados com os pensamentos de Leta (2003), onde a autora apresenta que mesmo com a mudança do quadro e com a participação feminina, é importante ressaltar que as mulheres ainda são minoria no sistema universitário público. Destaca-se também que as reflexões da autora acontecem em escala nacional, todavia enquadram-se claramente no perfil da Geografia.

GRÁFICO 5 - Percentual de discentes de mestrado de 60 programas de pós-graduação em Geografia

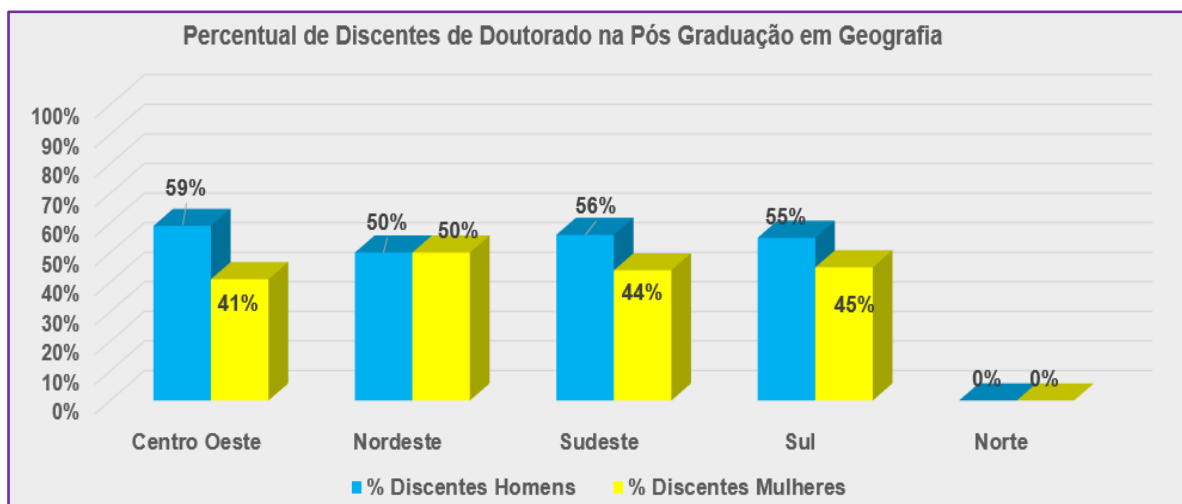


Fonte: Plataforma Sucupira, 2017

Nota: Organizado pela autora

Já para o nível de doutorado, os dados apresentaram um padrão semelhante, sendo 55% do corpo discente de homens e 45% mulheres. Dados estes, que podem ser observados logo adiante.

GRÁFICO 6 - Percentual de discentes de doutorado de 60 programas de pós-graduação em Geografia



Fonte: Plataforma Sucupira, 2017

Nota: Organizado pela autora

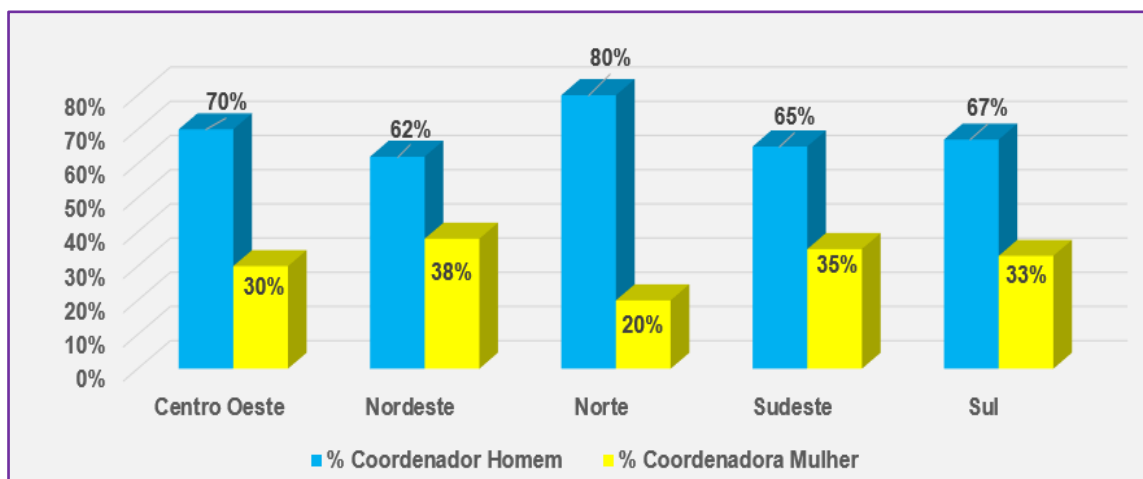
*A região norte é representada por 0%, pois é a única região que não consta discentes de doutorado titulados até o momento desta pesquisa. (Programas recentes)

Neste momento é notório pontuar que conforme o Quadro de Bolsas do CNPq e em concordância com os gráficos apresentados, que a participação feminina se mantém igualitária com a masculina até o nível mestrado, todavia este número cai no nível de doutorado e vai se mostrando ainda mais discrepante no nível do corpo docente (concurso). Isto posto, é possível afirmar que conforme maior titulação ou posto de hierarquia acadêmica, as mulheres encontram-se em número reduzido.

Esta situação não deve ser compreendida apenas como um processo de distribuição de bolsas acadêmicas e sim com uma forma estruturante e hierárquica ao longo do tempo nos espaços acadêmicos. O número de bolsas apresentados no quadro do CNPq e as observações apresentadas nos gráficos acima, nos obrigada a olhar e analisar com profundo cuidado sobre o rumo da pós-graduação brasileira. E neste caso em especial, a pós-graduação da Geografia brasileira.

Outro elemento que estes dados trazem é que esta estrutura dominante irá permear diversos campos na Geografia (como já demonstrado na seção anterior), assim como, os cargos de chefia e coordenação de curso.

GRÁFICO 7 - Distribuição dos cargos de coordenadores (as) das 60 pós-graduação em Geografia



Fonte: Plataforma Sucupira, 2019

Nota: Organizado pela autora

O gráfico acima é reflexo desta estrutura citada. Em uma pesquisa realizada na Plataforma Sucupira referente aos cargos de coordenação de curso em 60 pós-graduação da Geografia brasileira os resultados encontrados foram assustadores. O cenário atual dos cargos de coordenadores de curso tem a média de 68,8% formado por homens. Isso que ao observar o gráfico acima é possível afirmar que em 'nenhum' Estado brasileiro, as mulheres se sobressaem nos cargos de chefia.

Desta forma, complemento as discussões apresentadas com os argumentos de Silva (2009a), onde a autora aponta que é notável que as diferenças são muito maiores quando o assunto está ligado as relações de poder presentes no universo acadêmico, as quais acabam por caracterizar organizações centrais e periféricas.

Logo, diante dos dados apresentados, este capítulo explorou a estrutura acadêmica da ciência geográfica no Brasil, trazendo como elementos a produtividade científica, a reprodução da tradição de citações, bem como a distribuição de prestígio acadêmico. Há uma disparidade entre homens e mulheres na produção científica e os homens são aqueles que conseguem tanto

escrever um número maior de artigos, como publicá-los em periódicos melhor classificados. Além disso, eles possuem maiores índices de citação e são suas teorias que criam a tradição epistemológica do campo científico. A estrutura acadêmica também beneficia os homens no que diz respeito à distribuição de bolsas de maior qualificação (pós-doutorado e produtividade), além da projeção masculina nos cargos de coordenação dos Programas de Pós-graduação em Geografia. Esta estrutura organizacional generificada em que há nítidas vantagens masculinas constituem a base em que as trajetórias de vida e científicas se realizam, o que será tratado no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV- GÊNERO, PODER E TRAJETÓRIAS DE VIDA / TRAJETÓRIAS CIENTÍFICAS: você sempre vê, as estrelas são sempre os homens, nunca são as mulheres

Este capítulo analisa os discursos de homens e mulheres que se destacam como pessoas centrais na produção da Geografia brasileira de suas trajetórias de vida e científica. A influência foi captada por meio dos indicadores de produtividade e de índices de citação no campo científico que evidenciam o impacto de suas teorias na produção de pesquisas na área de Geografia. No capítulo anterior foi evidenciado que a estrutura organizacional da ciência geográfica brasileira é majoritariamente masculina e mantém este padrão, apesar da crescente feminização das universidades e dos cursos de pós-graduação. Entender a estrutura organizacional implica também trazer as trajetórias das pessoas que constituem o campo, as estratégias e os poderes que fazem parte da vida cotidiana dos(as) cientistas.

O campo científico se estrutura em geometrias de poder, conforme Massey (2000) e seus elementos só podem ser captados nas trajetórias das pessoas que constituem tal campo no seu cotidiano. O trabalho científico é uma ação diária, conectada com as condições sociais, econômicas, culturais que instituem o fazer da prática investigativa. Os discursos de dezesseis pessoas, que aceitaram colaborar com esta pesquisa, sendo nove mulheres e sete homens, foram sistematizados conforme Bardin (1977) e Silva e Silva (2016).

O perfil geral dos(as) pesquisadores(as) se constitui de pessoas na faixa dos cinquenta anos (apenas uma exceção abaixo de quarenta anos), brancas, com filhos (com apenas duas exceções), boa parte das pessoas entrevistadas são casadas (algumas em segundo casamento) e a maioria encontra-se em universidades centrais com notas de excelência conforme o sistema Qualis Capes. Como pode ser visto no quadro síntese que segue.

QUADRO 5 - Perfil dos (as) docentes entrevistados (as)

(continua)

Nome Fictício	Sexo	Cor	Filhos	Estado Marital	Qualificação do Programa ⁹²
Ras Dejen	M	Branca	Sim	Casado / Segundo Casamento	4
Bogda Feng	F	Branca	Sim	Casada	5
Kilimanjaro	F	Branca	Não	Casada	5
Monte San Valentin	F	Branca	Sim	Divorciada / Segundo Casamento	5
Cerro Chirripó	F	Branca	Sim	Solteira	5
Monte Damavand	M	Branca	Sim	Solteiro	5
Montanha de Jade	F	Branca	Sim	Divorciada	6 ⁹³
Pico Bolívar	F	Branca	Sim	Divorciada	6
Gongga Shan	F	Branca	Sim	Divorciada / Em outra relação	6
Kongur Tagh	F	Branca	Sim	Divorciada	6
Monte Fairweather	M	Branca	Não	Casado / Segundo Casamento	6
Aoraki	M	Branca	Sim	Casado	6
Pico Orizaba	M	Branca	Sim	Casado / Segundo Casamento	6

⁹² Programas de Pós-Graduação em Geografia e suas respectivas notas – Quadriênio 2017. Disponível em https://capes.gov.br/images/documentos/Relatorios_quadrienal_2017/20122017-Geografia_relatorio-de-avaliacao-quadrienal-2017_final.pdf Acesso em 20 de fevereiro de 2019.

⁹³ Segundo a Coordenação de Pessoal de Nível Superior, as notas 6 e 7 indicam desempenho equivalente ao alto padrão internacional. Disponível em < <http://www.capes.gov.br/acessoainformacao/perguntas-frequentes/avaliacao-da-pos-graduacao/7421-sobre-avaliacao-de-cursos> > Acesso em 20 de fevereiro de 2019

QUADRO 5 - Perfil dos (as) docentes entrevistados (as)

(conclusão)

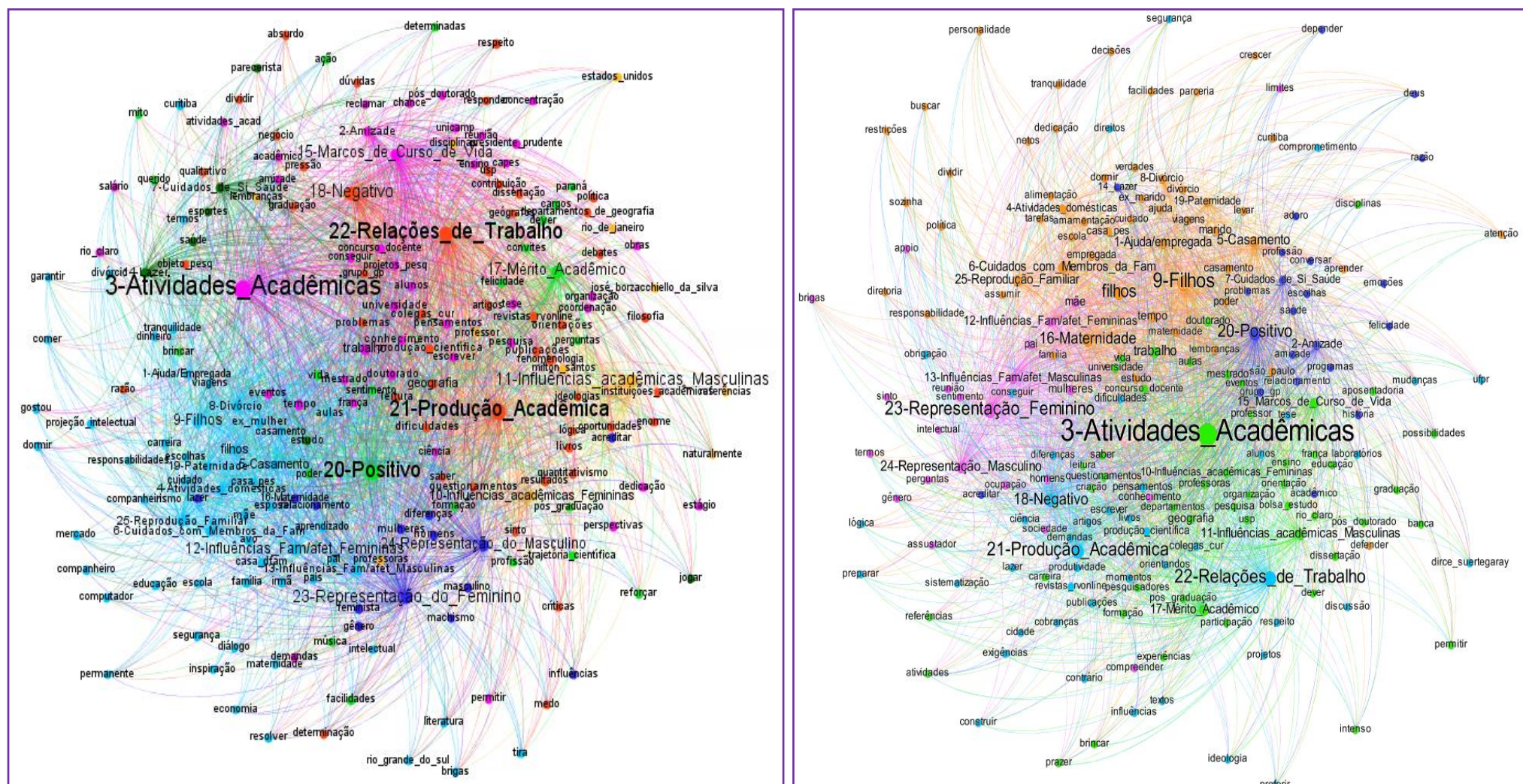
Cristóbal Colón	F	Branca	Sim	Casada	7
Klyuchevskaya Sopka	M	Branca	Sim	Casado / Segundo casamento	7
Monte Camarões	M	Branca	Sim	Casado	7

Fonte: Dados obtidos nas entrevistas, 2017

Nota: Organizado pela autora

As falas constituíram um volume de cento e noventa e seis páginas transcritas, sendo cento e onze do discurso masculino e oitenta e cinco do feminino. A primeira sistematização do discurso, organizada por sexo, constituiu as seguintes redes de palavras, que podem ser visualizadas a seguir.

FIGURA 13 - Comparativo das redes de palavras de homens e mulheres (palavras x categorias)



Fonte: Entrevistas realizadas em 2017.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

As redes de palavras dos discursos masculino e feminino pautaram a organização interna deste capítulo que está estruturados em três seções. No discurso masculino se destacam as atividades acadêmicas, relações de trabalho, produção acadêmica e influências acadêmicas masculinas. Na rede feminina se destacam as atividades acadêmicas, relações de trabalho, produção acadêmica, filhos e representação do feminino. Embora ambas estruturas discursivas tragam as atividades acadêmicas, produção e relações de trabalho como importantes, os homens apresentam um discurso menos paradoxal e conflitivo do que as mulheres.

A narrativa hegemônica masculina das trajetórias de vida e científicas estão pautadas pelo mundo da ciência, inclusive os marcos temporais. A narrativa feminina traz o emaranhado entre o mundo acadêmico e familiar, sendo os marcos temporais das trajetórias científicas e acadêmicas também conectados.

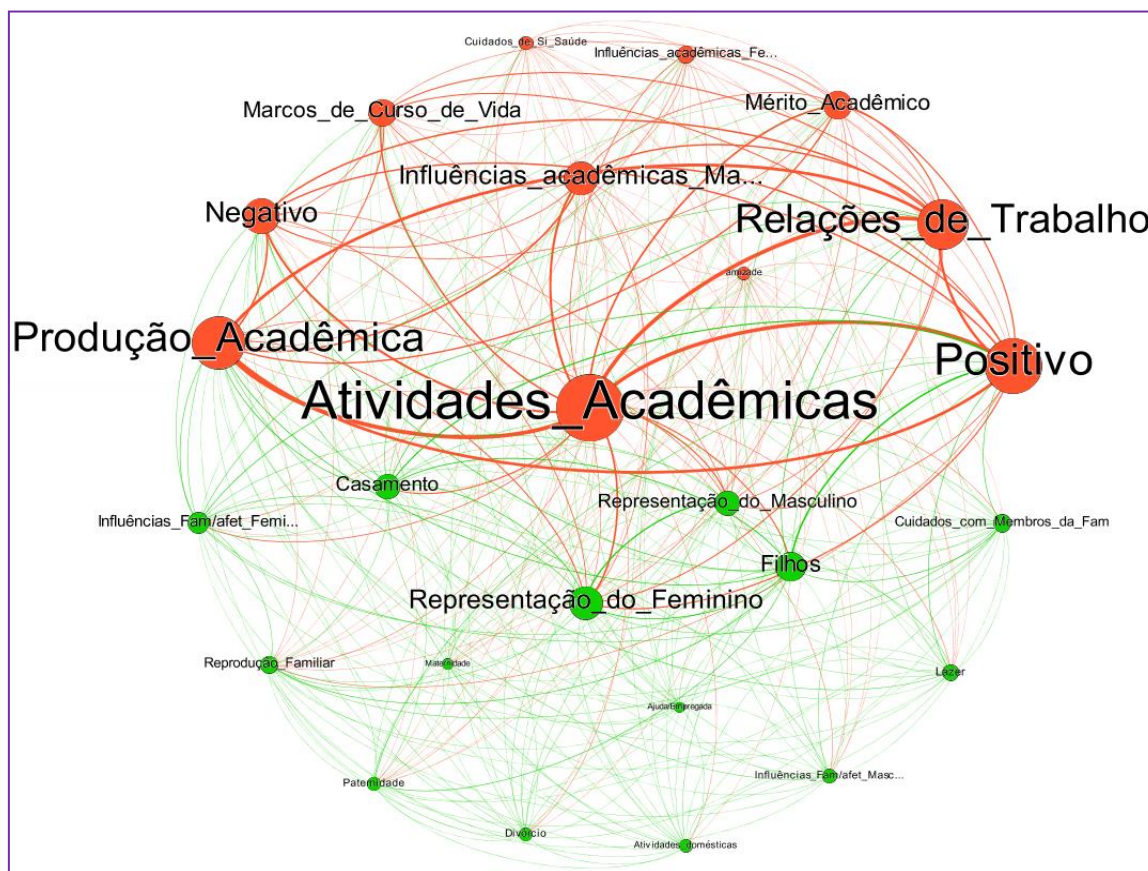
Assim, na primeira seção discutimos a estrutura discursiva masculina, evidenciando os elementos discursivos e suas conexões que sustentam dualidades do mundo científico e familiar. Na segunda seção, trazemos a estrutura discursiva feminina evidenciando a superação da dicotomia entre os espaços de produção científica e reprodução familiar e por último, discutimos a tendência da hegemonia científica masculina na tradição epistemológica do discurso geográfico brasileiro.

4.1 A PERMANÊNCIA DA DUALIDADE ESPACIAL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA MASCULINA

A rede semântica construída a partir das falas dos homens apresenta uma estrutura discursiva com duas comunidades pouco conectadas entre si, evidenciando que há uma hierarquia superior da centralidade das falas masculinas na comunidade em torno das atividades acadêmicas (laranja) e uma intensidade menor em torno da representação do feminino (comunidade verde). Assim, os homens traçam uma trajetória narrando com mais intensidade o mundo do trabalho científico, secundarizando as relações familiares. A FIGURA 14, evidencia as categorias discursivas e a configurações de suas ligações entre

elas. A intensidade de relações entre categorias de comunidades discursivas diferentes é pequena.

FIGURA 14 - Rede semântica do discurso masculino



Fonte: Entrevistas realizadas em 2017.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

Os detalhamentos das redes semânticas constituídas por duas comunidades serão explicitados a seguir, partindo da lógica das categorias com maior importância, conforme o grau ponderado:

FIGURA 15 - Laboratório de dados (intensidade a partir do grau ponderado)

Gephi 0.9.1 - homens_categorias_categorias.gephi

Arquivo Área de Trabalho Ferramentas Janela Plugins Ajuda

Visão geral Laboratório de dados Visualização

Área de Trabalho 1

Tabela de dados

Nós Arestas Configuração Adicionar nó Adicionar aresta Procurar/Substituir Importar planilha Exportar t

Id	Label	Interval	nat	Grau	Grau ponderado
3-Atividades_Acadêmicas	Atividades_Acadêmicas		C	24	476257.0
20-Positivo	Positivo		C	24	384444.0
21-Produção_Acadêmica	Produção_Acadêmica		C	24	357870.0
22-Relações_de_Trabalho	Relações_de_Trabalho		C	24	338375.0
18-Negativo	Negativo		C	24	224107.0
11-Influências_acadêmicas_Masculinas	Influências_acadêmicas_Masculinas		C	24	204409.0
23-Representação_do_Feminino	Representação_do_Feminino		C	24	201364.0
9-Filhos	Filhos		C	24	171171.0
17-Mérito_Acadêmico	Mérito_Acadêmico		C	24	166751.0
15-Marcos_de_Curso_de_Vida	Marcos_de_Curso_de_Vida		C	24	156875.0
5-Casamento	Casamento		C	24	136825.0
24-Representação_do_Masculino	Representação_do_Masculino		C	24	130841.0
12-Influências_Fam/afet_Femininas	Influências_Fam/afet_Femininas		C	24	102910.0
6-Cuidados_com_Membros_da_Fam	Cuidados_com_Membros_da_Fam		C	24	76143.0
25-Reprodução_Familiar	Reprodução_Familiar		C	24	75320.0
10-Influências_acadêmicas_Femininas	Influências_acadêmicas_Femininas		C	24	73792.0
14-Lazer	Lazer		C	24	60568.0
19-Paternidade	Paternidade		C	24	47749.0
13-Influências_Fam/afet_Masculinas	Influências_Fam/afet_Masculinas		C	24	47383.0
7-Cuidados_de_Si_Saúde	Cuidados_de_Si_Saúde		C	24	44098.0
8-Divórcio	Divórcio		C	24	42272.0
4-Atividades_domésticas	Atividades_domésticas		C	24	39157.0
2-Amizade	amizade		C	24	39016.0
16-Maternidade	Maternidade		C	24	23770.0

Adicionar coluna Mesclar colunas Excluir coluna Limpar dados da coluna Copiar dados para outra coluna Preencher coluna com um valor Duplicar coluna

Fonte: Gephi. Falas sistematizadas das entrevistas.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

O grau ponderado permite compreender a configuração desta comunidade que foi construída a partir da intensidade das redes e conexões dos discursos entre si. Desta forma, para melhor esclarecimento trabalharei detalhadamente ao longo das próximas subseções com as duas comunidades acima, representadas pelas cores laranja e verde, construídas a partir das falas masculinas.

A rede semântica do discurso masculino nos permite refletir como os docentes homens conseguem dividir de forma direta a colocação de dois polos centrais em suas trajetórias acadêmica/vida. Digo isto, pois ao observar a rede acima é notório como as linhas laranjas são intensas e conectam-se na mesma comunidade, tendo uma leve e pequena conexão no polo verde, o qual representa a vida familiar.

Por isto, como comentado ao longo da tese, houve uma preocupação e cuidado em se trabalhar os discursos feminino e masculino, pois estes

apresentaram ao campo empírico uma clara fragmentação nas linguagens e vivências de cada gênero. Assim, tornou-se muito clara a polarização nos universos feminino e masculino, e estas se mostraram pertinentes a abordagem individual e detalhada de cada comunidade.

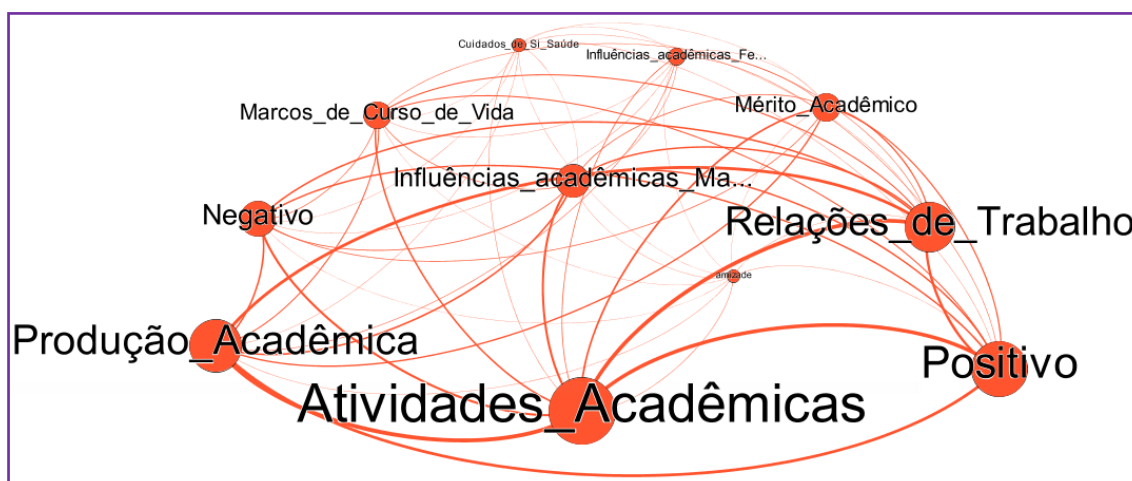
Dito isto, as próximas subseções serão responsáveis pelas discussões das polarizações encontradas no polo masculino e também evidenciará de que forma esta configuração constitui os universos científico e familiar dos docentes homens.

4.1.1 - Hegemonia do trabalho científico na trajetória de vida masculina

Como abordado anteriormente, as redes semânticas apresentaram uma polarização bem clara no discurso feminino e masculino. Como visto, o grau ponderado apresentado demonstrou como as categorias se conectaram e deram espaço a criação das comunidades, e neste caso duas comunidades muito bem definidas como as atividades acadêmicas (laranja) e outra voltada as relações familiares (verde).

Logo, como observado na FIGURA 14 e também no Laboratório de dados das falas masculinas, a comunidade mais importante do discurso masculino é aquela em torno das atividades acadêmicas que se relaciona também com mais intensidade com as categorias 'produção acadêmica', 'relações de trabalho', 'positivo'. Por este motivo, a FIGURA 14, será destaque nas próximas discussões realizadas.

FIGURA 16 - Comunidade discursiva das atividades acadêmicas – homens



Fonte: Entrevistas realizadas, 2017.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

As redes semânticas construídas e destacadas anteriormente apresentaram uma dualidade bem clara e definida ao que tange o discurso feminino e masculino, há diferenças específicas em cada discurso, assim como a forma como essas falas se conectam.

Desta forma, é interessante ressaltar como visto em Butler (2003) que o gênero deve ser entendido como uma categoria fundamental de análise, a qual também acrescento a importância de análise ao que diz respeito a produção científica e ao espaço acadêmica. Por conseguinte, se faz necessário pensar que as exigências de produtividade docente, será vivida e compreendida de formas diferenciadas conforme os gêneros. O componente gênero, nesta investigação científica geográfica, se torna pertinente em busca do entendimento do fazer científico e como ele possibilita o envolvimento socio territorial, englobando as mais significativas diferentes entre os universos masculino e feminino.

As falas dos docentes homens na comunidade referente as atividades acadêmicas (laranja) permitem afirmar como estes professores dedicam considerável parte de sua vida ao trabalho e a academia. Isto posto, destaco que a disposição ao trabalho acaba por resultar em seu processo de maior produtividade e até mesmo visibilidade na ciência, neste caso específico a ciência geográfica. Evidencio também, a fragmentação dos universos feminino e masculino, a qual permite claramente que os homens possam (em sua maioria)

dedicar-se quase que integralmente as atividades acadêmicas, mantendo uma separação entre trabalho x atividades familiares.

Desta forma, é importante destacar que além do ambiente acadêmico, homens e mulheres não tem uma separação de atividades iguais em casa, na verdade, em boa parte dos casos, as mulheres acarretam muito mais a função de casa do que os homens.

Em face a este acontecimento, as reflexões de Garcia Ramon (2001) permitem uma discussão referente ao conflito entre a conciliação do trabalho e a vida pessoa, logo se vê claramente a necessidade das discussões de gênero. Com o processo avaliativo da realizado pelo Qualis Capes, as dificuldades entre vida pessoal e produções acadêmicas trouxeram para mulheres um aumento no trabalho, ou a conhecida, dupla ou até mesmo tripla jornada.

⁹⁴Lo mismo sucede con la subrepresentación de mujeres en la disciplina: para una mujer que quiere seguir la 'normalidad demográfica' de una vida familiar competir por un buen trabajo significa un mayor esfuerzo que para un hombre que puede apoyarse en las normas sociales que le permiten contar con una compañera que acarrerá con el mayor peso de las responsabilidades familiares (GRACIA RAMON, 2011, p. 109)

Com tais argumentos, se torna necessário, pensarmos que as exigências de produtividade docente, será vivida e compreendida de formas diferenciadas conforme os gêneros. O componente gênero, nesta investigação científica geográfica, se faz pertinente em busca do entendimento do fazer científico e como ele possibilita o envolvimento socio territorial, englobando as mais significativas diferentes entre os universos masculino e feminino.

Com as discussões apresentadas, trago para este momento a comunidade laranja (voltada para as atividades acadêmicas), representando o campo de trabalho masculino, a vivência e a estrutura presente neste discurso masculino que se encontra no espaço acadêmico.

⁹⁴ Tradução: O mesmo acontece com a sub-representação das mulheres na disciplina: para uma mulher que quer seguir a "normalidade demográfica" de uma vida familiar competindo por um bom emprego, significa um esforço maior do que para um homem que pode confiar nas normas sociais que lhe permitem ter uma companheira que carregará com o maior peso das responsabilidades familiares

Como indagado, a comunidade em questão retrata o campo profissional de docentes homens e como estes compreendem e entendem as suas vivência e importância para o espaço acadêmico. As atividades acadêmicas conectam-se com maiores intensidades nas categorias relacionadas as produções acadêmicas, aos aspectos positivos relacionados a este contexto e as relações de trabalho.

Neste tocante, o discurso masculino revela em sua configuração na rede semântica e na construção das comunidades, que o fazer científico e pessoal delimitam-se em dois universos distintos (vida acadêmica e vida família). Nota-se que a comunidade relacionada ao trabalho sempre teve ou tem um peso muito maior se comparada a organização direcionada à vida pessoal / familiar. Para ilustrar este contexto citado, trago a fala de alguns dos docentes que entrevistei para este trabalho:

Eu me lembro da minha primeira companheira, as vezes a gente estava em férias e eu levava uma tese pra ler, um projeto de pesquisa pra dar um parecer e tudo e ela falava 'Puxa vida, você trouxe pra trabalhar mesmo nas férias?'. Eu falava, 'mas não é trabalho, eu estou lendo esse projeto de pesquisa, você não pode imaginar o quanto estou aprendendo com esse projeto, pra mim está sendo maravilhoso'. Mas eu levava literatura também, eu ia brincar na praia, eu ia pros cinemas, mas ela era de uma ideia de que eu não podia levar nada do meio acadêmico para as férias, por exemplo. Ela chamava o peso de trabalho, eu falava 'mas não é trabalho, trabalho intelectual não está medido pelo relógio de ponto ou em lugar determinado a cabeça da gente'. Então levava trabalhos em férias e tudo pra ler, um artigo pra redigir, uma tese pra dar um parecer, mas isso não era peso, nunca foi peso pra mim. Então acabo produzindo muito porque não consigo talvez separar muito. (Entrevista realizada com Pico de Orizaba (docente homem) em Agosto de 2017)

Então isso tudo que eu estou te dizendo não quer dizer que 24 horas por dia é somente isso que é feito, mas quer dizer que tudo é feito de uma maneira interligada e não como duas faces. É, porque tem gente que vive assim, então assim as coisas acadêmicas ele lida na universidade e quando ele chega em casa esse assunto não está posto. Eu não vejo assim, eu não vejo, mas porque tudo isso que eu vivo que alimenta o meu pensar, a experiência a vida tudo está na Geografia que eu faço então não tem como. (Entrevista realizada com Monte Fairweather (docente homem) em Novembro de 2017)

Talvez eu tenha tido uma dificuldade por uma questão de falta de percepção de minha parte de dosar melhor, digamos a atenção acerbada ao trabalho à profissão e a minha família. Isso certamente prejudicou bastante o meu primeiro casamento, tanto é que eu tomei uma decisão de que eu nunca mais iria permitir que isso acontecesse de novo. Então hoje em dia as vezes as pessoas chegam e me convidam pra mil palestras, pra mil coisas, eu lamento, recuso, porque tem certas coisas que são sagradas, domingo não atendo telefone, não

olho e-mail. Assuntos de trabalho de segunda à sexta, quem não gostar lamento paciência continue não gostando porque é aquele negócio pra mim é fundamental a relação com os meus (minhas) filhxs, a relação com a minha esposa e com os amigos, não é?. (Entrevista realizada com Klyuchevskaya Sopka (docente homem) em Dezembro de 2017)

Eu sou uma pessoa muito pragmática, então pra mim por exemplo, a minha casa é a minha casa, a academia é a academia, então eu sempre tive isso muito claro, então eu sou uma pessoa na academia e sou outra pessoa em casa. (...) então eu nem trago coisas da academia pra casa e também não levo coisas de casa pra academia, então eu acabo lidando nesse sentido, mas dizer isso não significa dizer que uma não permeia a outra são complementares. Elas são complementares, mas eu não permito que uma adentre na outra, então isso eu fiz desde o início que constituí minha família sempre fiz isso, sempre tive esse cuidado. (Entrevista realizada com Aoraki (docente homem) em Outubro de 2017)

Como visto nas falas dos docentes, alguns dizem conseguir separar trabalho e família, outros dizem que tudo está interligado, visto que não conseguem separar o 'eu' profissional e o 'eu' pessoal, pois são a mesma pessoa. Diante das falas dos entrevistados é possível notar que o universo do campo científico permeia a sua vida familiar a todo momento, mas o contrário não ocorre como é no caso das docentes mulheres, que será discutido mais adiante.

Essa ativa participação e vivência no campo profissional consequentemente irá compor além das relações de trabalho, ela certamente influenciará diretamente na produtividade científica desenvolvida por estes pesquisadores, como pôde ser observado no GRÁFICO 2 sobre a produtividade científica de homens e mulheres, o qual apresentou discrepância entre homens e mulheres.

Reforço este posicionamento com as ideias de Pazello e Fernandes (2004) onde é possível afirmar que não apenas o mercado de trabalho formal e informal é masculinizado, e sim que o espaço científico, o qual mantém o mesmo padrão hierárquico. Não diferente dessas configurações expostas, a ciência geográfica também sustenta essa estrutura.

Diante de um pensamento lógico entre tempo para desenvolver as atividades científicas + ativa participação acadêmica + dedicação exclusiva ao trabalho acadêmico, é considerável afirmar que além de uma grande influência no campo científico, os docentes homens também terão maior visibilidade

científica. Digo isto, pois os discursos de homens e mulheres referentes produtividade científica foi muito oposicional. Para os homens a produtividade acadêmica não foi considerada como um problema, ela até foi pensada enquanto um processo de prazer e até mesmo satisfação pessoal.

Enfim, essa batalha contemporânea por projetos, recursos, publicações e como pra mim isso sempre, honestamente foi muito natural, eu nunca tive, eu queria colocar isso de maneira muito delicada porque pode parecer arrogante, mas não é eu nunca tive dificuldade em produção científica. (Entrevista realizada com Monte Damavand (docente homem) em Novembro de 2017)

A produção científica sempre aconteceu como resultado de uma atividade de muito prazer, eu sempre gostei muito desde criança quando eu te falo de curiosidade da leitura, mas assim sempre questionando as coisas uma mente um tanto inquieta e um tanto também não aceitando as coisas de primeira instância e colocando muitas questões eu sempre trabalhei com muito prazer. (Entrevista realizada com Pico de Orizaba (docente homem) em Agosto de 2017)

Olha, eu acho que a universidade se ela exigisse que a gente só produzisse textos seria muito mais prazeroso, mas a gente é contratado pra ensino, pesquisa e extensão e mais uma coisa que não aparece, que é a gestão. (Entrevista realizada com Monte Camarões (docente homem) em Novembro de 2017)

Foi muito valioso observar que o discurso feminino construído diante a temática relacionada à produtividade foi outro, como se o processo de produtividade fosse uma responsabilidade de sua profissão e que deveria ser realizado por ser um 'dever' exigido no seu campo profissional, como podemos observar adiante.

Então, o produtivismo as vezes tortura, mas é prazer também, não o título o texto, mas de você saber que alguém 'puxa, eu li aquilo lá que você escreveu'. Não sei quanto tempo, vou ler de novo pra ver o que eu disse. Então, o produtivismo é uma coisa que aprisiona sim, mas é uma coisa que se você tem o resto da vida que não aprisiona, é uma coisa boa, porque é o meu trabalho. (Entrevista realizada com Bogda Feng (docente mulher) em Outubro de 2017)

Eu sou pesquisadora do CNPq, como pesquisadora eles cobram uma certa produtividade, uma certa produção, não é produtividade. Fiquei até muito chateada porque eu produzo muito, mas para o CNPq não era suficiente para eu mudar meu nível. Eu olhando os lattes de outros colegas vi aqueles que tinham menor produção, mas tinham mudado de nível e eu pensava deve ser porque esse aqui é de (nome da cidade) então estar lá em (nome da cidade) é mais fácil, imaginando. (Entrevista realizada com Cerro Chirripó (docente mulher) em Outubro de 2017)

Continuando nesta linearidade de pensamento referente à produção científica, ser 'produtivo' lhe oferece certos 'prestígios' neste meio acadêmico. Um elemento que compõe este processo de 'bonificação' na academia é a chamada bolsa produtividade oferecida pelo CNPq. Gostaria de chamar a atenção neste momento, para que possamos observar que este tipo de 'recompensa' é por vezes injusta, visto que a maior concentração de publicações científicas se encontra nas mãos dos homens e a estrutura do sistema acadêmico ainda não indica uma equidade de gênero.

Complemento esta posição dizendo que as mulheres também fazem parte deste grupo que publica e realiza pesquisas científicas, e assim, como discutindo ao longo da tese, o elemento gênero é um componente que deve ser analisado neste processo estruturante, conforme as diversas leituras, como em Velho e León (1998); Schienbinger (2001); Zatz(2001); Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008);; Silva (2009a, 2009b); Pinto (2017); e Cesar (2015) entre outras

Este processo hierárquico também é visível e observado por eles, que ao inferir e examinarem os gráficos utilizados nas entrevistas, notaram que há uma significativa diferença ao que tange o corpo docente e principalmente ao número de publicações de artigos científicos, particularmente nos estratos melhores classificados.

Nada obstante, é importante deixar claro que este processo reflexivo acerca da configuração do sistema acadêmico, tanto na composição docente, quanto a publicações de artigos científicos, ocorreu notavelmente após as apresentações dos gráficos que utilizei como parte do roteiro de entrevistas, estes que foram demonstrados no último momento das perguntas. Pude evidenciar neste momento, que a fala dos docentes (tanto homens, quanto mulheres) foi ressignificada no instante em que eles (as) tiveram acesso a essas informações. Logo, sobre a reação das docentes mulheres abordarei logo adiante na subseção específica para o discurso feminino.

Assim, diante das abordagens referentes a vivências dos corpos masculino e feminino nas instituições acadêmicas, particularmente na ciência geográfica, algumas considerações foram levantadas, como dificuldades e facilidades vividas neste espaço científico. Abaixo encontram-se algumas visões sobre esta posição.

Da produção científica. Pois é! Por que tem tanta diferenciação assim? Por quê a mulher de repente tem filhxs? Cuidam do marido, da casa e trabalham fora? É tem isso também! É! Nós normalmente não valorizamos. É, então a mulher que trabalha em casa e é trabalho, não é ajuda e trabalha fora. As professoras aqui, todas tem filhxs. Então como homem eu consigo ajustar melhor o meu tempo claro, melhor do que a (nome da esposa). Talvez seja um dos motivos. Principalmente no A, tem uma diferença maior no A1, A2, B1, eles exigem mais tempo e dedicação. Mas eu penso que o trabalho das mulheres é bastante qualificado, são em menor quantidade, mas elas têm a força. (Entrevista realizada com Ras Dejen (docente homem) em Julho de 2017)

Ah, e então essa questão de gênero, a mãe dx meu (minha) filhx acabou ficando mais tempo com elx. Ela demorou mais pra fazer o doutorado dela, mas ela hoje é professora também (nome da instituição); E quando a gente vai ver no âmbito acadêmico, infelizmente as mulheres são minorias ainda e não tem tanto caso de coordenação quanto os homens, isso é um dado objetivo. Ainda que por casualidade a diretora (nome da instituição) é uma professora, a (nome da professora). Mas a gente percebe que no ambiente acadêmico a gente ainda é muito machista e não há um predomínio das mulheres não, ao contrário, e talvez tenhamos que avançar muito pra tentar dar condições que elas possam exercer a liderança que certamente tem. Mas eu percebo que talvez no campo de ensino um ou outro eixo da psicologia há um predomínio de mulheres, mas no geral a gente sabe que infelizmente predominam os homens, especialmente em cargos de liderança acadêmica e também liderança administrativa, é algo que tem que ser mudado. (Entrevista realizada com Monte Damavand (docente homem) em Novembro de 2017)

Nota-se que essas colocações apresentadas pelos docentes ilustram o cotidiano das relações femininas no espaço acadêmico e nas atividades científicas. Também é possível compreender que estas situações apresentadas permeiam todo o campo científico e atingem diretamente a configuração do espaço acadêmico referente aos cargos de chefia e administrativo, como visto na fala de Monte Damavand.

Este posicionamento dos corpos, permite construir a argumentação de que essas relações sociais, construída diante do gênero acabam por serem hierárquicas, ou seja, ao relacionarmos este pensamento a produtividade científica é claro que será muito mais difícil para as mulheres alcançarem o mesmo mérito e visibilidade masculina.

Corroborando com o argumento apresentado, as reflexões de Velho e León (1998) denotam que existem diversas teorias que tentam explicar o porquê as mulheres, mesmo após romper as barreiras estabelecidas à carreira acadêmica, não conseguem avançar na mesma proporção que os homens.

A explicação tradicional tem sido simplesmente que as mulheres produzem, cientificamente, menos que os homens. Sendo menos produtivas, é de se esperar que as mulheres recebam menor recompensa que os homens, recompensa esta que se manifesta, conforme a teoria Mertoniana⁹⁵, em reconhecimento pelos pares e conseqüente promoção na carreira acadêmica. Esta menor produtividade das mulheres, no entanto, tem sido bastante relativizada em estudos que procuram entender os contextos, motivações e condições de produção de homens e mulheres na academia. Tais estudos apontam a importância de se considerar fatores tais como processos de socialização para papéis sexuais, conflitos família-trabalho, níveis de investimento na educação feminina, além de mecanismos, alguns claros, outros mais sutis, de discriminação. (VELHO e LEÓN, 1998, p. 315)

Essa compreensão comentada, se faz pertinente devido aos conflitos existentes entre os (as) pesquisadores (as) na academia, assim como a concorrência em busca de uma legitimidade científica, que afeta diretamente as suas vidas. Tal afirmação é complementada diante do conceito de campo, apresentado por Bourdieu (1989) onde o autor define esse pensamento, a partir do entendimento que este campo seria um espaço social, o qual vem acompanhado e delimitado por uma lógica aparentemente autônoma, que sustenta simbolicamente e até mesmo institucionalmente os outros espaços sociais existentes. Isto posto, é possível refletir que diante deste campo e a sua construção social, essa será responsável por delimitar os papéis de gênero desempenhados em sociedade, tanto no espaço público e conseqüentemente no espaço privado.

Como visto na comunidade (laranja) apresentada, o universo masculino encontra-se envolto nas atividades acadêmicas e como discutido, este processo conseqüentemente contribui para a permanência e sustentação de uma estrutura nivelada, a qual é fortalecida por distintas instâncias (como Qualis-CAPES, CNPq entre outras). Conseqüentemente esse processo citado acarretará em diversos posicionamentos que manterão esta estrutura vigente, não diferente disto, além das publicações em menor escala, também haverá os cargos de chefia e administrativos que serão ocupados majoritariamente por homens

⁹⁵ Segundo Velho e León (1998,p.315). Para os Mertonianos, é funcional para a ciência que as mulheres, por serem menos produtivas, sejam menos recompensadas. Este argumento é defendido por COLE, Jonathan. Op.cit. (nota 11).

Além desta estrutura comentada, a qual é construída e mantida de forma direta ou indireta, a comunidade discutida referente às atividades acadêmicas (laranja) também apresenta uma visão voltada as relações de trabalho. Ou seja, para o universo masculino as relações de trabalho são vistas como algo positivo, mas também pode ser observada uma ínfima ligação com a categoria negativo. As análises devem partir das conexões e de um olhar atento sobre as linhas de intensidades, que mostram como essas relações estão presentes majoritariamente na categoria discursiva positiva. Ao considerar as relações de trabalho, estas retomam tanto aos laços de amizade criados na Geografia, como também as organizações de trabalho, grupos de pesquisa, publicações em coautoria ou até mesmo nos contatos e na construção de redes com outros professores e universidades.

Conversando com alguns colegas o professor (nome do professor) e a professora (nome da professora) que são pessoas que tinham conhecimento de outros professores na França, eles me colocaram em contato com o professor (nome do professor) e eu mudei de universidade. (Entrevista realizada com Aoraki (docente homem) em Outubro de 2017)

Agora nos últimos anos eu gosto mais por uma razão também muito objetiva, eu aprendi a escrever em coautoria é algo que a minha geração tem dificuldade e a sua geração talvez tenha mais facilidade, porque eu brinco que a minha geração queria ganhar o prêmio Nobel sozinha, não é possível. Então eu comecei a conviver muito com os colegas das (nome do curso) e eles me mostraram as vantagens de produzi em conjunto e se você for ver eu acredito que nos últimos 10 anos talvez, eu comecei a produzir muito mais em coautoria e isso me estimulou muito porque eu percebi o quanto eu poderia contribuir em um artigo e quanto outros colegas também traziam destaque (Entrevista realizada com Monte Damavand (docente homem) em Novembro de 2017)

Nós criamos o (nome do grupo), desde lá nós sempre tivemos bolsistas de iniciação científica, depois que abriram os cursos de pós-graduação, também tivemos bolsistas de mestrado e de doutorado. Então nós conseguimos formar o pessoal com um pouco mais de qualidade, com mais dedicação, a trajetória, claro, um pouco mais acadêmica, mas ele sai bem preparado e ele pode participar dos projetos de extensão também, pra conhecer melhor a sociedade, pra atuar com as pessoas. (Entrevista realizada com Ras Dejen (docente homem) em Julho de 2017)

Essa construção de redes acaba por fortalecer certas relações pessoais, assim como pesquisas e temáticas, as quais serão responsáveis por determinadas publicações científicas, portanto este processo construtivo de

certa forma acaba por constituir uma política acadêmica, a partir das alianças formadas.

Ao pensar todo este processo de produção, trajetória acadêmica, citações e impacto no campo científico geográfico brasileiro, alguns pensamentos começaram a surgir referente à abrangência deste conhecimento produzido, publicado e lido. Logo, os estudos de Toste e Cândido (2016) aumentaram essas dúvidas e me fizeram ir em busca das respostas e situações coerentes. Assim a pesquisa das autoras traz como evidência o componente pouco pensado da coautoria.

Conforme discutido nos parágrafos anteriores, o processo de coautoria nada mais é do que a aliança entre pesquisadores (as) que se assemelham em suas ideias e produzem um trabalho conjuntamente.

Segundo essa explicação, a socialização de gênero produz endogamia nas redes profissionais de homens e mulheres, fazendo com que trabalhem separados. Isso, por sua vez, faz com que os homens tomem menos conhecimento da produção de seus pares femininos e, assim, citem as autoras mulheres com menos frequência. (TOSTE; CÂNDIDO, 2016, s/p)

Após as leituras realizadas no texto Maliniak, Powers e Walter (2013), notei que a competitividade e as alianças de poder que configuram todo o sistema acadêmico, surgem principalmente nas questões de produções científicas que além de fortalecer ideologias e redes, fortalecem os grupos e citações, a partir destas redes de conhecimento, amizade, entre outras situações.

Digo isto, pois em meio as entrevistas observei que as mulheres não se articulam como os homens em redes. Há algumas que realizam essa articulação, e os seus discursos já apresentam o quanto essa organização facilita as suas relações na academia, assim como fortalecem o desenvolvimento de algumas temáticas, tema que será discutido nas próximas subseções.

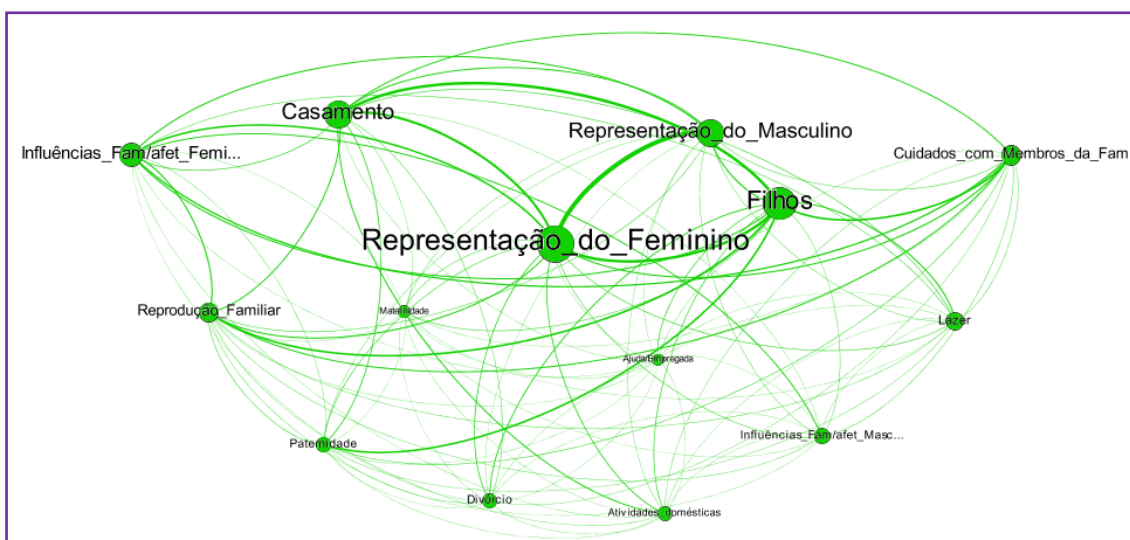
Analisando esta comunidade e relacionando as falas dos pesquisados ao que tange a construção do pensamento científico, destaque-se que relações de gênero são encontradas no discurso masculino, contudo elas são comentadas quando questionadas e estão presentes indiretamente nas ações e discursos, como pode ser visto na configuração da comunidade e rede semântica

trabalhada. Adiante, a próxima subseção trará a próxima comunidade construída pelo discurso masculino, as relações familiares.

4.1.2 - O feminino como estrutura das relações familiares no discurso masculino

A comunidade secundarizada no discurso masculino está estruturada em torno das figuras femininas, nas influências afetivas (masculinas e femininas), aos filhos, casamento representação do feminino e masculino, como pode ser visualizado na figura X.

FIGURA 17 - Comunidade discursiva da representação do feminino



Fonte: Entrevistas realizadas, 2017.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

A 'representação do feminino' nos discursos dos homens tem uma tendência hegemônica à preponderância do papel do cuidado e do afeto, mesmo que haja menções do feminino relacionadas ao mundo do trabalho. Este posicionamento masculino e esse 'entendimento' que envolve o papel feminino é uma visão que vem sendo criada e perpetuada ao longo dos anos sobre 'o ser mulher' e o papel que esta 'personagem' representa na sociedade e o qual ela deve desempenhar.

Nada diferente da constituição social, as visões dos docentes sobre as mulheres também estão relacionadas ao cuidado e proteção. Por mais que alguns façam um esforço para romper com esta visão pré-estabelecida, as suas

falas de maneira sutil, acabam por permear um padrão de mulher e algumas dificuldades pontuadas, as quais são relacionadas ao corpo feminino.

Como destacado por D'Amorin (1997) nós mulheres somos vistas e lidas pela maioria das pessoas e neste grupo inclui também as próprias mulheres, como seres meigos, donas de casa, repletas de doçura, responsáveis pelo educar, consolar e agradar.

Em específico, pontuo as colocações do que é ser um corpo feminino dentro do espaço acadêmico, particularmente na ciência geográfica. Muitos entendem que esta ciência é feminina e diante do campo científico que pesquisei e construí, posso afirmar que não a ciência geográfica se mantém masculinizada e hierárquica, assim como tanto outras ciências.

Essa distinção, torna-se ainda maior quando referida à chamada Geografia física, pois nesta área a participação feminina é irrisória, visto que muitos homens entendem que este campo da ciência geográfica é destinado aos corpos masculinos, principalmente devido à ida à campo. Esta posição também foi discutida por Madge e Bee (1999) anteriormente, ao que tange as ditas *Hard Sciences*.

Para reforçar esta colocação, e associando também que os estratos mais qualificados são considerados aqueles que trabalham muito com a Geografia física, os trechos das falas dos docentes, pode ilustrar perfeitamente essa pontuação:

Eu tenderia a dizer que nesse A1 que o disparate é enorme aqui entre 30 e 70 por cento, certamente é a presença sobretudo de uma Geografia clássica física e humana. A física dominada por homens e a humana a presença das mulheres e em geral a produção científica para o Brasil é feminina, mas não tem esse dado aqui é uma propensão genérica de que as mulheres sejam majoritárias na Geografia humana, mas eu não fiz esse dado. E aqui a diferença é também de 40 por cento e isso vai reforçar um pouco a ideia da Geografia clássica de que a ciência dura é feita pelos homens. A Geografia física seria o duro na Geografia, entre o soft e o hard seria muito mais a presença masculina aqui, aí o A1 com as revistas de maior peso, para uma Geografia da natureza mais representativa, pra mim é explícito gênero, que é uma herança histórica que a gente tem que está no nosso processo cultural e vai diminuindo, a maior proximidade é no B3. Mas o B3 aqui, olha ainda sim, tem 16 por cento de diferença, parece que as mulheres chegam mais próximo aos homens nos estratos menores aqui. Eu reporto como um resultado desse processo histórico, a ciência brasileira comprova essa diferenciação especialmente no caso das ciências humanas. Se eu pegar as ciências naturais, isso aqui vai ficar muito mais diferente, as ditas ciências aplicadas como engenharias e *Hard Science*. Nossa! Isso aqui mostra pra mim é mais uma

constatação do nosso processo histórico de uma sociedade machista. (Entrevista realizada com Pico de Orizaba (docente homem) em Agosto de 2017)

Por ser do sexo masculino? Olha, tem mais facilidades, porque por exemplo, em um trabalho de campo as professoras, as colegas tem mais dificuldades, mais dificuldades do ponto de vista da maternidade, as vezes naturalmente as coisas ficam sobrecarrega mais pra mulher e mais dificuldade no conforto, a gente quando era estudante ficava em lugares horrorosos, pra mim já era difícil, você tem que dormir num lugar confortável, ora tem mosquitos, ora não tem o banheiro, ora a água está gelada, chovendo, está frio. São coisas que nós passamos por isso, mas os homens passam de uma maneira mais fácil que as mulheres e de uma forma em geral, apesar da Geografia ser um curso meio a meio no nosso tempo, tinha no começo até mais mulheres que homens, hoje tem praticamente a mesma quantidade, nos trabalhos de campo por exemplo os homens é mais fácil irem, talvez até por terem mais emprego, no caso de gênero eu acho, eu nunca tive problemas viu. (Entrevista realizada com Monte Camarões (docente homem) em Outubro de 2017)

Esse último é a quantidade de homens, artigos assinados em primeiro autor homem? Ai, esse aqui é por estrato? Sempre homens muito acima. É pode falar a concentração de homens está por estrato também, a diferença maior é nos estratos superiores, vai diminuindo. Isso porque você está lidando com Geografia, se você pega isso nas exatas, sim com engenharia, com física, com uma área hard, é impressionante. É impressionante, que além de tudo nos estratos superiores aumenta a concentração masculina é impressionante! (Entrevista realizada com Monte Fairweather (docente homem) em Novembro de 2017)

Interessante demonstrar que as ponderações masculinas referentes à Geografia física e a relação com o feminino, também são pontuadas nas falas das docentes mulheres. As chamadas ciências ‘duras’ como visto em Soares (2001) passou por um processo estruturante, do qual foi moldado a partir do gênero e associa essas ciências. Ou seja, as ciências exatas, devem serem executados por homens, visto que elas são correlatas ao raciocínio lógico associada ao intelecto masculino. Isto posto, as falas das docentes mulheres demonstram esta situação:

Eu odeio e odeio A1, eu odeio, odeio A1, porque parece que é um ente sagrado sabe? E porque que tem o maior desequilíbrio aqui? Por causa daquelas coisas que eu estava falando da presença masculina em algumas áreas, os homens se sentem mais à vontade em ficar nas linhas que seriam as mais racionais, que é o geoprocessamento, cartografia. Não sei o que é, a Geografia física tem mais a presença masculina, é mais forte, e é ali que tem mais periódico A1, eu acho que são das ciências duras. Geralmente as ciências que aqui seriam mais as humanas, ainda tem um pouco daquela coisa assim a subjetividade a ciência humana, essa linha assim mais, mais light entre aspas fica pras mulheres. (Entrevista realizada com Monte San Valentim (docente mulher) em Outubro de 2017)

Eu lecionei na (nome da universidade) antes de vir cá e na (nome da universidade), a gente sentia mais isso forte, porque tinha a Geologia junto com a Geografia e eram muitos mais homens, nós éramos acho, que umas 4 mulheres só. Eu me lembro um dia que eu propus um laboratório de Geografia humana que não tinha, era só de Geografia física e eu queria fazer um projeto, mas olha! Os caras pulavam desse tamanho, falaram assim, 'o que que é que a Geografia do devaneio vai querer laboratório?'. Tipo assim, acabaram com a gente, acabaram. 'A Geografia do devaneio vai trabalhar o que? Vai pendurar florzinha no laboratório?'. E aí você vai se encolhendo, vai se encolhendo, vai ficando do tamanho de um mosquito. É, nossa a paulada era grande. Então você vê, essa história ela é constante. (Entrevista realizada com Kongur Tagh (docente mulher) em Junho de 2017)

Bem como apresentado pela rede semântica e em específico na comunidade relações familiares, considero importante entender a relação do posicionamento feminino ao que tange o trabalho acadêmico e qual a visão dos homens para estes corpos. Retomo que a rede comentada apresentou uma fragmentação em dois polos centrais, um que já foi discutido referente as atividades acadêmicas e o outro, sendo constituído pelas relações familiares como observado na rede acima (verde).

Evidencia-se com as falas acima, que as mulheres estão presentes na ciência geográfica e as suas posicionalidade acabam sendo direcionadas a partir de seu gênero. Claro que não estou determinando este posicionamento feminino no campo científico, visto que há mulheres que trabalham com a Geografia física e que também compõe essa minha lista de pessoas influentes no campo. Percebo pelas análises das falas que a participação nesta área, ainda é vista como algo de maior dificuldade para o corpo feminino, principalmente quando associado à ida do trabalho em campo e a participação em atividades braçais.

Assim, diante da discussão apresentada, retomo a análise da comunidade relações familiares (verde) a qual demonstra que o discurso masculino é claramente voltado à presença da representação do feminino em suas falas e

que essa menção está relacionada aos cuidados familiares e não especificamente ao trabalho.

Observando a comunidade familiar (verde) remeto algumas das falas que pontuam a importância das mulheres na vida destes docentes, visto que elas representam o campo afetivo que os ampara. As falas destes professores também demonstram em seu discurso, o quanto a ajuda dessas mulheres (companheiras, esposas, mães) serviram de suporte para as suas projeções acadêmicas. Lembrando que este processo comentado, também já foi abordado por Velho e Léon (1998) e Olinto (2011) em outras ocasiões. Assim, demonstro adiante, alguns trechos para corroborar com a posição apresentada.

Agora claro, você tem que ter um companheiro, no caso a mulher ou uma companheira, como é o meu caso. Alguém que ajuda a manter essa, a base da casa, porque a minha esposa não trabalha fora, mas ela trabalha em casa. Então ela cuida da casa, da roupa, da comida, do mercado, dos carros, dx filhx. Tudo ela. De mim, ela que cuida. Se eu não tivesse isso, também eu não conseguiria produzir, estudar. Então, você tem que ter as condições favoráveis para poder pensar. (Entrevista realizada com Ras Dejen (docente homem) em Julho de 2017)

Não foi uma imposição de minha parte, foi algo que aconteceu. Eu não quero dizer natural, porque eu não acho que seja natural assim, aconteceu, mais no caso da minha primeira companheira do que na segunda, de ter assumido muito mais o contexto do lar, da educação dxs filhxs do que na segunda. A primeira foi mais evidente nisso, ela certamente ficou atrás em relação a mim nessa condição de projeção intelectual, científica e tal, mas também foi uma escolha pessoal (...) ela era contrária a fazer essa carreira ao contrário de mim que seguia uma carreira relativamente linear de mestrado e doutorado. (Entrevista realizada com Pico de Orizaba (docente homem) em Agosto de 2017)

No entanto o professor (nome do professor) mudou completamente a minha vida com a sua proposta. E um belo dia cheguei para minha esposa e disse 'Me desculpe, eu falei pra você que ia precisar de tempo pra terminar o mestrado, porque ela me aguentou durante todo o mestrado (então você sabe como é o estresse de alguém fazendo mestrado) e te prometi que teriam uns 2 anos aí de recesso ou qualquer coisa parecido, mas no entanto uma oportunidade como essa ninguém pode refutar, porque sair pra formação na universidade era muito difícil, existia uma fila enorme e a oportunidade como essa com bolsa e tudo eu não poderia dizer não'. Ela, entendeu e eu terminei a dissertação (...) Eu achava que ela deveria ingressar no mercado de trabalho, ela me convenceu de que seria mais importante investir nxs filhxs, que são xs meus (minhas) filhxs. E ela na realidade, foi o bastião nesse sentido, ela foi a responsável pela educação de meus (minhas) filhxs. (Entrevista realizada com Aoraki (docente homem) em Outubro de 2017)

Agora uma outra coisa também, as dificuldades que a partir de determinado momento as mulheres, muito mais do que os homens, numa sociedade machista, onde se presume que as mulheres vão se encarregar de determinadas atividades, que vai haver uma divisão do trabalho dentro do lar onde ela tem uma dupla jornada ou uma tripla jornada de trabalho e o cara fica tomando cerveja, olhando o jornal ou vendo televisão. Então quer dizer, a partir de um determinado momento se ela faz a opção de ter filhxs e tudo está vindo, um fardo que é desproporcionalmente grande para a mulher. Então eu acho que além da questão do preconceito de não levar a sério ou enfim, vamos resumir dessa forma assim, não levar muito a sério a presença feminina na pesquisa, eu acho que também tem essa questão de que a mulher, ela arca na nossa sociedade, eu estou dizendo nossa sociedade, mas praticamente no mundo inteiro, com um fardo maior. Quer dizer o homem acaba sendo mais liberado pra escrever, pra fazer isso, pra fazer aquilo. Eu tenho amigos, muitos amigos, ex-orientandos, ex-orientandas e eu vejo como elas tem mais dificuldades do que eles, por essa questão. E mesmo hoje em dia, quer dizer, todo mundo moderninho, os caras dão uma ajuda maior. É, digamos 70 e 30, na melhor das hipóteses 80 e 20, 90 e 10, a ajudinha muitas vezes é uma ajudinha, assim 'ah, então tudo bem, eu arrumo a cama, boto os travesseiros ali, ou eu lavo os pratos'. O fardo é o fardo basicamente feminino, e aí aquela questão não tem infraestrutura também adequada pra isso. (Entrevista realizada com Klyuchevskaya Sopka (docente homem) em Dezembro de 2017)

Pode-se perceber que nesta ocasião as mulheres, no caso as esposas, assumiram um papel do cuidado, auxílio e companheirismo, do qual favoreceu e favorece o desempenho das atividades destes pesquisadores.

Na medida em que se aprofundam as análises das falas dos entrevistados, se localiza explicitamente como há uma desigualdade entre homens e mulheres no ambiente acadêmico, só que pouco observada, comentada ou até mesmo desconhecida entre os pares.

A conexão com a representação do feminino vai além do espaço acadêmico, visto que todos os docentes tiveram uma influência feminina ao longo da vida, sendo está representada por suas mães, irmãs, avós e tias. Claro que algumas influências masculinas também foram apontadas, como os pais, todavia, a maior intensidade foi para as mulheres em suas vidas e não para os homens. Essa representação do feminino, se fez presente ao longo dos seus discursos.

A minha irmã mais velha era a minha inspiração máxima. (...) Talvez ela tenha me inspirado nessa primeira fase porque ela fazia o ginásio e eu achava lindo ela ir pra escola, os amigos estudarem em casa sabe? Me inspirou, acho que veio dela um pouco disso. (Entrevista realizada com Pico de Orizaba (docente homem) em Agosto de 2017)

A Minha mãe, ela sempre foi a figura central da minha vida. Do ponto de vista moral, sempre foram mulheres. A minha avó mãe da minha mãe, a minha tia e uma das irmãs da minha mãe que era a minha tia predileta. Porque o meu pai teve uma influência intelectual muito grande, mas do ponto de vista ético, ele era um cara muito difícil (Entrevista realizada com Klyuchevskaya Sopka (docente homem) em Dezembro de 2017)

Eu aprendi muito com a minha avó. Minha avó era (profissão da avó) e nunca pisou numa escola, ela me dizia pra eu estudar quando era adolescente em vez de ir pras festas 'vá estudar conhecimento não se perde'. E ela tinha toda razão, conhecimento ninguém tira, se você tem um carro alguém pode te roubar, se você tem um terreno você perder, você pode enfim, agora o conhecimento que você tem, você trabalha com ele, você pode crescer com ele, você pode ajudar as pessoas com ele. (Entrevista realizada com Ras Dejen (docente homem) em Julho de 2017)

Entrei no curso de Geografia, na realidade quando eu entrei a minha intenção não era ser geógrafo, era ser professor. Tinha como meta de vida me tornar professor seguindo um pouco o exemplo da minha família, mas especificamente a minha avó. Então uma mulher que nasceu em 1912 e cujas as condições de educação da época eram muito precárias, e ela havia aprendido a ler e a escrever, mas tinha um cargo que era justamente pra ensinar as outras pessoas a ler e a escrever e ela tinha muito orgulho disso e o sonho que ela tinha que não conseguiu realizar, que era se formar enquanto professora. Ela acabou passou para a minha mãe a minha tia, que eu costumo dizer que são as minhas outras duas mães que eu tive três mães, minha avó, minha mãe propriamente dita e minha tia. (Entrevista realizada com Aoraki (docente homem) em Outubro de 2017)

As colocações anteriores foram importantes para a pesquisa, pois quando estava realizando as transcrições das falas, pude perceber nitidamente que os discursos de homens e mulheres iam em direções opostas.

Afirmo isto, com base na diferenciação dos discursos de homens e mulheres, pois adiante trarei o discurso feminino que se apresenta de maneira diferenciada. Na verdade, é claramente oposicional, visto que estas mulheres são a base de outras pessoas ao seu redor, como filhos (as), pais, esposos, até mesmo alunos (as) entre outros e não apresentam ou apresentaram alguém para a sua sustentação.

A importância de analisar esta comunidade, se faz pela pertinência da fragmentação dos discursos centrais encontrados nas redes semânticas dos

homens. Recordo que a Figura 14 x Rede Semântica do Discurso Masculino demonstra a polarização das falas que constituíram duas comunidades específicas, tendo por maior intensidade a comunidade relacionada as atividades acadêmicas, ou seja, aquela que circunda todo universo do campo profissional.

Portanto, após analisar a rede semântica do discurso masculino, é notório que a expressividade das linhas é mais intensa na comunidade do trabalho (laranja – atividades acadêmicas). Já a articulação com a vida familiar (verde) é menos intensa.

Sobre essa articulação na vida familiar, encontra-se componentes na comunidade que se destoam como as relações com as categorias filho, representação do masculino e paternidade. Ressalto que todas as conexões se ligam a categoria representação do feminino.

Se observada, a categoria filho está associada ao lazer. Isto não é espanto, pois ao realizar as conversas com os docentes, todos associaram a sua paternidade a algo positivo e agradável.

O (a) (nome do filhx) veio e é muito bom ter elx, porque é mais um motivo pra eu sair brincar, caminhar, tomar sorvete. Elxs nos animam, elxs são companheirxs e agora nessa idade elx já é companheirx pra sair, pra brincar, pra passear, pra ir no mercado, pra viajar. (Entrevista realizada com Ras Dejen (docente homem) em Julho de 2017)

Então claro, eu não fui um pai permanentemente do lado, mas eu sempre tive muita importância na vida delx, desde jogo de voleibol, elx jogava no colégio, até o dia que elx brigou com x primeirx namoradx (...) Uma vez também elx teve um incidente de saúde também meio inesperado, eu também estava presente. Enfim, sempre que elx precisou, eu estou do lado. (Entrevista realizada com Monte Damavand (docente homem) em Novembro de 2017)

Eu tenho com xs meus (minhas) filhxs uma relação muito bonita, não de jeito nenhum do pai clássico, nunca foi assim, sempre tive com xs meus (minhas) filhxs uma relação muito bonita de muito sentimento, amizade e companheirismo. (...) Um sentimento tão profundo de companheirismo, de amizade, de brincadeira e realmente é um presente que eu tive, xs filhxs, nossa! (Entrevista realizada com Pico de Orizaba (docente homem) em Agosto de 2017)

Aponto essa construção do lazer em torno da paternidade, pois na maternidade a associação com os filhos encontra-se ligada aos cuidados, como a busca na escola, a própria gestação e os afazeres domésticos. Ao longo do discurso masculino, não houve este envolvimento diretamente com os filhos e o

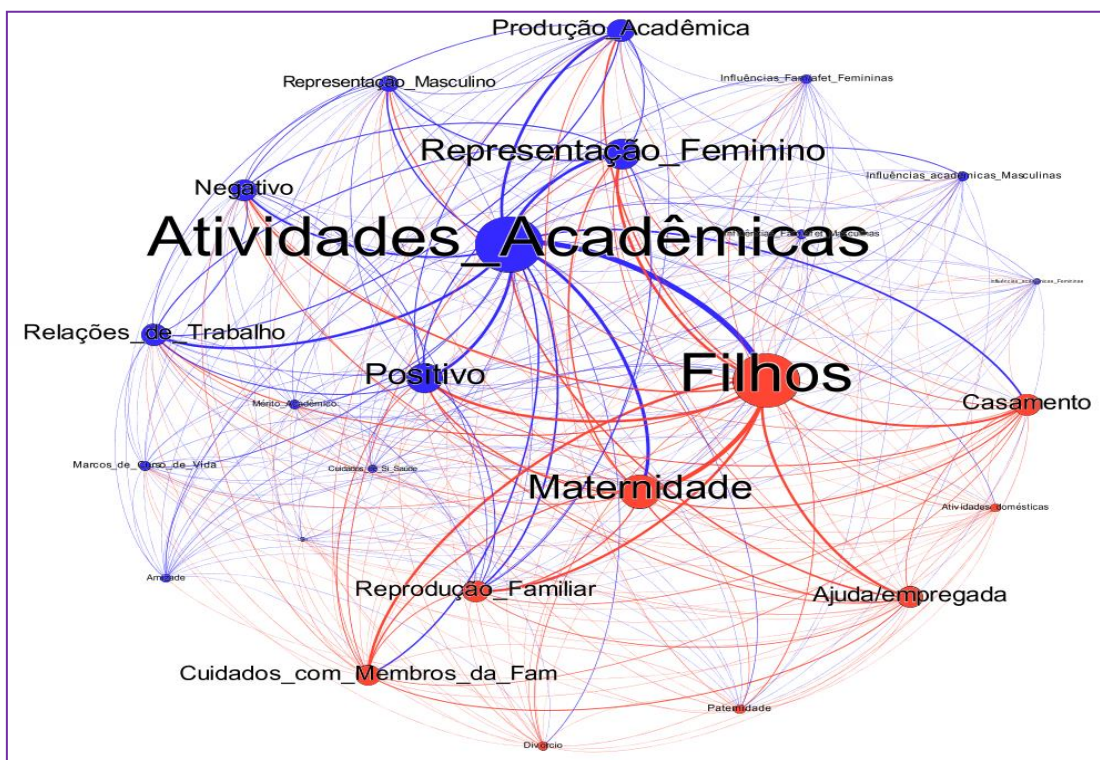
lar, somente um dos entrevistados pontuou divisões de tarefas e cuidados com os filhos quando estes ainda eram menores.

Neste tocante, trago os pensamentos Soares (2001) onde a autora entende que o papel desempenhado por mulheres é visto pelo conceito de marianismo, o qual destaca o papel das mulheres associado completamente a maternidade e aos cuidados da família. Com essa discussão levantada, a próxima subseção será destinada ao discurso feminino e a dualidade espacial vivida no espaço público (universidade) e privado (lar).

4.2 A SUPERAÇÃO DA DUALIDADE ESPACIAL NA EXPERIÊNCIA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA FEMININA

A estrutura da rede semântica produzida pelas mulheres apresenta conexões intensas entre as duas comunidades. Uma em torno das atividades acadêmicas (azul) e dos 'filhos' (vermelha), o que evidencia a dificuldade de separação do universo acadêmico e familiar. As mulheres desenvolveram uma narrativa complexa ao longo de suas trajetórias e nem sempre as conexões eram de harmonia, como também eram conflitivas. A Figura X evidencia a complexidade e as conexões entre as comunidades discursivas.

FIGURA 18 - Rede semântica do discurso feminino

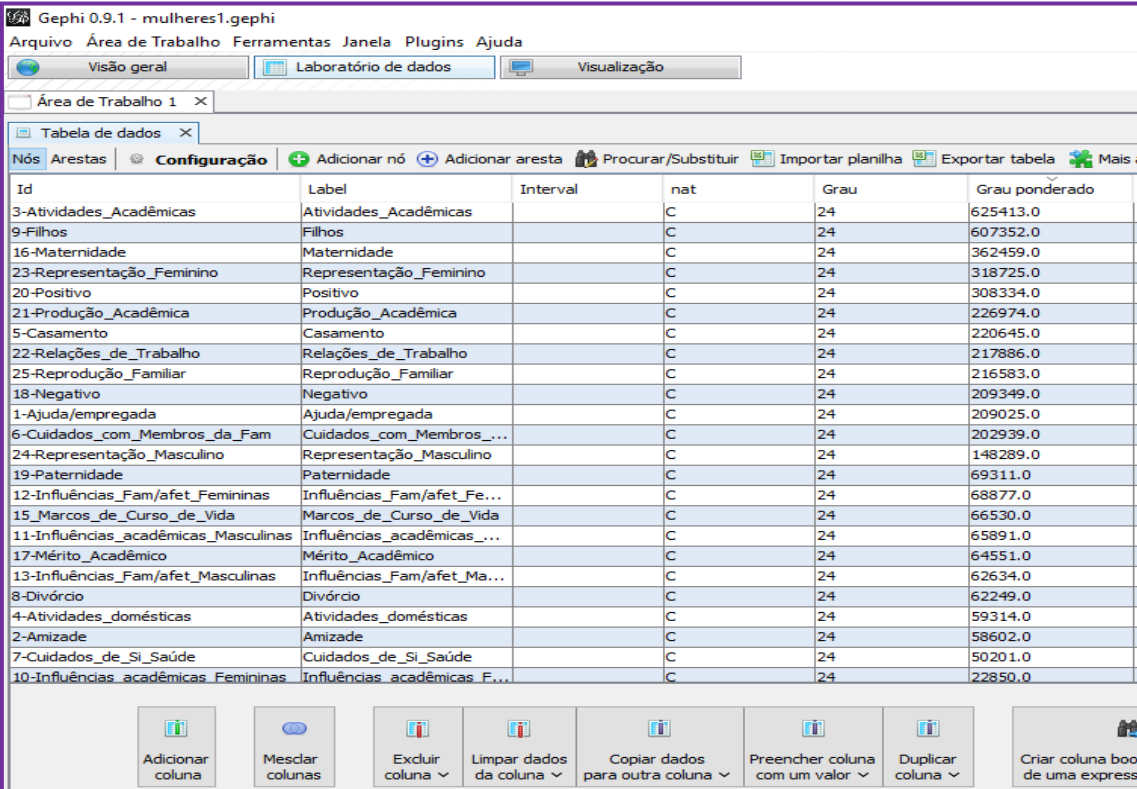


Fonte: Entrevistas realizadas, 2017.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

Os detalhamentos das redes semânticas constituídas de duas comunidades serão trabalhados a seguir, originando-se da lógica das categorias com maior importância. Para compreender essa intensidade das redes, utilizamos o grau ponderado:

FIGURA 19 - Laboratório de dados (intensidade a partir do grau ponderado) – docentes mulheres



Id	Label	Interval	nat	Grau	Grau ponderado
3-Atividades_Acadêmicas	Atividades_Acadêmicas		C	24	625413.0
9-Filhos	Filhos		C	24	607352.0
16-Maternidade	Maternidade		C	24	362459.0
23-Representação_Feminino	Representação_Feminino		C	24	318725.0
20-Positivo	Positivo		C	24	308334.0
21-Produção_Acadêmica	Produção_Acadêmica		C	24	226974.0
5-Casamento	Casamento		C	24	220645.0
22-Relações_de_Trabalho	Relações_de_Trabalho		C	24	217886.0
25-Reprodução_Familiar	Reprodução_Familiar		C	24	216583.0
18-Negativo	Negativo		C	24	209349.0
1-Ajuda/empregada	Ajuda/empregada		C	24	209025.0
6-Cuidados_com_Membros_da_Fam	Cuidados_com_Membros_...		C	24	202939.0
24-Representação_Masculino	Representação_Masculino		C	24	148289.0
19-Paternidade	Paternidade		C	24	69311.0
12-Influências_Fam/afet_Femininas	Influências_Fam/afet_Fe...		C	24	68877.0
15_Marcos_de_Curso_de_Vida	Marcos_de_Curso_de_Vida		C	24	66530.0
11-Influências_acadêmicas_Masculinas	Influências_acadêmicas_...		C	24	65891.0
17-Mérito_Acadêmico	Mérito_Acadêmico		C	24	64551.0
13-Influências_Fam/afet_Masculinas	Influências_Fam/afet_Ma...		C	24	62634.0
8-Divórcio	Divórcio		C	24	62249.0
4-Atividades_domésticas	Atividades_domésticas		C	24	59314.0
2-Amizade	Amizade		C	24	58602.0
7-Cuidados_de_Si_Saúde	Cuidados_de_Si_Saúde		C	24	50201.0
10-Influências_acadêmicas_Femininas	Influências_acadêmicas_F...		C	24	22850.0

Fonte: Gephi. Falas sistematizadas das entrevistas.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

Como utilizado e discutido na rede semântica masculina, o grau ponderado é um elemento que permite visualizar e entender como a rede semântica foi construída e conectada. Lembrando que as linhas que conectam as categorias, tem suas espessuras a partir da intensidade das palavras, que foram agrupadas em comunidades.

É notável a diferença entre as duas redes semânticas apresentadas, visto que o universo feminino também apresenta duas comunidades distintas, observa-se que as comunidades masculinas eram bem diferenciadas e posicionadas, já as comunidades femininas mesmo com dois polos existentes, estes conectam-se plenamente e a todo momento. Logo é possível afirmar que as mulheres mantêm as suas vidas diretamente conectadas com as atividades acadêmicas (azul) e a reprodução do familiar (vermelho).

Para isto, como realizado com o discurso masculino fragmentarei a rede semântica do discurso feminino em dois momentos para as discussões. Desta forma, as próximas subseções serão responsáveis pela comunidade azul, sendo

esta responsável pelo discurso que tange a trajetória acadêmica das mulheres e a comunidade vermelha, direcionada ao discurso da vida familiar.

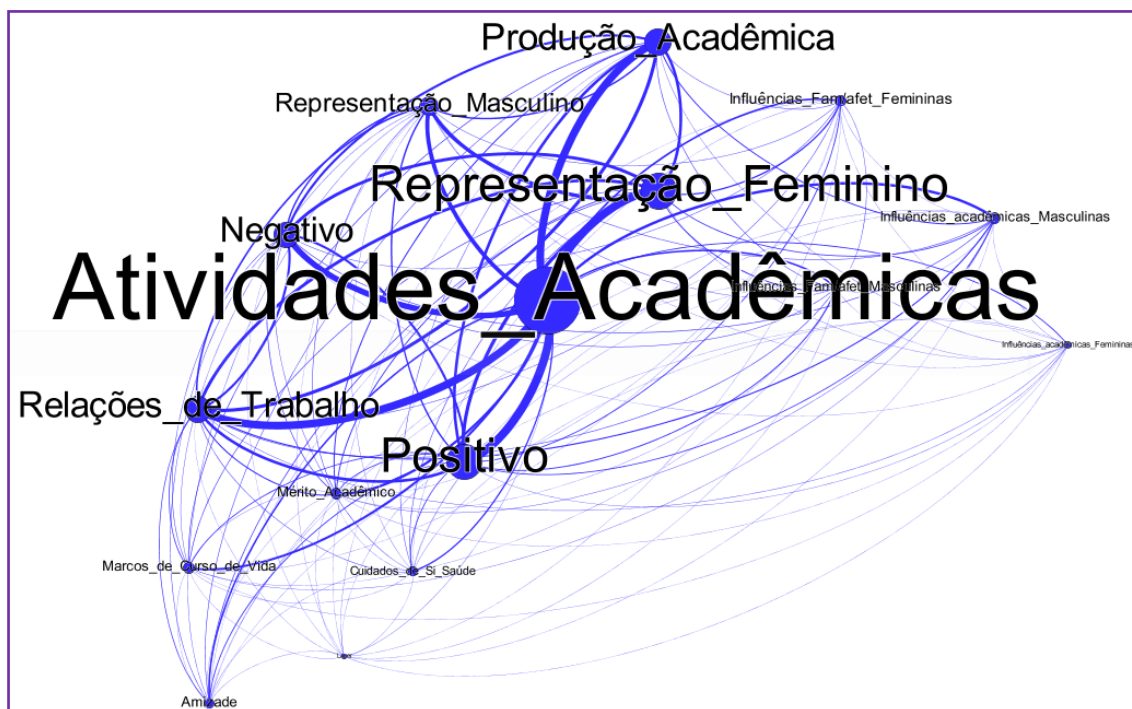
4.2.1 O paradoxo das atividades acadêmicas e os tensionamentos nas trajetórias femininas

A comunidade discursiva relacionada as 'atividades acadêmicas', é levemente preponderante em relação à comunidade estruturada em torno dos 'filhos', então a primeira percepção é a relação entre elas.

Em uma primeira visão realizada sobre o global da rede semântica do discurso feminino e após a observação das duas comunidades existentes como as atividades acadêmicas (azul) e a reprodução familiar (vermelho) é possível afirmar que essas comunidades mantêm uma forte conexão entre si.

Neste momento para melhor esclarecimento da configuração do discurso feminino e como este permitiu a construção das comunidades em questão, apresento a seguir as reflexões acerca da comunidade 'atividades acadêmicas'. Ao analisar a FIGURA 18 e os dados apresentados no Laboratório de Dados do discurso feminino, permitem a clara visualização dessas conexões e intensidades das falas.

FIGURA 20 - Comunidade discursiva das atividades acadêmicas - mulheres



Fonte: Entrevistas realizadas, 2017.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

Isto posto, é notório como as falas das docentes mulheres se constroem e seguem meandros diferentes do discurso masculino. Mesmo que ambos os discursos apresentem duas respectivas comunidades, como comentei anteriormente, a fala das mulheres pondera um peso semelhante entre vida acadêmica e vida familiar de modo articulado, diferentemente do discurso masculino que apresentava explicitamente dois universos duais.

Assim, observa-se que as mulheres ao que tange a comunidade atividades acadêmicas (azul) retomam boa parte de seus discursos (fator de intensidade das linhas) para as seguintes categorias: 'atividades acadêmicas', 'representação do feminino', e 'produção acadêmica'. Por este motivo, a comunidade 'atividades acadêmicas' (azul) terá para cada categoria um momento de maior reflexão acerca destes elementos que compõe estes universos.

Deixo claro que a categoria atividades acadêmicas é conectada à todas outras categorias, desta forma realizarei uma análise em conjunto para não as fragmentar das outras abordagens que virão a seguir.

Assim, ao que tange a categoria 'representação do feminino' no discurso das mulheres, esta aparece como o não reconhecimento de que a condição feminina influenciou em suas carreiras, e apresenta também que como as mulheres adotaram para si uma postura de neutralidade, pois o sucesso acadêmico significa para muitas a mesma visibilidade e o padrão masculino. Contudo, os discursos das docentes mulheres também apontaram que quando elas iriam discutir alguma questão relacionada à gênero no espaço acadêmico, elas traziam as discussões de feminilidades voltada sempre para outras mulheres, mas raramente, ou nunca consigo.

E aí tinha dois professores que era eu abrir a boca eles discordavam, retrucavam e eu comecei a ficar muito incomodada com isso. E tinha um grupo maior, tinha algumas mulheres também no grupo, claro (...) E aí que aconteceu, teve um dia que eu me aborreci tanto, eu representava a universidade, eu cheguei lá e falei assim pra elas, 'olha estou saindo desse grupo, eu venho aqui, que que isso? Só me traz preocupação, esses caras eu não posso abrir a boca, mais toda hora discordam de tudo que eu falo e depois voltam atrás assim. Uma delas virou pra mim e falou assim 'Oh você não tá percebendo algumas coisas'. Eu disse assim o que? 'Tem três coisas que você tem que você não tá entendendo', eu disse o que? Ela disse assim, 'você é doutora, você é mulher e você é alta. Elas viraram pra mim assim, (Nome da docente), nós estamos na (nome do país) numa sociedade machista! (...) Mas assim, foi o único momento que eu parei pra pensar. (Entrevista realizada com Gongga Shan (docente mulher) em Julho de 2017)

O reconhecimento do homem como intelectual e o da mulher como professora, uma situação de desigualdade mesmo, da forma como as pessoas percebem. Você sempre vê, as estrelas são sempre os homens, nunca são as mulheres. As estrelas são sempre os homens, é difícil ser as mulheres. (...) Seus gráficos ainda me levam a reforçar essa ideia, o homem na sociedade é o intelectual, é ele que tem a dizer e não necessariamente a mulher, eu acho que o homem tem mais respeito, ele tem mais reconhecimento do que a mulher, mas essa não é a minha experiência. (Entrevista realizada com Kilimanjaro (docente mulher) em Outubro de 2017)

Como observado os trechos discutidos por Gongga Shan e Kilimanjaro denotam o posicionamento de homens e mulheres no espaço acadêmico e a visibilidade destinada a cada um desses componentes. Na primeira docente é possível observar a posição de hierarquia provinda de seus colegas de trabalho e até mesmo uma animosidade que eles destinavam a ela pelo fato de ser mulher, contudo a docente não remetia essa situação ao seu gênero. Já para Kilimanjaro a docente consegue apontar a sua visão de que o homem é

considerado o intelectual no campo acadêmico e que as mulheres são relacionadas as boas professoras. entretanto a docente deixa claro que esta situação (que o gráfico apresentado) não ocorria com ela.

Assim, as ações dos colegas (homens) de trabalho de Gongga Shan, demonstram claramente um comportamento sexista. Segundo Mesquita Filho, Eufrásio e Batista (2011, p.556) 'O sexismo, então, em sua porção perceptível costuma se expressar na forma tradicional, em que a mulher é considerada inferior ao homem, incapaz de exercer os mesmos papéis que ele'. Ainda para os autores, essa ação é exercida de maneira hostil, caracterizada pela rejeição, onde os praticantes desta ação demonstram práticas típicas de pessoas que veem as mulheres como inferiores aos homens, assim manifestam sua antipatia e intolerância em relação ao seu papel, agindo como uma figura de poder e decisória.

A naturalização das ações hierárquicas existentes é algo que pode ser encontrado tanto na sociedade como no espaço acadêmico. Mesmo que essas mulheres docentes adotem algumas estratégias para assumirem uma posição de centralidade e até mesmo imposição de respeito, por vezes elas mesmas não enxergam que certas atitudes e ações direcionadas a si, remetem ao seu gênero.

Olha do ponto de vista do gênero como eu já te disse, eu não sofri pessoalmente, não é nenhum ataque, não tive nenhum tipo de problema, minha vida acadêmica que é longa eu tenho (idade) é uma vida longa, não tive nenhum problema de gênero, todavia há algo um pouco sutil que aparece, acho que é do ponto de visto dos estudantes, eu estou falando em termos brasileiros não dá (nome da universidade), eu acho o seguinte o homem ele é o intelectual e a mulher é a boa professora. (Entrevista realizada com Kilimanjaro (docente mulher) em Outubro de 2017)

Então eu acho que adquiri uma certa, como é que eu vou te dizer, segurança de que eu não tenho medo de discutir academicamente, ou me posicionar do lado de um homem. Não sei se foi por isso ou se eu tive sorte, mas eu, se eu for relatar episódios assim de discriminação, preconceito pelo fato de ser mulher, eu tive um ou dois, não vou dizer que não tive, mas tive um ou dois, dentro da própria universidade, mas também assim, eu não entendo, porque também não dei muita bola pra aquilo e já disse umas coisas e já segui pela frente. (Entrevista realizada com Pico Bolívar (docente mulher) em Outubro de 2017)

Perante a discussão referente ao fazer científico e sua construção baseada em um universo masculino, Rose (1993b) compreende a ciência geográfica enquanto um conhecimento masculino que sustenta as práticas acadêmicas mais comuns, desde os temas a serem trabalhados e as definições de teorias e metodologias para elaboração de congressos e seminários.

Com as entrevistas realizadas foi possível perceber o quanto o espaço acadêmico geográfico ainda mantém uma estrutura masculina, ao que se refere ao fazer científico. Mesmo vivendo diariamente com uma estrutura engendrada nos papéis de gênero, poucas são as mulheres pesquisadoras que reconhecem essa relação hierárquica.

Mas é aquilo que eu te falei, muitas vezes a gente vê que a mulher não é tão considerada dentro da academia, então muitas vezes é olhada até com certo desdém. Eu senti isso em alguns momentos por causa da minha linha de pesquisa, então você trabalhar sempre num viés diferente que não é o normal. Eu não tenho uma bacia hidrográfica pra fazer uma medida, mas eu tenho um grupo de estudos (temática de pesquisa) por exemplo. Aí todo mundo olha pra você assim, isso é Geografia? Isso é científico? Então tipo assim, você é mulher está sonhando e divagando, a gente percebe isso nas entrelinhas. É e que de repente o teu fazer científico não tão científico quanto o dos homens! (Entrevista realizada com Kongur Tagh (docente mulher) em Julho de 2017)

Eu sinto o viés machista de muitos colegas dentro da minha universidade e também no mundo acadêmico. Não foram poucas as vezes que me perguntaram como é que você pode 'mulher, com uma família e de uma universidade, de uma cidade pequena (referência a cidade)? Isso marca. Isso é preconceito! (Entrevista realizada com Bodga Feng (docente mulher) em Outubro de 2017)

Em sua grade maioria, ou essas mulheres não reconhecem a estrutura, ou quando reconhecem, exemplificam situações com outras mulheres. Há certos momentos em que essa relação de gênero negada ou desconhecida, torna-se contraditória nas falas. Muitas das pesquisadas alegaram não existir relações de gênero em suas vidas, só que em suas falas comentavam o quanto o fato de ser mulher limitou em suas trajetórias acadêmicas em determinado momento, principalmente na maternidade.

Eu acho que a hipótese é essa, a questão do reconhecimento é mais fácil o homem ser reconhecido, o trabalho do homem ser reconhecido do que o trabalho da mulher, também acho que o homem produz mais, pode vir a produzir mais porque ele tem uma retaguarda feminina atrás dele e a mulher tem que dividir sua vida entre família e trabalho e eu acho que isso também, pelo que eu vejo aqui, quer dizer a minha experiência na universidade, tem uma colega que fala o seguinte, há muitos anos atrás disse uma frase que eu nunca mais esqueci 'É, as cinco e meia da tarde quando a reunião ainda não acabou, as mulheres saem correndo para pegar filhos e os homens continuam na reunião. Então de certa forma a mulher tem mais tarefas, então o tempo dela, o tempo pra se dedicar à academia é menor, então é esse tempo menor que vai efetivamente mexer na questão da produtividade. (Entrevista realizada com Kilimanjaro (docente mulher) em Outubro de 2017)

Agora evidentemente o fato de ser mulher, ser mulher limita em carreiras científicas, ser mulher limita porque você tem filhos, porque o mundo é machista, mas eu acho que a militância com que a gente assume as tarefas, ela diminui um pouco esse embate entre homem e mulher. Eu nunca, poucas vezes na vida eu fui preterida por ser mulher. Já teve concurso público em universidade em que o indivíduo que tinha menos currículo que entrou e eu não, então eu acho que isso é uma visão feminista. Agora eu sou muito honesta, eu nunca senti isso, talvez por uma questão minha mesmo, eu nunca senti tão forte, só está vez, mas eu também nem liguei, não achei que era só porque eu era mulher, mas era também pela minha trajetória política. Então eu achei que as duas coisas estavam ligadas. Eu acho que, e acho que essa é uma questão, eu acho que é muito importante a questão do gênero e da gente colocar isso em pauta, mas ela não pode ocultar as questões das classes sociais. Eu acho que eu fui preterida não só por eu ser mulher, mas também por ter uma trajetória política diferente, por me considerar em outras épocas incapaz, porque eu não tinha a formação básica, clássica. (Entrevista realizada com Montanha de Jade (docente mulher) em Outubro de 2017)

Eu diria que a questão de gênero é pensar na pessoa de uma maneira mais na sua função social, na sua função enquanto pessoa como indivíduo sujeito. Quando fala mais em sexo você se está se referindo a ser homem ou mulher e outros sexos. Há várias discussões que também conduzem, falar de gênero é falar do feminismo de feministas etc. Isso no caso da mulher, eu discordo um pouco dessa visão tendenciosa porque pra mim significaria discriminar quando se fala em feminista ou que ela é adepta a isso. Eu penso, eu particularmente enquanto no meu gênero eu me sinto bem enquanto uma pessoa que tem um papel social relacionando com ambos com trabalho vamos dizer assim, que são tanto da mulher quanto do homem. Atuo na sociedade de uma maneira que o que dá visibilidade não é o fato de eu ser mulher, mas eu ser uma pessoa que tem uma função um comprometimento com a sociedade, principalmente com a universidade, universidade a sociedade que eu estava acadêmica e me sinto confortável. (Entrevista realizada com Cerro Chirripó (docente mulher) em Outubro de 2017)

As falas acima evidenciam essa relação contraditória presente no espaço acadêmico e na trajetória de vida dessas mulheres. Neste momento acredito que seja necessário dizer o quanto as discussões sobre as relações de gênero

devem ser consideradas para conseguirmos assim, pensar numa equidade entre os universos feminino e masculinos que são vivenciados de maneiras tão distintas.

É importante destacar que muitas mulheres não observam a sua dupla/tripla jornada de trabalho na academia como algo sexista. Isso potencializa quando o assunto é ciência, porque muitas mulheres tendem a afirmar que neste meio não existe diferenciação de gênero. Logo, não distante deste pensamento, alguns dos homens entrevistados também conseguem observar essa diferenciação entre o ser 'homem' no espaço acadêmico e o 'ser' mulher neste mesmo espaço acadêmico. Nas falas a seguir, os professores ainda comentam sobre a diferença existente no modo de tratamento, entre uns e outros (as) e sobre a composição do corpo docente na Geografia brasileira.

Olha, essas são coisas que a gente só pensa recentemente e eu não sou nenhum estudioso da área de gênero, mas estou atento a bibliografia e as discussões e eu já refleti mais recentemente, como que, por exemplo, uma coisa que eu achava mais antigamente que não existia e não tem como não existir, porque eu achava mais antigamente que na academia não tinha esse problema porque as professoras doutoras elas tinham cargo e mandavam e faziam e acontecia do mesmo jeito, mas eu comecei a reparar nas reuniões, como elas são interrompidas. Meu Deus do céu, é impressionante como um professor fala, nós estamos ali todo mundo igual, um professor fala e como se dá mais crédito ao que ele falou do que o que a professora falou. É inacreditável, é inacreditável. (Entrevista realizada com Monte Fairweather (docente homem) em Novembro de 2017)

Aqui, no corpo docente que é resultado dessa historicidade de um país onde predomina o machismo e secundariza a mulher na formação e ela é em geral a mulher para o lar, pra criação dos filhos, para os trabalhos que mantém inclusive, os homens. (Entrevista realizada com Pico de Orizaba (docente homem) em Agosto de 2017)

Isto posto, é possível refletir juntamente com Shienbinger (2001) quando a autora aponta que as ideias de Rossier (1982) expõem um pensamento sobre uma 'segregação territorial' ou até mesmo o processo de agrupamento feminino em disciplinas científicas. Com base nas reflexões das autoras já citadas na tese, é aceitável dizer que o espaço acadêmico mantém viva suas estruturas passadas e baseia-se, mesmo que indiretamente, na continuidade de um pensamento hierárquico e masculino. Com base nas entrevistas, pude notar que

este espaço masculinizado não é marcado apenas pela presença destes corpos, como também por ações e posicionamentos.

As desigualdades referentes ao gênero podem ser até mencionadas pelas docentes, mas muitas delas não querem aceitar que tais situações que passam ou vivem possam estar relacionadas à esta estrutura generificada, pois isto seria um considerado um processo de vitimização. E por este motivo, segundo as falas é melhor ‘ignorar o problema’.

Isso pra mim é indiferente, quer dizer o fato de eu ser mulher é um detalhe que pode até ser que tenha tido alguma importância em algum momento, mas eu nunca liguei pra isso, eu nunca dei visibilidade, eu nunca alimentei isso. Então assim, eu converso de igual pra igual com qualquer pessoa, seja homem, mulher, ministro, governador, reitor. Quer dizer, não há, então assim, eu acho que é só uma coisa que eu construí ao longo do tempo. E eu sei que tem gente que não consegue se colocar né? Então eu acho que, porquê que eu estou te dizendo isso, porque eu nunca percebi restrições ao fato de eu ser mulher. Talvez porque eu nunca tenha prestado atenção porque não me interessa se as pessoas vão fazer diferença ou não. O que eu tenho pra dizer eu digo, seja pra quem for, e seja em que ambiente for. Que também a gente aprende com a idade, no começo eu era muito deseducada. Eu vejo assim se eu olhar ne, no meu ambiente de trabalho eu acho que as pessoas são assexuadas entendeu? Eu sei que elas são homens, são mulheres tem gênero masculino e feminino, tantas outras possibilidades, mas assim isso não me importa entendeu? Isso não me diz respeito, o que me diz respeito é o que eu tenho que dizer sobre alguma coisa, a minha especialidade. Então é isso! Eu nunca olhei, mas eu imagino. Eu nunca dei muito espaço pra isso. Não é que nunca tenha tido, é que eu nunca coloquei isso como prioridade pra ficar me fazendo de vítima. Olha, não, não. O que eu tenho a dizer eu digo e eu falo mais alto! É isso. (Entrevista realizada com Gongga Shan (docente mulher) em Julho de 2017)

Com base nas leituras realizadas e as reflexões acerca das falas dos (as) entrevistados (as), percebi o fenômeno que tinha em mãos, e vi o quão ricas poderiam ser a construção de minhas análises. Ao pensar sobre o espaço acadêmico e as relações generificadas existentes neste meio, voltei ao meu campo de pesquisa e recordei de todos os momentos das conversas que tive com as docentes mulheres e principalmente as suas expressões em diversos momentos das entrevistas. Quando entrevistamos alguém nos aproximamos muito do fenômeno de pesquisa, e pelo fato deste contato ser feito pessoalmente ou por Skype, foi possível reconhecer algumas manifestações que por vezes, nem mesmo os (as) entrevistados (as) notavam.

Por essa ‘proximidade’ propriamente dita, tornou-se possível visualizar algumas pequenas nuances das falas e até mesmo expressões faciais em

determinadas lembranças faladas por essas docentes mulheres, visto que suas memórias começaram a trazer novas recordações de momentos que marcaram as suas trajetórias acadêmicas no espaço acadêmico.

Olha, eu lamentavelmente eu acho que o principal problema da minha condição feminina na minha carreira é o mesmo problema de todas outras carreiras, acho que no geral as mulheres têm que fazer um pouco mais do que os homens para terem o mesmo valor. Eu não sinto ter sido discriminada em algum momento, mas talvez eu mesmo tenha me discriminado, eu mesma tenha. Por exemplo, eu me lembro de que quando eu entrei como professora do departamento do qual eu faço parte até hoje (nome da universidade) até eu fui a primeira mulher, naquele momento eu era a única mulher, havia sei lá vinte e poucos homens e uma mulher. Esses vinte e poucos homens praticamente 80% havia sido meu professor, então claro eu me lembro que eu era muito quieta nas primeiras reuniões, eu acho que eu devo ter passado assim 3, 4 anos, muito quieta muito sem falar muito, era também muito jovem. Então eu ficava olhando muito respeitosa. Não sei se isso tem a ver com a minha situação feminina, mas tem, talvez tenha com certeza tenha, mas tem também a ver com a minha idade, eu era muito mais nova que colegas, muito menos experiente sempre ficava prestando muita atenção, claro havia também na universidade mais hierarquia do que tem hoje. Hoje um professor que entra ele vai se sentir muito mais a vontade para opinar sobre qualquer assunto, então você tem que misturar a condição feminina com a minha idade, com uma universidade mais hierárquica do que ela é hoje. Então claro, eu demorei muito pra me posicionar e também quando comecei a me posicionar o pessoal brinca comigo que eu desconto tudo porque eu falo muito, falo em todas as reuniões, opino muito gosto muito de vida política na universidade. (Entrevista realizada com Cristóbal Colón (docente mulher) em Outubro de 2017)

Me lembrei que eu fui dar uma palestra faz pouco tempo e uma das meninas veio conversar comigo e falou assim 'Nossa professora, que prazer te conhecer porque é a primeira vez que estou vendo uma professora mulher que dá uma palestra dessas'. Eu falei como é? Como isso, primeira professora mulher? Como isso? É porque pode ver a maior parte são homens que fazem as palestras que estão em evidência e mulher, essa é a primeira que eu estou vendo. Isso não faz muito tempo, a menina veio me dar os parabéns por ser uma professora mulher. (Entrevista realizada com Kongur Tagh (docente mulher) em Julho de 2017)

Chegando ao término das entrevistas, como dito anteriormente, finalizei a última questão pedindo que elas (e eles) analisassem os gráficos referente à corpo docente, discente e produtividade científica nos estratos A1 a B5. Notei que as professoras ao se depararem com os gráficos sobre produtividade e composição do corpo docente da Geografia elas se espantaram. As informações levaram as docentes a começar a refletir algo que aparentemente estava

adormecido e que nem ao menos era criticado ou questionado. Digo isso, pela perplexidade em que elas analisavam os dados apresentados.

Essas professoras afirmavam que boa parte das informações deveriam estar associados à dupla jornada feminina e até mesmo ao processo de maternidade, que se faz presente justamente na época de concurso público, assim como, impacta na produtividade acadêmica. Essa reflexão aflorou a partir do contato e das observações feitas diante dos gráficos exibidos.

Isso aqui me choca, porque você diz assim, 'Oh, profissão de professor é mais mulher, não é! É de homem elite, e a mulher pode trabalhar na educação básica, porque mulher é comum, o homem que vai, o homem na educação básica é raro, ele vai pra onde tem poder. Nós não chegamos em 50 por cento em nenhuma. Aí, nossos filhos é que vão ter que fazer essa mudança. Agora me surpreende de novo, e olha aqui oh, quando nós vamos produzir nós vamos produzir lá no baixo. (Entrevista realizada com Bogda Feng (docente mulher) em Outubro de 2017)

É a figura masculina ainda é muito importante, ainda é muito dominante no sentido, importante no sentido de dominante, é na região norte natural que é a mais presente, mais machista vamos dizer, mais sexista seria o norte talvez. Que os homens, isso que a gente estava dizendo, isso reflete eu acho assim, quem está na pós-graduação? Quem fez doutorado etc, então isso reflete aquela dificuldade que poucas mulheres enfrentam, mas nem todas tem condição de enfrentar aquilo que eu disse quando eu fui fazer doutorado o que eu tive que fazer etc e não tem condição, não tem aquelas ajudas em casa pra poder produzir, pra poder pleitear entrar em um programa de pós-graduação. Então por isso os homens dominam aqui e em todos os lugares, a presença mais marcante masculina. Os homens seguem mais a carreira Isso aqui tem haver, essa coisa aqui horrorosa. (Entrevista realizada com Monte San Valentin (docente mulher) em Outubro de 2017)

Nossa! Fiquei tão impressionada que eu vou pedir até para você mandar isso aqui pra mim que eu vou pedir pra você mandar isso pra mim, porque eu vou mostrar pras minhas alunas, minhas orientandas, pra elas verem o que acontece. Não, eu fico preocupada que seja isso. Eu fiquei preocupada porque a proporção não corresponde, quer dizer na verdade por esse bando de dados, por esse tipo de publicação as mulheres publicam proporcionalmente menos que os homens. Agora deixa eu te perguntar uma coisa, a tá esse é do corpo docente, mais grave ainda, mais grave ainda, meu Deus que horror. (Entrevista realizada com Cristóbal Colón (docente mulher) em Outubro de 2017)

Sobre a desproporcionalidade do corpo docente das 60 pós-graduação em Geografia, muitos podem ser os questionamentos levantados, principalmente a alegação de que as universidades não escolhem seus profissionais de maneira pessoal/direta, pois os contratam a partir de um concurso público o qual não vê raça/gênero, mantendo como critério avaliativo a impessoalidade e

transparência. Nada obstante, as primeiras indagações que surgem são realizadas a partir da premissa de que talvez existam menos mulheres nos espaços acadêmicos (em especial corpo docente), porque estas profissionais não procuram participar dos concursos públicos. O que vi ao longo das análises nas entrevistas e leituras realizadas em minha formação, é que ‘simplesmente’ o fato de ser mulher já nos entrega uma responsabilidade a mais. Claro não estou generalizando, pois a maioria de nós após o término da vida acadêmica (visto como mestrado, doutorado), no período em que buscamos os concursos públicos após nossas titulações, nos encontramos em uma fase em que também estamos passando simultaneamente pelo processo de constituição familiar e por vezes a maternidade. Isto posto, as ideias de Velho e León (1998); Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008;2012) revelam em seus estudos que a idade é um vetor de extrema importância, pois é no pós-doutorado o momento em que essas mulheres já estão estabilizadas no trabalho e na família. Sobre essa relação familiar, maternidade e filhos irei abordar em seguida, visto que o discurso feminino construiu uma comunidade específica referente a essa comunidade (vermelha)

Vista a estrutura que permeia o espaço acadêmico, diversas serão os problemas que estarão neste caminho. Logo uma estrutura desigual refletirá em maior ou menor visibilidade no campo científico, assim como na produção de artigos científicos e inserção no campo acadêmico. Sobre este assunto, Cesar (2015) já evidenciou esta desproporcionalidade referente a produtividade científica de homens e mulheres na ciência geográfica.

Isto posto, recorro que ao longo das entrevistas, como já havia mencionado, utilizei de gráficos (GRÁFICO 7) para apresentar a atual configuração de produção científica na Geografia brasileira⁹⁶, e infelizmente é possível ver nestes gráficos que as mulheres na Geografia, ficam sempre atrás dos homens em questão de produtividade, em todos os periódicos classificados, e a diferença é muito maior naqueles melhores avaliados, como A1, A2 e B1. Essa produção feminina só se aproxima da publicação masculina, nos periódicos com menor classificação como B2, B3, B4. Essa % também é pequena, sendo

⁹⁶ GRÁFICO 2 - % Produção Científica Geográfica Brasileira entre Homens e Mulheres – Estrato Qualis Capes

de 41 a 43 por cento de artigos femininos. Logo, mesmo neste contexto, as mulheres que publicam nas revistas de Geografia, ainda não são nem 50 por cento das publicações.

Os pensamentos acima servem perfeitamente como base para as minhas reflexões, diante das conversas que tive durante as conversas realizadas. Nas entrevistas analisadas para este trabalho, em diálogo com as docentes mulheres sobre produtividade, muitas delas me disseram que preferiam publicar em determinados periódicos, só que estes não tinham uma classificação considerada de 'excelência'. Evidencio também, que estes discursos só encontrei na fala das docentes mulheres, pois os docentes homens, tinham um discurso diferenciado

É, eu olhando a produção científica entre homens e mulheres. Eu vou dizer que os homens têm mais tempo de escrever do que as mulheres. As mulheres têm múltiplas tarefas, as mulheres elas se envolvem com tarefas em casa, tarefas com filhos. Tarefas que façam que a ocupação delas seja bem maior do que a dos homens, eu diria que enquanto os homens eles têm mais tranquilidade pra ficar em casa, desculpe na universidade, no gabinete trabalhando, pesquisando em casa, as mulheres até que dar conta da produção e de outras atividades também. (...) Olha, olha aqui! A1 só 30%, é onde a mulher não consegue nem a metade. Uma revista de nível 1 é onde elas produzem menos, no Qualis A1. Aqui nessas. É como eu estou dizendo, não é que a mulher seja inferior e produza um trabalho de qualidade inferior, mas é o que ela pode fazer! (Entrevista realizada com Cerro Chirripó (docente mulher) em Outubro de 2017)

Essa produção está só nos periódicos, mas enfim, é ter uma sistemática. Talvez seja assim, eu por exemplo, vou te falar por mim, não vou falar pelos outros, as vezes eu publico numa revista B5 ou B4 e eu sei que esse trabalho vai ser lido, porque ele é importante lá naquele lugar da revista, muito mais do que eu publicar em uma A1 e não chegar lá pra pessoa, pra ser trabalhada. Talvez os homens tenham uma visão um pouquinho diferente disso, uma objetividade do ponto de vista quantitativo maior. (Entrevista realizada com Gongga Shan (docente mulher) em Julho de 2017)

Eu não sou pessoa, e talvez você tenha esses dados pra ver, que escreva alguma coisa pensando 'que eu vou mandar pro A1 ou A2', não, eu não escrevo assim, eu escrevo e conforme o tema e eu mando pra revista que possa ter interesse. Agora eu estou em um período da minha vida que eu escrevo mais aquilo que pedem pra mim escrever do que eu gostaria de escrever entendeu? (Entrevista realizada com Pico Bolívar (docente mulher) em Outubro de 2017)

Nossa, mas eu acho que não estão escrevendo, não é qualidade, eu acho que não estão escrevendo, eu digo por mim porque eu também, enfim. Eu acho que eu é um pouco essa questão conjuntural mesmo, que eu acho que a cobrança é intensa, mas você nem tem como se mover muito enquanto atividade e um pouco também a demanda de família que eu acho que também muitas tem a família, filhos pequenos e tal que complica um pouco mais pra você ter mais tempo, pra poder se dedicar pra escrever. Como a gente falou a pouco, não é 'vou fazer e pronto', se tiver uma criança gritando você não consegue fazer nada, então isso também é um complicador, mas um pouco também eu acho que é todo esse contexto, mas é muitas vezes até não acreditar muito no seu trabalho. O não acreditar muitas vezes é essa coisa que eu te falei do contexto do departamento, muitas vezes as considerações dos colegas de menosprezar o teu trabalho, muitas vezes você não se sentir tão segura com artigo. Puxa vida, o meu trabalho será que ele é academicamente bom pra ser publicado ou é melhor deixar assim? (Entrevista realizada com Kongur Tagh (docente mulher) em Junho de 2017)

É possível observar claramente na fala das docentes que nem todas buscam revistas com as melhores avaliações para publicarem seus artigos. Algumas dessas professoras dizem que publicam seus artigos em periódicos que atendam melhor o público interessado, e há outras docentes que falam que por vezes, inconscientemente não publicam, talvez pelo medo de não ter um bom artigo para ser publicado. Ressalto a observação de que a última fala da docente, demonstra o quanto o realizar, produzir um artigo requer tempo e dedicação e que por vezes é muito difícil quando se há uma família e crianças pequenas.

As falas acima demonstram que algumas das docentes entendem essa questão de produtividade como algo que denota certa competitividade, outras observam que a dupla jornada feminina acaba por acarretar nestes resultados apontados, e outras até pensam se o trabalho a ser publicado, realmente é bom.

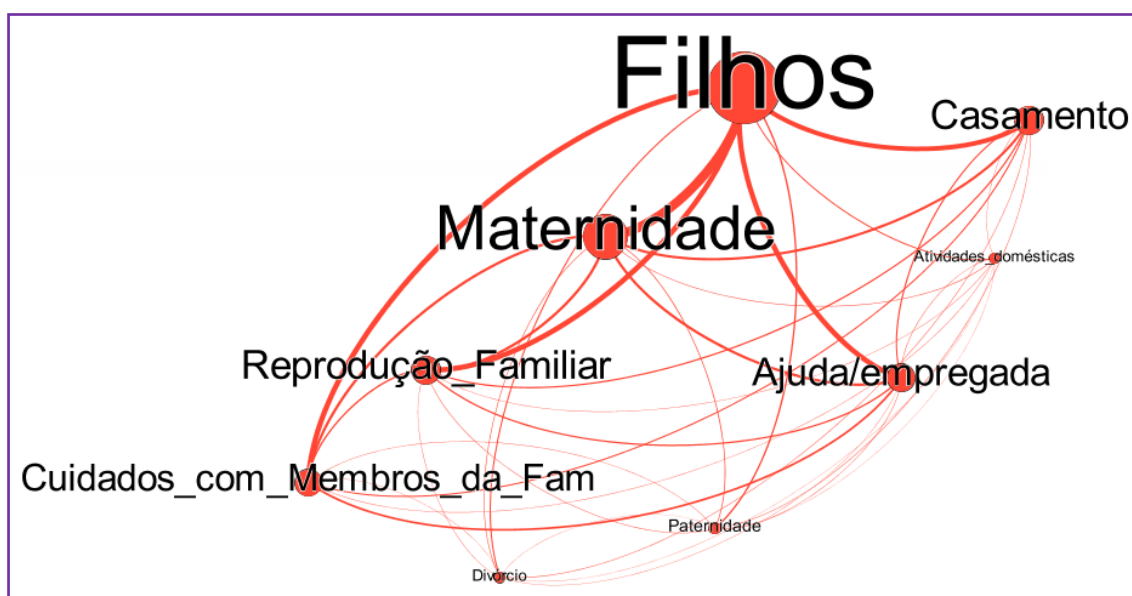
Como visto a participação feminina no ambiente acadêmico, sendo este composto além das atividades acadêmicas cotidianas, também se refere as publicações e inserção no campo da produção científica. É possível observar pelas falas das docentes como a vida familiar está completamente conectada com esse processo. Para Costa (2006, p.457) 'o distanciamento das mulheres para com a ciência, enquanto atividade sistematizada, começa no processo de socialização'.

Embasada nestes dados, a próxima subseção será responsável por nos trazer a construção das relações entre ser pesquisadora e a ativa participação na vida familiar.

4.2.2 Os filhos e a maternidade como elementos de tensionamento da produção científica

Perante as discussões apresentadas anteriormente e após as análises realizadas na rede semântica do discurso feminino, especificamente na comunidade atividades acadêmicas (azul), agora chegou a vez de discutir a (comunidade vermelha), a qual representa a vida familiar destas docentes.

FIGURA 21 - Comunidade discursiva em torno dos filhos



Fonte: Entrevistas realizadas, 2017.

Nota: Organizado por Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Edson Armando Silva, 2018

Nota-se que a comunidade relacionada a estrutura familiar das pesquisadoras mantém um forte vínculo entre si. Recordando as informações anteriores é importante retornarmos ao pensamento que esta comunidade não se interliga apenas entre si, mas ao todo do discurso feminino (comunidade azul – atividades acadêmicas).

As conexões de maior intensidades nesta comunidade estão associadas a quatro categorias, onde a mais destacada retoma aos 'filhos', 'maternidade',

‘reprodução familiar’ e ‘ajuda empregada’. Neste momento é interessante destacar que as comunidades presentes no discurso feminino apresentam um peso praticamente semelhante, ao que diz respeito atividades acadêmicas e relações familiares, como pôde ser observado na apresentação estatística no Laboratório de dados (FIGURA 19).

As análises serão iniciadas pelas categorias de maior peso e intensidade nesta rede, sendo estas esferas associadas aos ‘filhos’ e ‘maternidade’. Decidi discutir estas categorias intercaladas, visto que as conexões ocorrem praticamente ao longo de todas as falas.

Com base nas falas das entrevistas, juntamente com a literatura realizada, é nítido perceber como o ‘ser’ mulher nos traz ‘um Plus a mais’ em nossa vivência e na necessidade de romper certas barreiras, consideradas naturais, como a maternidade, a dupla jornada e assim por diante. Claro que não estou julgando se é certo ou errado o fato de ter filhos, construir ou não construir uma família, ou até mesmo trabalhar ou não trabalhar. As falas das docentes permitem refletir que exclusivamente o fato do ‘ser’ mãe e profissional requer além de tempo e atenção como também uma disposição que exige um esforço a mais em tudo que se faz.

Segundo Costa (2006) é neste momento que as atividades ‘femininas’, até mesmo o início na carreira acadêmica, acaba por esbarrar em outras escolhas difíceis, tais como o meio familiar, a maternidade e a própria carreira. Ainda para a autora ‘não se trata apenas de superar os constrangimentos criados, mas de reinventar a atividade. A questão da objetividade da atividade se confunde com a postura em direção à superação dos obstáculos.’ (COSTA, 2006, p.457)

Afirmo as posições acima, pois analisando as falas, em muitos trechos das entrevistas os discursos das docentes mulheres apresentaram como elas passaram por situações em que tiveram que ponderar entre o ser pesquisadora e/ou mãe. Infelizmente essas mulheres por vezes carregam consigo o sentimento de culpa, culpa da qual elas carregam por não se sentirem boas mães, ou até mesmo boas pesquisadoras, pois na maioria das vezes não conseguiram/conseguem dedicar-se 100% a nenhuma das duas ‘atividades’.

Enquanto eu fiz o doutorado, o meu marido é que bancava, assim de ajudar pelo menos de estar em casa e ajudava no que era preciso. O (a) mais novo (a) era muito novo (a), criancinha e a gente brincava que todo domingo ele (a) já sabia que eu ia sair. Isso foi um ano, ele (a) já sabia que eu ia sair à noite, aí domingo começava a febre de manhã, porque é assim mesmo, filhxs já intuía e já dava febre. Aí começava com dor de garganta durante o dia, à noite. Só que eu tinha que ir! Aí a gente aguardava que ele (a) melhorasse. Quando não melhorava levava ao médico no dia seguinte pra tomar remédio e tal, e eu lá pensando no telefone, não tinha celular na época, eu tinha que ficar telefonando do telefone público, aí eu me lembro, você que trabalha com gênero, as mães culpadas demais, meu marido falava que o nome de mãe devia mudar pra culpa, culpa é o que melhor denomina a mãe. (Entrevista realizada com Monte San Valentin (docente mulher) em Outubro de 2017)

Como te falei, como já estavam adultos daí não teve tanto problema, cobranças sim, pelo fato da ausência. Só que daí, como eram adultos eles até entendiam e admiravam, porque meu/minha filhx até chegou a fazer a engenharia e ele (a) fez mestrado. Então, por conta da minha influência minha, porque ele (a) sempre admirou. Eles (as) admiram muito a minha trajetória e o que eu faço, as vezes até mais do que eu acho que mereço. Eu falo não! Eu fico culpada muitas vezes de não ter dado mais atenção à eles (as), de, de repente ter sido tão ausente. Eu me dediquei muito mais a minha vida profissional do que a família.(...) Essa senhora ela na verdade criou os meus (minhas) filhxs, porque daí como ela morava em casa e ela tinha uma paixão pelxs filhxs e sempre foi muito dedicada, então aí eu podia estudar, eu podia sair porque ela estava em casa. Ela cuidou dxs meus (minhas) filhxs, tanto é que x meu (minha) filhx fala que elx teve duas mães. X meu (minha) filhx do meio que era mais apegadx com ela, 'eu tive duas mães a mãe de verdade e a mãe que cuidou'. Porque eu nunca estava em casa, eu trabalhava direto de manhã de tarde e de noite. Eu nunca estava em casa, nunca estava em casa. Eu ia nos eventos também, não perdia, comecei a ir em todos os eventos e eu aproveitava porque ela estava cuidando dos meus (minhas) filhxs. Então quem cuidou das crianças foi ela. (Entrevista realizada com Kongur Tagh (docente mulher) em Junho de 2017)

Agora tem um outro componente que eu acho que também foi fundamental do ponto de vista do que facilitou a minha vida, foram duas outras mulheres, a minha secretária que está comigo há 20 anos, mais de 20 anos. Não! vai fazer 22 anos esse ano, ela tá comigo desde 1995. A (nome da empregada) trabalha comigo já todo esse tempo, casou, separou, enviuvou, tem neto. Então a (nome da empregada) trabalha comigo há todo esse tempo e foi quem sempre cuidou dos afazeres de casas que eu nunca gostei, mas sempre cuidei muito da casa. Assim, quer dizer eu nunca gostei no sentido de eu sou muito chata com a casa, sou extremamente chata, mas sei fazer. Então acho que assim, você sabe recomendar se você sabe fazer também. Então eu sei fazer e aí sempre fui muito atenta a tudo. Então assim, (nome da empregada) sempre esteve presente(...) E a minha mãe que morou aqui comigo, assim que meu pai faleceu. Foi justamente quando eu comecei o doutorado, então a minha mãe mudou pra cá e aí quando eu viajava pra (cidade do doutorado) toda semana, eu ficava muito tranquila porque a minha mãe estava lá. Ela morava num apartamento do lado do meu, então ela estava atendendo. Meus (minhas) filhxs estudavam perto de casa e ela ia a pé levar, buscar enfim, ela os atendia como se fosse eu! Então isso me deu uma grande tranquilidade pra eu poder viajar, e sempre que eu viajava eu sabia que a minha mãe estava

amparando, estava ali cuidando! Claro, e o ex-marido também, obviamente, mas de toda forma pra essa coisa assim, da lida na casa, eu tinha a minha mãe. (Entrevista realizada com Gongga Shan (docente mulher) em Junho de 2017)

Como visto em todas as falas apresentadas, estas trazem consigo sentimentos de incapacidade de não poder estar presente a todo momento, ou até mesmo se dedicar integralmente à ambas situações, a conciliação entre família e emprego. Deve-se levar em conta, que essas mulheres entrevistadas são docentes e contam/contavam com um horário flexível, o qual dividem seus afazeres só que algumas delas também necessitavam da ajuda de terceiros para deixar seus filhos (as) e assumir o papel docente, principalmente na época em que seus filhos (as) eram menores.

Por este motivo propriamente dito, acredito que a categoria ajuda/empregada foi muito citado ao longo de suas falas, apontando assim, na comunidade vida familiar (vermelha) uma intensidade muito forte com todas as outras categorias. Constata-se também, que essa 'ajuda' discutida na rede de discurso feminino foi exercida por outras mulheres, como empregadas, babás e até mesmo mães para o trabalho doméstico e com os filhos.

Assim, é importante trazer para este momento do texto o que já expus ao longo das discussões, que mesmo que o discurso docente masculino e feminino estejam fragmentados em dois polos discursivos, a rede semântica feminina concentra-se inteiramente conectada nas duas comunidades, visto que a rede masculina não interage dessa maneira.

As proporções das falas femininas remetem suas atividades acadêmicas e a produção científica, ao processo da maternidade e de suas formações enquanto mães. Como abordado durante a tese, essas mulheres estavam construindo-se como pesquisadoras/docentes e ao mesmo tempo viviam a maternidade.

Os pensamentos de Maliniak, Powers e Walter (2013) denotam que mesmo que as mulheres sejam ativas em suas atividades profissionais, e neste caso específicos à docência e práticas acadêmicas, as mulheres podem publicar menos nos primeiros anos de suas carreiras devido a necessidade de uma licença maternidade. Para os autores, esta questão pode não afetar a

produtividade a longo prazo, as citações podem depender deste momento e o reconhecimento científico também poderá ser adiado por este fato.

Como visto, não há como retirar deste contexto o fato da maternidade que permeia os corpos femininos. Não estou generalizando, pois sei que também há mulheres que optam por não serem mães, todavia é preciso dizer que este elemento exclusivamente feminino, é um fator de relevância, quando associado ao lado profissional e produtivo.

Logo, ao relacionar o espaço acadêmico, produção científica e o elemento de gênero, constata-se que ser pesquisadora, mulher, mãe, esposa, responsável pelo lar, estudante/pesquisadora, filha entre outras colocações, são fatores que devem ser ponderados ao analisar e comparar as publicações de homens, visto que as obrigações se dividem em uma dupla ou até mesmo tripla jornada. O campo empírico desta tese corrobora plenamente com outras pesquisas desenvolvidas como Costa (2006); Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008); Toste e Cândido (2016), e assim por diante.

Isto posto, outro fator experienciado por essas mulheres ao longo de suas trajetórias de vida é que o papel de mãe foi absorvido por elas como uma atividade ‘natural’ do feminino e que alguns ‘trabalhos’ deveriam ser desenvolvidos exclusivamente por elas. Assim, se torna óbvio como a ajuda de alguém durante esse processo de suas trajetórias acadêmicas e de vida foi significativo para contribuir com seus afazeres, principalmente na função de mãe. Essas colocações podem ser encontradas nas falas a seguir:

E a gente tem que ser sustentar. Eu dizia assim ex-marido é ex-pai. Então as vezes eu contava com o meu ex-marido que era o pai dos filhxs, eu contava com ele pra passar o domingo por exemplo, porque era o dia que estava marcado. Aí ele dizia que acontecia alguma coisa, e ‘ah não vou poder pegar’, porque não era uma obrigação dele, era um direito e o direito ele usa se quisesse. Então ele dizia hoje eu não vou poder! Então sempre foi eu! Não posso me queixar, até hoje ele é uma referência é uma pessoa que eu respeito, um cara do bem, não tenho nada a dizer, mas ele dizer assim, que ele não ajudou, ajudava, mas era com os limites dele, dizendo assim, ‘quando eu posso, eu ajudo’ ‘se eu não posso, eu não ajudo’. Tudo bem ele está certo, ele não tem problemas em relação a isso, então a vida inteira eu que tinha que bancar subjetivamente e objetivamente, era comigo. Então assim, isso foi bastante pesado assim, é pesado, eu queria ter uma carreira, queria estudar e a demanda começou a crescer. (Entrevista realizada com Monte San Valentin (docente mulher) em Outubro de 2017)

Você percebeu que na minha leitura pode ter uma coisa assim, como eu fui educada pro trabalho, pra estudar e pra trabalhar, a minha família não me colocou que eu tinha que ser uma mãe exemplar, ou me dedicar. Então eu fui mãe e elxs não reclamam da mãe que tiveram, mas elxs tiveram, foram criados com a mãe trabalhando, os atendendo, se desdobrando, mas trabalhando e não reclamando disso e daquilo. Tanto que hoje eu pergunto, digo pra elxs, 'eu acho que não, eu não sei nem como eu eduquei vocês e se eduquei eu não sei'. Tem coisas que elxs se lembram que eu fazia, que eu não me lembro, eu digo 'olha eu realmente não sei'. Se eu tiver que recompor como foi a minha vida fazendo mestrado e doutorado, trabalhando na universidade e com (número de filhxs) eu não sei e também não sei se deu certo, porque eu nunca dava conselhos prxs filhxs, não tinha nem tempo de dar conselho. Sabe aquelas mães que senta pra dar conselho? Mas eu nunca fiz isso. Aí elxs 'não, mas a gente ficava te olhando e seguia o que você fazia'. (Entrevista realizada com Pico Bolívar (docente mulher) em Outubro de 2017)

Evidentemente durante o período que eles eram crianças não foi fácil, porque quando eu vou pra (nome da faculdade) e o doutorado começa depois, como é que eu faço toda essa dinâmica? Eu vou pra (nome da cidade) volto, aí tem a família, vou e volto e as vezes eu dormia lá quando eu dava aula de quinta à noite e tinha que dar aula na sexta, eu não voltava porque era na sexta de manhã. Então é uma dificuldade grande, porque você tem que conciliar os tempos, do trabalho, da pesquisa e da vida familiar. (Entrevista realizada com Montanha de Jade (docente mulher) em Outubro de 2017)

Mas por outro lado claro, principalmente o doutorado elxs já eram (número de filhxs), eu redigi ele inteirinho praticamente a noite. Então o dia a rotina normal na universidade com aulas, com os alunos, chegava em casa preparava o jantar, ajudava a colocar xs meninxs pra dormir e aí que eu começava nove meia e aí eu ia até duas, três, depois no outro dia , porque era uma hora de silêncio. É claro enquanto, elxs estavam acordados me pedindo coisas eu tinha muitas dificuldades, eu sou uma pessoa com dificuldades de concentração, no geral eu fico ligada em muitas coisas, então também esse traço de personalidade foi um período difícil nesse sentido, acabava que eu tinha tripla jornada. De dia trabalhava na universidade, depois dava atenção prxs filhxs, depois ia pra tese, no dia seguinte de manhã (nome do marido) me deixava dormindo, aí ele levantava xs meninxs, dava banho nelxs, levava pra escola pra eu poder dormir até oito e meia, 9 horas enfim, depois ir pra universidade. (Entrevista realizada com Cristóbal Colón (docente mulher) em Outubro de 2017)

Tinha uma professora já falecida há muito tempo, que trabalhou muito com a Geografia em (nome da cidade), a professora (nome da professora), hoje ninguém mais lembra da professora, mas a professora (nome da professora) olhava pra mim e dizia assim que ela nunca me viu como mãe. Que ela sempre me via como uma intelectual. Eu acho que é um pouco isso também, eu também tive muita dificuldade de me ver como mãe, de ser mãe. (..) Mas acho que não é uma coisa que não foi muito simples pra mim não, porque não fazia parte do meu projeto de vida ser mãe e aí, de repente eu era! Então xs meus (minhas) filhxs acho que sofreram um pouquinho com isso também, ou não. Eu não sei como é que elxs viam isso. Mas assim, eu nunca, eu abri mão de algumas coisas, mas não de muitas. O meu ex-marido sempre me apoiou sim, ele tinha uma participação ativa na vida dxs filhxs, eu nunca gostei dessa história de ajudar com, porque ajudar com significa que a responsabilidade é da mulher, então eu sempre fui

contra a isso, tinha algumas atribuições também na formação, mas também reconheço que no frigar dos ovos é sempre a mãe que assume uma parcela muito maior e isso acontece até hoje, xs meus (minhas) filhxs são adultos. Eu não vivo mais com o meu ex-marido o pai deles, mas assim, eu vejo que quando a coisa aperta é a Mãe! Entende? (Entrevista realizada com Gongga Shan (docente mulher) em Junho de 2017)

Os discursos femininos deixam claro como o espaço acadêmico e científico mantém seus padrões masculinizados. Destaca-se também que muitas dessas pesquisadoras não associam as suas trajetórias (vida e acadêmica) relacionadas as questões de gênero e por vezes não visualizam como este processo implica/implicou em suas atividades de produção acadêmica. Como visto em Garcia Ramon (2011) há um conflito entre conciliar o trabalho e a vida pessoal, o qual necessita de discussões sobre gênero.

Assim, ao pensar o universo feminino e profissional este vem carregado de estigmas como ser mãe, responsável do lar, dos filhos, do companheiro e até mesmo de outros membros da família. Já ao que diz respeito ao universo profissional, essa mulher além de tudo isso por traz 'deste espelho' tem que dar conta das demandas acadêmicas, das palestras, artigos, docência, artigos, entre outras atividades que devem ser vivenciadas simultaneamente com as outras ações anteriores.

Como visto diversos são os elementos que constituem o espaço acadêmico e o gênero é um destes componentes. Após visualizar como a produtividade científica vem sendo configurada e validada, a próxima seção deste capítulo apresentará uma discussão sobre as referências científicas e a hegemonia na construção do pensamento epistemológico geográfico brasileiro.

4.3 PERMANÊNCIA DA HEGEMONIA MASCULINA NA TRADIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Como discutido ao longo desta tese, é possível perceber como o espaço acadêmico científico geográfico, ainda se mantém um espaço majoritariamente masculinizado, sendo na presença do corpo docente e principalmente ao que diz respeito a produtividade científica.

Diante do conhecimento de que a ciência é realizada por agentes corporificados e que o gênero é um elemento que molda as ações em sociedade

estereotipando os corpos, os pensamentos de Madge e Bee (1999) denotam que os estereótipos de gênero estão presentes nos currículos escolares e metodológicos, bem como no chamado 'currículo oculto' onde há suposições, expectativas e códigos de comportamentos que são inquestionáveis. Para as autoras, esse posicionamento produz diferentes atitudes que serão observadas não apenas nos anos iniciais da escola, mas que irão acompanhar as pessoas ao longo de suas vidas, neste caso acadêmica.

Embasada no pensamento acima e entendendo que a ciência é uma construção sociocultural, política e até mesmo econômica, a ciência geográfica encontra-se neste mesmo contexto. Logo, os pensamentos de Barnett (1995) denotam uma crítica do autor ao que se refere ao posicionamento das comunidades geográficas e como estas registram a sua própria história, e desta forma de maneira consciente ou inconscientemente constroem sobre a produção do conhecimento uma verdade absoluta que tange os acontecimentos científicos.

As narrativas de homens e mulheres em suas trajetórias trazem modelos femininos e masculinos que foram categorizados em dois campos: influências acadêmicas e Influências afetivas. Os discursos em que personagens importantes nas trajetórias de vidas estão presentes, nem sempre coincidem em termos de espécie de admiração e referência para a vida, como poderá ser visualizado a diante.

Logo, diante dos pensamentos apresentados, as reflexões de Silva, Cesar e Pinto (2015) remetem a seguinte colocação:

As narrativas historiográficas da ciência se perpetuam pelos currículos acadêmicos que são repetidamente populados por personagens históricos heroicos de determinados períodos e localidades. As narrativas históricas são internalizadas e reproduzidas incessantemente, até que, por força da tradição ritualística, a verdade inquestionável se estabeleça. (SILVA; CESAR; PINTO, 2015, p. 188)

Os personagens heroicos mencionados pelos autores são pesquisadores que construíram a ciência geográfica e que até os dias de hoje mantém uma forte influência no campo científico. O título de 'heróis' foi atribuído a esses pesquisadores, devido ao endeusamento que seus leitores fazem de suas obras e por vezes continuam perpetuando a teoria abordada por estes, como única verdade possível. Destaco que minha abordagem denota apenas aos

pesquisadores homens e não à pesquisadoras mulheres, pois infelizmente, neste momento da seção abordarei exatamente esta colocação, visto que para a ciência os nomes masculinos são os mais 'consagrados', conhecidos e citados.

O posicionamento de Bell (2011) corrobora perfeitamente com a abordagem desta tese, visto que o autor entende que a interiorização de narrativas históricas proporciona a produção de um discurso próprio. O autor ainda deixa claro em sua abordagem, que as histórias que mantêm certa dominância, serão mantidas a partir de reprodução dessas metanarrativas, as quais serão realizadas em forma de livros, artigos, entre outros meios de divulgação científica.

Um fator regulador dessa prática acadêmica diz respeito às padronizações e delimitações, as quais são responsáveis por estabelecer no campo científico geográfico a construção de um fenômeno de pesquisa, as metodologias pensadas e os conceitos utilizados para este processo. Para que isto ocorra, há disciplinas voltadas para estas etapas como metodologia de pesquisa e a chamada epistemologia, ou a tão conhecida epistemologia da Geografia.

Como já foi citado e explicado anteriormente, esta disciplina, contida nos currículos dos programas de pós-graduação, possibilita estabelecer e legitimar as teorias que serão desenvolvidas no campo científico. Evidencio que ao analisar as narrativas epistemológicas trabalhadas nos programas de pós-graduação em Geografia, posso afirmar que a Geografia brasileira é hegemonicamente masculina, tanto ao que se refere à docência, quanto a produção científica.

Logo, não é de se espantar que as influências acadêmicas masculinas sejam as mais frequentes em ambos os discursos, embora mais acentuada no discurso masculino. Os homens falam de seus exemplos positivos, de orientadores, de teóricos importantes em suas vidas, bem como pessoas que compõem suas redes profissionais. Uma importante constatação ao longo das entrevistas é que estes docentes homens citaram mulheres como referências intelectuais apenas quando questionados e não houve espontaneidade de memória.

As redes semânticas das falas dos docentes homens e mulheres apresentam uma posição igualitária ao que diz respeito aos seus discursos sobre influências acadêmicas. Tanto a rede masculina quanto a feminina estabelecem como centralidade, uma influência teórica voltada para personagens masculinos.

Em busca de comprovar a hipótese desta tese, entendi a necessidade de estudar e aprender novas teorias, compreendi e me desafiei a romper com velhos paradigmas e para isto me apoiei em diversas leituras sobre as temáticas de ciência, gênero, produção acadêmica/científica e relações de poder. Assim, em meio a esse ‘novo conhecimento’ e ao meu fenômeno de pesquisa, o campo exigiu uma metodologia aprofundada e rigorosa. Ao longo da pesquisa compreendi como as relações de poder acabam engessando certas ações, assim como, interferem diretamente ao que tange as produções científicas, redes de alianças, e publicações em periódicos *on-line* e especialmente a visibilidade científica.

Durante as entrevistas notei uma coisa muito interessante, pois os nomes masculinos eram mencionados intuitivamente, e quando eu questionava os (as) docentes sobre as mulheres que também participaram e participam da ciência geográfica, sendo em publicações científicas, palestras, entre outras atividades muitos se espantavam ao perceber que os primeiros nomes que vinham em suas cabeças eram masculinos.

A Geografia, assim como tantas outras ciências, apresenta a participação feminina de forma muito irrisória se comparada a presença masculina. Se reduzirmos a escala de observação e irmos além do corpo docente, pode-se observar como as desproporcionalidades aumentam quando relacionadas à produtividade intelectual, mais ainda na visibilidade feminina e na abrangência deste conhecimento produzido por estas mulheres cientistas. Logo, entende-se que as referências das produções acadêmicas, continuarão associadas ao intelecto masculino.

Com base nas investigações desta tese referente a desproporção da produtividade científica entre homens e mulheres, os trabalhos de Maliniak, Powers e Walter (2013) corroboram com as abordagens da tese, visto que os autores apresentam que nas citações de artigos publicados em periódicos norteamericanos na área de Relações Internacionais, os dados apresentaram que as mulheres são menos citadas que os homens, mesmo depois de analisado

diversos elementos como 1 - publicação, 2 - qualidade da revista, 3 - perspectiva teórico-metodológica, 4 - nível de carreira, e 5 - admissão institucional. Os estudos dos autores ainda constataram que o fato de ser mulher acarretava que o artigo de sua autoria recebesse 0.7 citações à cada 1 citação recebida por um colega de trabalho do gênero oposto.

Em Maliniak, Powers e Walter (2013, *apud* Symonds, 2006) essas incompatibilidades entre homens e mulheres logo no começo de suas carreiras, podem favorecer as diferenças de citações ao longo do seu tempo como pesquisadores, tendo efeitos duradouros. Isto posto, é possível refletir a partir das redes semânticas trabalhadas, como este processo realmente está presente no campo científico, o qual é um dos elementos responsáveis por manter uma centralidade no discurso dos homens na construção do conhecimento intelectual.

Com essas reflexões e dados apresentados as comunidades construídas nas redes semânticas, apresentaram claramente a categoria relações de trabalho, sendo está presente nos dois universos e mais destacada nas conexões masculinas. Essa categoria tem muita importância, pois remete as redes de pessoalidade e profissionalismo, visto que isto apresenta as alianças construídas.

Refletir sobre as alianças remete também a construção dos personagens centrais para o conhecimento científico geográfico. Logo, este pensamento consegue explicar a menção imediata destes (as) pesquisadores (as) à nomes masculinos que 'representam' a Geografia brasileira, como visualizado a seguir.

Embora sim se a gente pensar assim fala os dois grandes nomes da Geografia brasileira? A gente vai falar dois homens, Aziz Ab'Saber e Milton Santos. É, é verdade sim. Quando que uma mulher está fazendo uma conferência de abertura? Sim, é verdade você tem toda razão! Então é aquela velha história, não é tanto, mas continua sendo, só não é tanto perto daquele que é um absurdo maior, mas não quer dizer que não esteja desbalanceado. (Entrevista realizada com Monte Fairweather (docente homem) em Novembro de 2017)

Eu me lembro por exemplo, o professor Pasquale Petrone desmontou a Geografia da população de Pierre George, pena que nós não gravamos. Tinha, mas não tinha essa preocupação, não havia essa cultura do registro. Ele escreveu tão pouco, mas ele era um professor que ele conseguia falar duas horas seguidas e te chamar a atenção, prender a sua atenção com sujeito, predicado e complemento e conhecimento também. Falava tranquilamente e todos gostávamos, todo mundo admirava. (Entrevista realizada com Monte Camarões (docente homem) em Outubro de 2017)

Então eu fiz a graduação (nome da instituição) fiz o mestrado (nome da instituição) e fiz o doutorado (nome da instituição) o que acabou me possibilitando conhecer Geografias diferentes, mas tive mais que o prazer, a alegria a honra (nota pessoal) o Armen Mamigonian e o Ariovaldo Umbelino que são pessoas muito firmes como pesquisadores, pessoas que estimulam os seus estudantes à compreender o Brasil também a partir da sua realidade, os dois valorizam muito o trabalho de campo como fundamental pra compreensão no campo da Geografia. (Entrevista realizada com Cristóbal Colón (docente mulher) em Outubro de 2017)

O professor Lacerda, esse professor ele foi muito paternal gostava muito de discutir os nossos temas diretamente conosco, ele instigava o olhar nosso enquanto pesquisadores, então eu achei que não foi tão difícil, não foi complicado. Penso que fazer uma pós graduação em outro país acrescenta muito, acrescenta pela bibliografia, outros autores e você mesmo enquanto pesquisador tem um amadurecimento, você que deve também procurar amadurecer pra interpretação o que é dito em outra língua, conviver com outra forma de cobrança de redigir de fazer uma tese uma dissertação, penso que são desafios são importantes (Entrevista realizada com Cerro Chirripó (docente mulher) em Outubro de 2017)

Como observado, ambos os docentes (homens e mulheres) remetem suas lembranças aos professores homens que tiveram e que de certa forma os influenciaram intelectualmente

Diante das reflexões sobre redes de relacionamento se analisarmos os pensamentos acima e associarmos todas essas discussões referente a produção intelectual, publicações e citações no meio científico, é possível dialogarmos perfeitamente com os pensamentos de Toste e Cândido (2016, s/p) ao que as autoras entendem como ‘Ambas as descobertas, sejam aquelas referentes à coautoria ou às citações, podem ser ao menos parcialmente explicadas pela segregação de gênero nas redes profissionais.

Desta forma, ao pensar nas redes profissionais comentadas pelas autoras, é possível pensarmos que os periódicos *on-line*, que de certa maneira, podem ser vistos como ‘colaboradores’ direto/indireto dessas redes comentadas. Além desta abordagem, Maliniak, Powers e Walter (2013, p.7) apresentam a seguinte posição, ao que se refere a lacuna deste processo de citação relacionado aos periódicos e publicações: *‘Finally, it could be that the gap in citations is because of the venue in which men and women publish. Women may*

tend to publish in certain journals and it is these journals that tend to draw fewer citations than others'.⁹⁷

Todos esses posicionamentos estão conectados, visto que para uma maior visibilidade e centralidade no campo científico, tem que haver uma maior produtividade e participação, sendo esta em mesas de aberturas de eventos, em cargos de chefia, em homenagens, entre outras atividades. Hoje como sabemos, há vários periódicos que possibilitam maior alcance e divulgação dos artigos científicos produzidos e isso acaba por possibilitar um destaque que antigamente era mais restrito.

Assim, pensando sobre todo este processo de produção, trajetória acadêmica, citações e impacto no campo científico geográfico brasileiro, alguns pensamentos começaram a surgir referente à abrangência deste conhecimento produzido, publicado e lido.

A participação ativa no meio acadêmico, como visto anteriormente e reforçado neste momento, nem sempre é trabalhado e vivido de maneira igual entre os gêneros, visto que:

Essa dificuldade de viajar de fazer as coisas eu acho que eu não vivi muito o doutorado como eu queria, porque eu ia assistia a aula e voltava, então não tive assim tanta integração como podia, eventos assim, mas eu procurei sempre fazer, participar dos eventos e tal. Dificuldades tem, eu acho aquela conversa velha que a gente tem, duas jornadas de trabalho é verdade você trabalha o dia todo e ainda chega em casa_pes. Mas eu sempre tive uma empregada, mas também não sou de explorar a empregada, eu exploro porque eu sou a patroa e ela é empregada, eu tenho consciência disso é uma explorar assim como o meu chefe me explora. (...) Então isso me fazia adiantar coisas lá, eu até hoje eu sou assim muito organizada com horário, as vezes isso é uma dificuldade porque estressa por um lado. (Entrevista realizada com Monte San Valentin (docente mulher) em Outubro de 2017

No começo eu me lembro assim de alguns episódios que x meu (minha) filhx, quando eu tinha só x (nome dx filhx) uma ou outra vez eu levava elx pros eventos comigo. Depois quando eu fui fazer o doutorado em (nome da cidade) que eu viajava, uma vez eu levei elx junto pra elx entender porque é que a mãe delx precisava viajar. (Entrevista realizada com Gongga Shan (docente mulher) em Junho de 2017

⁹⁷ Tradução: Finalmente, pode ser que a lacuna nas citações seja por causa do local em que homens e mulheres publicam. As mulheres tendem a publicar em certos periódicos e são esses periódicos que tendem a atrair menos citações do que os outros.

Isto posto, e falando sobre essa desigualdade no campo científico, reafirmo que temos na ciência um olhar direcionado para os intelectuais homens e pontuamos estes pensadores praticamente como únicas influências no campo científico.

Levanto essa questão, pois tive surpresas ao longo das entrevistas realizadas com as mulheres, principalmente quando elas citaram as suas participações na ciência geográfica e como essa construção havia influenciado no campo científico e permaneça no campo científico até os dias de hoje.

Foi também importante porque eu tinha organizado um evento em (nome da cidade) e nesse evento com as colegas que estavam no evento comigo, a professora (nome da professora) e (nome da professora), eu propus às colegas 'É acho que está na hora da gente fazer um Encontro Nacional de Geografia Urbana. Quinze dias depois a gente embarcou para um encontro da AGB e aí eu propus 'Vamos montar um Encontro Nacional de Geografia Urbana! (Entrevista realizada com Kilimanjaro (docente mulher) em Outubro de 2017)

E nesse primeiro Encontro Nacional de Geografia Urbana foi um encontro pequeno, a gente fez um encontro pra fazer um balanço sobre a Geografia Urbana no Brasil (...) Mas eu inventei várias coisas, o SIMPURB, eu inventei a (nome do periódico) foi invenção minha! Eu fui a pessoa que fiz junto com a (nome da professora) o primeiro Encontro Brasileiro de Pós-Graduação em 1982. Antes das ANPEGES, nós estudantes que eram professora e estudantes nós, estudantes e professores inventamos o primeiro encontro de Pós-Graduação no Brasil, esse primeiro encontro foi feito em 82 foi um encontro que questionava a Geografia brasileira. Portanto as mulheres estão fazendo muita coisa. (Entrevista realizada com Kilimanjaro (docente mulher) em Outubro de 2017)

Ressalto a importância de trazer esta informação para tese, pois seria um absurdo que eu ignorasse essa informação e mantivesse invisibilizadas a relevância dessas mulheres na construção e impacto no campo científico da Geografia brasileira. Segundo Kilimanjaro, a construção destes eventos, (como sabemos, eventos de relevância para a Geografia brasileira) foram pensados por mais outras duas docentes mulheres. Saliento que não apresentei o nome das docentes mencionadas por Kilimanjaro, pois tenho como critério metodológico o anonimato das falas dos (as) entrevistados (as) e por este motivo mantenho a ética com a pesquisa.

Este momento apresenta a importância das redes e isto pode ser visto como um paradoxo. Mesmo que as mulheres sejam atuantes no espaço

acadêmico e se articulem, infelizmente elas ainda não conseguem alcançar o mérito acadêmico dado aos homens. Essa posição apresentada também já foi discutida por Toste e Cândido (2016) onde as autoras posicionam-se da seguinte maneira:

Segundo essa explicação, a socialização de gênero produz endogamia nas redes profissionais de homens e mulheres, fazendo com que trabalhem separados. Isso, por sua vez, faz com que os homens tomem menos conhecimento da produção de seus pares femininos e, assim, cite as autoras mulheres com menos frequência. (TOSTE; CÂNDIDO, 2016, s/p)

Os homens e mulheres mantêm as suas redes de relacionamento ainda muito voltada aos seus pares. Para Maliniak, Powers e Walter (2013) as alianças servem como poder e configuram o sistema acadêmico, voltando-se para as questões de produções científicas que além de fortalecer ideologias e redes, fortalecem os grupos e citações, a partir destas redes de conhecimento, amizade, entre outras situações.

Eu gosto muito da minha profissão, gosto muito do que eu faço, gosto muito das pessoas, eu sou muito feliz no meu ambiente de trabalho e acho que é um ambiente relativamente saudável porque o mundo acadêmico é muito maluco e isso adoce muito. A gente eu vou dizer, nós somos normais, claro que tem algumas coisas, mas nada assim tão forte ou que seja mais forte que a amizade que nós temos, a solidariedade, companheirismo, confiança de um grupo, principalmente do grupo de onde eu trabalho mais frequentemente que é o grupo do laboratório, nós somos 6 professores e nós temos um afeto muito grande, uma confiança e isso acho que ajuda bastante viu. Eu penso isso, que daí a gente desabafa a gente acha bom a gente fica feliz de estar com as pessoas, não é? (Entrevista realizada com Monte San Valentin (docente mulher) em Outubro de 2017)

Então eu sempre estou organizando pesquisa coletiva, no grupo, rede e isso tudo exige muito tempo, muito trabalho e eu não fiz nada disso por causa de produtividade porque enfim, eu não sou coautora do que é produzido na rede que eu coordeno, não tenho essa atitude e também acho que eu tenho assim uma personalidade que eu consigo dar pausas. (Entrevista realizada com Cristóbal Colón (docente mulher) em Outubro de 2017)

Hoje eu conto com ajuda de um grupo razoável de ex-aluno, no termo hoje utilizado, egressos, que acabam que continuam de fato desenvolvendo os estudos comigo. Muitos deles viraram colegas, são professores em universidades e também em Institutos Federais, tem alguns em Institutos Federais e alunos do mestrado e do doutorado. (Entrevista realizada com Aoraki (docente homem) em Outubro de 2017)

Tenho um grupo consolidado em frente, já há muito tempo (nome do grupo). A gente tem uma produção científica muito regular, eu sou muito exigente com os meus alunos e eles felizmente compreendem. Eu falo que a gente não pode confundir produtivismo com não produção científica. (Entrevista realizada com Monte Damavad (docente homem) em Outubro de 2017)

Como visto, as relações dos grupos acabam por direcionar também a sua produtividade científica. Visto que a intenção dos grupos de pesquisa é potencializar uma temática, desenvolvê-la e publicá-la. Logo, logicamente os participantes destes grupos direcionam as suas publicações nestas linhas de pesquisa em que fazem parte. As discussões sobre as redes de produção científica, foram abordadas por algumas das docentes mulheres como algo relacionado a competitividade e muitas delas remeteram essa personalidade aos homens, como pode ser observado nas falas abaixo:

Aparece uma coisa muito interessante na sua pergunta e em relação com isso, você me perguntou se eu tinha de uma certa forma eu tinha sentindo alguma repressão, vamos dizer, eu estou usando esse termo, não é isso. Eu não senti, mas eu acho que é que na competitividade você tem que ser muito melhor do que os homens pra poder conseguir isso e isto aqui mostra que tem um predomínio maciço de homens, e é engraçado isso. (Entrevista realizada com Montanha de Jade (docente mulher) em Outubro de 2017)

Mas é porque o homem entra nessa lógica aqui citar para é isso, eu acho que nós mulheres temos pouco ainda, dessa lógica competitiva que pro homem é muito mais, parece que presente, (Entrevista realizada com Pico Bolívar (docente mulher) em Outubro de 2017)

Percebe-se que nas falas das docentes mulheres o processo de produtividade está associado ao papel de competitividade, que é muito associado aos homens. Porém, ao realizar as leituras e observar as falas das docentes, pude perceber que o processo de competitividade poderia ser um fator, neste caso, de contribuição na produtividade científica, não sendo o único elemento potencial a ser analisado.

Assim, diante das observações e leituras realizadas encontrei outros dois elementos fundamentais para análise e compreensão do porquê os homens são mais citados e referenciados do que as mulheres. Os elementos em questão é a chamada autocitação e o outro fator são essas redes de conhecimento e

personalidade, que como visto, estão estritamente ligadas ao processo de produtividade científica.

Com base nas leituras de Maliniak, Powers e Walter (2013) e o entendimento do valor que a autocitação pode agregar aos pesquisadores (as), notei que as mulheres se autocitam muito menos que os homens. Assim, partindo deste pressuposto, esta situação acaba por colaborar para que elas sejam menos vistas, citadas e até mesmo referenciadas. Logo, partindo deste pensamento a autocitação pode ser entendida como uma forma para promover os trabalhos publicados, assim como uma ação política.

Dito isso, as reflexões de Moraes, Furtado e Tomaél (2015) expõem a autocitação como:

Um dado que merece discussão diz respeito à autocitação, recurso bastante utilizado pelos autores. A autocitação, como já dito, compreende o uso de ideias, conhecimentos e informações já publicados em trabalhos anteriores pelo mesmo autor do trabalho em que este é citado. Tal prática promove bastante discussão na comunidade acadêmica pelo motivo de que o uso de tal recurso interfere nos indicadores de avaliação e impacto da produção dos autores. (MORAES; FURTADO; TOMAÉL, 2015, p.199)

Em diálogo com os autores acima referente à mesma temática de pesquisa, os pensamentos de Maliniak, Powers e Walter (2013) denotam que

It is possible that the gap in citation counts is the result of women failing to cite their own work as frequently as men do. Self-citation is the easiest way to increase one's citation count because the total number of citations any one article receives over the course of its lifetime is small. In fact, the average number of citations an article in the social sciences and humanities receives in a year is less than one⁹⁸. (MALINIAK; POWERS; WALTER, 2013, p. 27)

Como visto, a partir da visão dos autores acima, o processo de autocitação é muito realizado no campo científico, só que as mulheres utilizam menos que os homens. Logo consequentemente suas citações e referências

⁹⁸ Tradução: É possível que a lacuna na contagem de citações seja o resultado de as mulheres não consigam citar seu próprio trabalho com a mesma frequência que os homens. A autocitação é a maneira mais fácil de aumentar a contagem de citações porque o número total de citações que um artigo recebe ao longo de sua vida é pequeno. De fato, o número médio de citações que um artigo nas ciências sociais e humanas recebe em um ano é inferior a um.

também serão em números menores. Nas reflexões desenvolvidas por Maliniak, Powers e Walter (2013) os autores apresentam que mesmo após utilizarem sua metodologia para compreender o processo de autocitação e filtrar com as análises sobre gênero, perceberam claramente que ainda haveria uma lacuna que as mulheres não alcançavam.

Assim, constata-se que a autocitação é um elemento que necessita verificação, pois ela pode fortalecer uma validação no campo científico, e consequentemente na ciência geográfica ocorrerá o mesmo processo. Esta verificação comentada se faz pertinente nos estudos de impacto no campo científico, visto que nós mulheres, ainda não alcançamos os homens, mesmo após anos de trabalho e publicações assíduas. Conforme comentado, este é um elemento que exige maior aprofundamento de pesquisa, porém como ela, há o segundo fator de interesse e de destaque que é a chamada rede de relacionamentos, as alianças entre grupos e/ou pessoas.

Ao longo desta tese comento sobre as redes de pesquisa e a importância que estas têm para ciência. Embasada nas reflexões de Monk (2011) entende-se que as redes são consideráveis aliadas para fortalecimento de temáticas e instituições, e elas servem principalmente para favorecer grupos que se encontram nas 'periferias intelectuais e acadêmicas'. Complementando a leitura da autora, compreendendo que as redes servem para além do fortalecimento dos grupos temáticos, as redes também servem como um instrumento político, alianças e delimita posicionamentos no campo científico, entre centro e margens.

Essas alianças comentadas também foram discutidas por Moraes, Furtado e Tomaél (2015 p.182) 'para a comunicação científica, a citação aponta para uma relação com trabalhos já existentes, ou seja, quando um pesquisador utiliza um conhecimento e o menciona em seu texto, ele estabelece uma ligação com outro pesquisador'.

Ou seja, conforme a citação acima é possível perceber que as redes também são formadas e consistentes no campo das citações científicas, e acabam por fortalecer as referências do campo científico.

Outro fator que me fez ter este pensamento é a explanação de Maliniak, Powers e Walter (2013) onde os autores apontam que essas redes profissionais de certa forma criam 'acordos informais' entre os pesquisadores (as).

Clusters of individuals could inflate their citation counts by agreeing to cite each other in every article they write even if their research is only tangentially related. One type of citation game is the citation cartel. Here, groups of editors at academic journals have been known to collude to publish review articles that heavily cite articles published in each others' journals as a way to improve their impact factor⁹⁹. (MALINIAK; POWERS; WALTER, 2013, p.29)

É possível observar que as redes são consideráveis para o fortalecimento de grupos, temáticas e posicionamentos políticos encontrados de forma direta/indireta. Contudo, não posso ignorar o fato de que essas redes a partir de suas posicionalidade possam colaborar para a invisibilidade feminina no campo das ciências ao que se refere a produção e referência acadêmica/científica.

Isto posto, abordo novamente que as ciências, e no meu contexto a ciência geográfica, ainda concentra suas abordagens científicas, assim como suas influências teóricas voltadas para os pensamentos masculino.

Este discurso não foi construído ao acaso, pois comprovei em dados pesquisados e levantados, como no caso das ementas dos cursos de pós-graduação, o levantamento de 17.636 artigos (a partir de 90 periódicos na área) e principalmente pelos discursos e a construção das redes semânticas. Por conseguinte, se mantivermos esta estrutura discursiva e praticada, continuaremos a perpetuar um futuro epistemológico de manutenção do masculino no campo científico.

Neste contexto trabalhado é visível como o gênero é sim, um fator demarcador nas trajetórias de vida de cada pesquisador e pesquisadora. Construído e aceito culturalmente, ele molda as ações dentro e fora da academia, molda a vida pessoal, a maternidade, paternidade, cuidados com os seus familiares, compõem diretamente as atitudes voltadas à vida social, e encontra-se diretamente ligado a participação acadêmica e de produtividade.

As mulheres desenvolveram e desenvolvem pesquisas de impacto para o campo científico nas diversas áreas da ciência, contudo, por vezes estes trabalhos ainda não foram reconhecidos ou são apresentados á sombras de

⁹⁹ Tradução: Agrupamentos de indivíduos podem inflar as contagens de suas citações concordando em citar um ao outro em todos os artigos que escrevem, mesmo que suas pesquisas estejam relacionadas apenas de forma tangencial. Um tipo de jogo de citação é o cartel de citação. Aqui, grupos de editores de periódicos acadêmicos são conhecidos por colaborar para publicar artigos de revisão que citam artigos publicados nos periódicos de cada um como uma forma de melhorar seu fator de impacto.

outros homens pesquisadores¹⁰⁰. Infelizmente, ainda continuamos tendo por heróis os homens, os ‘magníficos’ pensadores. Mesmo reconhecendo sua importância para o campo, também devemos refletir sobre as mulheres que infelizmente não compartilham do mesmo destaque.

Na Geografia muitos nomes femininos foram e são responsáveis por notáveis obras e ações, todavia elas ainda não são tão conhecidas ou reconhecidas como deveriam ser. Para mim, reconheço e admiro o valor de cada pesquisador homem que conheci ao longo de minha trajetória, a eles sempre deixarei meu eterno agradecimento pelo aprendizado e tudo que eles deixaram em seu legado. Contudo, devo dizer que minha eterna gratidão, fascínio e heroísmo, será dedicado e lembrado à essas mulheres que conheci na Geografia, pois foram vocês que construíram e permitiram que eu me construísse como pessoa e pesquisadora.

Este capítulo evidencia que as trajetórias de homens e mulheres são distintas. Os homens construíram as suas histórias enaltecidas e afirmadas por outros homens, contudo as mulheres também seguiram o mesmo padrão discursivo, contribuindo para a sustentação desta mesma estrutura organizada.

As redes semânticas sobre as influências acadêmicas masculinas foram localizadas tanto no discurso feminino como no masculino e está fora das possibilidades de transformação, visto que as mulheres com sucesso científico não se reconhecem generificadas e os homens quando trazem a importância do feminino, consideram a comunidade da reprodução familiar e afetiva.

¹⁰⁰ Mulheres cientistas escondidas pela história. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/15/ciencia/1510751564_040327.html> Acesso em 12 de maior de 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese doutoral trouxe o cotidiano científico de homens e mulheres para compreender a ciência que, em geral, é apresentada na academia como algo que não faz parte do mundo concreto. A desmistificação da ciência como um conhecimento superior, produzida por seres desencarnados, sem marcas corpóreas e não localizados no tempo e no espaço é fundamental para a construção de caminhos científicos que possibilitem sujeitos negados no discurso científico a fazer parte dele. Fazer parte inclusive como produtores de ciência

Por isso, a pesquisa trouxe a compreensão de como o gênero, importante marcador de corpos produtores de ciência, compõe a trajetória científica de pessoas centrais na produção do conhecimento geográfico brasileiro. Consideramos o gênero posicionado nas redes de poder em que mulheres ocupam lugares de desvantagem em relação aos homens e isso faz diferença na estruturação do campo científico.

Foi constatado que a ciência geográfica brasileira se constitui de forma masculinizada em termos de gênero. A trajetória científica destes pesquisadores (as) que contribuem para o campo científico geográfico brasileiro apresenta uma relação espacial entre o corpo e relações sociais que eles construíram ao longo de suas vidas, contudo apresentam também determinadas ações que responsáveis por seu gênero, partindo assim de uma ideia de hierarquia.

A naturalização dos papéis de gênero contribui para a permanência de certas práticas femininas e masculinas. Assim, essas ações determinadas pelos corpos, serão reguladas tanto no espaço público (universidade) como no espaço privado (casa).

Com essas estruturas definidas tanto pela sociedade como no mundo acadêmico, haverá posicionamentos nas universidades que contribuirão para o processo dualidade no campo científico, entre homens e mulheres como pode ser visualizado no que tange a produtividade e visibilidade científica.

Durante toda a construção da tese os dados apresentados demonstraram como a constituição do universo científico mantém sua estrutura de maneira generificada e com uma estrutura que distribui vantagens ao universo masculino.

A ciência é construída como um campo que mantém normas e regras estabelecidas e além deste tabuleiro científico, ela é um campo de força, em que seus pesquisadores (as) estão situados em diferentes posicionalidades que podem gerar vantagens e desvantagens aos seus 'jogadores'.

A tese evidenciou que a estrutura acadêmica que permeia a ciência geográfica brasileira, apresenta componentes que se tornam importantes para entender essa configuração, como a produtividade científica, a 'herança' de centralidades, assim como a notoriedade acadêmica, principalmente ao público masculino.

Há uma nítida diferença entre a presença feminina e masculina nas produções dos artigos científicos e os dados comprovam que o maior número de artigos produzidos é realizado por homens e se encontram nos estratos melhores classificados. Adentrando consideravelmente o campo científico mantendo uma tradição epistemológica.

Logo, é válido ressaltar que essa estrutura acadêmica comentada também acarreta em beneficiar os homens, principalmente ao que se refere à distribuição de bolsas de maior qualificação, assim como, os cargos de maior prestígio institucional. A estrutura organizacional apresentada com toda certeza é generificada e demonstra elementos que expõe vantagens ao universo masculino. Essa base citada estabelecerá boa parte das ações e desafios vivenciados nas trajetórias de vida e científicas desses pesquisadores.

As trajetórias científicas, não podem ser circunscritas ao mundo acadêmico, pois a vida das pessoas não está estruturada de forma oposicional entre o que é privado e familiar e o que é público e científico. Ao contrário, pesquisadores se constituem como tal entrelaçados na vida cotidiana, afetos, escolhas de vida e vivências.

Ao longo da escrita desta tese, ficou claramente evidenciado como homens e mulheres constituem narrativas diferentes e avaliam as suas trajetórias de vida e acadêmicas de maneiras diferenciadas.

As redes semânticas construídas a partir das entrevistas realizadas com os docentes (homens e mulher) permitiu estabelecer uma análise e relação a partir das falas dos (as) docentes. As narrativas apresentaram uma hegemonia do discurso masculino sobre suas trajetórias de vida e científica, pautando toda a sua fala pelo mundo da ciência, até mesmo em seus marcos temporais.

O universo masculino permeou suas discussões em duas comunidades fragmentadas, sendo elas ‘atividades acadêmicas’ e ‘vida familiar’. Contudo, as conexões das falas dos docentes homens eram bem objetivas e direcionadas, não havendo muita conexão entre uma comunidade e outra. Algumas categorias destacaram-se mais nestas comunidades como na comunidade ‘atividades acadêmicas’ teve como categorias centrais a produção científica, relações de trabalho e positivo. Todos esses elementos conectavam-se em um só mantendo uma organização positiva voltada ao trabalho.

Ao analisar a segunda comunidade masculina, esta apresentou uma organização de menor intensidade, voltada para a ‘representação do feminino’ em suas vidas, as ‘influências afetivas’, e aos ‘filhos’. As narrativas dos docentes sobre a representação do feminino eram pautadas em uma tendência hegemônica de associar as mulheres ao papel do cuidado e do afeto, raramente as referenciado no âmbito de trabalho. Sobre suas influências afetivas, torna-se importante destacar que essas voltavam-se para as mulheres que partilharam de suas vidas, como mães, esposas, irmãs, filhas e etc. Já os filhos, todos os mencionaram como algo relacionado ao prazer e alegria na paternidade.

Portanto, ao observar a rede semântica masculina e feminina, as trajetórias de vida dos docentes seguem caminhos visivelmente opostos. A rede semântica feminina também apresentou uma configuração semelhante a masculina (duas comunidades), porém com uma diferença das dos homens, as comunidades se mantiveram totalmente articuladas em todos os momentos das falas.

O discurso feminino apresentou uma dualidade notável, visto que suas narrativas eram complexas, pois tanto nas trajetórias de vida como na científica haviam situações de harmonia e conflito. Na comunidade feminina relacionada as ‘atividades acadêmicas’, essas voltaram-se especificamente para as categorias centrais como a ‘representação do feminino’ e ‘produção acadêmica’.

Mesmo que a comunidade referente as atividades acadêmicas estivesse totalmente conectada com a vida familiar e principalmente a categoria filho, essa organização representava o espaço acadêmico vivenciado por essas mulheres e as estratégias que elas construíram ao longo de suas vidas para conseguirem para completar as suas atividades científicas. As narrativas das docentes

apresentaram que as relações de gênero em sua maioria, não era reconhecida por elas como um fator limitante.

É interessante lembrar que este discurso também era paradoxal, visto que ao mesmo tempo que suas falas denotavam que o elemento gênero não foi um fator restritivo, elas pontuavam a responsabilidade com os filhos, as atividades domésticas, entre outras situações como atividades a serem desenvolvidas por elas, mulheres.

Isto foi muito bem refletido na segunda comunidade analisada relacionada a vida familiar, que pontuou muito bem que a categoria de maior intensidade nas falas das docentes estava relacionada aos ‘filhos’, ‘maternidade’, ‘reprodução familiar’ e ‘ajuda/empregada’.

Essa comunidade apresentou muito bem como os papéis de gênero foram pontuados em suas vidas e configuraram boa parte de suas trajetórias de vida e acadêmica, visto que muitas dessas mulheres foram mães logo que adentraram o sistema universitário.

Em Costa (2006), o início da carreira docente marcado pelas dificuldades descritas pelas docentes, pois é neste momento que haverá escolhas na vida pessoal, tanto na carreira profissional, como no meio familiar, como no caso da maternidade. Para a autora, este processo não é apenas sobre superar barreiras, mas também de se reinventar.

Logo, saliento que com as análises nas redes semânticas, não é nada errôneo dizer que o ‘ser’ mulher no espaço acadêmico e também na sociedade civil, nos traz uma responsabilidade a mais, visto que os papéis de gênero além de padronizados, se mantêm naturalizados em todas as instâncias sociais.

Destas responsabilidades atribuídas as mulheres, com certeza a maternidade é uma das que mais preocupantes, pois muitas das entrevistadas trouxeram em suas lembranças como haviam passado por situações em que tiveram que mensurar o ‘ser’ mãe e/ou pesquisadora. Alguma ainda disseram como esta situação lhes trazia o sentimento da culpa, pois oras não se sentiam boas mães, oras não se reconheciam como boa pesquisadora.

A pesquisa sobreleva que diversos são os elementos que compõem a vida pessoal e acadêmica de um pesquisador (a). Assim, ao relacionar o meio científico, desde universidade, produção de artigos científicos e as relações de gênero que estão presentes nestes contextos, é constatado que o gênero

feminino vivencia os espaços diferentemente do masculino, pois ser mãe, pesquisadora (a), esposa, responsável pelo lar, entre outros atributos exigem das mulheres não uma dupla, mas uma tripla jornada de trabalho.

Isto posto, é claro que essa configuração apresentada será refletida no campo científico, tanto na produção de artigos científicos, como em cargos de chefia e coordenações de curso, como apresentado ao longo deste trabalho.

O conhecimento científico é realizado por agentes corporificados os quais são marcados pelo seu gênero e trazem consigo estigmas impostos pela sociedade. Os dados da tese evidenciaram como a ciência, e neste caso em específico a ciência geográfica, está estruturada a partir de um molde masculinizado, que refletirá em toda estrutura acadêmica.

As informações ainda apontam que essa organização afeta diretamente o campo teórico/intelectual, visto que a visibilidade das produções científicas estarão voltadas para aqueles que mais publicam, no caso os homens. Nada diferente deste processo, os discursos de homens e mulheres em suas trajetórias acadêmicas são diretamente voltados para influências masculinas na acadêmica.

Os impactos dessa influência intelectual no campo científico podem ser ilustrados por Bell (2011) onde o autor demonstra que essa estrutura quando interiorizada nas narrativas históricas, proporciona a construção de um discurso próprio. Portanto, as histórias serão mantidas por um discurso dominante, e a reprodução dessas metanarrativas serão efetuadas a partir dos meios de divulgação científica como artigos, livros, entre outros.

Desta forma, a tese evidencia que a ciência enquanto um campo específico tem regras próprias e os elementos que constituem tal campo têm sido negligenciados nas pesquisas sobre epistemologia da ciência. Os saberes que se fazem no campo da Geografia, não são produzidos ao acaso, pela simples superação de teorias por meio da aceitação ou refutação no processo da experiência empírica. O campo se estrutura por relações cotidianas de poder em geometrias que tensionam sujeitos, capacidade de influenciar o campo e suas formas de experienciar o fazer científico. Ao longo da tese fica claro a necessidade de pensarmos em políticas públicas com o intuito de proporcionar não somente ao espaço acadêmico, mas para a sociedade em que vivemos um processo de equidade entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Isabel Margarida. " O gênero em Geografia. Introdução de um novo tema". **FINISTERRA**. Lisboa, n. XXV, p. 331-348, 1990.

ARAUJO, Lucélia Costa; CUNHA, Renata Cristina da. Os Homens Na Docência e a feminização Do Magistério. In: **EDUCERE XI Congresso Nacional de Educação**. Curitiba, Paraná; setembro 2013, p. 11245-11258

ARENDT, Hanna. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo, posfácio: Celso Lafer. 10 ED. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 353p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.

BARNETT, Clive. Awakening the dead: who needs the history of geography? **Transaction of the Institute of British Geographers**, v.20, n.4, p.417-419, 1995

BELL, David. **O que foi terá sido: A Geografia a partir do queer**. In: SILVA, J. M.; SILVA, A. C. P. da. Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 201-214.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Tradução de Ricardo A. Rosenbusch. Editora Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 2013 (Coleção Antropologia), 306 p.

BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **INTERFACES**, ano 3, nº 5, jan/jun 2001, p.240-265

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 4ed

BOURDIEU, Pierre. **A gênese dos conceitos de habitus e campo** In: BOURDIEU, P. Poder simbólico. Portugal/Brasil: Difel/Bertrand, 1989

BRUSCHINI, Cristina; LOMARBARDI, Maria Rosa. A Bipolaridade Do Trabalho Feminino No Brasil Contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**. n. 110, p. 67-104, jul/2000.

BUTLER, Judith. **El género em disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Barcelona: Paidós, 2007.

BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CARLINDO, Eva Poliana. Trajetória de vida, formação profissional e atuação docente: referências significativas para se compreender a estrutura do habitus profissional de professoras atuantes em uma escola municipal do interior

paulista. In: **EDUCERE XII Congresso Nacional de Educação**. Curitiba, Paraná; agosto 2017, p. 10867-10880

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **O que é gênero? O que é educação? O que é ciência?** In: MACHADO, Charliton José dos Santos. Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

CAVACO, Maria, Helena. **Ofício do professor: o tempo e as mudanças**. In: NÓVOA, Antonio. (Org.). Profissão professor, 2. ed. Porto Editora, 1999, p. 155-191

CESAR. Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **'Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013'**. 2015. 138f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território), Programa de Pós-Graduação em Gestão do Território. UEPG, Ponta Grossa-PR.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito-chave da Geografia**. In: Org. Castro, Iná Elias. Gomes, Paulo Cesar; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Conceitos e Temas. 2ª Ed – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

COSTA, Maria Conceição. "Ainda somos poucas: Exclusão e invisibilidade na ciência". **Cadernos Pagu**, n.27, p. 445-459, jul-dez 2006.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. "Se a CAPES somos nós, quem somos nós? A pós-graduação brasileira em busca de uma identidade". **Grupo de Geografia Urbana Crítica Radical (USP)**, s/n, p 1-13, abril 2012.

D'AMORIM, Maria Alice. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas em Psicologia**, v.5, n. 3. Riberão Preto, dez, 1997. p. 121-134

DAVIES, Karen. **Responsibility and daily life: reflection over timespace**. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel (Orgs.) TimeSpace: geographies of temporality. Nova York: Routledge, 2003.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989, p.16 - 40.

EUROPEAN COMISSION. **Meta-analysis of gender and Science research: synthesis report**. Luxemburg: Publications Office of the European Union, 2012

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Lisboa: Ulmeiro, 1968.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**; tradução de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Editora F. Alves, 1977, p. 488.

FILGUEIRAS, Marcos Ribeiro. **O enfraquecimento da figura pai após o declínio do patriarcalismo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade, UCSAL, Salvador - BA .

FINO, Carlos Nogueira. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais.** In Christine Escallier e Nelson Veríssimo (Org.) Educação e cultura (pp. 43-53). Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 1996

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências. Introdução à filosofia e à ética das ciências.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, p. 319 .

FRAISSE, Geneviève. Entre Igualdade e liberdade. **Estudos Feministas**, 3, 164-171, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** 22ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1983.

GARCIA RAMON, Maria Dolors. **Geometrias Asimétricas del poder en Geografía Feminista: Cuestionando la hegemonia anglosajona.** In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro (Orgs). Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras. Ponta Grossa, Todapalavra, 2011, 265p.

GARCIA RAMON, Maria Dolors; ORTIZ, Anna e PUJOL, Hermínia. **Universidade e gênero na Espanha: trajetórias acadêmicas de docentes na geografia.** In: SILVA, Joseli Maria, ORNAT, Marcio Jose, CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.p.43-63.

GOMES DA SILVA, Sergio. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: Ciência e Profissão.** v.20, n.3. Brasília, set/2000.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cardernos Pagu**, s/v. n.5, p. 7-41, 1995.

HIDALGO, Encarna. JULIANO, Dolores; ROSET, Montserrat; CABA, Àngels. **Repensar la enseñanza de la geografía y la historia: una mirada desde el género.** Barcelona, 2003.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática libertadora.

JACOB, Margaret. **The Cultural Meaning of the Scientific Revolution.** Philadelphia: Temple University Press, 1988.

LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: saberes coloniais eurocêtricos. In: A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, Argentina, Colección Sur Sur, 2005. p. 8-23.

LETA, Jacqueline. " As mulheres na ciência brasileira : crescimentos, contraste e um perfil de sucesso. **Estudos Avançado**, v.17, n. 49, p. 271-284, set 2003.

LOPES, Maria Margaret e COSTA, Maria, Conceição. **Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na História das Ciências**. In: QUARTIM DE MORAES, Maria Lygia. (org.) *Gênero nas fronteiras do Sul*. Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - PAGU/Unicamp, Coleção Encontros, 2005.

LOPES, Maria Margaret. Gênero e ciências no país: exceções à regra? **Com Ciência**, n. 50. Dez/Jan 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/mulheres/01.shtml>> Acesso em: dez de 2018.

LOPES, Maria Margaret. "Aventureiras" nas ciências: Refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos PAGU**. v. 10, p.345 - 368, s/d 1998.

LOPES, Maria Margaret; SOUZA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moreira de Oliveira. " A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: A exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976). **Revista Gênero**.v.5, p.97-109. 2 sem 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LÖWY, Ilana. Universalidade da ciência e conhecimentos "situados". **Cadernos PAGU** (Dossiê Gênero na História das Ciências), v.15, 2000, p.15-38.

LUNET, Nuno; SEVERO, Milton; BARROS, Henrique. Desvio Padrão ou Erro Padrão. **Revista Arquivos de medicina**, v. 20, nº1/2, 2006, p.55-59.

MADGE, Clare; BEE, Anna. Women, Science and identity: interviews with female physical geographers. **AREA**, 31, 4, 1999, p. 335-348.

MALINIAK, Daniel; POWERS, Ryan; WALTER, Barbara F. The Gender Citation Gap in International Relations. **International Organization**. p. 1-34, 2013.

MARQUES, Fabrício. Limites na diferença. **Revista Pesquisa FAPESP**. Ed.196, junho, 2012.

MARQUES, Fabrício. Os limites do índice-h: supervalorização do indicador que combina quantidade e qualidade da produção científica gera controvérsias. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, nº207, 2013.

MARQUEZ, Allan Cancian; et al. **Apostila Gephi**: Um software open source de manipulação e visualização de grafos. LABIC, s/d, 14p. Disponível em: <[http://www.academia.edu/34568301/Apostila Gephi Um software open source de manipula%C3%A7%C3%A3o e visualiza%C3%A7%C3%A3o de grafos](http://www.academia.edu/34568301/Apostila_Gephi_Um_software_open_source_de_manipula%C3%A7%C3%A3o_e_visualiza%C3%A7%C3%A3o_de_grafos)> Acesso em 05 de dezembro de 2018.

MARTINS SUAREZ, Fernanda Chiozzini. **Assimetria de gênero na academia: a carreira profissional e a vida doméstica de docentes e pesquisadores das Ciências Exatas**. 2016, 101p. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica), Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica. UFV, Viçosa-MG.

MARTINS SUAREZ, Fernanda Chiozzini; PEREIRA, Rita de Cássia; FIUZA, Ana Louise Carvalho. Assimetria De Gênero Na Academia: Uma Abordagem Da Inter-Relação Entre A Carreira Profissional E A Vida Doméstica De Docentes E Pesquisadores De Ensino Superior. In: **Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e relações de gênero**. 19º REDOR, Aracaju. ANAIS (Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e relações de gênero). Aracaju, UFS. 2016. p.3746-3759.

MASSEY, Dorren. **Um sentido global de lugar**. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). O espaço da diferença. SP: Papirus, 2000, pp. 176-185

MASSEY, Doreen. Masculinity, dualisms and high technology. **Royal Geographical Society** v.20, n.4, p.487-499, 1995

MASSEY, Dorren B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

McDOWELL, Linda. **Gender, idetity and place: understanding feminist geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

McDOWELL, Linda; PEAKE, Linda. Women in British geography revisited: or the same old story. **Journal of Geography in Higher Education**, v.14, n.1, p.19, 1990.

MEDINA FILHO, Antônio Luiz de. Importância Das Imagens Na Metodologia De Pesquisa Em Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, v.25, n.2, 2013. p. 263-271

MEJÍA, Norma. **Transgenerismo. Una experiencia transexual desde la perspectiva antropológica**. Edicions bellaterra SGU. Ebook. Disponível em: <<https://asturiesdixebra.files.wordpress.com/2015/08/norma-mejia-transgenerismos-una-experiencia-transexual-desde-la-perspectiva-antropologica.pdf>>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

MESQUITA FILHO, Marcos; EUFRÁSIO, Cremilda; BATISTA, Marcos Antônio. Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n.3. p 554-567, 2011.

MESTRE, Marilza Bertassoni Alvez. **Mulheres do século XX: Memórias de Trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)**. 2004. 224f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, Curitiba - PR.

MIGNOLO, Walter. "Os esplendores e as misérias da "ciência: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistêmica."

In: SANTOS, Boaventura de Souza. *Conhecimento prudente para uma vida descecente*. São Paulo: Cortez, 2004. p 668 – 709

MONK, Janice. **Colocando gênero na geografia: política e prioridades**. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. *Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. p. 87-104.

MONK, Janice; HANSON, Susan. **On Not Excluding Half of the Human in Human Geography**. *The Professional Geographer*, n.34, n.1, p.11-23, 1982

MORAES, Marcos; FURTADO, Renata Lira; TOMAÉL, Maria Inês. *Redes de Citação: estudo de rede de pesquisadores a partir da competência em informação*. **Em Questão**, Porto Alegre, v.21, n.2, p.181-202, mai/ago 2015.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 82 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Portugal, Europa-América, 1996

MUGNAINI, Rogério; JANNUZZI, Paulo Martino.; QUONIAM, Luc. "Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: uma análise a partir da base Pascal". **Ciência da Informação**. Brasília, v. 33, n. 2, ago. 2004.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. *Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política*. **Psicologia em Estudo**, vol 11, nº 3, p. 647-654, set/dez 2006.

NÓVOA, Antônio. *Os professores e as histórias de vida*. In: _____. *Vidas de professores*, 2 ed. Porto: Porto Editora, 2000, p. 11-30

OLINTO, Gilda. *A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil*. **Inclusão Social**. Brasília, v.5, n.1, p. 68-77, jul/dez. 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto Formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

PATEMAN, Carole. **O contrato Sexual**; Tradução Marta Avancini – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PAZELLO, Elaine Toldo. FERNANDES, Reynaldo. *A maternidade e a mulher no mercado de trabalho: diferença entre comportamentos entre mulheres que têm e mulheres que não têm filhos*. **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA**, v. 31, 2004

PINTO, Vagner André Moraes. **Gênero e vivência cotidiana na instituição do espaço da produção científica geográfica paranaense**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Gestão do Território. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. **As Fronteiras: lugares móveis, de deslocamento dos sujeitos diferenciados. Rompendo os limites, buscando o não hegemônico.** In: PELÚCIO, Larissa. et al. Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, 184p.

PRZYBYSZ, Juliana. **Articulando os espaços público e privado: transformações das espacialidades vividas por mulheres responsáveis pelo domicílio, após a dissolução conjugal na cidade de Ponta Grossa - Paraná.** 2011. 184 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Mestrado em Gestão do Território. UEPG, Ponta Grossa-PR

PRZYBYSZ, Juliana. **Nem santas nem putas, apenas mulheres: espacialidades de mulheres prostitutas de baixa renda no exercício de maternagens em Ponta Grossa – PR.** 2017. 363f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa.

PUJOL, Hermínia; GARCIA RAMON, Maria Dolors; ORTIZ, Anna. El Profesorado Universitario de Geografía en España Y Sus Trayectorias Profesionales: Una Mirada de Género. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles.** nº 59, p. 323-344, 2012

PUJOL, Hermínia; ORTIZ, Anna; GARCIA RAMON, Maria Dolors. La Presencia y La Carrera Profesional de Las Mujeres en La Geografía Académica. Estudio de Las Peculiaridades Del Caso Español. **Estudios Socioterritoriales Revista de Geografía.** nº 7, p. 136 - 159, 2007/2008

RAGO, Magareth. Descobrimos historicamente o Gênero. **Cadernos PAGU.** Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-PAGU/Unicamp, n.11, p. 89-98, 1998.

RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira. **Afinal, para que educar o Emílio e a Sofia? Rousseau e a formação dos indivíduos.** 2007. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. UFBA, Salvador-BA.

ROSE, Gillian. Progress in geography and gender - or something else. **Progress in Human Geography**, v.17, n.4, p. 531-537, 1993a.

ROSE, Gillian. **Feminism & Geography:** the limits of geographical knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993b.

ROSE, Gillian. Situating knowledges: positionality, reflexities and other tactics. **Progress in Human Geography**, v. 21, p. 305-320, 1997.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies:** an Introduction to the Interpretation of visual materials. London: SAGE, 2007. 287p.

ROSSI, Rodrigo. **Espacialidade carcerária e a instituição de masculinidades entre homens e jovens egressos em Ponta Grossa, Paraná.** 2017. 381f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa.

SCHERRE, Paula Pereira. E quando pesquisador e pesquisados são a mesma pessoa? Reflexões epistemo-metodológicas à luz da complexidade e da transdisciplinaridade. **Revista Terceiro Incluído: Transdisciplinaridade e Temas Contemporâneos**, v.5, n.1 Jan/Jun, 2015, p-263-286.

SHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência ?** Londa Schiebinger ;tradução de Raul Fiker. Bauru. SP: EDUSC, 2001.384 p.

SILVA, Edson Armando & SILVA, Joseli Maria. Ofício, Engenho e Arte: Inspiração e Técnica na Análise de Dados Qualitativos. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 132 - 154, jan. / jul. 2016.

SILVA, Joseli Maria Silva. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista ao discurso geográfico brasileiro. In: SILVA, Joseli Maria: **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009a, p.25-54.

SILVA, Joseli Maria Silva. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista ao discurso geográfico brasileiro. In: SILVA, Joseli Maria: **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009b, p.55-92.

SILVA, Joseli Maria. RESENHA: Visual methodologies. An Introduction to the Interpretation of visual materials. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa, v.3, n.2, p.179-180. Ago/dez, 2012

SILVA, Joseli Maria.; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; PINTO, Vagner Andre Moraes. Gênero e Geografia brasileira: uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber. **Revista da Anpege**, v. 11, n.15, p. 185-200, 2015

SILVA, Joseli Maria; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista; PERACETTA FILHO, Emilson; ROSSI, Rodrigo. "Geografia e Gênero no Brasil: Uma análise da feminização do campo científico". **Ateliê Geográfico**, v.3, n.2, p. 38-62, 2009.

SILVA, Joseli Maria; NABOZNY, Almir ; ORNAT, Marcio Jose. " A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas". **Abordagens Geográficas**, v.1, n.1, p.23-41, out-nov 2010.

SOARES, Thereza Amélia. Mulheres em Ciência e Tecnologia: Ascensão Limitada. **Química Nova**, vol 24, nº2, p. 281-281, 2001.

SORJ, Bila. **O estigma das feministas**. Disponível em: < http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/o_estigma_das_feministas.pdf>. Acesso em 05 de dezembro de 2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula; ARRISCADO, João Nunes João. "Introdução: para ampliar o cânone da ciência – a diversidade epistemológica do mundo. In SOUSA SANTOS, Boaventura (org.). **Semear outras soluções: Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

TOSTE, Verônica; CÂNDIDO, Márcia Rangel. A voz das ciências sociais é masculina?. **Revista Escuta**, 2016. Disponível em: <https://revistaescuta.wordpress.com/2016/03/24/a-voz-das-ciencias-sociais-e-masculina/> Acesso em 20 de Janeiro de 2019

VASCONCELLOS, Elza da Costa Cruz. BRISOLLA, Sandra Negraes. Presença feminina no estudo e no trabalho da ciência na Unicamp. **Cadernos Pagu**. n. 32, janeiro-junho de 2009:215-26

VELHO, Léa. LÉON, Elena. A Construção Social da Produção Científica por Mulheres. **Cadernos Pagu**. nº 10, p.309-344, 1998

VELHO, Léa. Prefácio. In: SANTOS, Lucy Woellner dos; ICHIKAWA, Elisa Yoshie; CARGANO, Doralice de Fatima (Org). **CIENCIA, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento**. Londrina: IAPAR, 2006. p.284.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, v.17/18. p. 81-103. 2001/2002

WILSHIRE, Donna. Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento. In: **Gênero, corpo, conhecimento**. Org: Alison M. Jaggar, Susan R. Bordo [editoras]; tradução de Brítta Lemos de Freitas. - Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. (Coleção Gênero; 1)

YURKIEWICZ, Ilana. Study shows gender bias in Science is real. Here's why it matters. Set, 2012. Disponível em < <https://blogs.scientificamerican.com/unofficial-prognosis/study-shows-gender-bias-in-science-is-real-heres-why-it-matters/>> Acesso em 05 de dezembro de 2018

ZATZ, Mayana. Mulheres na Ciência: Os difíceis caminhos enfrentados pelas pesquisadoras em todo mundo. **Revista FAPESP**. Ed. 62, março, 2001.

**APÊNDICE A - TABELA DE AUTORES OBRAS E RESPECTIVA
FREQUÊNCIA**

Autores	Total de Obras (Frequência)
SANTOS, Milton	136
MOREIRA, Ruy	61
HARVEY David,	54
CLAVAL, Paul	42
MORAES, Antônio Carlos Robert de	41
GOMES , Paulo Cesar da Costa	38
CAPEL, Horácio	31
CASTRO, Iná Elias de.	29
CORRÊA Roberto Lobato	28
ANDRADE. Manoel Correia de.	27
CHRISTOFOLETTI, Antonio	27
SOJA, Edward W.	25
LACOSTE,Yves	23
MENDONÇA FRANCISCO DE ASSIS	22
MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo	22
SPOSITO, Eliseu Savério.	22
HAESBAERT, Rogério	21
MORIN , EDGAR	19
SILVA, José Borzacchiello da	19
LEFEBVRE, Henri	18
AMORIM FILHO , Oswaldo, Bueno.	16
HARTSHORNE, Richard	16
QUAINI, MASSIMO	16
LENCIONI , Sandra	15
MASSEY, Doreen	15
KANT, Immanuel.	13
TUAN, Yi-Fu	13
RAFFESTIN, Claude,	12
CARLOS, Ana Fani Alessandri.	11

VITTE, Antonio, Carlos.	11
GEORGE, Pierre	10
HUMBOLDT, Alexander von.	10
JOHNSTON, Ron. J.	10
POPPER, Karl.	9
SILVA, Armando, Corrêa da.	9
BECKER, Bertha K.	8
CHORLEY, Richard. J.	8
GREGORY, Derek.;	8
GREGORY, K. J.	8
KUHN, Thomas	8
BACHELARD, Gaston	7
BAILLY, Antoine et al.	7
BERTRAND, Georges.	7
HABERMAS, Jürgen.	7
ROSSI, Paolo.	7
SANTOS, Boaventura de Sousa.	7
SMITH, Neil,	7
FEYERABEND, Paul.	6
FOUCAULT, Michel.	6
GOMES, Horieste.	6
IANNI, Octávio	6
SUERTEGARAY, Dirce. Maria Antunes.	6
BAUMAN, Zygmunt.	5
BENKO, G.	5
CAPRA, Fritjof	5
GERARDI , Lucia Helena. DE O	5
GIDDENS, Anthony.	5
MENDONZA, Josefina Gómes.	5
RATZEL, Friedrich	5

SANTOS, Douglas.	5
SOUZA, Maria Adélia A.	5
BERMAN, Marshall.	4
CHAUÍ, Marilena	4
DAVID, Harvey.	4
DOLFFUS, Olivier	4
ISNARD, Hildebert	4
KOYRÉ ,Alexandre.	4
LA BLACHE, Paul Vidal de.	4
MACHADO, Lia Osorio	4
PRIGOGINE, Ilya.	4
RELPH, Edward C.	4
ROSENDAHL, ZENY	4
SCHAEFER, Fred K.	4
SILVA, Lenyra Rique da.	4
SOTCHAVA, V. B	4
SOUZA, Marcelo Lopes de,	4
TRICART, Jean.	4
WEBER, Max.	4
ABBAGNANO, Nicola.	3
BACON, Francis	3
BEISER, Frederick C.	3
BERDOULAY, Vicent.	3
BERNARDES, Nilo	3
BOURDIEU, Pierre.	3
BRANDÃO, Carlos Rodrigues	3
CASTELLS, Manuel.	3
CERTEAU, Michel de	3
CHALMERS, Alan. F.	3
COSTA, Wanderley Messias da	3

DARDEL, Eric.	3
DESCARTES. René.	3
DIAS, Leila Christina	3
DOSSE, François	3
ESCOLAR, Marcelo	3
FRÉMONT, Armand.	3
GÓMEZ MENDOZA, J	3
GONÇALVES, Carlos Walter Porto.	3
GOTTDIENER, Mark.	3
HEGEL, George Frederico.	3
HEIDEGGER, M.	3
HOLT-JENSEN, Arild.	3
JAMESON, Frederic.	3
LAKATOS, Eva Maria	3
LATOUR, Bruno.	3
LUKÁCS, G.	3
MARX, Karl.	3
NAGEL, Ernest.	3
OLIVEIRA, Paulo de S.	3
PHILLIPS, Jonathan. D.	3
SCHELLING, Friedich.	3
SEVERINO Antonio Joaquim.	3
SILVEIRA, Maria Laura.	3
SODRÉ, Nelson W.	3
SORRE, Max.	3
SPIX, Johann Baptist von	3
VENTURI, L. A. B.	3
AB' SABER, A. N.	2
ABLER, Ronald.F. et al.	2
AMARAL PEREIRA, Raquel.M.P	2

ARANTES, Antônio A.	2
BALLESTEROS, Aurora Garcia	2
BECKER, Howard	2
BENOIT, Paul.	2
BERQUE, Augustin,	2
BESSE, Jean-Marc.	2
BETTANINI, Tonino	2
BLANC, Mafalda de Faria.	2
BOGDAM R	2
BRANCO, Samuel. M.	2
BUNGE, M.	2
BURTON, Ian.	2
CALVINO, Ítalo.	2
CASTRO, Josue de	2
COHEN, I. Bernard.	2
DANTAS, Aldo.	2
DARTIGUES, Andre.	2
DAVIS, William M.	2
DELPOUX, Marcel	2
DEMANGEON, Albert	2
DUARTE, Aluizio. C	2
DUTRA, Luiz. H. A.	2
EAGLETON, Terry.	2
ELIAS, Norbert.	2
FAISSOL, Speridião.	2
FAZENDA, Ivani Catarina. A.	2
FOUREZ, Gérard.	2
GEIGER, Pedro Pinchas.	2
GIL, Antonio Carlos.	2
GLACKEN, Clarence.	2

GLEIK, James.	2
GODOY, Paulo Roberto Teixeira de.	2
GOTTMANN, Jean.	2
GOULD, Peter.	2
GRIGORIEV, A. A.	2
GUATTARI, Felix	2
GUERASIMOV, I	2
HAGGETT, Peter.	2
HISSA, Cássio Eduardo Viana	2
HOBBSAWN, Eric. E	2
JAMES, P. E. All Possible Worlds.	2
KÖCHE, José Carlos.	2
KOHLER, H.C.	2
KURZ, Roberto	2
Leff. Henrique.	2
LEHFELD, Neide Aparecida de Souza.	2
LEVY, J.	2
LIBAULT, Andre.	2
LOWY, Michael.	2
M. W. Bauer	2
MAFFESOLI , Michel.	2
MAGEE , Bryan.	2
MARCONI, Marina de Andrade	2
MATHEWS, John	2
MATURANA , R. Humberto .	2
MEGALE, Januário Francisco.	2
MELLO, João Baptista Ferreira -	2
MESZAROS, Istvan.	2
MORAN, Emilio	2
NORRIS, Christopher.	2

PEET, Richard.	2
PIMENTA, José R. SARMENTO.	2
PONTES, Beatriz. S.	2
RANGLES, W. G. L.	2
RANDOLPH, R.	2
RAY, Christopher.	2
Réeclus, Elisée	2
REGO , Nelson.	2
RHOADS, B. L.;	2
RIBAS, Alexandre D	2
RIBEIRO, Guilherme	2
RIO, Vicente Del	2
RODRIGUES, Cleide	2
SACK, Robert. D.	2
SALGUEIRO, Heliana Angotti	2
SANJAUME, Maria Sala.	2
SANTOS, Antonio Raimundo dos.	2
SANTOS, Carlos.	2
SAQUET, Marco Aurélio.	2
SARTRE, Jean-Paul.	2
SENDRA, Joaquin. B..	2
SERRES, Michel	2
SILVA, Aldo A. Dantas da Silva	2
THIOLLENT, Michel	2
TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo.	2
VALCARCEL, José Ortega.	2
ACSERALD, Henri,	1
ADUKIEWICZ, Kazimierz.	1
ALDER, Ken.	1
ALENTEJANO, P, R, R;	1

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria.	1
ALMEIDA, Maria Lúcia Pacheco de.	1
ALONSO, Juan J. G	1
ALTHUSSER, Louis.	1
ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith;	1
ANDRADE, Maria Margarida.	1
ANDRÉ, Marli.	1
ARRAULT, Jean-Baptiste.	1
ASTI, V.	1
ATLAN, Henri .	1
AUGÉ, Marc.	1
AUJAC, Germaine, Claude	1
AYMORD, M. Espaços.	1
AZEVEDO, Aroldo de	1
AZEVEDO, Israel Belo de.	1
BAGNASCO, Arnaldo.	1
BAGU, Sergio	1
BAILEY, C., WHITE, C. PAIN, R.	1
BAKHTIN, Mikhail.	1
BALBIM, R. N.	1
BARNES, T. J.	1
BASSAND, Michel	1
BASSIN, Marc.	1
BASTOS, C. L.;	1
BAUAB, F. P..	1
BAUER, Martin. W;	1
BAULIG, Henri	1
BECK, Hanno.	1
BEGOSSI, A .	1
BELAVAL, Y.	1

BERGE, S., MILZA, P.	1
BERNARDES, Antonio.	1
BERTALLANFY, L. von.	1
BESSA, Kelly. C.	1
BHASKAR, Roy.	1
BIOLAT, G.	1
BIRD, James	1
BOLLE, Willi	1
BOLÓS, Maria.	1
BORGES, Jorge L.	1
BORGES, Wilson Hilário.	1
BORHEIM In: GUINSBURG, J	1
BOSERUP, Ester .	1
BOTTING, Douglas.	1
BOTTOMORE, Tom (	1
BOUDEVILLE, Jacques-R.	1
BOWEN, Margarita.	1
BRANDÃO, Maria.	1
BRAUDEL, Fernand.	1
BRAUN, Eliezer.	1
BRAY, S.C.	1
BREITBACH, Aureá. C. M.	1
BRESSON, Jean-Louis	1
BRUNHES, J.	1
BRUNSDEN, D. & THORNES, J. B.	1
BRUYNE, Paul. de.	1
BULCÃO, Marly.	1
BUNKSÉ, Edmunds V.	1
BURCKHARDT, Jacob	1
BURTT, Edwin. A.	1

BUSAI, D. G.	1
CALLAI, Helena. C.;	1
CAMARGO, José Carlos G.	1
CAMPANS, Rose,	1
CARDOSO, R.	1
CARMO-NETO, D.	1
CARNEIRO, E.	1
CARVALHO, Alex M.	1
CARVALHO, Marcos B. de.	1
CARVALHO, Maria Cecília	1
CASINI, Paolo.	1
CASO, Maria Victoria;	1
CASSETTI, Valter	1
CASSIRER, Ernest.	1
CASTAÑON, Gustavo	1
CASTELLAR, Sonia	1
CASTRILLÓN, Alberto.	1
CAUQUELIN, Anne	1
CAVAILLÉ, Jean-Pierre.	1
CERRONI, U.	1
CERVO, Amado L.;	1
CHAEFER, F.	1
CHEPTULIN, Alexandre.	1
CHESNAIS, François.	1
CHIZZOTTI, A.	1
CHOAY, Françoise	1
CHORLEY, R. J.	1
CHOSSUDOVSKY, Michel.	1
CLAUDON Francis	1
CLOKE, P., PHILO,	1

COATES, D. R.	1
CODELLO, Francesco.	1
COLOMBO, Cristóvão. Trad. Milton Person	1
CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz.	1
CONNOR, Steven	1
CONTANDRIOPOULOS, André-Pierre et al.	1
COPÉRNICO, Nicolau. .	1
COSGROVE, Dennis.	1
COSTA, Marisa. V.	1
COUTINHO, Carlos Nelson.	1
CRAIA, Eladio. C. P	1
CRESWELL, Tim.	1
DAMIANI, Amelia Luisa.	1
DEBUS, Allen G.	1
DECLEVE, Bernard Habiter le Changement.	1
DEL RIO, Vicente.	1
DEMATTEIS, Giuseppe.	1
DENEUX, J-F.	1
DENIS, P. Y.	1
DERRUAU, M.	1
DICKENSON, J.P.; AMORIM FILHO, O.B.	1
DIDEROT, Denis.	1
DINIZ Filho, Luis Lopes.	1
DINIZ, José. A. F	1
DOBBS, B.J.T.	1
DOMINGUES, Ivan	1
DOUGLAS, I.	1
DRESCH, Jean.	1
DROUIN, JEAN - MARC .	1
DUARTE, Andre.	1

DURAND, Marie-Françoise	1
DURKHEIM, E.	1
DUTRA JUNIOR, Wagnerwalter.	1
DUTRA, Manuel.	1
ECO, Umberto.	1
Edwin BURTT	1
EGLER, C.	1
EHART, H.	1
ELLUL, Jacques.	1
ENTRIKIN, J. Nicholas.	1
ERHART, Henri	1
ETZIONI, Amitai	1
EVANGELISTA, Helio de Araujo	1
FACHIN, Odília.	1
FAUSTO, Ruy.	1
FEARNSIDE, Philip.	1
FEBVRE, Lucien	1
FERREIRA, Conceição Coelho	1
FERREIRA, Vanderlei. O.	1
FERRETTI, Federico. “	1
FERRY, Luc	1
FIGUEIRÓ, Adriano. S.	1
FLICKINGER , Hans.	1
FRAASSEN, Bas C. van.	1
FRANCIOTTI, Marco Antonio.	1
FREITAG, Barbara ,	1
FREITAS, Inês a. de.	1
FRIEDMANN, Georges.	1
GALEANO , Eduardo	1
GALENO, Alex e SILVA, A. Dantas da	1

GALILEU.	1
GARCIA BALLESTEROS, Aurora	1
GARCIA RAMON, Maria .Dolors.	1
GARCIA, Francisco L.	1
GARFINKEL, Harold.	1
GARIN, Eugenio.	1
GAYET, Mireille.	1
GEERTZ, Clifford..	1
Gerd BORNHEIM	1
GEWANDSZNADJER, Fernando .	1
GIANSANTI, Roberto; OLIVA, Jaime.	1
GILES, Thomas Ransom.	1
GLASSOW, M. A .	1
GODLEWSKA, Anne, SMITH, Neil	1
GOETHE, J.W. von.	1
GOLDMANN,Lucien.	1
GOLDSTEIN, Lea; SEABRA, M.	1
GOMES, Alberto Luiz.	1
GOODCHILD, Michel. F., JANELLE, D. G.	1
GOODE, W. & HATT, P.K.	1
GOODEY B, GOLD, J.	1
GOUDIE, Andrew S.	1
GRANGER, Gilles. Gaston	1
GRAS, Alain.	1
GRECO, John e SOSA, Ernest.	1
GRUNER, Eduardo.	1
GUERRA, J. T..	1
HANNERZ, Ulf	1
HARVEY HEISENBERG, W.	1
HAWKING, S.; MLODINOW, L.	1

HECHT, S.A .	1
HEFFERNAN, Margaret	1
HEIDRICH , À. L .	1
HEINE, Heinrich.	1
HELFERICH, Gerard.	1
HENRIQUES, Fernanda.	1
HENRY, John.	1
HEPPLE, L. W.	1
HETTNER, Alfred.	1
HIERNAUX, Daniel.	1
HOLLOWAY, Sarah.L.	1
HOLZER, Werther.	1
HORGAN, J.	1
HUGGETT, R. J.	1
HULL, Lewis.W.H.	1
HUME, David.	1
HUSSERL, Edmund	1
INÁCIO FILHO, Geraldo.	1
INKPEN, Robert	1
INWOOD, Brad.	1
ISKANDAR, Laila.	1
JAPIASSU, Hilton.	1
JODELET, Denise	1
JOY, Lynn Sumida.	1
JUNIOR, Ricardo M. Antas.	1
KAISER, B.	1
KERN, Sthephen.	1
KIMBLE, G. H. T.	1
KLINK, Hans J	1
KONDER, Leandro.	1

KOSIK, Karel.	1
KROPOTKIN, Piotr.	1
KWAN, Mei Po	1
LABASE, Jean La	1
LAGE, Creuza S.	1
LAKATOS, Imre.	1
LANE, Stuart. N.	1
LAPLANTINE, Francois.	1
LAVILLE, Christian., DIONNE, J.	1
LAVINAS, Lena.	1
LE GOFF.	1
LEITE, Maria. F. P.	1
LEMENHE, Maria Auxiliadora	1
LENOBLE, Robert.	1
LÉVINAS, Emmanuel.	1
LEWIN, R.	1
LIMA, M. J. A .	1
LINDGERG, David.	1
LIPIETZ, Alain.	1
LLOYD, Chistopher.	1
LOCKE, John.	1
LODI, João B.	1
LOJKINE, Jean.	1
LORENZ, Edward.	1
LOWENTAL, David.	1
LUDKE, Menga.	1
LUNA, Sergio V.	1
LUNGARZO, Carlos.	1
LUZ, Madel T.	1
MACHADO, Paulo.A .	1

MAGUIRE, D. J.;	1
MANÇANO, Bernardo.	1
MARCEL, Odile	1
Marcos Bernardino de Carvalho	1
MARÍ, Antoni.	1
MARIANO NETO, Berlamino	1
MARIANTONIO, Antonio T. et al.	1
MARLEAU-PONTY, Maurice	1
MARTINS, E. R.	1
MARTINS, Gilberto de Andrade.	1
MAY, J. A.	1
MAY, Todd	1
MELLO E SILVA, Silvio Carlos Bandeira de.	1
MENEZES, Sócrates Oliveira.	1
MERLEAU-PONTY, Maurice	1
MESQUITA, Zilá.	1
MEUBURGER, Peter	1
MEYER-ABICH, Adolf.	1
MIGNOLO, Walter D.	1
MILL, Stuart.	1
MILLS c. Wright.	1
MILTON, Kay.	1
MINGUET In: HUMBOLDT.	1
MINGUET, Charles.	1
MONTEL, G. Z.	1
MOREIRA, Alberto.	1
MORESCHINI, Claudio.	1
MORO, Dalton.A.	1
MOSCOVICI, Serge.	1
NAVEH, Z. & LIEBERMAN. A.	1

NETTO, João Paulo.	1
NEURATH, Otto.	1
NKPEN, Robert.	1
NOVIK. I.	1
NOVO, E. M.L. M.	1
NUNES, E.	1
NUNES, J. O. R.;	1
NURSKE, Ragnar.	1
OLIVEIRA Filho, José Jeremias de.	1
OLIVEIRA, Admardo S. de	1
OLIVEIRA, Francisco. de.	1
OLIVEIRA, Manfredo A. de	1
OLIVEIRA, Silvio.L..	1
OMNÈS, Roland.	1
ORLOVE, B.	1
ORTEGA V GASSET, José.	1
PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini.	1
PANKOV, Gisela.	1
Paolo CASINI	1
PARRA FILHO, Domingos.	1
PASSOS, Messias Modesto dos	1
PATTISON, William. D.	1
Paul Abrantes	1
PEDRUZZ, Alana das Neves;	1
PENCK, W.	1
PEREIRA, Raquel. M. F. do A.	1
PEREZ, Joaquím F.	1
PESSIS- PASTENAK , G .	1
PHILLIPS, B.S.	1
PIETTRE, Bernard.	1

PINCHEMEL, Philippe;	1
PINKARD, Terry.	1
PINTO, Álvaro.V.	1
PORTER, Roy	1
POWELL, R. C.	1
PRESTE, Philippe Lê.	1
PUEBLA, J. G. y GOULD, M.	1
PUENTE, Fernando Rey	1
QUINTAS , J. S.	1
RACINE, Jean B.; RAFFESTIN, C.; RUFFY, V.	1
REA, Louis M., PARKER, R. A.	1
REDCLIFT, M. & BENTON, T.	1
REY, Luís.	1
RIBEIRO , Wagner. Costa .	1
RIBEIRO, L. C. Q.	1
RICHARDS, Robert J.	1
RICHTA, Radovan.	1
RICOTTA, Lúcia.	1
RITTER, C.	1
ROCHEFORT, M.	1
RODRIGUES, Arlete. Moysés	1
RODRIGUES, Auro de Jesus.	1
ROGER , A.	1
ROHDE.G. M.	1
RONCAYOLO, M.	1
ROSS, Jurandyr L. Sanches.	1
ROUANET, S. P.	1
ROUÉ, Marie.	1
ROUSSEAU, Jean Jacques.	1
RUA João	1

RUDÉ, George.	1
RUIZ, João Álvaro.	1
RUPKE, Nicolaas A.	1
RUTHERFORD, Donald.	1
SAchs, Ignacy	1
SAINT-HILAIRE, Auguste de.	1
SAMPIERI, Roberto H.	1
SANT ANNA NETTO J. L	1
SANTOS, A.M.D dès.N dos.	1
SANTOS, Luis.H.S.	1
SAUER, Carl	1
SCARLATO, Francisco Capuano.	1
SCHAFF, Adam.	1
SCHAMA, Simon,	1
SEABRA, O.C.L.	1
SENE (de) E.	1
SERPA, Angelo.	1
SHAPIN, Steven e SCHAFFER, Simon.	1
SHARPE, Lesley.	1
SILVA, Sylvio. C. B. de M.	1
SILVEIRA, R. W. D.	1
SILVER, Bryan. L.	1
SIMONDON, Gilbert.	1
SINGARAVÉLOU, Pierre.	1
SOUZA, Mario.L.	1
SOUZA, Suzane Tosta.	1
SPOSATI, Aldaiza.	1
STADEN, Hans. Trad. Guiomar de Carvalho Franco.	1
STODDART, David. R.	1
STOREY, Willaim K.	1

STRAHLER, A. N.	1
STRECK Danilo. R.	1
TAAFFE, Edward	1
TATHAM, George.	1
TAYLOR, Peter. J.	1
THOMAS, Keith	1
THOMPSON, W. I.	1
THRIFT, N.	1
TONET, Ivo.	1
TROLL, Carl.	1
UNWIN, Tim.	1
VALE, Gláucia M. Vasconcellos.	1
VARGAS, Milton	1
VASCONCELOS, Pedro de Almeida e SILVA	1
VELTZ Pierre. (1999),	1
VESENTINI, José William.	1
VICENTE, Luiza. E., PEREZ FILHO, A.	1
VIEIRA PINTO, Álvaro.	1
VOLTAIRE (François-Marie Arouet).	1
WALDROP, M.M.	1
WARTOFSKY, Marx W.	1
WHITEHEAD, Alfred North.	1
WHITTLESEY, Derwent	1
YÁZIGI, Eduardo	1
Zárete Martín, Manuel Antônio.	1

Obs: As cores na tabela representam os níveis construídos pelo desvio padrão comentado no texto.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO ENTREVISTA

Gênero e trajetória científica de pessoas centrais na produção do conhecimento
geográfico brasileiro.

Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar

1- Dados da entrevista:

Data: Local: Entrevistador/a:

2- Identificação da pessoa:

Neste momento, qual a sensação em ser o fenômeno pesquisado e não o pesquisador?

Tempo na academia:

Titulação/ Local:

Ano de titulação:

Área atual de pesquisa (física/humana):

Idade:

Cônjuge: descrever o/a companheira (s): idade/formação/atuação

Filhos / Idade filhos/ sexo:

3- Histórico familiar e a relação com a geografia:

Condições familiares / ocupação / escolaridade pais:

Como foi o ingresso no ensino superior

Razões da escolha de Geografia

Falar da trajetória de formação em termos de dificuldades e facilidades (incentivo ou não dos pais/ suporte financeiro/ condições de gênero)

4- Formação e atuação científica:

Como foi o processo de pós-graduação mestrado / doutorado

Dificuldades e facilidades do fazer científico em relação à vida pessoal

Como conciliou as demandas de carreira científica e a família

Como as transformações do mundo acadêmico em termos de exigência de produtividade impacta no seu cotidiano/ saúde / relações pessoais / emoções

Avaliação sobre o seu gênero e a relação com a sua carreira científica (períodos da vida com maior ou menor produtividade/ razões)

5- Condições de produção científica e gênero

Com base nos gráficos apresentados sobre gênero e pósgraduação realize uma avaliação sobre os dados apresentados.

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que eu _____

concordei em conceder entrevista e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado “A Trajetória Científica dos Construtores do Pensamento Geográfico Brasileiro” desenvolvida sob a responsabilidade da pesquisadora Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Professora Doutora Joseli Maria Silva, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail joseli.genero@gmail.com. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender como o gênero compõe a trajetória científica de pessoas centrais na produção do conhecimento geográfico brasileiro.

Minha colaboração se fará de forma totalmente anônima, por meio de entrevista semiestruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e sua orientadora. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do (a) entrevistado (a): _____

Assinatura da doutoranda: _____

ANEXO C – 90 PERIÓDICOS *ON-LINE* PESQUISADOS – TRIÊNIO 2013-2015

Nome dos Periódicos <i>On-line</i>	Classificação Qualis-Capes. (Triênio 2013-2015)
1. GEOgraphia (UFF)	A1
2. Mercator	A1
3. Revista Brasileira de Geomorfologia	A1
4. Boletim Goiano de Geografia	A2
5. Cidades (Presidente Prudente)	A2
6. Confins (Franco-Brasileira)	A2
7. Geografia (Rio Claro)	A2
8. GEOSUL - UFSC	A2
9. GEOUSP	A2
10. Ra'e ga (UFPR)	A2
11. Revista da ANPEGE	A2
12. Sociedade & Natureza - UFU	A2
13. Terra Livre- AGB	A2
14. Ateliê Geográfico UFG	B1
15. Boletim de Geografia - UEM	B1
16. BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	B1
17. Boletim Paulista de Geografia	B1
18. Caderno Prudentino de Geografia	B1
19. Caminhos de Geografia (UFU)	B1
20. Campo - Território - UFU	B1
21. Espaço e Cultura (UERJ)	B1
22. Geotextos	B1
23. GEO UERJ	B1
24. Hygeia (UFU): Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde	B1
25. Revista Brasileira de Climatologia	B1
26. Revista do Departamento de Geografia (USP)	B1
27. Revista Formação (Presidente Prudente)	B1
28. Revista Nera	B1
29. Território – UFRJ	B1

30. ACTA GEOGRÁFICA	B2
31. Agrária - USP	B2
32. Caderno de Geografia PUC / MG	B2
33. Ciência Geográfica (AGB-Bauru)	B2
34. Climatologia e Estudos da Paisagem	B2
35. Estudos Geográficos (UNESP)	B2
36. Espaço e Geografia (UnB)	B2
37. Geografares	B2
38. Geografia (Londrina)	B2
39. Geografia Ensino & Pesquisa	B2
40. Geografias (UFMG)	B2
41. Revista Brasileira de Geografia Física	B2
42. Revista de Geografia (Recife)	B2
43. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero	B2
44. Revista Pegada	B2
45. Terr@ Plural – UEPG	B2
46. Geografar UFPR	B2
47. Brazilian Geographical Journal (FACIP/UFU/Ituiutaba)	B2
48. Abordagens Geográficas - PUC / RJ	B3
49. Boletim Campineiro de Geografia	B3
50. Espaço Plural	B3
51. Faz Ciência	B3
52. Geoambiente	B3
53. Geografia em Atos	B3
54. Geografia em Questão	B3
55. GeoNordeste	B3
56. GEOSABERES	B3
57. Okara: Geografia em Debate	B3
58. Revista Brasileira de Educação em Geografia	B3
59. Revista da Casa da Geografia de Sobral	B3
60. Revista de Ensino de Geografia	B3

61. Revista de Ensino de Geografia	B3
62. Revista de Geopolítica	B3
63. Revista Geográfica Acadêmica	B3
64. Revista Tamoios	B3
65. Sociedade e Território	B3
66. Terrae Didatica	B3
67. Cadernos do Logepa	B4
68. EntreLugar	B4
69. Espaço em Revista	B4
70. Expressões Geográficas	B4
71. Geoaraguaia	B4
72. Geograficidade	B4
73. Geoingá	B4
74. Geonorte	B4
75. Geo-Paisagem	B4
76. GEOPUC	B4
77. Geotemas	B4
78. Observatorium	B4
79. ParaOnde!?	B4
80. Revista de Geografia, Meio Ambiente e Ensino GEOMAE	B4
81. Revista de Geografia UFJF	B4
82. Revista Eletrônica da AGB Três Lagoas	B4
83. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território	B4
84. Revista Matogrossense	B4
85. Élisée	B5
86. Geoamazônia	B5
87. Geografando	B5
88. Geografia Econômica UFSC	B5
89. Geografia e Pesquisa UNESP	B5
90. Perspectiva Geográfica	B5

ANEXO D – PRINT DOS *ÍNDICE-H* DOS (AS) PESQUISADORES (AS)

author:"ALDO PAVIANI" X

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A%22ALDO+PAVIANI%22&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Apps | Entrada - tamiyape | WhatsApp | Ambiente Virtual de | cidades para que(m)? | Centro de Estudos de | teste refine dados a | Hélio Leites - YouTub | Outros favoritos

Web | Imagens | Mais... | tamioiveiracesar@gmail.com

Google | author:"ALDO PAVIANI"

Acadêmico | Aproximadamente 85 resultados (0,07 s) | Minhas citações 34

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [9] FFP Barreto N Campos, ...
- [2] A Paviani M Santos
- [3] FFP BARRETO ICB FERREIRA, ...
- [2] A Paviani N de Paula Pires

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

citação Brasília: a metrópole em crise; ensaios sobre urbanização
A Paviani - 1989 - Ed. Univ. de Brasília
Citado por 67 Artigos relacionados Citar Salvar

citação Brasília: ideologia e realidade: espaço urbano em questão
A Paviani - Brasília: ideologia e realidade: espaço urbano em ..., 1985 - bases bireme.br
Base de dados: REPIDISCA. Pesquisa: 121253 [Identificador único]. Referências encontradas: 1 [refinar]. Mostrando: 1... 1 no formato [Detalhado], página 1 de 1, 1 / 1, REPIDISCA, selecione para imprimir. Id: 121253. Autor: Paviani, A. Título: Brasília: ideologia e realidade: espaço urbano
Citado por 67 Artigos relacionados Todas as 2 versões Citar Salvar Mais

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	759	14	25	18	2	23
per co-authorship	705.7	14	24	17	2	4
per age	38.5	2	2	1	0.4	0.4

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface | Reset selections | Help Page | Donate

Windows | Digite aqui para pesquisar | POR PTB2 12/07/2017

author:"AMÉLIA LUISA DAMIANI" X

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A%22AMÉLIA+LUIZA+DAMIANI%22&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Apps | Entrada - tamiyape | WhatsApp | Ambiente Virtual de | cidades para que(m)? | Centro de Estudos de | teste refine dados a | Hélio Leites - YouTub | Outros favoritos

Web | Imagens | Mais... | tamioiveiracesar@gmail.com

Google | author:"AMÉLIA LUISA DAMIANI"

Acadêmico | Aproximadamente 57 resultados (0,06 s) | Minhas citações 34

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [15] A ALFREDO R BAITZ, ...
- [2] A Cidade AL DAMIANI
- [2] AL Damiani OC de Lima Seabra

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

citação População e geografia
AL Damiani - 1991 - Editora Contexto
Citado por 180 Artigos relacionados Citar Salvar

citação O lugar e a produção do cotidiano
AL Damiani - ... lugar, formação socioespacial mundo. São Paulo: ..., 1994
Citado por 97 Artigos relacionados Citar Salvar

citação A Geografia e a construção da cidadania
AL DAMIANI - CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Geografia na sala de ..., 1999

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	903	15	29	22	2	39
per co-authorship	845.3	15	28	21	4	36
per age	77.5	4	6	3	0.9	6.6

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface | Reset selections | Help Page | Donate

Windows | Digite aqui para pesquisar | POR PTB2 11:01 12/07/2017

author:"Ana Fani Alessan...

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3AAna+Fani+Alessandri+Carlos&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Apps WhatsApp Entrada - tanytape Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos de teste refine dados a

Web Imagens Mais... tamioiveiracesar@gmail.com

Google author:"Ana Fani Alessandri Carlos"

Acadêmico Aproximadamente 163 resultados (0,05 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[12] AFA CARLOS AFAFA Carlos, ...

[2] AFA Carlos AU de Oliveira

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	6154	29	>50	70	3	-
per co-authorship	5611.3	27	>50	67	2	-
per age	382.5	10	17	12	3.1	4.4

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"Ana Fani Alessandri Carlos"

Ana Fani Alessandri Carlos
Professora de Geografia, Universidade de São Paulo
E-mail confirmado em usp.br
Citado por 6352

lurov O lugar no/do mundo

AFA Carlos - 1996 - gsp.tifich.usp.br

SUMARIO Prefácio 11 Introdução 13 Definir o Lugar? 17 O lugar na "era das redes" 21 A guerra dos lugares 27 A natureza do espaço fragmentado 35 Os lugares de metrópole: a

[PDF] usp.br

Windows Digite aqui para pesquisar POR 10:45 12/07/2017

author:"antonio José tei...

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3Aantonio+josé+teixeira+guerra&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Apps WhatsApp Entrada - tanytape Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos de teste refine dados a Hélio Leites - YouTube

Web Imagens Mais... tamioiveiracesar@gmail.com

Google author:"Antonio José Teixeira Guerra"

Acadêmico Aproximadamente 133 resultados (0,04 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[31] FG ALMEIDA JR ALMEIDA, ...

[2] AJT Guerra AT Guerra

[2] AJT Guerra AC Vitte

[3] B Van Mele J Poessen, ...

[2] AJT Guerra MC Oliveira Jorge

[2] JFR Bezerra AJT Guerra

[2] SB CUNHA AJT GUERRA

Artigos

Minha biblioteca

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	2744	19	>50	46	6	-
per co-authorship	1803	15	42	37	1	57.8
per age	170.3	8	11	7	3.6	6.6

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[CITAÇÃO] Novo dicionário geológico-geomorfológico

AT Guerra AJT Guerra - 1997 - Bertrand Brasil
Citado por 453 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos

AJT Guerra - 1994 - Bertrand Brasil
Citado por 304 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Processos erosivos nas encostas

AJT Guerra - ... : uma atualização de bases e conceitos, 1998 - Bertrand Brasil Rio de Janeiro

Windows Digite aqui para pesquisar POR 11:24 12/07/2017

author:"antonio thomaz junior"

Acadêmico Aproximadamente 245 resultados (0,04 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [18] JRN AZEVEDO N Alves, ...
- [2] AT Domingues AT Junior

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	977	16	28	20	1	6
per co-authorship	872.2	16	27	19	5.5	36.5
per age	97	5	7	4	2.9	9.3

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para autor: "antonio thomaz junior"

Antonio Thomaz Junior
Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia, Universidade ...
E-mail confirmado em fct.unesp.br
Citado por 1570

[CITAÇÃO] Por trás dos canaviais, os nós da cana
ATHOMAZ JUNIOR - São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002
Citado por 108 Artigos relacionados Citar Salvar

author:"ARIOVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA"

Acadêmico Aproximadamente 106 resultados (0,04 s) Minhas citações 34

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [14] SHG Costa CS de Faria, ...
- [2] AB ARELLANO AU OLIVEIRA
- [2] AFA Carlos AU de Oliveira
- [2] AU de Oliveira F Portela

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	3524	23	>50	52	3	-
per co-authorship	3386.5	22	>50	51	1	-
per age	212.5	8	12	7	1	11

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[CITAÇÃO] Modo capitalista de produção e agricultura
AU de Oliveira - 1986 - Editora Atica
Citado por 344 Artigos relacionados Citar Salvar

[PDF] Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária
AU DE OLIVEIRA - 2007 - gesp.fliich.usp.br
Compreender a questão agrária sob o modo capitalista de produção sempre foi tarefa difícil e complicada. Não porque muitos autores não a tenham praticamente esgotada, mas porque os estudos mais trazem discordâncias do que convergência. Por isso, esta temática
Citado por 296 Artigos relacionados Todas as 9 versões Citar Salvar Mais

[PDF] usp.br

author:"Arlete Moyses Rodrigues"

Acadêmico Aproximadamente 81 resultados (0,07 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[3] AM RODRIGUES
AM Rodrigues, ...

[2] FCS CORDOVIL
AM RODRIGUES

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1370	17	36	29	3	36
per co-authorship	1363.5	17	36	29	3	41
per age	127.4	5	9	7	0.7	0.8

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[CITAÇÃO] Moradia nas cidades brasileiras
AM Rodrigues - 1988 - Editora Contexto
Citado por 417 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana
AM Rodrigues - 1996 - Hucitec
Citado por 257 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Desenvolvimento sustentável e atividade turística
AM Rodrigues - Olhares contemporâneos sobre o turismo. Orgs. 2000

author:"ARMEN MAMIGONIAN"

Acadêmico Aproximadamente 93 resultados (0,05 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[4] C ESPINDOLA
A MAMIGONIAN, ...

[2] AC Economica
A MAMIGONIAN

[2] JM BASTOS
A MAMIGONIAN

[3] MD Buss
EVV Machado, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	740	14	25	17	1	42
per co-authorship	711.7	14	24	16	1	17
per age	34.9	2	3	1	1.6	4.4

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"ARMEN MAMIGONIAN"

Armen Mamigonian
Professor de Geografia Econômica, Universidade de São Paulo
E-mail confirmado em usp.br
Citado por 714

[PDF] Estudo geográfico das indústrias de Blumenau
A Mamigonian - 1966 - geografiaeconomicaesocial.ufsc.br
O estado de Santa Catarina, como o Rio Grande do Sul e o Paraná, no Brasil meridional, é caracterizado por colonizações de pequenos agricultores alemães, italianos e poloneses

[PDF] ufsc.br

author:"bernardo mançano fernandes"

Acadêmico Aproximadamente 299 resultados (0,06 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [14] MG Arroyo AM Buainain, ...
- [2] BM Fernandes MIM Marques
- [1] B Mancano Ferna...
- [2] BM Fernandes CWP Gonçalves
- [3] BM Fernandes LS de Medeiros, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	5447	32	>50	63	1	-
per co-authorship	4698.2	31	>50	58	1	-
per age	476.9	12	20	14	3.4	31.2

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"bernardo mançano fernandes"

Bernardo Mançano Fernandes
Professor de Geografia, Universidade Estadual Paulista
E-mail confirmado em fct.unesp.br
Citado por 7946

[CITAÇÃO] A formação do MST no Brasil
BM Fernandes - 2000 - sidalc.net
SIDALC
Citado por 746 Artigos relacionados Citar Salvar Mais

author:"CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO"

Acadêmico Aproximadamente 87 resultados (0,06 s) Minhas citações 34

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [7] AD Clintica CAF MONTEIRO, ...
- [1] CA de Figueired...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em Português

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	2248	19	47	41	3	60
per co-authorship	2189	18	46	40	2	25
per age	97.8	4	8	6	1.8	5.3

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[CITAÇÃO] Teoria e clima urbano
CA de Figueiredo Monteiro - 1976 - ... de S [ão] Paulo, Instituto de ...
Citado por 554 Artigos relacionados Citar Salvar

Geossistemas: a história de uma procura
CAF Monteiro - GEOgraphia, 2009 - ufr.br
Difícil dizer neste livro se estamos diante de uma autobiografia acadêmica ou de um trabalho sobre o método da pesquisa em Geografia. Fácil é ver que Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro não é um de nossos maiores geógrafos por favor ou acaso. Síntese de
Citado por 329 Artigos relacionados Citar Salvar Mais

author:"FRANCISCO MEI" x

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?as_sdt=1.5&q=author:"FRANCISCO+MENDONÇA"&hl=pt-BR

Apps | Entrada - tamiyape | WhatsApp | Ambiente Virtual de | cidades para que(m)? | Centro de Estudos de | teste refine dados a | Hélio Leites - YouTub | Outros favoritos

Web | Imagens | Mais... | tamioiveiracesar@gmail.com

Google | CARLOS WALTER PORTO GONÇALVES

Acadêmico | Aproximadamente 331 resultados (0,09 s) | Minhas citações | 34

Redo the above query as: Quoted author name | Word matching

Co-authors clusters

- [28] TCM Araújo
A CASAGRANDE, ...
- [3] IM DANNIOLIVEIRA
IM DanniOliveira, ...
- [13] RC Alencar
AC Batista, ...
- [2] F Mendona
F Vanhoni
- [2] J Gossweller
FA Mendona
- [2] FA Mendona
A Veiga e Souza
- [3] CR Leites
ICC Rege, ...
- [3] MR Bueno
AA Carvalhosa, ...
- [3] NNM Cavalcante

Esperando pelo túnel de proxy... | tar | Salvar

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	2607	28	>50	38	1	-
per co-authorship	1809.6	20	42	33	1.7	68.3
per age	661.5	8	25	22	0.3	42.4

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface | Reset selections | Help Page | Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[Livro] Climatologia: noções básicas e climas do Brasil
F Mendona, IM DanniOliveira - 2017 - books.google.com
limatologia: noções básicas e climas do Brasil é uma obra de referência que reúne conceitos básicos de climatologia e meteorologia, com destaque para os domínios climáticos e sistemas atmosféricos que regem tempo e climas do continente sul-americano
Citado por 395 | Artigos relacionados | Citar | Salvar

[Citação] Geografia e meio ambiente
F Mendona - 2001 - Editora Contexto

author:"DENISE ELIAS" x

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A'DENISE+ELIAS'&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Apps | Entrada - tamiyape | WhatsApp | Ambiente Virtual de | cidades para que(m)? | Centro de Estudos de | teste refine dados a | Hélio Leites - YouTub | Outros favoritos

Web | Imagens | Mais... | tamioiveiracesar@gmail.com

Google | author:"DENISE ELIAS"

Acadêmico | Aproximadamente 102 resultados (0,08 s) | Minhas citações | 34

Redo the above query as: Quoted author name | Word matching

Co-authors clusters

- [11] J Bezerra
JE Bezerra, ...
- [8] D Elias
M EncarnaElias, ...
- [3] D Elias
LC Lima, ...
- [2] D ELIAS
JLF SAMPAIO
- [1] DE ATTUX

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1181	19	32	23	1	3
per co-authorship	992.8	17	30	21	1	44.6
per age	108.5	5	7	4	1.2	9.6

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface | Reset selections | Help Page | Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[Livro] Globalização e agricultura: a região de Ribeirão Preto, SP
D Elias - 2003 - books.google.com
A Universidade de São Paulo deve ter orgulho de trabalhos como o de Denise Elias, produzido no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da FFLCH. Foi, para mim, um privilégio ter participado como membro da banca
Citado por 193 | Artigos relacionados | Citar | Salvar

[Citação] O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica
MEB SPSito, D Elias, BR Soares, DS Maia - Cidades médias: espaços ..., 2007
Citado por 91 | Artigos relacionados | Citar | Salvar

author:"DIRCE MARIA ANTUNES SUERTEGARAY"

Acadêmico Aproximadamente 126 resultados (0,06 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [27] LA BASSO
FF BERNARDES, ...
- [2] BI Souza
DM Antunes Suer...
- [3] LA GUASSELLI
LAP SILVA, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1139	17	32	25	2	11
per co-authorship	916.7	15	29	23	2	36.3
per age	97.9	4	8	5	2	13.5

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Espaço geográfico uno e múltiplo
DMA Suerdegaray - Scripta Nova, 2001 - ftp.acd.puc-campinas.edu.br [DOC] puc-campinas.edu.br

O presente artigo pretende realizar uma compreensão objetiva dos conceitos balizadores da ciência geográfica. Para isso trabalhamos com as categorias geográficas de espaço, território, paisagem, lugar e ambiente. O espaço geográfico é encarado como "uno e Citado por 253 Artigos relacionados Todas as 3 versões Citar Salvar Mais

A natureza da Geografia Física na Geografia
DMA Suerdegaray - JOR Nuntas - Terra Livre, 2015 - agb.org.br [PDF] agb.org.br

Resumo Este texto discute a natureza e a produção da Geografia Física atual no âmbito da

author:"EDUARDO MARANDOLA JUNIOR"

Acadêmico Aproximadamente 177 resultados (0,06 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [22] YN FERREIRA
LHB Gratao, ...
- [2] DJ Hogan
E Marandola
- [2] D Gallo
E Marandola Jr
- [2] E MARANDOLA JR
LF MELLO
- [1] E MARANDOLA JR
- [3] E Marandola Jr
C Marques, ...
- [1] E MARANDOLA

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1153	17	32	23	1	48
per co-authorship	706.1	15	23	15	5.5	12.5
per age	172.5	5	10	7	0.4	6.1

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"EDUARDO MARANDOLA"

Eduardo Marandola Jr.
Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas
E-mail confirmado em fca.unicamp.br
Citado por 1341

[PDF] Vulnerabilidades e riscos: entre geografia e demografia
E Marandola Jr, DJ Hogan - Anais, 2016 - abep.org.br [PDF] abep.org.br

Resumo Encontrar caminhos para melhor compreender a situação de vida das populações em seus habitats tem sido o esforço de inúmeros pesquisadores que têm como foco as

author:"ELISEU SPOSITO"

Acadêmico Aproximadamente 128 resultados (0,07 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [13] LZZP Candiotti
OLC de Freitas ...
- [4] ANALDEJ ALMEIDA
RB GUIMARAES, ...
- [2] LB Santos
ES Sposito
- [1] O de Souza Mede...
- [2] ES SPOSITO
M SPOSITO

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)						
Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1293	17	34	27	3	3
per co-authorship	1117	14	32	25	2.3	30.3
per age	103.6	5	7	5	1.4	0.9

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"ELISEU SPOSITO"

Eliseu Sposito
Professor de Geografia, Universidade Estadual Paulista
E-mail confirmado em fct.unesp.br
Citado por 1522

Eliseu Sposito
Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico
ES Sposito - 2004 - books.google.com
Livro que aborda, como tema central, a construção do conhecimento geográfico, centrada no método científico, e resgata a teoria do conhecimento na sua relação com a realidade

author:"Ester Limonad"

Acadêmico Aproximadamente 5.100 resultados (0,03 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [19] Associada
JL Barbosa, ...
- [2] E Limonad
RL MonteMor
- [2] JS ALVES
E LIMONAD
- [3] FC de Souza Cor...
E Limonad, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)						
Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	630	11	23	18	2	24
per co-authorship	476	9	19	15	1	3.8
per age	51.5	2	5	3	0.1	7.9

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para Ester Limonad

Ester Limonad
Universidade Federal Fluminense
E-mail confirmado em vm.uff.br
Citado por 1069

PDF O território em tempos de globalização
R. Haesbaert, E. Limonad - Etc. Espaço, Tempo e Crítica. Revista ... 2007 - unifal-mg.edu.br
Resume Este trabalho é uma introdução ao estudo das novas territorialidades emergentes no final do século XX, época usualmente definida como aquela marcada por um processo

PDF unifal-mg.edu.br

Google Scholar search results for "author:Eustógio Wanderley Correia Dantas".

Acadêmico Aproximadamente 484 resultados (0,06 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [30] D ELIAS
- [2] TC CAVALCANTE EWET DANTAS
- [2] MG de Almeida AJP Ratts
- [3] Eustogio Wander... MS SOUZA DANTAS, ...
- [1] LF de Assis
- [1] HS de Araujo Ba...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

https://scholar.google.com.br/scholar_settings?q=eustógio+wanderley+correia+dantas&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	700	15	24	15	6	37
per co-authorship	514.3	12	20	14	4	15.4
per age	61.3	3	4	2	0.7	3.4

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para **eustógio wanderley correia dantas**

Eustogio Wanderley Correia Dantas
Professor Titular da Universidade Federal do Ceará, Departamento de Geografia
E-mail confirmado em ufc.br
Citado por 957

[CITAÇÃO] Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza
EWC Dantas - 2002 - ... do Ceará/Secretaria da Cultura e ...
Citado por 91 Artigos relacionados Citar Salvar

Google Scholar search results for "author:'FANY DAVIDOVICH'".

Acadêmico Aproximadamente 66 resultados (0,04 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [13] RL Correia F DAVIDOVICH, ...
- [3] M do Socorro Alves F Davidovich, ...
- [3] B Becker A CRISTOFOLETTI, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	505	12	20	14	4	22
per co-authorship	411.3	11	17	11	2	0.7
per age	20	1	2	1	0.3	2.4

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[CITAÇÃO] Geografia e meio ambiente no Brasil
B Becker A CRISTOFOLETTI FR DAVIDOVICH - São Paulo: Hucitec, 1995
Citado por 79 Artigos relacionados Citar Salvar

Poder local e município, algumas considerações
F Davidovich - Revista Geográfica, 1992 - JSTOR
A via de democratização que o País vem atravessando implica, necessariamente, a reestruturação de diferentes setores da vida nacional. No tocante ao território, o fortalecimento da esfera estadual e municipal, consagrado pela nova carta constitucional.
Citado por 43 Artigos relacionados Todas as 4 versões Citar Salvar

[PDF] fgv.br

author:"FRANCISCO MENDONÇA"

Google Acadêmico Aproximadamente 331 resultados (0,09 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [28] TCM Arajo A CASAGRANDE, ...
- [3] IM DANNIOLIVEIRA IM DanniOliveira, ...
- [13] RC Alencar AC Batista, ...
- [2] F Mendona F Vanhoni
- [2] J Gossweiler FA Mendona
- [2] FA Mendona A Veiga e Souza
- [3] CR Leles ICC Rege, ...
- [3] MR Bueno AA Carvalhosa, ...
- [3] NNM Cavalcante RG LimaNeto, ...

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	2607	28	>50	38	1	-
per co-authorship	1809.6	20	42	33	1.7	68.3
per age	661.5	8	25	22	0.3	42.4

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Imagens: Climatologia: noções básicas e climas do Brasil
F Mendona IM DanniOliveira - 2017 - books google.com
limatologia: noções básicas e climas do Brasil é uma obra de referência que reúne conceitos básicos de climatologia e meteorologia, com destaque para os domínios climáticos e sistemas atmosféricos que regem tempo e climas do continente sul-americano
Citado por 395 Artigos relacionados Citar Salvar

Imagens: Geografia e meio ambiente
F Mendona - 2001 - Editora Contexto
Citado por 308 Artigos relacionados Citar Salvar

author:"HELENA COPETTI CALLAI"

Google Acadêmico Aproximadamente 96 resultados (0,07 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [15] LD AZAMBUJA HC CALLAI, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em Português

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1800	19	42	35	3	66
per co-authorship	1488.5	17	38	31	1	59.3
per age	177.2	6	12	9	0.3	18.1

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"HELENA COPETTI CALLAI"

Helena Copetti Callai
Professora de Geografia, UNIJUI
E-mail confirmado em unijui.edu.br
Citado por 1756

Imagens: Estudar o lugar para compreender o mundo
HC Callai - Ensino de Geografia: práticas e textualizações no ..., 2000
Citado por 281 Artigos relacionados Citar Salvar

author:"Herve Thery" - G X

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A%22Herve+Thery%22&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Apps WhatsApp Entrada - tamytape Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos de teste refine dados a Hélio Leites - YouTube Outros favo

Web Imagens Mais... tamioiveiracesar@gmail.com

Google author:"Herve Thery"

Acadêmico Aproximadamente 965 resultados (0,05 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [24] RS ARCHELA C Apesteguy, ...
- [2] RS Archela H Thery
- [4] DEMN Aparecida T Herve, ...
- [4] B BRET C Bataillon, ...
- [2] J Eglin H Thery
- [2] L MARTINS H THERY
- [2] MVF BARROS ONF Barros
- [3] M Carelli H Thery, ...
- [2] M Droulers H Thery

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1008	18	30	20	1	49
per co-authorship	721.5	15	24	16	2	8
per age	80.6	4	6	4	2	0.9

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"Herve Thery"

Herve Thery
cns/usp
E-mail confirmado em usp.br
Citado por 2819

[HTML] Situações da Amazônia no Brasil e no continente
[HTML] sciELO.br

H. Thery - Estudos avançados, 2005 - SciELO Brasil
RESUMO ESTE ARTIGO analisa inicialmente o peso real da Amazônia no Brasil, em termos econômicos e humanos. Em seguida, avalia as políticas públicas na Amazônia, cuja linha

Windows Digite aqui para pesquisar POR 11:30 12/07/2017

author:"INÁ ELIAS DE CASTRO" - G X

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A%22INÁ+ELIAS+DE+CASTRO%22&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Apps Entrada - tamytape WhatsApp Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos de teste refine dados a Hélio Leites - YouTube Outros favo

Web Imagens Mais... tamioiveiracesar@gmail.com

Google author:"INÁ ELIAS DE CASTRO"

Acadêmico Aproximadamente 83 resultados (0,04 s) Minhas citações 34

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [19] IE CASTRO RL CORRA, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em Português

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	2248	18	47	41	2	60
per co-authorship	1782.7	16	42	36	1	74.7
per age	137.6	5	10	7	0.2	11.8

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[CITAÇÃO] Geografia: conceitos e termos
IE Castro, PCC Gomes, R Corra - 2000 - 197.249.65.74
Skip navigation ...
Citado por 606 Artigos relacionados Todas as 3 versões Citar Salvar Mais

[CITAÇÃO] O problema da escala
IE Castro - Geografia: conceitos e temas, Rio de Janeiro: Bertrand ..., 1995
Citado por 376 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Geografia e política: território, escalas de ação e instituições

Windows Digite aqui para pesquisar POR 11:01 12/07/2017

joão lima sant'anna neto x

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=joão+lima+sant%27anna+neto&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&oeq=João+Lima+S

Apps WhatsApp Entrada - tamytape Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos di teste refine dados a Hélio Leites - YouTui

Web Imagens Mais... tamioiveiracesar@gmail.com

Google author:"João Lima Sant'anna Neto"

Acadêmico Aproximadamente 6.630 resultados (0,08 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [49] YS ANUNCIACAO RR ARAUJO, ...
- [3] MCCT Amorim V Dubreuil, ...
- [4] PLS DIAS J ZULLO JR, ...
- [2] JLSA Neto CG de Souza
- [2] Anna AR de Sant
- [1] J Maximo
- [4] AM Coimbra MB Neto, ...
- [2] MA Saquet ES Sposito
- [1] Z Mamede

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1245	14	34	29	1	17
per co-authorship	771.6	12	27	22	3	42.2
per age	118.8	5	9	7	2.6	9.2

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para **joão lima sant'anna neto**

João Lima Sant'Anna Neto
Professor de Geografia da Universidade Estadual Paulista
E-mail confirmado em fct.unesp.br
Citado por 1078

Decálogo da climatologia do sudeste brasileiro [PDF] ufpr.br

JLSA Neto - Revista Brasileira de Climatologia, 2005 - revistas.ufpr.br

Resumo Este artigo discute a climatologia regional do Sudeste brasileiro utilizando como características fundamentais dos fatores e

Aguardando scholar.google.com.br...

Windows Digite aqui para pesquisar POR 11:36 12/07/2017

author:"JOSÉ WILLIAM VESENTINI" x

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A%27JOSÉ+WILLIAM+VESENTINI%27&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Apps Entrada - tamytape WhatsApp Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos di teste refine dados a Hélio Leites - YouTui

Web Imagens Mais... tamioiveiracesar@gmail.com

Google author:"JOSÉ WILLIAM VESENTINI"

Acadêmico Aproximadamente 64 resultados (0,05 s) Minhas citações 34

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [5] JW VESENTINI V VLACH, ...
- [1] J GUIZZO
- [3] P George T Pellegrini, ...
- [2] F PORTELLA JW VESENTINI

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1343	16	36	30	1	50
per co-authorship	1236.8	15	34	29	2	10
per age	80	5	7	3	1.1	9.9

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento Desde 2017 Desde 2016 Desde 2013 Período específico... Classificar por relevância

Artigo: Sociedade e espaço: geografia geral e do Brasil: caderno de atividades
JW Vessantini - 1994 - Editora Atica
Citado por 168 Artigos relacionados Citar Salvar

Livro: O ensino de Geografia no século XXI
JW Vessantini - 2004 - books.google.com
Coleções que aborda a realidade atual e as perspectivas do ensino da geografia em alguns países selecionados: França, Estados Unidos, Portugal, Espanha, México e Brasil. A obra visa auxiliar educadores e estudantes na compreensão das rápidas transformações
Citado por 165 Artigos relacionados Citar Salvar

Windows Digite aqui para pesquisar POR 11:35 12/07/2017

author:"jurandy ross" - X

Seguro | [https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A+jurandy++ross"&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A+jurandy++ross)

Apps WhatsApp Entrada - tanytape Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos de teste refine dados a Hélio Leites - YouTube Outros fav

Web Imagens Mais... tamiooliveiracesar@gmail.com

Google JURANDYR LUCIANO SANCHES ROSS

Acadêmico Aproximadamente 89 resultados (0,25 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[33] R AMARAL
R do Amaral, ...

[2] JLS ROSS
LM SANTOS

[2] JLS Ross
EL Thomaz

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Hide the calculator

Normalization	Impact indices (computed on displayed results only)				
	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-g
none	3416	20	>50	53	6
per co-authorship	2964.5	18	>50	49	5.5
per age	321.9	8	17	13	2

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"jurandy ross"

Jurandyr Luciano Sanches Ross
USP
E-mail confirmado em usp.br
Citado por 3298

[CITAÇÃO] Geomorfologia: ambiente e planejamento
JLS_Ross - 1990 - Editora Contexto
Citado por 581 Artigos relacionados Citar Salvar

Windows Digite aqui para pesquisar POR 11:34
PTB2 12/07/2017

author:"Lana Cavalcanti" - X

Seguro | [https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A+Lana+Cavalcanti"&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A+Lana+Cavalcanti)

Apps WhatsApp Entrada - tanytape Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos de teste refine dados a Hélio Leites - YouTube Outros fav

Web Imagens Mais... tamiooliveiracesar@gmail.com

Google author:"Lana Cavalcanti"

Acadêmico Aproximadamente 76 resultados (0,13 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[11] HC CALLAI
SV CASTELLAR, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em Português

Hide the calculator

Normalization	Impact indices (computed on displayed results only)				
	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-g
none	1417	13	37	32	1
per co-authorship	1402	13	37	32	1
per age	137.6	5	10	8	2.8

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[LIVRO] Geografia, escola e construção de conhecimentos
L.S. Cavalcanti - 2006 - books.google.com
A Geografia ocupa, no currículo escolar, um lugar privilegiado na formação da cidadania participativa e crítica. Ela ajuda os alunos a pensar a realidade e a atuar nela do ponto de vista da espacialidade, dimensão cada vez mais valorizada pela ciência geográfica dada a Citado por 686 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana
L.S. Cavalcanti - Campina: Papirus, 2008

Windows Digite aqui para pesquisar POR 11:05
PTB2 12/07/2017

author:"MANUEL CORREIA DE ANDRADE"

Acadêmico Aproximadamente 211 resultados (0,28 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [5] MC ANDRADE
MC de Andrade, ...
- [2] MC ANDRADE
MC De Andrade
- [4] MC Andrade
W Belik, ...
- [3] MC ANDRADE
RR PEREIRA, ...
- [1] MC AndRaDe
- [1] MC DE ANDRADE

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1843	24	41	29	4	5
per co-authorship	1758.2	23	41	29	1	70.5
per age	176.7	5	11	9	0.5	0.9

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[LIVRO] Geografia ciência da sociedade
MC De Andrade - 2006 - books.google.com
Este livro foi escrito visando fazer a análise da evolução da Geografia e do pensamento geográfico, desde a Antiguidade até os nossos dias, em face da preocupação que atinge os geógrafos no momento atual, quando várias alternativas se abrem ao pensamento
Citado por 160 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local
MC Andrade - Território, globalização e fragmentação. São Paulo: ... 1994

author:"MARCELO LOPES DE SOUZA"

Acadêmico Aproximadamente 152 resultados (0,08 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [5] GB RODRIGUES
ML SOUZA, ...
- [2] M LOPES DE SOUZA
ML De Souza
- [2] B Lipietz
M Lopes de Souza
- [2] ML de Souza
ET Teixeira

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	2084	20	45	37	1	53
per co-authorship	2065.5	20	45	37	2	68
per age	176.2	6	11	8	0.8	11

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para autor:"MARCELO LOPES DE SOUZA"

Marcelo Lopes de Souza
Professor Titular do Departamento de Geografia da UFRJ
E-mail confirmado em ufjf.br
Citado por 5756

[CITAÇÃO] ABC do desenvolvimento urbano
ML de Souza - 2003 - Bertrand Brasil
Citado por 610 Artigos relacionados Citar Salvar

author:"MARCELLO MARTINELLI"

Acadêmico Aproximadamente 89 resultados (0,04 s)

Minhas citações 34

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [12] RD de Almeida
- GML FERREIRA, ...
- [8] T Coudreau
- S Ducci, ...
- [3] M Adas
- S Adas, ...
- [4] JM Craig
- EF Ingerito, ...
- [2] M Martinelli
- I OLIVEIRA

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1367	17	36	29	6	44
per co-authorship	1048.1	14	31	25	0.8	29.1
per age	89.3	5	7	3	1.5	8.1

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

[CITAÇÃO] Curso de cartografia temática
MM Martinelli - 1991 - Contexto
Citado por 212 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Mapas da geografia e cartografia temática
M Martinelli - 2003 - Editora Contexto
Citado por 218 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Panorama geográfico do Brasil: contradições, impasses e desafios socioespaciais

author:"MARCOS AURELIO SAQUET"

Acadêmico Aproximadamente 90 resultados (0,09 s)

Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [19] AF ALVES
- M BRISKIEVICZ, ...
- [2] EF GAIVICZ
- MA SAQUET
- [2] DB SAQUET
- MA SAQUET
- [3] GJ Marafon
- MA Saquet, ...
- [3] RB Ferreira
- DS Pereira, ...
- [3] D DAMO
- MF EDUARDO, ...

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1748	18	41	35	4	34
per co-authorship	1232.3	14	34	29	1	17.5
per age	172.6	6	11	8	1	7.2

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

[CITAÇÃO] Por uma abordagem territorial
MA Saquet - Territórios e territorialidades: teorias, processos e ..., 2009
Citado por 122 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] O território: diferentes interpretações na literatura italiana
MA SAQUET - RIBAS, AD, SPOSITO, ES, SAQUET, MA Território e ..., 2004
Citado por 105 Artigos relacionados Citar Salvar

[PDF] Os tempos e os territórios da colonização italiana
MA Saquet - Porto Alegre: EST Edições, 2003 - fct.unesp.br

[PDF] unesp.br

author:"MARGARETE CRISTIANE DE COSTA TRINDADE AMORIM"

Acadêmico Aproximadamente 95 resultados (0,05 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [38] MCDECT AMORIM MCCT AMORIM, ...
- [2] MCCT Amorim PG Murara

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	333	11	17	13	4	19
per co-authorship	256.3	6	15	13	1	16.7
per age	33.2	3	3	1	3.2	1.6

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"MARGARETE CRISTIANE DE COSTA TRINDADE AMORIM"

Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim
Universidade Estadual Paulista
E-mail confirmado em fct.unesp.br
Citado por 650

CITACIÃOJ O clima urbano de Presidente Prudente/SP.
MCCT Amorim - 2000
Citado por 101 Artigos relacionados Citar Salvar

author:"Maria Encarnação Beltrão Sposito"

Acadêmico Aproximadamente 2.000 resultados (0,03 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [13] AFA Carlos D Elias, ...
- [2] P Burke F Cambi
- [2] MA Saquet ES Sposito

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	7100	28	>50	77	4	-
per co-authorship	6851.9	26	>50	76	3	-
per age	389.1	8	18	14	1.1	26.9

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para maria encarnação beltrão sposito

Maria Encarnação Beltrão Sposito
Departamento de Geografia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente ...
E-mail confirmado em fct.unesp.br
Citado por 3847

[PDF] Capitalismo e urbanização
MEB Sposito - 1988 - academia.edu
Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira
gratuita, a acesso à obra, sem fins comerciais e sem a intenção de substituir a obra original.

[PDF] academia.edu

author:"MARIA GERALDA DE ALMEIDA"

Acadêmico Aproximadamente 189 resultados (0,04 s)

Minhas citações 34

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [24] MG ALMEIDA MGA ALMEIDA, ...
- [2] MG de Almeida AJP Ratts
- [2] MG de Almeida MIV Dabadia
- [1] MG De Almeida
- [2] MG ALMEIDA FC SOUZA
- [2] MG ALMEIDA T ARRAIS

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	691	15	24	17	5	15
per co-authorship	622.8	14	23	16	2	12
per age	64.9	3	5	3	0.5	6.2

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[CITAÇÃO] Em busca do poético do sertão: um estudo de representações
MG Almeida - Geografia: leituras culturais, Goiânia: Alternativa, 2003
Citado por 86 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Fronteiras, territórios e territorialidades
MG Almeida - Revista da ANPEGE, 2010
Citado por 75 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Cultura ecológica e biodiversidade
MG ALMEIDA - Mercator-Revista de Geografia da UFC, 2003

author:"MARIA LAURA SILVEIRA"

Acadêmico Aproximadamente 142 resultados (0,10 s)

Minhas citações 34

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [13] M ARROYO M Arroyo, ...
- [3] MLS Nogueira CS Pereira, ...
- [2] MA SOUZA M Santos

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	4775	24	>50	62	1	-
per co-authorship	2770.5	23	>50	44	3	-
per age	297.1	5	15	13	0.4	6.5

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[PDF] O Brasil
M Santos, ML Silveira - ... e sociedade no início do século ..., 2001 - hemeroteca.ciacsc.gov.br [PDF] sc.gov.br

[PDF] Um país, uma região. Fim de século e modernidade na Argentina
ML Silveira - Formação (Online), 1999 - revista.fct.unesp.br [PDF] unesp.br

Alicercado cm uma teoria maior, esse esquema resulta interno a situação analisada

author:"Marta Inez Medeiros Marques"

Acadêmico Aproximadamente 2.800 resultados (0,06 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [36] MDB Amaral RF Arruda, ...
- [3] JE Fabiani CA Feliciano, ...
- [1] T Shanin
- [3] MIC Medeiros SN Neme, ...
- [1] AU OLIVEIRA
- [4] D Medeiros ES Medeiros, ...
- [2] AFA Carlos AU de Oliveira
- [1] JW Germano
- [2] T SHANIN por... in Campesinato e
- [1] RLB Giacomini

Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)						
Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	2204	16	46	42	2	6
per co-authorship	1737.9	14	41	37	1.5	31.5
per age	271.7	6	15	13	2.3	1.4

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para **Marta Inez Medeiros Marques**

Marta Inez Medeiros Marques
Universidade de São Paulo
E-mail confirmado em usp.br
Citado por 742

O conceito de espaço rural em questão
MIM Marques - Terra livre, 2015 - agb.org.br
Resumo Este ensaio visa contribuir para o atual debate em torno das mudanças verificadas o conceito de espaço rural e suas possibilidades

[PDF] agb.org.br

author:"MICHELLE SIMÕES REBOITA"

Acadêmico Aproximadamente 56 resultados (0,06 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [58] E Alcantara T Ambrizzi, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em Português

Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)						
Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	461	11	21	16	2	35
per co-authorship	175.7	6	12	9	1	15
per age	78.6	3	7	5	0.3	5.6

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Regimes de precipitação na América do Sul: uma revisão bibliográfica
MS Reboita, MA Gan, RP da Rocha - Revista Brasileira de ... 2010 - SciELO Brasil
Resumo A distribuição geográfica do continente sul americano cobre diferentes latitudes e possui formas de relevo variadas proporcionando a atuação e o desenvolvimento de diferentes sistemas atmosféricos, os quais contribuem para a não homogeneidade climática
Citado por 152 Artigos relacionados Todas as 19 versões Citar Salvar

[CITAÇÃO] Ciclones extratropicais sobre o Atlântico Sul: Simulação climática e experimentos de sensibilidade
MS Reboita - 2008

[PDF] scielo.br

author:"NÍDIA NACIB PONTUSCHKA"

Acadêmico Aproximadamente 66 resultados (0,12 s)

Minhas citações 34

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [18] AM Baeder
NH CACETE, ...
- [2] J Gutberlet
NN Pontuschka
- [2] MA CONTIN
NN PONTUSCHKA

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1064	13	32	27	3	53
per co-authorship	747.3	13	26	21	3	12.5
per age	90.7	5	8	5	2.5	7

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

CITAÇÃO Para ensinar e aprender Geografia
NN Pontuschka, TI Paganielli, NH Cacete - 2007 - Cortez
Citado por 338 Artigos relacionados Citar Salvar

CITAÇÃO A geografia: pesquisa e ensino
NN Pontuschka - Novos caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 1999
Citado por 149 Artigos relacionados Citar Salvar

CITAÇÃO Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa
NN Pontuschka, AU de Oliveira - 2002 - Editora Contexto

author:"OLGA LÚCIA CASTREGHINI DE FREITAS FIRKOWSKI"

Acadêmico Aproximadamente 117 resultados (0,03 s)

Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [33] MLM Araujo
P Baliski, ...
- [2] MLM Araujo
BA de Souza
- [1] OLC de Freitas ...
- [2] OMS Busch
PR de Lima
- [1] RM Cordeiro
- [1] G Machado
- [1] JC Nucci
- [1] B Schvartsberg
- [1] DH Martins
- [1] RNON DO PARANA
- [1] L Delazari

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	234	11	15	11	5	25
per co-authorship	198	7	13	10	3	4.5
per age	23.3	3	3	1	2.4	1.3

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para OLGA LÚCIA CASTREGHINI DE FREITAS FIRKOWSKI

Olga Lucia Castreghini de Freitas-Firkowski
Professora do Departamento de Geografia da UFPR
E-mail confirmado em ufpr.br
Citado por 473

A nova lógica de localização industrial no aglomerado metropolitano de Curitiba
OLC de Freitas Firkowski - Revista Paranaense de Desenvolvimento - ..., 2011 - ipardes.gov.br
Resumo Neste trabalho, analisa-se a nova lógica de localização industrial do Aglomerado so de reestruturação socioespacial. Essa nova

[PDF] ipardes.gov.br

author:"OSMAR ABILIO DE CARVALHO JUNIOR"

Acadêmico Aproximadamente 193 resultados (0,06 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[47] LO Anderson
AC Andrade, ...

[2] RF GUIMARAES
OA CARVALHO JUNIOR

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	669	15	21	12	2	9
per co-authorship	302.1	8	12	7	0.8	1.8
per age	65.1	3	3	0	3.3	3.3

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"OSMAR ABILIO DE CARVALHO JUNIOR"

Osmar Abilio de Carvalho Júnior
Professor da Universidade de Brasília
E-mail confirmado em unb.br
Citado por 1706

Geoprocessamento de modelos digitais de elevação para mapeamento da curvatura horizontal em microbacias [PDF] unb.br

M de Morrison Valeriano - Revista Brasileira de ..., 2003 - Isis unb.br
Resumo Este trabalho tem o objetivo de desenvolver e avaliar um procedimento de análise

author:"PAUL CLAVAL"

Acadêmico Aproximadamente 931 resultados (0,04 s) Minhas citações 3

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[6] P CLAVAL
P Claval, ...

[2] FC CLAVAL
P Claval

[2] P Claval
RJ Johnston

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	6269	42	>50	66	23	-
per co-authorship	4871	38	>50	56	1	-
per age	358.6	9	16	11	0.4	20.2

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

O território na transição pós-modernidade [PDF] uff.br

P Claval - GEOgraphia, 2009 - uff.br
Resumo A Geografia Humana, que só recentemente desenvolveu maior interesse pelo território, associa-o, conforme as circunstâncias, às ideias de poder e controle, à natureza do laço social ou ao papel das representações simbólicas. O interesse das ciências sociais
Citado por 204 Artigos relacionados Todas as 5 versões Citar Salvar

[CITAÇÃO] As abordagens da geografia cultural
P Claval - Explorações Geográficas Rio de Janeiro: Bertrand ..., 1997
Citado por 159 Artigos relacionados Citar Salvar

author:"PAULO CESAR DA COSTA GOMES"

Acadêmico Aproximadamente 72 resultados (0,08 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[16] Y BERDOULAY
IE CASTRO, ...

[2] G da COSTA
PCC GOMES

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em

Hide the calculator

	Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1973	15	44	40	2	59	
per co-authorship	1906.7	13	43	39	0.3	34.8	
per age	119.8	4	10	8	0.8	16.2	

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"PAULO CESAR DA COSTA GOMES"

Paulo Cesar da Costa Gomes
Professor Titular de Geografia, Universidade de Federal do Rio de Janeiro
E-mail confirmado em ufjf.br
Citado por 2764

[PDF] google.com

Geografia e modernidade
PC da Costa Gomes - 1996 - sites google.com
O século XX conheceu uma aceleração do ritmo da inovação em vários campos, particularmente no das telecomunicações. A invenção do circuito integrado, cujo primeiro

author:"RICHARDE MARQUES DA SILVA"

Acadêmico Aproximadamente 15.100 resultados (0,06 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[56] AK Abate
CAP de Almeida, ...

[4] V LopezRichard
GE Marques, ...

[3] RP Dutra
RRO Marques, ...

[2] MAM Marques
AGC NevesFerreira

[2] L Vidal Batista
R Marques da Silva

[2] CAG SANTOS
RM DA SILVA

[4] V Rodriguez
J Ruiz, ...

[3] VCM Leung
FR Yu, ...

[4] R Greiner

Hide the calculator

	Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1023	16	31	24	3	42	
per co-authorship	332.3	9	16	11	0.7	22.6	
per age	175.3	6	11	8	4	9.4	

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para RICHARDE MARQUES DA SILVA

Richarde Marques da Silva
Universidade Federal da Paraíba
E-mail confirmado em geociencias.ufpb.br
Citado por 2395

[HTML] redalyc.org

Análise da variabilidade espaço-temporal e identificação do padrão da precipitação na Bacia do Rio Tapacurá, Pernambuco
R Marques da Silva, I Pereira e Silva - Sociedade & ... 2016 - redalyc.org
32a. Uberlândia, 22(2): 357-372, ago. 2010. Análise da

roberto lobato corrêa - C X

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=roberto+lobato+corrêa&btnG=&lr=&oeq=ROBERTO+LOBATO+CORR

Apps WhatsApp Entrada - tamytape Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos de teste refine dados a Hélio Leites - YouTub Outros fav

Web Imagens Mais... tamioiveiracesar@gmail.com

Google author:"Roberto Lobato Corrêa"

Acadêmico Aproximadamente 12.800 resultados (0,04 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[9] RL CORREA
IE de Castro, ...

[7] RL CORREA, ...

[1] RLR Correa

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	8572	38	>50	82	3	-
per co-authorship	7714.1	33	>50	79	3	-
per age	430.5	12	18	12	1.7	6.7

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico...

Perfis de usuário para roberto lobato corrêa

Roberto Lobato Corrêa

Professor de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail confirmado em ufpr.br

Citado por 10445

[LIVRO] O espaço urbano

RL Correa - 1909 - academia.edu

No presente estudo, considera-se a cidade como espaço urbano que pode ser analisado

as. Pode ser abordado a partir da percepção que

Aguardando scholar.google.com.br...

Windows Digite aqui para pesquisar

POR 11:13
PTB2 12/07/2017

author:"Salette Kozel" - C X

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A"Salette+Kozel"&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2CS

Apps WhatsApp Entrada - tamytape Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos de teste refine dados a Hélio Leites - YouTub Outros fav

Web Imagens Mais... tamioiveiracesar@gmail.com

Google author:"Salette Kozel"

Acadêmico Aproximadamente 69 resultados (0,04 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[41] AB DE ALMEIDA
IO Bonfim, ...

[2] FM KOZEL
S Kozel

[2] S Kozel
MB Pereira

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	490	11	21	15	3	36
per co-authorship	356.3	8	17	14	2	4.3
per age	43.1	4	4	2	3.2	1.9

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico...

Perfis de usuário para author:"Salette Kozel"

Salette Kozel

Professora de Geografia da Universidade Federal do Paraná

E-mail confirmado em ufpr.br

Citado por 788

[CITAÇÃO] As representações no geográfico

S KOZEL - Elementos de epistemologia da geografia ..., 2002

Citado por 92 Artigos relacionados Citar Salvar

Windows Digite aqui para pesquisar

POR 11:10
PTB2 12/07/2017

author:"SANDRA LENCIONI"

Acadêmico Aproximadamente 80 resultados (0,04 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[7] AF CARLOS
JB CONTI, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em Português

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1512	18	38	31	2	31
per co-authorship	1409.3	17	38	32	1	50.5
per age	147	5	10	7	0.8	10.4

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"SANDRA LENCIONI"

Sandra Lencioni
Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, ...
E-mail confirmado em usp.br
Citado por 1703

[CITAÇÃO] Região e geografia
S Lencioni - 1999 - Edusp
Citado por 500 Artigos relacionados Citar Salvar

author:"ROGÉRIO HAESBAERT"

Acadêmico Aproximadamente 207 resultados (0,04 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[16] R Haesbaert e G...
RH da Costa, ...

[2] RH COSTA
R Haesbaert

[2] FGB ARAUJO
R Haesbaert

[2] T Alternativos
R HAESBAERT

[2] RH COSTA
IAG MOREIRA

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em Português

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	7609	29	>50	79	2	-
per co-authorship	7365.6	27	>50	79	2	-
per age	553.4	12	22	16	2.6	27

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[CITAÇÃO] O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade
RH Costa - 2004 - Bertrand Brasil
Citado por 1964 Artigos relacionados Citar Salvar

[LIVRO] Territórios alternativos
R Haesbaert - 2002 - sites google.com
Uma das discussões mais importantes, hoje, na Geografia, é aquela que envolve a distinção (ou interação) entre território e rede. Propomos aqui mostrar um breve panorama deste debate e fazer algumas propostas, tanto no sentido teórico, discutindo os conceitos

[PDF] google.com

author:"RUY MOREIRA" - X

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A"RUY+MOREIRA"&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Apps WhatsApp Entrada - tamytape Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos de teste refine dados a Hélio Leites - YouTube Outros fav

Web Imagens Mais... tamioliveiracesar@gmail.com

Google author:"RUY MOREIRA"

Acadêmico Aproximadamente 179 resultados (0,04 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[4] R Haesbaert
E LIMONAD, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em Português

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	2648	28	>50	39	3	
per co-authorship	2642	28	>50	39	3	-
per age	1981	6	11	3	1.9	7.8

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[CITAÇÃO] que é Geografia
R Moreira - Coleção primeiros passos, 1985 - bases.bireme.br
Base de dados: REPIDISCA. Pesquisa: 121380 [Identificador único]. Referências encontradas: 1 [refinar]. Mostrando: 1..1 no formato [Detalhado], página 1 de 1, 1/1, REPIDISCA, seleciona para imprimir. Id: 121380. Autor: Moreira, R. Título: Que é geografia. Fonte: São Paulo: Citado por 358 Artigos relacionados Tocas as 2 versões Citar Salvar Mais

[Livro] Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica
R Moreira - 2010 - books.google.com
Este livro destina-se a estimular o debate da geografia diante da fragmentação do olhar

Windows Digite aqui para pesquisar POR 11:16 12/07/2017

author:"WAGNER COSTA" - X

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A"WAGNER+RIBEIRO"&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Apps WhatsApp Entrada - tamytape Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos de teste refine dados a Hélio Leites - YouTube Outros fav

Web Imagens Mais... tamioliveiracesar@gmail.com

Google author:"WAGNER COSTA RIBEIRO"

Acadêmico Aproximadamente 139 resultados (0,04 s) Minhas citações 36

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[10] PLS DIAS
PLS Dias, ...

[2] WC Ribeiro
SH Zanirato

[3] CWP Gonçalves
WC Ribeiro, ...

[4] R Araújo
RB Guimarães, ...

[2] W Costa Ribeiro
SH Zanirato

[2] WC RIBEIRO
S SCIFONI

[3] AGN Amicci
JZS Ramires, ...

Artigos

Minha biblioteca

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1708	21	40	31	4	17
per co-authorship	1408.8	20	36	28	3.5	5.5
per age	153.5	6	9	6	0.6	4.9

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author:"WAGNER COSTA RIBEIRO"

Wagner Costa Ribeiro
Professor Titular do Depto. de Geografia, Universidade de São Paulo
E-mail confirmado em usp.br
Citado por 1762

[CITAÇÃO] A ordem ambiental internacional
WC Ribeiro - 2001 - Editora Contexto
Citado por 359 Artigos relacionados Citar Salvar

Windows Digite aqui para pesquisar POR 11:30 12/07/2017

author:"ZENY ROSENDAHL"

Acadêmico Aproximadamente 120 resultados (0,04 s) Minhas citações 34

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[8] RL CORRA
L CORREA, ...

[2] JR CORRA
Z ROSENDAHL

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1540	19	38	29	1	42
per co-authorship	1159.3	18	33	25	6	54.7
per age	101.2	4	6	3	1.2	5.1

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[CITAÇÃO] Espaço & Religião: uma abordagem geográfica
Z Rosendahl - 1996 - EdUERJ
Citado por 265 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Manifestações da cultura no espaço
Rl Corra, Z Rosendahl - 1999 - EdUERJ
Citado por 157 Artigos relacionados Citar Salvar

[CITAÇÃO] Hierópolis: o sagrado e o urbano
Z Rosendahl - 1993 - EdUERJ

author:"Bertha Becker"

Acadêmico Aproximadamente 277 resultados (0,03 s) Minhas citações 3

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[23] B BECKER
BK BECKER, ...

[4] APD Aguiar
S Amaral, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Em qualquer idioma

Pesquisar páginas em

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	5369	38	>50	59	1	-
per co-authorship	4636.9	34	>50	55	2	-
per age	313.7	8	15	10	0.4	25.4

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[LIVRO] Amazônia: geopolítica na virada do III milênio
BK Becker - 2004 - books.google.com
Bertha Becker oferece a estudantes, professores, pesquisadores, especialistas em gestão e políticas públicas e a todos os interessados neste tema, uma compreensão da dinâmica regional amazônica a partir da análise das formas conflituosas de sua apropriação por
Citado por 644 Artigos relacionados Citar Salvar

[LIVRO] Amazônia
BK Becker - 1990 - biblioteca.ibge.gov.br
Embora até recentemente o estudo do desenvolvimento econômico ignorasse os seus

[PDF] ibge.gov.br

Google Scholar search results for "author: Joseli Maria Silva".

Acadêmico Aproximadamente 2.150 resultados (0,02 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [33] DLC Bacci
H de Moraes Bat...
- [6] K KrollPalhares
APMP Marino, ...
- [2] S Chalhoub
FT Silva
- [4] AJG Araujo
E Hofer, ...
- [3] JMR NOGUEIRA
JMR Nogueira, ...
- [1] MC de Souza Minayo

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Aguardando scholar.google.com.br...

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	1614	16	39	33	1	11
per co-authorship	1366	16	36	31	4	16.7
per age	151.7	5	10	7	0.1	9.9

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[CITAÇÃO] Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades

JM Silva - 2009 - Todapalavra Editora

Citado por 49 Artigos relacionados Citar Salvar

[PDF] A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade

JM Silva - Geo Uerj, 2011 - e-publicacoes.uerj.br

[PDF] ueirj.br

RESUMO Este texto explora as relações entre corpo, identidade do gênero e espaço problematizando a produção do conhecimento geográfico que tem, sistematicamente, contribuído para a ocultação e invisibilidade de pessoas que estão à margem das normas

las as 3 versões Citar Salvar Mais

Google Scholar search results for "author: MILTON SANTOS".

Acadêmico Aproximadamente 1.110 resultados (0,06 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [2] JF Dias
M Santos
- [3] S Martínez Rigol
M Santos, ...
- [4] M Arroyo
MAA SOUZA, ...
- [2] LYPI CARRERA
M Santos
- [1] MMS Santos
- [2] M SANTOS
ML SILVEIRA

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	43918	>50	>50	-	-	-
per co-authorship	40107.1	48	>50	194	1	-
per age	2755.7	23	>50	44	0.9	-

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

[LIVRO] A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção

M Santos - 2002 - books.google.com

[PDF] unijui.edu.br

Il "espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações", diz Milton Santos desde as primeiras páginas do seu livro. É com base nessa ideia e nas noções de técnica e de tempo, de razão e de emoção que é proposta a construção de um

Citado por 6458 Artigos relacionados Todas as 17 versões Citar Salvar

[PDF] A natureza do espaço

M Santos - São Paulo: Hucitec, 1996 - fct.unesp.br

[PDF] unesp.br

HISTÓRIA DE UMLIVRO site, como todos os livros, tem uma história: a história de uma

author:"PAUL CLAVAL" - X

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A"PAUL+CLAVAL"&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Apps WhatsApp Entrada - tamiyapei Ambiente Virtual de cidades para que(m)? Centro de Estudos de teste refine dados a Hélio Leites - YouTube MEGA IBFC - Instituto Brasileiro

Web Imagens Mais... tamioliveiracesar@gmail.com

Google author:"PAUL CLAVAL"

Acadêmico Aproximadamente 931 resultados (0,04 s) Minhas citações 3

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [6] P CLAVAL P Claval, ...
- [2] FC CLAVAL P Claval
- [2] P Claval RJ Johnston

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2017

Desde 2016

Desde 2013

Período específico...

Classificar por relevância

Classificar por data

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	6269	42	>50	66	23	-
per co-authorship	4871	38	>50	56	1	-
per age	358.6	9	16	11	0.4	20.2

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Enable the advanced interface Reset selections Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico..

O território na transição pós-modernidade
P. Claval - GEOgraphia, 2009 - uff.br [PDF] uff.br

Resumo A Geografia Humana, que só recentemente desenvolveu maior interesse pelo território, associa-o, conforme as circunstâncias, às idéias de poder e controle, à natureza do laço social ou ao papel das representações simbólicas. O interesse das ciências sociais

Citado por 204 Artigos relacionados Todas as 5 versões Citar Salvar

Introdução As abordagens da geografia cultural
P. Claval - Explorações Geográficas, Rio de Janeiro: Bertrand ..., 1997

Citado por 159 Artigos relacionados Citar Salvar

Windows Digite aqui para pesquisar

POR 11:32
PTB2 12/07/2017